

AUTORA BESTSELLER DO *THE NEW YORK TIMES* COM MAIS DE 10 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

P. C. CAST



DEUSA DA

SÉRIE GODDESS

PRIMAVERA

novo século®



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



www.novoseculo.com.br



Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Descubra o que irá acontecer em DEUSA DA ROSA](#)

[Prólogo](#)

[Parte 1 - Capítulo 1](#)

PRÓLOGO

— Mesmo em meio às Dríades, sua linda filha brilha, minha senhora — Irene disse, sem olhar para mim enquanto falava. Ao contrário, sorria para Perséfone de uma forma orgulhosa e maternal, e não percebeu que meus lábios se apertaram numa linha fina.

— Ela é a personificação da primavera. Nem mesmo a beleza das ninfas pode competir com tal esplendor.

Ao som da minha voz, Irene transferiu para mim seu olhar penetrante. Minha fiel ama me conhecia havia tempo demais para não reconhecer meu tom.

— A menina tem lhe preocupado, Deméter? — perguntou suavemente.

— Como não poderia?

Apenas o silêncio de Irene traiu sua mágoa.

Mudei o cetro de ouro da mão direita para a esquerda e me inclinei para a frente, de modo a lhe tocar o braço em um pedido de desculpas silencioso. Como de costume, ela estava próxima do meu trono, sempre pronta a me servir.

Mas, naturalmente, era muito mais do que uma simples ama ou criada. Era minha confidente, uma das minhas conselheiras mais leais, e, como tal, merecia ser tratada com respeito. O tom áspero que eu havia usado fora apenas um sinal de como eu estava esgotada.

Com o meu toque, seus olhos cinzentos se desanuviam, compreensivos.

— Gostaria de vinho, Grande Deusa?

— Para nós duas.

Eu não sorri. Não era do meu temperamento.

Ela, contudo, compreendia tão bem a mim e ao meu humor que muitas vezes apenas um olhar ou uma só palavra era suficiente entre nós.

Observei minha filha enquanto Irene ia buscar o vinho. A pequena campina de Nysaian tinha sido a escolha perfeita para passarmos a tarde inexplicavelmente quente. Perséfone e suas amigas, ninfas da floresta, complementavam a beleza que nos rodeava.

Embora o dia estivesse agradável, as árvores que cercavam a clareira já começavam a se despir de suas vestes de verão, e assisti a Perséfone rodopiar alegremente sob um carvalho antigo, brincando de tentar apanhar as folhas coloridas que caíam. As ninfas ajudavam a jovem deusa, dançando nos galhos de forma a garantir uma cascata constante de laranja, vermelho e ferrugem.

Como de costume, Irene tinha razão. As Dríades da floresta eram etéreas e delicadas; cada uma delas, uma verdadeira obra-prima. Não admirava que os mortais as considerassem irresistíveis.

Mas, quando comparadas à Perséfone, a beleza delas se tornava comum. Em sua presença, as ninfas não passavam de simples criadas. Os cabelos de minha filha cintilavam como mogno polido, o que nunca deixou de me surpreender porque sou loira demais. Também não cacheavam como a minha cabeleira clara. Em vez disso, eram uma massa espessa de ondas brilhantes que circundavam a curva suave de sua cintura.

Sem dúvida percebendo minha vigilância, Perséfone acenou alegremente antes de apanhar outra folha aquarelada. Seu rosto se inclinou em minha direção. Era um coração perfeito. Os olhos enormes, cor de violeta, eram emoldurados por sobancelhas arqueadas e espessos

cílios escuros. Os lábios eram cheios e convidativos e o corpo, bastante ágil.

Senti meus lábios curvarem-se para baixo.

— Seu vinho, minha senhora. — Irene me ofereceu um cálice de ouro, cheio de vinho fresco, da cor da luz solar.

Bebi, pensativa, expressando meus pensamentos em voz alta, na certeza de que estes permaneceriam com minha ama.

— É claro que Perséfone é suave e encantadora... Por que não seria? Passa o tempo todo brincando com ninfas e colhendo flores.

— Também prepara banquetes divinos.

Fiz um barulho pelo nariz muito pouco adequado a uma deusa.

— Sei muito bem que ela produz verdadeiras obras de arte culinárias, mas, em seguida, se refestela por horas com essas... — fiz um gesto na direção das Dríades — semideusas.

— Ela é muito amada — Irene me lembrou, paciente.

— Ela é fútil — repliquei, severa.

De repente, fechei os olhos e me encolhi ao ouvir outra voz soar em minha cabeça com a insistência de um clarim:

Deusa sábia, forte e justa, amante dos Campos, Frutas e Flores, eu te peço! Ajuda o espírito de nossa mãe que ronda, inquieto e sem o conforto de uma divindade, pelos Domínios da Escuridão...

— Deméter, você está bem? — A preocupação de Irene interrompeu a súplica, fazendo a voz se dissipar como poeira ao vento.

Abri os olhos e encontrei seu olhar.

— Isso não acaba nunca.

Mesmo enquanto eu falava, outras vozes preenchiam minha mente:

Ó, Deméter, nós te imploramos que a nossa irmã que seguiu para o Além receba o teu conforto de deusa...

Ó, bondosa senhora, que concede vida por meio da colheita, peço a tua clemência para a minha amada esposa, que atravessou os Portais do Submundo e o habita eternamente, sem o conforto de uma divindade...

Com muito esforço, bloqueei o tropel em minha cabeça.

— É preciso fazer algo quanto a Hades. — Minha voz soou dura. — Eu compreendo os mortais. Suas súplicas são válidas. É fato que não existe nenhuma deusa do Submundo. — Fiquei em pé e comecei a andar de um lado para o outro com frustração. — Mas o que devo fazer? A deusa das Riquezas do Campo não pode abandonar seus domínios e descer para o Reino dos Mortos.

— Mas os mortos também demandam o toque de uma deusa — Irene acrescentou com firmeza.

— Eles precisam de mais do que apenas o toque de uma deusa. Precisam de luz, de atenção e... — Minhas palavras se desvaneceram quando o riso de Perséfone preencheu a campina. — Eles precisam do sopro da primavera.

Irene arregalou os olhos.

— Não está falando da sua filha?

— Por que não? Luz e vida acompanham essa menina. E é exatamente isso o que falta naquele reino sombrio.

— Mas ela é tão jovem!

Senti meu olhar mais brando ao observar Perséfone pular um riacho estreito e correr a mão sobre um canteiro seco de flores do campo, as últimas da estação. No mesmo instante, os caules se encheram de vida, se aprumaram, e desabrocharam em lindos botões.

Apesar de seus defeitos, ela era tão preciosa, tão cheia de alegria de viver!

Eu não tinha dúvida de que a amava muito. Tanto que, muitas vezes, me perguntei se a minha devoção a impediu de se tornar uma deusa em seu próprio reino.

Endireitei os ombros. Já passara da hora de eu ensinar à minha filha como voar.

— Perséfone é uma deusa.

— Ela não vai gostar de sê-lo.

Apertei os lábios com firmeza.

— Ela obedecerá às minhas ordens.

Irene abriu a boca como se quisesse falar. Então, pareceu mudar de ideia e bebeu um bom gole do vinho.

Eu suspirei.

— Sabe que pode se abrir comigo.

— Eu só estava pensando que não seria uma questão de Perséfone obedecer aos seus comandos, e sim... — Irene hesitou.

— Ora, vamos! Diga-me o que está pensando.

Ela pareceu um tanto desconfortável.

— Deméter, sabe que amo Perséfone como se ela fosse minha própria filha.

— Sim, sim. Claro que sim — assenti, impaciente.

— Ela é encantadora e cheia de vida, contudo é um pouco superficial. Não acho que tenha maturidade suficiente para ser deusa do Submundo.

Uma resposta malcriada veio à minha mente, porém a sabedoria segurou minha língua. Irene estava certa. Perséfone era uma deusa bela e jovem, entretanto sua vida tinha sido muito fácil, cheia de prazeres.

E por minha culpa. Minha filha mimada era a prova de que até mesmo uma deusa podia errar como mãe.

— Concordo, minha velha amiga. Antes que Perséfone se torne deusa do Submundo, precisa amadurecer.

— Talvez ela devesse passar algum tempo com Atena — sugeriu Irene.

— Não. Isso só a ensinaria a se intrometer nos problemas dos outros.

— E com Diana?

Fechei a cara.

— Acho que não. Eu gostaria de ser abençoada com netos algum dia. — Estreitei os olhos.

— Não. Perséfone precisa crescer e ver que a vida nem sempre é preenchida com os prazeres e luxos do Olimpo. Precisa ter responsabilidade, mas, enquanto puder contar com o poder de uma deusa, enquanto for reconhecida como minha filha, ela nunca vai aprender.

De repente, eu soube o que deveria fazer.

— Senhora? — Irene me observou, ressabiada.

— Há apenas um lugar onde Perséfone aprenderá a ser uma deusa... Mas onde precisará aprender, primeiro, a ser mulher.

Irene recuou, o rosto assumindo uma expressão horrorizada conforme começou a

compreender o que se passava em minha cabeça.

— Não vai mandá-la para?

— Ah, vou. É *exatamente* o lugar para onde ela deve ir.

— Mas eles não a conhecem. Não sabem nem mesmo quem a senhora é! — Irene franziu a testa já muito enrugada.

Senti meus lábios curvando-se em um dos meus raros sorrisos.

— Isso mesmo, minha amiga. Isso mesmo.

CAPÍTULO 1

Oklahoma, nos dias atuais

— Não... Não é que eu não “compreenda”. O que eu não entendo é como deixou isso acontecer — Lina falou, devagar, por entre os dentes.

— Sra. Santoro, eu já expliquei que não fazíamos ideia de que havia algum erro até que a Receita nos contatou ontem.

— E vocês não possuem nenhum sistema para controle e balanço dos orçamentos. Vocês só foram contratados para administrar meus impostos porque eu precisava de um especialista! — Ela olhou para o número obscuro e sem sentido, digitado na parte inferior do formulário do governo. — Compreendo que possa haver alguns erros e deslizos, mas não entendo como uma coisa como *esta* pôde passar despercebida.

Frank Rayburn limpou a garganta antes de responder. Lina sempre achou que ele parecia um aspirante a gângster. Naquele dia, o terno preto listrado e o jeito furtivo não contribuíam para que ela mudasse essa imagem.

— Sua padaria foi muito bem no ano passado, sra. Santoro. Na verdade, a renda da senhora aumentou mais do que o dobro. Quando há um grande aumento nos números, é mais fácil ocorrer algum erro. Creio que seria mais produtivo, agora, se nos concentrássemos na maneira como poderá pagar o que deve ao governo, em vez de tentarmos encontrar os culpados. — Antes que ela falasse, ele se apressou: — Já pensei em várias sugestões. — Apanhou outra folha de papel lotada de colunas e números, e entregou a ela. — A sugestão número um é pedir um empréstimo. As taxas de juros estão bastante razoáveis no momento.

Lina apertou o maxilar. Odiava a ideia de pegar dinheiro emprestado, sobretudo uma quantia daquela. Sabia que se sentiria exposta e vulnerável até que o empréstimo fosse pago.

Isso se o empréstimo pudesse ser pago.

Sim, ela estava indo bem. Mas uma padaria não era exatamente um estabelecimento de primeira necessidade em uma comunidade, sem dizer que os tempos andavam difíceis.

— Quais são as suas outras sugestões?

— Bem, a senhora poderia lançar uma linha mais atraente de pratos. Talvez incluir algo novo na hora do almoço, além daquela... — Rayburn hesitou, fazendo pequenos círculos no ar com o grosso dedo indicador. — ...*pizzinha*.

— *Pizette Fiorentina* — Lina mastigou as palavras com raiva. — É uma minipizza originária de Florença, mas que não é exatamente uma refeição. Destina-se mais a um lanche da tarde servido com queijo e vinho.

— Que seja. — Ele deu de ombros. — Tudo o que estou dizendo é que ela não atrai muita gente na hora do almoço.

— Está sugerindo algo como um *buffet* de frango frito. Ou talvez que eu monte uma chapa e prepare hambúrgueres e batatinhas...?

— É uma ideia — Rayburn anuiu, totalmente alheio ao sarcasmo dela. — A sugestão número três seria a de fazer um corte na sua equipe.

Lina tamborilou os dedos na mesa de reunião.

— Continue — incitou, mantendo a voz agradável.

— A quarta opção seria abrir falência. — Ele ergueu a mão para impedi-la de falar, embora ela não emitisse nenhum som. — Eu sei que parece drástico, mas, depois dessa reforma cara que acabou de fazer, a senhora ficou sem nenhuma reserva a que recorrer.

— Eu só fiz essa “reforma cara” porque *você* me assegurou que a *Pani Del Dea* poderia arcar com ela! — As mãos de Lina contraíram-se com a vontade de agarrá-lo pelo pescoço.

— Seja como for, as suas reservas acabaram — Rayburn afirmou, condescendente. — E a falência é apenas uma opção, e não o que eu indicaria. Na realidade, recomendo a opção número cinco: vender a padaria para aquele grande concorrente que lhe fez uma proposta há alguns meses. Eles só querem o seu nome e o seu ponto. Poderia entregá-los sem problemas. Dessa forma, a senhora teria dinheiro suficiente para pagar suas dívidas e começar outra vez com um novo nome e em outro lugar.

— Mas eu passei vinte anos construindo o nome da *Pani Del Dea*! Não tenho a menor intenção de sair daqui!

Se Frank Rayburn tivesse o mínimo de intuição, teria reconhecido a tempestade que se formava nos expressivos olhos de Lina, mesmo que ela ainda não tivesse aberto a boca.

Rayburn, porém, não era nada intuitivo.

— Bem, eu lhe dei as opções. — Ele se recostou na cadeira forrada de pelúcia e cruzou os braços enquanto lançava a Lina seu olhar mais severo e paternal. — Você é a patroa. É sua tarefa decidir.

— Está equivocado. Não sou mais sua patroa. — A voz de Lina saiu calma e suave, porém cortante como aço. — Está despedido. Afinal, provou ser tão incompetente com o meu negócio quanto o é para escolher seu vestuário... Minha advogada vai entrar em contato, mas fique tranquilo. Vou me certificar de que ela tenha várias *sugestões*, as quais poderá considerar. Quem sabe uma delas o livre do tribunal? Tenha um bom dia, sr. Rayburn. E, como minha santa avó dizia: *Tu sei un pezzo di merda. Fongule e tuo capra!* — Lina se levantou, alisou a saia e fechou a valise de couro com um baque. — Ah, que falta de educação a minha... O senhor não fala italiano! Permita-me traduzir as sábias palavras de minha antepassada: “Seu merda! Vá f... uma cabra!”. *Arrivederci*.

Lina fez meia-volta e atravessou o escritório decorado, sorrindo cinicamente para a bem maquiada recepcionista.

CAPÍTULO 2

Era uma questão de intuição, Lina lembrou a si mesma, acelerando o BMW até quase voar pelo viaduto da Rodovia 51 enquanto deixava a área comercial do centro de Tulsa para a badalada Cherry Street, onde ficava a padaria. Da próxima vez, seguiria seus instintos, e, quando estes lhe dissessem que deveria *sair correndo*, não seria tão estúpida a ponto de contratar outro idiota como aquele.

Que diabo tinha pensado?

Suspirou. Sabia bem: que precisava de ajuda. A parte financeira da empresa nunca fora o seu forte. O pai sempre havia cuidado daquilo, mas, três anos antes, ele e a mãe dela tinham se juntado à sua avó numa casa de repouso da Flórida. E ele estivera tão certo de que a filha poderia dar conta das finanças sozinha que, no ano anterior, ela nem mesmo revelara ter desistido e contratado um contador.

E, em vez de pedir o conselho do pai sobre quem deveria contratar, ela se precipitara e escolhera o vulgar e insosso sr. Frank Rayburn.

— É o que você merece por ser tão orgulhosa — murmurou para si mesma enquanto virava na direção leste da 15th Street, que, em dois quarteirões, se transformava na área conhecida como Cherry Street, a qual, por sua vez, a levaria até a porta de sua maravilhosa, incrível, bonita, e agora totalmente falida, padaria.

Sentiu um aperto na boca do estômago. Devia haver uma forma de pagar aquelas dívidas e manter seus dois funcionários de longa data, bem como seu nome e o ponto.

Agarrou o volante com uma das mãos e com a outra enrolou uma mecha de cabelo. Não venderia a firma. Não podia fazer isso.

Pani Del Dea, ou “Os Pães da Deusa”. O nome soava como mágica.

E estava indelevelmente relacionado às lembranças mais maravilhosas de sua infância. Pães de uma deusa eram o que ela e sua adorada avó costumavam fazer nas longas tardes de inverno enquanto assistiam a velhos filmes em preto e branco, e bebiam um cheiroso chá adoçado com mel.

— Carolina Francesca, você cozinha como uma pequena *diva*!

Ainda ouvia o eco da voz da avó, incentivando-a a experimentar receitas clássicas do *Old Country*, sua amada Itália.

— *Si, bambina*. Primeiro *aprende* a receita, *testa e experimenta*. Depois *começa* a adicionar *un poco* aqui, outro ali... Assim é que vai fazer o seu próprio pão.

E assim ela havia feito: sozinha, e com uma força de vontade que impressionara até mesmo sua progenitora, a qual já era tida como excepcional cozinheira.

E tanto sua avó se gabara de seu talento para os amigos que eles começaram a lhe pedir que assasse “algo especial” por ocasião de seus aniversários ou bodas. Quando ela se formara no ensino médio, já possuía uma clientela cativa, principalmente de viúvas e viúvos que apreciavam o sabor e a qualidade de seus pães caseiros.

A avó, então, se dispusera a mandá-la a Florença, para que ela estudasse na famosa escola de panificação Apicius.

E, dessa maneira, começara a dar forma e concepção ao seu sonho: o de possuir sua própria padaria.

A avó vivia lhe dizendo que a Itália e a panificação estavam em seu sangue desde menina. Por isso, após se formar na Apicius, ela finalmente ouvira os conselhos que recebera na infância e voltara para Tulsa.

E, com ela, havia trazido uma parte da Itália: seu estilo e seu romance, bem como uma surpreendente e rica variedade de pães e bolos.

Mais uma vez, a avó a tinha ajudado. Juntas, elas descobriram um edifício velho e malconservado, bem no meio da área artística de Tulsa conhecida como Cherry Street. Elas o haviam comprado e, aos poucos, transformado em um pedacinho de Florença.

Lina balançou a cabeça e desligou o rádio. Não podia deixar a *Pani Del Dea* falir. Aquilo não partiria apenas seu próprio coração, mas também o de sua avó.

E quanto aos clientes? A padaria era ponto de encontro de um grupo deliciosamente eclético, formado por excêntricos moradores locais, celebridades e aposentados. Era mais do que uma simples padaria. Era um verdadeiro centro social.

O que Anton e Dolores faziam? Eles trabalhavam para ela havia dez e quinze anos respectivamente. Podia até ser um clichê, mas aqueles dois eram mais do que funcionários: eram como se fossem da família. Até porque ela não tinha filhos.

Lina suspirou outra vez, então inalou o ar. Ao perceber o cheiro de fumaça de Pinyon se insinuando pelas janelas abertas do BMW, seus lábios se curvaram num breve sorriso apesar dos horrores do dia. Estava passando por Grumpy's Garden, a pequena loja que assinalava o início do distrito de Cherry Street. Como de costume, "Grumpy", que na realidade era uma senhora muito simpática chamada Shaun e, de modo algum, era mal-humorada como pregava o nome do estabelecimento, deixara várias de suas lareiras acesas, perfumando a vizinhança com o cheiro característico desse pinho do sudoeste dos Estados Unidos.

Lina sentiu o nó no estômago afrouxar conforme trocava a marcha e desacelerava o carro, tomando cuidado com os pedestres que atravessam as alamedas, entrando e saindo das lojas de antiguidades, livrarias *new age*, descolados estúdios de *design* de interiores e restaurantes exclusivos.

Finalmente, no coração da rua, entre um pequeno e moderno *spa* e uma joalheria *vintage*, avistou a *Pani Del Dea*.

Como sempre, havia poucos lugares para estacionar, e ela entrou na travessa ao lado a fim de parar em uma das vagas reservadas na parte de trás do prédio.

Mal saiu do carro, teve aquela sensação esquisita e familiar. Era sempre a mesma, embora variasse em grau e intensidade. Naquele momento, fora como se alguém muito distante houvesse chamado seu nome, e o vento tivesse carregado o eco direto para sua mente, sem que este tivesse passado por seus ouvidos.

Lina fechou os olhos. Não estava com tempo para aquilo. Não naquele dia.

Quase que no mesmo instante lamentou o pensamento e tratou de se recompor. Não permitiria que problemas financeiros afetassem seu modo de ser.

E parte dela era assim. Aquele era um dom seu.

Olhou ao redor e espiou as sombras nos cantos do edifício.

— Onde está, pequena? — chamou baixinho. Concentrou-se e uma vaga imagem surgiu em sua mente. Lina sorriu. — Vamos lá, bichano. Eu sei que está aí... Não precisa ter medo!

Com um miado fraco, uma gatinha malhada saiu, hesitante, detrás de um latão de lixo.

— Olhe só para você... parece uma florzinha de tão fofa! Venha aqui, menina. Está tudo

bem agora.

Encantada, a gatinha laranja seguiu em linha reta para os braços estendidos de Lina.

Ignorando o estrago que o pelo desganhado e sujo da gata poderia fazer em seu terno de seda limpo e caríssimo, ela abraçou o animal sarnento.

Com os olhinhos cheios de adoração, a gatinha recompensou sua salvadora com um forte ronronar.

Lina não se lembrava de uma única vez em que não houvesse sentido uma forte afinidade com animais. Quando pequena, bastava que ela se sentasse calmamente em seu quintal e logo era visitada por coelhos, esquilos e até mesmo por arganazes, os ariscos ratos do campo. Cães e gatos a amavam. Cavalos a seguiam como filhotes de cachorro gigantes. Até mesmo as vacas, que Lina sabia terem o cérebro grande e mole, se curvavam caso ela se aproximasse demais de onde estas pastavam.

Os animais sempre a haviam adorado, porém apenas na adolescência ela percebera a extensão de seu dom: ela conseguia compreendê-los.

Mais ou menos. Não era nenhuma *Dr. Doolittle* ou coisa do gênero. Não podia *conversar* com eles. Gostava de pensar em si mesma mais como uma “encantadora de cavalos”, ainda que suas habilidades não se limitassem a esses bichos.

E tinha uma “coisa” extra que a maioria das pessoas não possuía. Às vezes, pressentia quando algum gato precisava de ajuda. Era algo que surgia em sua mente; uma espécie de conexão que conseguia realizar.

Sabia que era estranho.

Por um breve período, no ensino médio, havia pensado em se tornar veterinária. Até se oferecera para trabalhar numa clínica entre o segundo e o terceiro ano da faculdade, durante o verão.

Um verão em que aprendera que, embora sangue e parasitas fossem uma parte importante do trabalho veterinário, definitivamente não combinavam com aquela “coisa” especial que ela possuía com os animais. Apenas lembrar-se disso a fazia sentir arrepios e querer coçar o couro cabeludo.

— Em uma padaria, você nunca, *jamaïs*, tem que lidar com sangue ou parasitas — disse à gata laranja enquanto saía da travessa, virava à esquerda e inalava profundamente. — *Magnifico!* — murmurou no tom de voz da avó.

O sedutor aroma de pão recém-assado acalmou seus sentidos, e Lina aspirou o ar, satisfeita, ao identificar diferenças sutis: azeitonas, alecrim e queijo, casados com um doce cheiro de manteiga, canela, nozes, passas; e também dos licores que faziam parte da especialidade da padaria. Era o gubana, pão doce de Friuli, uma pequena região a leste de Veneza.

Fez uma pausa em frente à enorme vitrine da *Pani Del Dea* e assentiu com um gesto de cabeça, satisfeita, ao ver as travessas de cristal cuidadosamente dispostas em fileiras, repletas com uma enorme variedade de doces e biscoitos italianos.

O orgulho a invadiu. Como sempre, tudo estava perfeito.

Olhou através da vitrine e percebeu que cerca de metade das doze mesas de café com tampos de mosaico se encontrava ocupada. Nada mal para um final de tarde de sexta-feira, concluiu em pensamento.

Mudou a gatinha de braço e consultou o relógio. Eram quase quatro horas, e eles encerravam o expediente às cinco. Normalmente a hora que precedia o fechamento era

tranquila. Hora em que tentavam liquidar a produção do dia.

Talvez essa fosse uma solução... Talvez devesse estender aquele horário.

Mas será que não precisaria de mais ajuda? Anton e Dolores já trabalhavam em turnos de tempo integral, e ela própria quase não se ausentava da padaria. O custo adicional, gerado por outro empregado, não anularia qualquer receita obtida das horas extras de trabalho?

Lina pressentiu o início de uma grave enxaqueca.

Obrigou-se a relaxar e espiou através da vitrine enorme e bem polida mais uma vez, observando os afrescos recém-pintados que decoravam as paredes. Aquilo também era parte da cara reforma que acabara de ser concluída.

Contudo, tinha valido a pena pagar caro para que Kimberlei Doner, um conhecido artista e ilustrador local, pintasse as paredes da *Pani Del Dea* com cenas autênticas da Florença antiga. As pinturas, somadas à leve instalação *vintage* e às mesinhas de café, criavam uma atmosfera que fazia seus clientes se sentirem como se tivessem deixado as ruas de Tulsa para serem transportados até a velha e mágica Itália.

— Vamos entrar e ver o que podemos fazer por você — Lina disse à gata, que ainda ronronava em seus braços. — Primeiro vou cuidar desta minha nova amiga, depois vou pensar no que fazer com essa dívida — resolveu, desejando desesperadamente que o dinheiro viesse até ela com tanta facilidade como os gatos.

O sino de vento em cima da porta tilintou, alegre, quando Lina adentrou a *Pani Del Dea*, e ela ficou ali por um momento, deleitando-se com a cena familiar. Anton lidava com a máquina de *cappuccino* e cantarolava o refrão de *All That Jazz*, do filme *Chicago*. Dolores explicava a um casal de meia-idade a diferença entre panetones e colombas.

Eram as únicas pessoas na loja que ela não conhecia, pensou.

Anton ergueu a cabeça quando vários clientes a cumprimentaram. Ao vê-la, seus lábios cheios começaram a se curvar num sorriso, porém logo se apertaram, resignados, diante da gata nos braços dela.

— Oh, vejiam! É a nossa destemida líder, a Protetora dos Bichanos! — exclamou, com um gesto teatral em sua direção.

— Não comece, Anton, ou pego de volta o DVD de *Chicago* que lhe dei no seu aniversário — Lina ameaçou, fingindo estar zangada.

— Está me magoando! — O biquinho do funcionário se transformou em uma exclamação, e ele levou as mãos ao coração, como se tivesse sido esfaqueado.

Dolores riu ao terminar de atender ao pedido do casal.

— Ele passou o dia cantarolando *All That Jazz*. Está pior do que naquela fase do *Moulin Rouge*.

— Os musicais não são uma “fase”. São uma paixão — Anton afirmou.

— Então deveria me compreender. Ajudar os animais é a minha! — replicou Lina.

O rapaz revirou os olhos e suspirou dramaticamente.

— Eu até *decorei* o telefone do tal resgate, o “Gatos de Rua”.

— Faça logo essa chamada — ela ralhou.

Ao ver que Anton discava o número, piscou para ele, agradecida.

— Lina! Eu estava ansiosa por vê-la hoje.

Lina sorriu e caminhou até a mesa próxima à vitrine. Em vez de falar com a mulher de cabelos escuros que tinha acenado para ela, no entanto, cumprimentou primeiro o *schnauzer*

micro, sentado como uma vareta sobre a almofada escarlate, aos pés de sua dona.

— Dash, como você está bonito hoje! — A gatinha laranja se eriçou em seus braços, porém ela a acalmou com um afago distraído.

— Também... Ele acabou de chegar de um banho na *petshop*.

Lina sorriu para o bem-comportado cachorrinho.

— Nada como um dia no salão de beleza, não é mesmo, querido? Quem não precisa disso?

— Voltou a atenção para a dona de Dash. — Como está o pão de azeitona, hoje, Tess?

— Excelente. Simplesmente divino, como de costume. — O sotaque de Tess, típico da cidade de Tahlequah, era lento e melódico. — E este *San Angelo Pinot Grigio* que Anton recomendou, ficou perfeito com o pão!

— Que bom. Nosso objetivo é agradar.

— Por isso mesmo quero falar com você. A Associação dos Poetas e Escritores de Oklahoma escolheu sua “Autora do Ano”, e teremos vários eventos para homenageá-la na semana que vem. Quero me certificar de que poderemos contar com uma seleção de seus excelentes pães para o jantar.

A mente de Lina voou para longe. Tess Miller era a diretora da Associação dos Poetas e Escritores de Oklahoma, bem como apresentadora de um *talk-show* regional muito popular... além de uma das clientes mais leais da *Pani Del Dea*. Fazia anos que Tess e Dash paravam na padaria durante suas caminhadas diárias, a ponto de Lina, ter mandado fazer uma almofada especial para o pequeno *schnauzer*, a qual ela mantinha em um cantinho confortável sob a caixa registradora.

Certamente não havia ninguém melhor com quem começar a sua expansão.

Mesmo que ainda não tivesse certeza de que expansão seria essa.

— Ahn, Tess... — Lina engoliu em seco. — Claro que eu adoraria fornecer quaisquer pães de que possa precisar, mas eu também gostaria de conversar com você a respeito do nosso novo sistema de *buffet*. Talvez possamos cuidar de todo o menu.

— Mas isso seria esplêndido! Estou certa de que qualquer coisa que preparar ficará perfeita. Posso telefonar na segunda-feira? Assim poderá me fornecer as opções de cardápio, e eu a colocarei a par dos detalhes.

Lina viu-se acenando e sorrindo enquanto se afastava da mesa e manteve o sorriso tenso estampado no rosto enquanto se dirigia para o balcão e falava com cada um dos clientes pelo caminho.

Apenas quando chegou à bancada e se deparou com as expressões chocadas nos rostos de Anton e Dolores foi que vacilou.

— Eu ouvi você dizer a palavra “*buffet*”? — Anton indagou num sussurro.

— E “todo o menu”? — emendou Dolores com voz esganiçada.

Lina fez um gesto com a cabeça em direção ao fundo antes de cruzar as portas cor de creme que dividiam a cozinha, o depósito e o escritório do restante da padaria.

Seus dois funcionários correram atrás dela.

Enquanto empurrava a assustada gatinha laranja para dentro do transportador de animais que ela havia tirado do armário, falou rapidamente:

— Sabem a reunião que tive com meu contador hoje? Não era uma boa notícia. Estou devendo uma fortuna para a Receita Federal.

Anton chupou o ar num gesto exagerado e empalideceu.

— Deus, Lina! É tão ruim assim? — Dolores soou como se tivesse doze anos de idade.

— *É*. — Ela olhou atentamente para cada um deles. — Pior do que imaginam. Por isso teremos que fazer algumas mudanças.

Lina registrou o horror na face dos empregados. Os olhos de Anton se encheram de lágrimas, e o rosto já pálido de Dolores perdeu o resto da cor.

— Ei, pessoal, vamos com calma! Não é nada do que estão pensando. Vocês manterão seus empregos. Todos nós manteremos nossos trabalhos.

— Ah, meu Deus! Eu preciso me sentar. — Anton se abanou.

— Para o meu escritório, rápido. Nada de desmaios! — Ela apanhou o transportador de animais e estalou a língua para a gatinha malhada enquanto caminhava. — E nada de chorar também! — falou por sobre o ombro. — Lembrem-se...

— ...É proibido chorar na cozinha! — Anton concluiu a frase por ela.

Dolores concordou vigorosamente.

Lina colocou o transportador com a gata ao lado da escrivaninha, depois se acomodou em sua poltrona. Anton e Dolores afundaram nas duas cadeiras estofadas de frente para ela.

Ninguém falou.

Hesitante, Anton fez um gesto vago na direção do gato.

— Patrícia, do “Gatos de Rua”, disse que vai ficar um pouco além do expediente, hoje. Se quiser, posso deixar essa coisinha laranja lá quando estiver indo para casa... Não fica muito fora do meu caminho — concluiu com um sorriso fraco.

— Obrigada, Anton. Vou aceitar a sua oferta, apesar de você tê-la chamado de “coisinha laranja”.

— Na verdade eu ia dizer “monstrinho laranja”, mas resolvi ser um sujeito agradável — provocou Anton, soando mais como si mesmo e já não tanto como um candidato a ter um colapso nervoso.

— O que vamos fazer? — Dolores perguntou.

Mais centrada, a moça continuava atenta à situação. Embora tivesse apenas vinte e oito anos, trabalhava na *Pani Del Dea* havia dez. O fato de ter a mão maravilhosa para bolos e um jeito todo especial com os mais velhos não foi o único motivo pelo qual fora contratada. Lina também apreciava sua personalidade forte. Dolores era o contraponto perfeito para o estilo dramático de Anton, concluiu, ao observar os modos do outro funcionário. Ele estava sentado, com as pernas delicadamente cruzadas, e os olhos piscando, ainda meio marejados.

Os três se davam bem, e ela pretendia que isso continuasse assim.

— Vamos ampliar nosso cardápio — falou com firmeza.

— É uma ideia — Dolores aquiesceu, pensativa. Anton roeu a lateral do polegar.

— Estão querendo dizer, adicionar sanduíches ou algo assim?

— Eu ainda não tenho certeza — confessou Lina. — Não tive tempo para pensar sobre o assunto. Só sei que temos de ganhar mais dinheiro, o que significa que precisamos atrair mais clientes. Teoricamente, se expandirmos o nosso menu, atingiremos um grupo maior de pessoas.

Anton e Dolores balançaram a cabeça em concordância.

— Fornecer o jantar de Tess Miller é um bom começo, sem dúvida — aderiu a moça.

— Fornecer o jantar — repetiu Anton com desdém. — Não sei, isso me parece tão vulgar!

— Vulgar como a falência? — Lina indagou com cinismo.

— *Não!* — Anton se desesperou.

— Pois é.

— O que vamos servir, então? — Dolores se inquietou.

Lina correu os dedos pelo cabelo bem cortado. Não fazia a mínima ideia.

— Vamos servir as opções do nosso menu completo. Dessa forma obteremos prática, assim como uma boa publicidade.

— E esse “menu completo” seria o que, exatamente? — incitou a funcionária.

— Não tenho ideia — ela admitiu.

— E pensar que eu não trouxe nem um Xanax¹ para o trabalho, hoje! — Anton se pôs a roer o polegar de novo.

— Pare com isso! — admoestou Dolores. — Nós vamos dar um jeito nesta situação! — afirmou, desviando o olhar para Lina. — Não vamos?

O coração dela se apertou. Eles pareciam passarinhos com os bicos escancarados, na expectativa.

— Claro que vamos — respondeu com voz confiante. — Tudo o que eu preciso fazer é... — hesitou, e seus filhotes piscaram seus enormes olhos redondos, esperando, ansiosos, por suas palavras — ...é um *brainstorm* — concluiu finalmente.

— *Brainstorm*? Como se faz antes de escrever uma redação? — Anton, eterno estudante esporádico do curso noturno da Tulsa Community College, agarrou-se à única definição que lhe pareceu familiar.

— Claro! — Dolores acrescentou, entusiasmada. — Lina decerto tem um zilhão e meio de livros sobre culinária em casa. Tudo o que ela precisa fazer é escolher as melhores receitas!

— Então ela vai compartilhá-las conosco, e vamos pôr a mão na massa! — emendou Anton. — Que delícia! Mal posso esperar! — Ele agarrou a mão de Dolores e a apertou. — Eu me sinto péssimo por ter ficado tão negativo no início. Quase me esqueci do nosso “Lema do Padeiro”...

Eles sorriram um para o outro e, em seguida, como se fossem declamar o *Pledge of Allegiance*, juramento tradicionalmente feito nas escolas americanas, puseram as mãos sobre o coração e, em uníssono, recitaram, solenes:

— Uma vez na panificação, sempre à altura da situação!

Lina se perguntou se não estava num manicômio de padeiros, mas continuou aquiescendo e sorrindo. Dolores estava correta em parte, afinal, ela possuía mesmo uma maravilhosa coleção de livros, todos lotados com receitas fabulosas para pães e bolos...

Mas pouquíssimos contendo receitas para jantares e banquetes. Na verdade, nem sequer cozinhava muito para si mesma. Um pouco de macarrão aqui, uma salada ali, e uma boa taça de *Chianti* era sua ideia de refeição completa.

Assar, sim, era sua especialidade e sua paixão.

Quanto a jantares... bem, eram algo quase banal. Na realidade, não tinham nada a ver com ela, Lina admitiu para si mesma.

Aquela ideia *toda* não tinha nada a ver com ela.

Sentindo-se como um pardal que lutava para alimentar os cucos em seu ninho, Lina continuou sorrindo e balançando a cabeça para os pintinhos.

— Bem, acho que já ficamos distantes da linha de frente por muito tempo. Agora que temos um plano, por favor, vão tocando as coisas por aqui até a hora de a padaria fechar. Vou para casa começar o *brainstorm*.

— Tess vai ligar para você na segunda-feira para conversarem sobre o menu, não vai? — Dolores perguntou.

— Foi o que ela disse. — Lina tentou manter o pânico longe da voz.

— Ah, que emocionante! Aposto que vai haver um monte de celebridades nesse jantar! — Anton balançou as sobrancelhas bem cuidadas. — Sem falar na cobertura da mídia.

— Imagino que sim.

Lina deixou o escritório a passos largos. Conforme se despedia rapidamente dos clientes e rumava para a porta, ainda pôde ouvir Anton dizendo a Dolores que ele precisaria de vários *modelitos* novos para combinar com o novo menu.

Respirou fundo. Sua avó lhe dissera, muitas vezes, que falar palavrões era um comportamento reprovável, especialmente para as mulheres, e reservado apenas para camponeses e homens sem classe.

Mas que não tinha nada contra uma praga italiana bem pronunciada, destinada apenas a demonstrar um pouco de “criatividade”...

Parada em frente à padaria, Lina desfiou um verdadeiro rosário de obscenidades, começando com *va al diavolo*, passando por *merda* e *alla malora* e terminando por dizer aos funcionários da Receita que eles eram todos uns *rompicoglioni*.

Num perfeito sotaque italiano, claro.

Sua avó teria ficado orgulhosa.

Quando as pessoas começaram a olhar, entretanto, calou a boca e disse a si mesma para respirar lenta e profundamente. Afinal, era uma mulher de negócios inteligente e bem-sucedida.

Mesmo podendo blasfemar à vontade em italiano e em inglês, tentou manter o inglês ao mínimo. A avó tinha razão: um *doce* de pessoa não falava aquelas coisas.

E, sim, sua avó também teria apreciado o trocadilho...

Inferno. Não podia ser tão difícil para ela inventar novas opções de cardápio. Mesmo que fossem refeições e não pães.

Começou a torcer uma mecha de cabelo, porém se conteve e obrigou a mão a ficar de lado. O problema não era inventar receitas novas. A questão era que, por meio da *Pani Del Dea*, ela já estabelecera uma sólida reputação quanto a preparar pães originais e deliciosos. Agora não podia simplesmente derramar um molho *pesto* sobre uma massa e colocar uma salada ao lado de um prato. Se não pudesse fazer a coisa direito, preferiria nem fazer. O nome *Pani Del Dea* era sinônimo de excelência, e ela cuidaria para que este nunca representasse menos do que isso.

Cogitou ligar para a avó. Ela teria um monte de ideias e ficaria feliz em compartilhá-las com a sua amada *bambina* mais uma vez.

— Mas que *bambina*, “santa”?! — Lina murmurou para si mesma, imitando Anton. — Já passou dos quarenta... Está mais do que na hora de parar de correr para o colo da vovó.

O monólogo de Lina foi interrompido pelo som de risadas vindo de duas mulheres que tinham acabado de sair do sebo, no outro lado da rua. Ela fez uma careta, desejando poder se preocupar apenas em sair com uma amiga para comprar um livro.

A careta se desfez e Lina ficou pensativa. A Toca do Livro era um sebo maravilhoso, com uma vasta seleção de livros de ficção e não ficção. Ela mesma já havia passado *horas* perdida naquele labirinto de prateleiras. Certamente poderia encontrar algo fabuloso nas estantes; algo

que tivesse permanecido na obscuridade por anos e contivesse em suas páginas uma mistura perfeita de Itália, magia e ingredientes...

Sim, pensou, enquanto se esquivava dos carros e atravessava a rua. A Toca do Livro era o lugar perfeito para começar um *brainstorm*.

CAPÍTULO 3

A pilha de livros usados era assustadora. Lina já tinha encontrado dez volumes antigos de culinária italiana. Interessantes de olhar e esgotados no mercado. Enquanto estivera escolhendo, estes não lhe pareceram tão espessos, ou numerosos.

Mas agora que ela os trouxera para casa e os empilhara sobre o tampo de vidro da escultura de ferro forjado que utilizava como mesa de centro, estes pareciam ter se multiplicado.

Não poderia ter limitado suas escolhas e selecionado menos livros antes de sair do sebo?

— Uma vez na panificação, sempre à altura da situação! — falou para o enorme gato preto e branco, de pelos compridos, deitado bem no meio da *chaise longue* da mesma cor.

A combinação perfeita fez Lina sorrir. Ela gostava de comprar móveis que agradassem a seus animais de estimação, mesmo que seu gato não se dignasse a lhe agradecer por isso. Mesmo assim, recebeu um breve olhar de tédio e um rápido balançar de cauda, vindo do outro lado da sala, em resposta à sua declaração.

— Patchy Poo the Pud Santoro — ela se dirigiu formalmente ao gato, por seu nome completo. — Você é um belo animal, mas não entende nada de panificação.

A seus pés, a sonolenta buldogue inglesa, de meia-idade, bufou como se concordasse.

— Não seja maldosa, Edith Anne — Lina repreendeu a cadela sem entusiasmo. — Você dois entendem muito mais de comer do que de cozinhar.

Edith suspirou, satisfeita, quando sua dona coçou-lhe a orelha direita.

Com a mão livre, Lina apanhou o primeiro livro. Era uma brochura espessa, intitulada *Descobrendo a Itália Histórica*. Abriu-a com dificuldade e começou a ler um parágrafo longo e complexo sobre a preparação adequada de vitela.

Empalideceu e tratou de fechar o livro. Vitela podia ser um prato popular na Itália, porém ela só conseguia pensar nos filhotes de vaca aparvalhados, de olhos enormes e adoráveis.

— Talvez nem sempre seja possível ficar à altura de uma situação difícil sem uma preparação adequada... — falou à buldogue, que agora roncava. — Na panificação ou não. — Devolveu o imenso livro à mesa como se este fosse uma bomba que poderia explodir a qualquer momento se não tratada com cuidado.

— Acho que esta situação, em particular, pede uma boa taça de vinho tinto italiano — disse a Patchy Poo the Pud Santoro.

O gato a fitou com os olhos semicerrados e bocejou.

— Você dois não ajudam em nada!

Balançando a cabeça, Lina afastou-se da mesa e se dirigiu para o armário onde guardava os vinhos. Em sua opinião, um Monte Antico Rosso Sangiovese era o acompanhamento perfeito para qualquer situação difícil... relacionada ou não à panificação.

— Eu deveria mais era servir um vinho italiano tão bom com o meu novo menu, que os clientes nem prestariam atenção ao que estivessem comendo, de tão bêbados — falou por sobre o ombro enquanto se servia da bebida.

Porém nem precisou de uma “não resposta” de seus animais de estimação para saber que sua última declaração era ridícula. Se fosse assim, ela estaria administrando um bar e não uma padaria, o que certamente provocaria um ataque apoplético em Anton.

Lina endireitou a espinha, agarrou um saco de amendoins cobertos com uma grossa

casquinha de chocolate, o acompanhamento perfeito para o Sangiovese, e marchou de volta para a sala de estar. Acomodou-se no sofá, abriu o *notebook* e apanhou na pilha o livro seguinte: *Cozinhando com a Itália*.

Cão e gato ergueram as cabeças e, de forma idêntica, lançaram-lhe um olhar zombeteiro. — Que comecem os jogos! — ela declarou, séria.

Três horas depois, Lina havia vasculhado nove dos dez livros e contava com uma lista de quatro possíveis receitas para o prato principal: *pollo picatta*, *spaguetti alla puttanesca*, *melanzane alla parmigiana* e *il grande aioli*, uma travessa com alcachofra, azeitonas, tomates, salmão *poché* e *carpaccio*, regados com *aioli*, um tipo de maionese à base de alho.

Sentiu uma pequena comoção ao olhar para sua lista. Estava realmente se divertindo. Pesquisar nos livros mofados tornara-se uma verdadeira aula de História e cultura italianas, duas coisas que tinham sido parte integrante de sua educação.

Faltava apenas um livro de receitas agora, o de capa fina, que ela havia guardado propositadamente para o final. No sebo, ela ficara intrigada com a capa, que era de um azul-royal profundo, com um desenho em relevo gravado em ouro. O título, *O Livro de Receitas da Deusa Italiana*, encimava a figura dourada de uma deusa circunspecta, sentada em um enorme trono, vestida com uma túnica longa e com os cabelos enrolados em volta da coroa em intrincadas tranças. Em uma das mãos ela segurava um cetro cuja cabeça era uma espiga de milho maduro. Na outra, empunhava uma tocha flamejante. Sob a ilustração, as palavras “Receitas e mágicas para a deusa que existe em cada mulher” também estavam escritas em ouro. O nome da autora, Filomena, fora gravado na capa, embaixo da impressão em alto-relevo.

— Só mais uma... Ajude-me a encontrar apenas mais uma receita, e vou estar com a noite ganha! — pediu Lina, passando a mão sobre a figura.

Sentiu os dedos formigarem e franziu o cenho. Descansou o livro no colo e esfregou as mãos. Devia estar cansada.

Olhou para o relógio. Tinha passado apenas um pouco das nove horas, mas aquele fora um longo dia.

Concentrou-se novamente na capa do livro. A impressão em ouro parecia captar a luz da luminária, fazendo com que as palavras “Receitas e mágicas para a deusa que existe em cada mulher” cintilassem.

Que coincidência estranha o fato de uma mulher que cozinhava como uma diva italiana houvesse encontrado uma cópia antiga de *O Livro de Receitas da Deusa Italiana*! Sua avó a teria atribuído *a la magia dell'Itália*, sem dúvida.

Num impulso, fechou os olhos. Acreditava na magia da Itália. Já a tinha experimentado no mármore multicolorido do Duomo de Florença, nas janelas enfeitadas por floreiras repletas de gerânios de Assis, e no maravilhoso e lúgubre Fórum Romano, durante a noite.

Concentrou-se no amor que sentia pela terra natal da avó e abriu o livro que repousava em seu colo em uma página qualquer.

Abriu os olhos e começou a ler.

Pizza alla Romana, ou pizza por metro. Esta receita extraordinária vem de Roma. É aconselhável deixar que a massa, macia e flexível, descanse por muito tempo, cerca de oito horas. Quanto mais, melhor. Em seguida, coloque-a numa pá de forneiro de mais ou menos oitenta centímetros de comprimento, sovando-a de modo ritmado e com tal vigor que,

literalmente, esta dance sob seus dedos.

Lina piscou, surpresa, e sorriu. Pá de forneiro! Aquela pá de madeira comprida, usada para soltar o pão dentro e fora do forno. A *Pani Del Dea* tinha várias delas, claro.

Continuou lendo:

Quando a massa parar de balançar, besunte-a com óleo e coloque a pá no forno, onde o mais inesperado acontece: bem devagar, retire a pá, esticando essa pasta maleável, até que ela se torne uma pasta fina e incrivelmente leve, de até surpreendentes dois metros, dependendo do tamanho do forno de cada diva.

Ora, a *Pani Del Dea* possuía vários fornos compridos. Ela poderia esticar a massa até o limite de dois metros!

Lina esquadrinhou o resto da receita. No livro havia também vários recheios, desde um específico para *Pizza Bianca*, feito apenas com azeite, alho, sal, alecrim e pimenta, até o da *Pizza Pugliese*, um exagero completo com os ingredientes favoritos da Itália: berinjela, provolone, anchovas, azeitonas... A lista não tinha fim.

— Esta pode ser a resposta. Por que lidar com um monte de receitas diferentes? Por que não ter apenas uma especialidade, *Pizza alla Romana*, por exemplo, com diversas variações? Sem dizer que isso ainda seria panificação!

Reagindo à excitação na voz da dona, Edith Anne se manteve acordada apenas o suficiente para um latido abafado de apoio. Patchy Poo the Pud exerceu o papel inato de um gato e a ignorou completamente.

Lina deu um tapinha na cabeça da cadela enquanto estudava a receita da massa.

Por esta massa utilizar pouca levedura e necessitar de muito tempo para crescer, uma diva pode incluí-la em sua movimentada agenda americana, preparando-a à noite com água fria e refrigerando-a logo após a mistura. Na manhã seguinte, só precisará colocá-la num local fresco para que cresça lentamente durante todo o dia à temperatura ambiente. Depois disso, basta abri-la e assá-la para o jantar.

Lina correu os olhos pela lista de ingredientes: fermento, água, farinha, sal, azeite de oliva... sim, claro que tinha tudo. Poderia fazer a massa naquela mesma noite, deixá-la descansar por todo o dia seguinte, e então ela e seus “filhotes” poderiam prová-la.

Encantada, Lina se pôs a ler sobre os preparativos:

Antes de começar, você precisará de uma vela verde para representar a Terra e a deusa que honramos com esta receita. É Ela, que dá vida à farinha com a qual nossa massa é fabricada: Deméter, a Grande Deusa da Colheita, das Frutas e das Riquezas da Terra.

Os olhos de Lina se arregalaram.

Quando começar os preparativos, acenda a vela verde e concentre os pensamentos em Deméter. Só então deverá dar início a receita.

Lina correu os olhos pela receita. Intercaladas nas orientações para mexer o fermento e misturar a farinha e o sal, havia instruções do Além!

Leu uma das linhas com a testa franzida. Seria uma mágica?

Tratou de ler outra. Aquilo parecia mais uma invocação, ou talvez uma oração.

Fosse qual fosse o nome da coisa, porém, as coordenadas sobrenaturais eram, definitivamente, parte integrante da receita.

Não pôde deixar de sorrir. *La magia dell'Itália...*

Sua avó aprovaria aquilo, sem sombra de dúvida.

Cantarolando, foi em busca de uma vela verde.

CAPÍTULO 4

Lina olhou ao redor do balcão e acenou com a cabeça, satisfeita. Tinha reunido todos os ingredientes e utensílios de cozinha necessários para o preparo da massa.

E ainda havia encontrado uma pequena vela verde que recendia vagamente a pinho. Era uma relíquia do Natal anterior, e ela tivera que revirar duas caixas de enfeites antes de encontrá-la.

Abriu o livro e o colocou sobre o balcão, ao lado de sua tigela de aço inoxidável favorita.

Então, começou a ler.

Em primeiro lugar, acenda a vela verde e concentre-se em Deméter, Mãe da Colheita.

Sendo uma *chef* consumada, Lina seguiu as instruções com precisão.

Acendeu a vela e permitiu que os pensamentos fluíssem para a deusa da Colheita, divindade esquecida havia tanto tempo, perguntando-se quantos rituais culinários lindos e excêntricos não teriam sido esquecidos com ela.

Continuou a ler:

Misture o fermento na água morna de uma tigela pequena e deixe essa mistura repousar por cerca de dez minutos, até ficar cremosa.

Ela suspirou, sentindo-se relaxada e feliz conforme suas mãos experientes se moviam.

Enquanto a levedura descansa, concentre-se e respire fundo três vezes, de modo a realizar uma limpeza. Imagine a energia sendo filtrada pelo centro do seu corpo, percorrendo sua espinha até a cabeça, e depois se derramando como numa cachoeira ao redor, para ser reabsorvida em seu âmago novamente. Quando se sentir revigorada, poderá começar a Invocação de Deméter.

As instruções a lembraram um pouco de uma aula de relaxamento *new age* que havia tido uma vez.

Sorrindo, Lina acertou o *timer* da cozinha para dez minutos antes de dar início às etapas do exercício de concentração.

Tinha de admitir que, em pouco tempo, se não estava se sentindo, assim, *revigorada*, ao menos se sentia bem mais desperta e atenta.

Voltou para a receita.

Quando estiver pronta, leia o seguinte em voz alta: “Ó graciosa e magnífica Deméter, deusa de tudo o que é cultivado e colhido... Eu clamo por parte da tua presença, para que enriqueças o presente generoso que tão abundantemente já forneceste. Peço também que sopres a tua magia nesta cozinha...”

O *timer* soou e Lina de um pulo, surpresa pelos dez minutos terem passado tão depressa.

Misture a farinha e o sal em uma tigela grande enquanto invoca: “Vem, Deméter, eu te chamo com este sal e farinha, riquezas da tua terra!”

O ritmo da invocação combinava harmoniosamente com a receita, e Lina encontrou-se ansiosa por ler as linhas seguintes.

Faça um buraco no centro da farinha; em seguida despeje o fermento dissolvido, 1 xícara mais 3/4 de água, 1 colher de sopa de óleo e a banha. Fale com a diva enquanto misturar a farinha aos poucos no líquido e produzir uma massa leve da qual poderá fazer uma bola: “Rogo-te, ó deusa da Colheita, e te dou boas-vindas aqui, no centro daquilo que tu criaste.” Então amasse-a sobre uma superfície revestida com farinha até ficar macia, lisa e

maleável, de dez a quinze minutos, polvilhando com mais farinha conforme a necessidade. À medida que a massa tomar forma, recite o seguinte a Deméter: “Que o poder seja evocado, que me venha a energia... E que ele me una a ti, ó deusa da Colheita. Faz-me maior e melhor. Dá-me força e concedei-me o domínio...”

As mãos de Lina se moveram de modo ritmado enquanto ela espalhava a massa sobre a bancada. Seus olhos se fecharam com as palavras, as quais lhe vieram tão facilmente aos lábios como o movimento familiar às suas mãos.

— Ó, Deméter, minha irmã e guardiã, eu te dou graças. Que o meu chamado caia com leveza nos teus ouvidos, e possam tua sabedoria e força permanecer comigo, crescendo com tanta perfeição quanto os grãos maduros para a colheita...

Lina continuou a amassar a mistura, os pensamentos correndo soltos. Que intrigante era casar a magia de uma deusa antiga com a perfeição de uma receita que fora passada de mãe para filha e preservada por gerações! Era uma ideia tão maravilhosa e natural instar a força de uma diva por meio da culinária.

Se aquilo funcionava de verdade, se uma deusa realmente ouvia ou não, isso era outra história. O fato era que se tratava de um lindo e poderoso ritual. Um ritual que, no mínimo, poderia ajudá-la a focar os pensamentos no que era positivo e lembrá-la de ter sempre um momento para desfrutar a feminilidade da carreira que escolhera.

O perfume adocicado da vela de pinho mesclou-se ao da levedura e da farinha, e o aroma final era delicioso e inebriante.

De repente, alimentada pela estranha fragrância, Lina sentiu uma onda de sensações percorrerem o corpo. Por um momento, ficou tonta e desorientada, como se tivesse sido subitamente deslocada da cozinha e transportada, com massa e tudo, para o meio de uma floresta de pinheiros.

Esfregou as costas da mão cheia de farinha na testa. Sentiu-a quente, porém seu próprio toque a recompôs, e a tontura se dissipou.

Tinha sido um dia difícil. Não devia estar surpresa por se sentir daquela maneira.

Moveu os ombros e fez a cabeça pender para a frente e para trás, fazendo com que seus músculos sobrecarregados pelo cansaço se alongassem e relaxassem. Com certeza dormiria bem naquela noite.

Olhou a conclusão da receita. Eram as mesmas instruções de costume: deveria colocá-la numa tigela, cobri-la e esperar que crescesse por pelo menos oito horas.

Impaciente, correu os olhos pelo restante da receita a fim de completar o ritual.

Retire uma pequena porção da massa. Escolha um lugar especial, do lado de fora, onde possa deixar sua oferenda. Respingue-a com vinho e apresente-a a Deméter, dizendo: “Ó, deusa da Colheita abundante, da força, do poder e da sabedoria, eu te louvo, te venero e te agradeço. Bendita sejas!”. Nota: É possível acrescentar um pedido pessoal ou outros louvores antes da conclusão do ritual. Que chovam bênçãos sobre você, e que a fome nunca lhe aflija!

Lina abriu um sorriso sardônico. A curva de seus quadris só lhe permitia sentir fome de vez em quando. Não que fosse gorda, corrigiu-se depressa. Era apenas... voluptuosa.

E ser assim não era exatamente agradável naqueles tempos.

Bufou. Jamais entenderia a obsessão da atual geração por aquelas mulheres desnutridas que morriam de fome ou então vomitavam qualquer coisa que ameaçasse lhes arredondar os

corpos. Ela era toda suavidade e curvas, e preferia a si mesma dessa forma.

— Eu sou como uma deusa — falou com firmeza.

Sem mais hesitação, tirou um pequeno pedaço da massa recém-preparada e o colocou de lado para remodelar e cobrir o resto. Já havia feito a invocação, portanto era justo que partisse direto para a conclusão. Afinal, uma boa cozinheira nunca deixava uma receita por completar.

Não levou muito tempo para arrumar sua já imaculada cozinha e carregar a máquina de lavar louças. Após secar as mãos, serviu-se de uma taça de vinho fresco e embrulhou o pequeno pedaço de massa em uma toalha de papel antes de sair do cômodo.

Equilibrando a taça e a massa em uma das mãos, abriu a porta do armário no corredor com a outra. Antes que vestisse o casaco, ouviu o ruído das patas de Edith no corredor azulejado.

Sorrindo, ela tirou a guia da buldogue de seu gancho.

— Não importa se está dormindo. Basta eu abrir a porta e você vem correndo, não é? — Riu, prendendo a guia na coleira da cadela.

A buldogue bocejou, depois fungou para ela.

— Eu sei que é tarde, mas tenho algo que preciso terminar e conheço o lugar perfeito para isso.

Longe de reclamar, Edith foi a primeira a alcançar a porta do apartamento. Tanto que Lina precisou fazer malabarismos para equilibrar o vinho sem derramá-lo.

— Calma, garota! — Ela guardou o pacotinho de massa no bolso da jaqueta e fechou a porta.

Era o início de março. A noite em Oklahoma encontrava-se excepcionalmente quente, e o ar parecia denso com a promessa da primavera.

Suspirando, Lina deixou que Edith a levasse para o centro do pátio bem conservado.

Uma sombra passou depressa por cima delas e chamou sua atenção. A lua cheia ia alta no céu: redonda, brilhante e da cor do *chantilly*.

Ela a fitou. Que tom de amarelo era aquele? Era tão diferente que emprestava aos arredores do condomínio estilo Tudor um brilho etéreo, lançando sombras meio sinistras sobre as sebes e as calçadas.

— Ah, faça-me um favor, Lina... Não pode estar vivendo um momento *Senhora dos Anéis*, pode? — admoestou a si mesma.

Dolores estava certa. Estava indo demais ao IMAX *babar* pelo Aragorn... O ritual e o frenesi em preparar aquela massa tinham, obviamente, lhe subido à cabeça se começara a ver formas estranhas por seu bem cuidado condomínio.

— Preciso contar isso a Anton — murmurou para si mesma. — Quem sabe eu o convença a dividir aquele Xanax comigo?

Na realidade, agora que estava lá fora, e o livro de receitas e feitiços se encontrava devidamente empilhado com os outros volumes de culinária em sua sala, estava começando a sentir-se um pouco tola.

— Eu devia ter tomado mais vinho antes desta parte da receita — resmungou para Edith, que moveu as orelhas para trás, em sua direção, e bufou, antes de prosseguir, apressada, por sua trajetória familiar. — Ou talvez eu só esteja esgotada e precise ir para a cama.

Estavam chegando à sua parte favorita do complexo: a enorme fonte de mármore que ficava bem no meio do pátio. Ao longo de todo o ano, esta jorrava água de um impressionante gêiser,

a qual caía em cascata por três níveis côncavos e delicados.

Na verdade, fora aquela fonte que a convencera a comprar o apartamento no condomínio. Durante o verão, ela considerava aquela área coberta de pedregulhos e sombreada pelos velhos carvalhos ainda mais refrescante do que a piscina... e muito menos lotada. Nos meses de inverno, a fonte, assim como a piscina, era aquecida, e ela havia passado muitas das tardes frias de Oklahoma enrolada num cobertor, enquanto escutava a melodia suave da água caindo.

— É este o lugar perfeito e especial — falou para Edith Anne, que farejava um arbusto de azaleia. — Fique aí. Isto não vai demorar muito — completou, largando a coleira da buldogue.

Obediente, Edith plantou o largo traseiro no chão, depois pareceu reconsiderar e, com o suspiro típico dos cães, relaxou e se esticou no solo, observando a dona com olhos sonolentos.

O carvalho mais próximo era também o maior daquela área. Lina se aproximou cuidadosamente sob a luz amarelada do luar, cuidando para não tropeçar nos nós imbricados das raízes que tinham proliferado ao redor da base da árvore.

De súbito, eles lhe pareceram ameaçadores, despertando nela imagens de tentáculos ganhando vida e tentando agarrá-la, e de serpentes se contorcendo.

— Não seja ridícula — disse a si mesma, no tom que costumava reservar para os vendedores de perfumes *genéricos*, e o som de sua voz dissipou a perturbadora visão, devolvendo o carvalho à sua forma sólida e familiar.

Lina tirou o pequeno pacote de massa do bolso e olhou ao redor. Nada se movia. Nem mesmo Edith Anne, que parara de observá-la e agora roncava baixinho.

Ela se agachou e posicionou a bolinha de massa no vértice de duas raízes especialmente espessas que se encontravam na base da árvore.

Olhou em volta de novo. Certa de que, exceto pela buldogue que roncava, ela se encontrava sozinha, mergulhou os dedos no copo de vinho e espirrou gotas vermelhas sobre a massa.

Sentiu-se bem e sorriu. Parecia a coisa certa a fazer.

Ainda sorrindo, molhou os dedos outra vez e, divertindo-se, espirrou o excelente *Chianti Classico* em torno da base da árvore antiga.

Rindo tal qual uma menina, continuou espalhando a bebida sobre as raízes retorcidas até ver a taça de cristal vazia.

Em seguida, endireitou os ombros e limpou a garganta.

— Eu gostaria de dizer algo antes de encerrar este respeitável ritual.

Sorriu, mas tratou de se recompor, querendo parecer mais sóbria. Decerto não tinha a intenção de desrespeitar nada nem ninguém, mas rir ao final da invocação a uma deusa poderia ser considerado uma gafe.

Começou seu discurso novamente:

— Deméter! — Sua voz saiu com tal energia que o nome da divindade pareceu ecoar por todo o pátio.

Edith se agitou e abriu os olhos, mas apenas ajeitou o corpanzil e continuou com seu cochilo.

Lina engoliu em seco e suavizou a voz.

— Meu nome é Carolina Francesca Santoro, e eu quero que saiba que gostei muito do seu ritual. Creio que a massa vai dar uma pizza excelente, e estou ansiosa por prová-la.

Seu discurso de improviso lembrou-a do motivo pelo qual ela experimentara a receita, o que a deixou momentaneamente surpresa: já havia até se esquecido de seus problemas.

As linhas em sua testa se aprofundaram e seus ombros caíram.

— Espero que fique boa... Não. Eu espero mais: *preciso* que ela fique boa. Não posso perder a minha padaria. Ela é responsabilidade minha e muitas pessoas dependem de mim. Deméter, se estiver ouvindo, por favor, envie-me alguma ajuda! Em troca, eu vou... vou... — ela gaguejou e depois desabafou: — Droga, não tenho ideia do que poderia fazer por você. — Encolheu os ombros. — E peço desculpas por ficar praguejando assim, em inglês... É melhor eu dizer, de mulher para mulher, que eu realmente gostaria da sua ajuda e ficaria feliz em recompensá-la com o que eu puder.

Satisfeita, fechou os olhos, visualizando as palavras finais do ritual.

— Ó, deusa da Colheita abundante, da força, do poder e da sabedoria, eu te louvo, te venero e te agradeço. Bendita sejas!

Às palavras “Bendita sejas”, Lina foi invadida por uma imensa sensação de libertação.

Seus lábios se curvaram de leve. Era como se sua oração tivesse sido escutada e atendida.

Logicamente, ela sabia que aquilo não era possível, mas acreditava no poder do pensamento positivo, em promessas de autorrealização, em *feng shui*.

Abriu um sorriso. Acreditava no poder da *magia dell'Itália*.

Respirou fundo e abriu os olhos, surpresa, quando um ar adocicado lhe preencheu os sentidos. Que cheiro era aquele?

Tornou a encher os pulmões. Era maravilhoso!

Farejando a brisa suave como um cervo, Lina foi rodeando o carvalho. E parou abruptamente. Em meio ao emaranhado de raízes, na metade do caminho ao redor da árvore, uma flor perfeita havia crescido. Seu caule era longo e espesso, da largura de uma mangueira de jardim, e se estendia mais de meio metro até se transformar em uma espécie de sino com bordas onduladas.

— Nossa! Como você é bonita! Mas é muito cedo para um narciso silvestre. — Lina sacudiu a cabeça e, no mesmo instante, se corrigiu: — Quero dizer, para um *narcissus* florescer.

Podia ouvir a avó repreendendo-a:

Não chama ela pelo nome comum, bambina! Chama as bei fiores, as flores bonitas, pelo nome certo!

Mas, qualquer que fosse a sua denominação, a planta era incomum por outras razões além de sua floração precoce.

Maravilhada, Lina se agachou diante dela. A flor era de um amarelo claro e luminoso, como se um pedaço da lua tivesse caído na Terra e florescido naquela noite.

E ela não se lembrava de, alguma vez, ter visto um narciso daquele tamanho. Se fechasse a mão em punho, conseguiria fazê-la caber dentro das pétalas.

E que perfume!

Lina se inclinou para a frente e o aspirou. Nenhuma das flores de sua avó cheirava como aquela. Que aroma tinha? Ele lhe parecia familiar, contudo ela não conseguia nomeá-lo.

Respirou fundo outra vez. A fragrância fez seu coração bater mais depressa e o sangue correr mais rápido por seu corpo. Havia algo naquele perfume fantástico que despertava nela um desejo quase juvenil.

De súbito, Lina se lembrou de seu primeiro beijo. Acontecera muitos anos antes, porém o beijo continha aquela mesma doçura.

Suspirou. Era o aroma do que aconteceria se o luar e a inocência da primavera tivessem se unido para criar uma flor.

Piscou, surpresa, e soprou pelo nariz, como Edith, sua buldogue, costumava fazer. Estava ficando poética e romântica agora? Que coisa mais bizarra. Aquilo não tinha mais nada a ver com ela. Muito menos aos quarenta e três anos de idade!

Fora muito romântica, melosa e *blá, blá, blá* quanto ao amor, até que a vida, a experiência e os homens haviam curado sua ingenuidade.

Lina estreitou os olhos para a flor. Romance? Por que estava pensando naquilo agora? Jurara esquecer aquela baboseira em seu quadragésimo aniversário.

Pronto. Fim.

E não lamentara sua decisão.

Uma imagem de seu último namorado lhe veio à mente: cinquentão, empresário bem-sucedido, divorciado duas vezes, quatro filhos problemáticos... dois de cada casamento.

A melhor coisa que poderia dizer a respeito dele? O homem era coerente. Durante todo o jantar caro em um dos restaurantes favoritos dela, ele se queixara do tamanho da pensão alimentícia que precisava pagar para os filhos e de suas duas malditas e interesseiras “ex”, as quais nunca o tinham compreendido ou gostado dele. Tanto que, antes de o prato principal ser servido, ela já se vira em total empatia com suas antigas esposas.

E tal experiência resumia bem os homens de sua faixa etária. Podia até ser um clichê, mas, infelizmente, era a pura verdade: os melhores homens já haviam se comprometido, ou então eram *gays*. O restante não passava de carecas fracassados, que costumavam passar a noite se queixando sobre suas escolhas erradas.

Ou que, como seu ex-marido, tinham optado por ter como companheiras mulheres mais jovens e perfeitas. Mulheres capazes de fazer mais do que criar animais de rua. Mulheres capazes de gerar filhos.

Pare com isso! Lina se repreendeu. Por que estava pensando naquilo? Seu ex-marido era história, assim como seu desejo de se envolver com alguém. Falando com franqueza, considerava mil vezes melhor ficar em casa e fazer um bolo. Ou caminhar com o cachorro. Ou acariciar o gato... se ele estivesse disposto a aceitar tal mimo.

Decididamente, ela não se arrependia de ter desistido do romance.

Seus olhos focaram mais uma vez o estranho narciso. Era apenas uma flor... uma bela e apressada flor.

E ela havia tido um dia difícil, estranho, o que explicava por que estava se sentindo tão esquisita.

Ou talvez fosse uma questão hormonal.

Com um suspiro, lembrou a si mesma de pedir à mãe algumas orientações sobre climatério na próxima vez em que se falassem.

Uma leve brisa agitou o narciso, carregando outra nuvem de seu doce aroma até Lina.

Só mais uma cheiradinha, ela pensou, então pegaria Edith Anne e iria para a cama, onde já deveria estar havia muito tempo.

Apoiada nos calcanhares, projetou o corpo, tomando o pesado narciso nas mãos. Quando trouxe o rosto mais para perto, o miolo da flor em forma de sino se moveu.

Lina piscou. Mas, que diabo?!

Inclinou-se e olhou dentro das pétalas abertas.

Como a boca de uma eclusa sendo aberta, o choque fez todo o sangue drenar de seu rosto. Ao olhar dentro do narciso, o que viu foi o rosto de uma mulher incrivelmente jovem e bela. Seus enormes olhos cor de violeta estavam arregalados, os cabelos em total desalinho, e os lábios adoráveis encontravam-se semiabertos, como se ela houvesse sido apanhada em flagrante.

Lina tentou se mover, porém seu corpo se recusou a obedecê-la. Estava paralisada tal qual uma estátua viva.

O medo pulsou através dela, e seu coração disparou dolorosamente em resposta.

E então foi como se sua alma estivesse sendo arrancada do corpo por um gigante aspirador.

Por um momento, ela ainda foi capaz de olhar para trás e mirar a concha imóvel em que se transformara seu corpo físico antes de ser impulsionada para a luz ofuscante que emanava do centro do narciso em expansão.

Sua mente se rebelou conforme rodopiava para dentro da flor e do caule, e ela tentou gritar. Tentou parar. Tentou respirar... Mas não havia nada além daquele turbilhão e da sensação angustiante de deslocamento.

Quando pensou que fosse enlouquecer, sentiu um chacoalhão e foi cuspidada para fora do caule, batendo em algo.

Lágrimas lhe inundaram os olhos e a impediram de ver mais do que imagens vagas e desfocadas.

Numa reação instintiva, Lina buscou ar. Ainda levados pela vertigem, seus braços se moveram ao redor até colidir com a terra gramada na qual seu traseiro descansava. Lutou para se ancorar e deixou o corpo cair, os braços abertos agarrando o chão.

Pressionou o rosto contra a grama. Estava ofegante e tremendo, e parecia presa numa teia de seda.

— Tirem isso de mim! Tirem! — Ainda em pânico, ela puxou o que a aprisionava. — Ai! *Merda!*

A dor de ter os cabelos quase arrancados penetrou sua mente conturbada e, no mesmo instante, sua visão clareou. Encontrava-se, na verdade, deitada sobre um gramado, e suas mãos tinham se enrolado em uma massa de cabelos cor de mogno, os quais, de tão longos, desciam até a cintura de sua dona...

Sua cintura.

Enquanto enxugava as lágrimas, Lina olhou para si mesma.

Respirou fundo, abriu a boca e gritou tal como uma figurante de filme *trash*.

CAPÍTULO 5

— Acalme-se! Não há nada a temer por aqui.

Ainda lacrimejando, Lina olhou para si, aquele corpo definitivamente não era o dela. A poucos metros de onde estava, havia duas mulheres. A que se manifestara era alta, magra e tinha os cabelos grisalhos puxados rigorosamente para trás em um coque. Encontrava-se de pé ao lado da outra, que permanecia em silêncio... sentada em um enorme trono.

Lina piscou, não querendo acreditar nos próprios olhos. A que estava sentada usava uma espécie de túnica larga de linho creme, e tinha os cabelos loiros presos por meio de complicadas tranças, além de... — ela piscou outra vez, contudo a imagem permaneceu a mesma — ...uma coroa intrincada, com delicadas espigas de milho entalhadas em ouro, descansando regamente sobre a cabeça. Em uma das mãos, segurava um longo cetro e, na outra, segurava um cálice dourado. Era linda, porém de uma beleza tão contundente que chegava a ser assustadora.

E ela a observava com atenção.

— Bem-vinda ao meu reino, Carolina Francesca Santoro, filha de humanos.

Milhares de perguntas borbulharam no cérebro de Lina, e, respirando em espasmos, ela tentou combater sua confusão e a persistente sensação de deslocamento físico.

Olhou para baixo. Através do tecido sedoso do traje que usava, podia ver claramente os bicos rosados de um par de seios fartos empurrando o material fino.

Nem mesmo vinte anos antes seus seios tinham sido como aqueles, que pareciam ter saído direto das páginas de uma revista com as imagens retocadas. Carne de verdade não podia ser tão perfeita.

— Oh, Deus! Acho que vou vomitar — murmurou, então cobriu a boca com a mão. Aquela também não era a sua voz! Onde fora parar a mistura suave do sotaque de Oklahoma com o de sua avó italiana? — O que aconteceu comigo?! — gritou, ofegante.

— Como Irene já disse, não há o que temer aqui. — A voz majestosa da mulher soou profunda e reconfortante.

Lina agarrou-se a isso e tratou de acalmar a própria respiração. Vomitar não a ajudaria em nada.

Quando se viu mais calma, sua mente começou a trabalhar outra vez, e ela assimilou as palavras da estranha.

— Você falou “meu reino”... O que quis dizer com isso? Onde estou?

Deméter demorou algum tempo antes de responder à humana, já lamentando a ausência da alma da filha. O que mais desejava era chamar Perséfone de volta e saber que esta, se encontrava perto dela, protegida e segura.

Mas esse era o problema. Mantinha a filha protegida demais. Já era hora de permitir ou, no caso, de *obrigar* que ela crescesse.

Por isso tomou esta decisão. E agora estava amarrada à sua promessa, mesmo que esta só tivesse sido feita a si mesma.

— Meu reino não tem fim. Do menor jardim até a vastidão dos grandes campos preparados para a colheita, verá que tudo é meu. Quanto ao lugar onde está... — Ela ponderou, hesitante. — ...Reconhece o nome *Olympus*?

Lina aderiu com movimentos bruscos da cabeça.

— Olimpo... sim. Na mitologia, é onde os deuses viviam.

— Por que essas meninas mortais sempre dizem “deuses” e deixam as deusas de fora? — Indagou a mulher ao lado do trono.

— Ah! Isso eu não posso responder. — A que estava sentada encolheu os ombros largos. — Os mortais nem sempre fazem sentido, principalmente os da Terra Esquecida.

— Esperem um pouco... Parem aí! — Lina tirou alguns fios de cabelo da frente do rosto, obrigando-se a ignorar o fato de que estes também tinham a cor e o comprimento muito diferentes dos dela. — Preciso saber onde estou, quem é você e o que está acontecendo!

Ambas as mulheres se voltaram para ela.

— Não sabe com quem está falando, mortal? — A mulher de cabelos grisalhos, cujo nome era Irene, fez um gesto com a cabeça na direção da soberana.

Lina não respondeu, e ela franziu a testa antes de continuar a falar:

— Está na presença de Deméter, a Grande Deusa da Colheita.

Deméter não sorriu, porém seus olhos azuis se suavizaram.

— Como pode não saber quem sou? Não foi a minha ajuda que invocou?

O queixo de Lina caiu. Tinha de ser um sonho. Um sonho terrível, inacreditável e realista. Quando acordasse, precisava se lembrar de nunca mais pôr na boca o que comera antes de ir para a cama.

Ou talvez fossem os malditos hormônios outra vez. Precisava ter uma conversa urgente com sua mãe.

— Carolina Francesca Santoro — repetiu Deméter, soando perturbadoramente como sua avó. — Não está sonhando, tampouco alucinando.

— Pode ler pensamentos?!

— Eu sou uma deusa, e sua expressão é bastante cristalina.

Deméter fez um gesto em direção a um ponto à sua frente. No mesmo instante, uma cadeira dourada se materializou.

— Chegue mais perto. Temos muito sobre o que conversar e nosso tempo é limitado.

Lina se levantou do chão, ainda zozza. Seus passos eram hesitantes e constrangidos, no entanto seu corpo parecia ter adquirido um ritmo próprio. Sobre pés delicados, ela se aproximou e, em seguida, acomodou-se graciosamente na cadeira que lhe fora oferecida.

Deméter fez um gesto, falando baixinho a Irene.

— Ela precisa de vinho.

Lina viu, de olhos arregalados, quando a grisalha Irene acedeu, virou-se e desapareceu em uma espécie de abertura no meio do nada, atrás dela. Após instantes, voltou trazendo uma taça igual à de Deméter, e uma garrafa de cristal contendo um líquido dourado.

Em primeiro lugar, a mulher completou a taça da deusa, então encheu a que tinha na mão e a trouxe para ela.

Lina sentiu nos dedos o frio do metal forjado e bebericou o vinho gelado e delicioso. Seu gosto a invadiu e, de imediato, acalmou seus sentidos.

— É vinho e, ao mesmo tempo, não é... — sussurrou, maravilhada. — É como beber o sol.

— É ambrosia. Beba mais... Vai acalmar essa inquietação que sente por dentro — garantiu Deméter.

Lina obedeceu, permitindo que a bebida fria fluísse por seu corpo. Enquanto bebia, sentiu

os últimos resquícios daquela sensação de deslocamento desaparecer, deixando-a surpreendentemente calma e alerta.

Sustentou o olhar de Deméter com firmeza.

— Estou no Olimpo.

A deusa anuiu.

Lina tornou a olhar para o próprio corpo.

— Mas esta não sou eu.

— Não. Está habitando o corpo de minha filha — revelou Deméter com simplicidade.

Lina tomou outro gole de ambrosia. Aquele era o corpo da filha de Deméter?

Vasculhou sua mente, procurando restos empoeirados de conhecimentos inúteis que aprendeu na escola.

A filha de Deméter. Quem era ela?

— Perséfone? — arriscou.

Algo mais lhe veio com o nome: a vaga lembrança de uma lenda.

Entretanto a rápida resposta da deusa nem sequer lhe deu tempo para refletir sobre isso.

— Sim. Minha filha é a deusa Perséfone — Deméter assentiu, solene.

— Se estou aqui — Lina apontou para si mesma —, então, onde ela está?

O calafrio que a varreu dos pés à cabeça respondeu à pergunta antes mesmo que ela ouvisse a voz da deusa formulando as palavras.

— Você é ela, e ela se transformou em você.

— Por quê? — Lina balbuciou a pergunta.

— Porque invocou o meu auxílio, e minha filha é que atenderá a seu pedido.

— *Sua filha?* Mas como essa troca de papéis com a deusa Perséfone pode salvar a minha padaria? — Totalmente confusa, Lina se esforçou para manter a calma.

— Criança tola! — ralhou Irene. — Já basta de perguntas. Não há melhor maneira de insuflar vida nova àquela sua padariazinha insignificante do que abençoando-a com a personificação da primavera!

Lina fulminou Irene com o olhar. Podia estar confusa e fora de seu ambiente, mas não iria tolerar nenhum tipo de ofensa.

— Em primeiro lugar, eu não sou mais criança, portanto não se dirija a mim dessa maneira — replicou, fazendo a mulher arregalar os olhos. — Em segundo lugar, pode ser uma “padariazinha insignificante” para você, mas está falando sobre o trabalho da minha vida e o ganha-pão dos meus empregados. E, em terceiro, eu tenho todo o direito de fazer perguntas e esperar que estas sejam respondidas!

— Como ousa? — Irene começou, contudo a mão de Deméter a silenciou.

— Basta. — Embora o tom da deusa fosse de comando, sua expressão era calma e atenta quando ela estudou Lina. — Seus argumentos são válidos.

Irene bufou, e Deméter se voltou na direção da amiga.

— Carolina Francesca está apenas demonstrando sua maturidade e senso de responsabilidade.

Irene apertou os lábios em uma linha fina, porém nada disse.

— *Lina.* Meus amigos me chamam de Lina — falou, chamando a atenção da deusa de volta para ela.

Deméter ergueu as sobrancelhas benfeitas.

— Eu ficaria honrada se me chamasse por esse nome também — prosseguiu, segurando a respiração. Teria se excedido?

— Muito bem, Lina — concordou Deméter.

— Mas você deverá chamá-la de Grande Deusa.

— Ou de Deméter — interrompeu a divindade, lançando um olhar divertido na direção da amiga.

— Deméter... — repetiu Lina. — Por favor, explique-me por que Perséfone e eu trocamos de lugar.

— Eu ouvi a sua invocação e me emocionei. Havia muito tempo que eu não era chamada com tanta esperança por alguém do seu mundo. Por isso resolvi atendê-la.

Com a mão livre, Lina esfregou a testa.

— Mas por que essa troca entre sua filha e eu? Não poderia ter simplesmente... não sei, feito uma mágica para melhorar o meu negócio?

Os lábios da deusa quase se curvaram num sorriso.

— Foi o que eu fiz. Emprestei Perséfone a ele.

— Eu não tenho a intenção de desrespeitá-la, Deméter, mas o que sua filha sabe sobre panificação?

— Perséfone tem a sabedoria das deusas! — As feições da soberana endureceram, e seu tom fez Lina se arrepiar. — Ela é a personificação da primavera. Vai honrar sua padaria e soprar vida nova sobre ela. — Sua expressão se abrandou. — Não tema, Lina. Tem minha palavra de que a sua empresa vai prosperar cada vez mais. Em seis meses, o dinheiro que deve aos cobradores de impostos será triplicado.

— Seis meses?! — Lina sentiu como se tivesse sido atingida no estômago. — Perséfone vai tomar o meu lugar por seis meses? E o que devo fazer enquanto isso?

Deméter pareceu ponderar sobre a questão.

— Há uma pequena tarefa que pode executar para mim. Como é uma mulher madura e experiente, não deverá ter nenhuma dificuldade. — Os olhos da deusa capturaram os dela, lembrando-a das palavras finais de sua invocação. — Digamos que estará apenas retribuindo um favor.

Lina suspirou. Havia feita uma proposta, e Deméter a tinha aceitado. E a Lina empresária manteria sua palavra.

— Está bem — aquiesceu, tensa. — O que posso fazer por você?

CAPÍTULO 6

— Quer que eu vá para o inferno!? — A cabeça de Lina começou a latejar.

— Não encare isso nos termos limitados dos mortais — Deméter explicou. — Hades é o Submundo, o lugar onde as almas passam a eternidade. E há vários reinos dentro do Submundo, sendo que muitos deles também guardam beleza e magia.

— E o resto é o inferno — completou Lina.

Olhou para Irene, que escutava, impaciente, sua discussão com Deméter. Se a mulher tivesse um relógio, estaria verificando as horas a cada minuto.

— Eu gostaria de um pouco mais de vinho, por favor — pediu a criada, que bufou com força, mas completou sua taça.

Lina tomou um longo gole.

— Creio que ainda não compreendeu — prosseguiu Deméter, paciente. — Não existe “inferno” no Submundo. Existem apenas diferentes níveis de recompensa ou punição.

— Os quais são todos cheios de mortos — Lina desabafou.

Deméter balançou a cabeça, pesarosa.

— Está bem. Mas não de pessoas mortas e sim de seus espíritos. Almas, Lina. Hades é cheio de almas.

— E qual é a diferença?

— Você, melhor do que muitos mortais, deveria compreender essa diferença. Sua própria alma não adentrou o corpo de minha filha? Isso, por acaso, a torna uma morta? Ou, como você mesma diz, um fantasma? Não. Foi simplesmente deslocada. E isso é tudo o que acontece com aqueles que vão descansar no Submundo. Eles também foram deslocados. Alguns vão passar a eternidade em meio às maravilhas dos Campos Elíseos; alguns, pagar por seus pecados no Tártaro. Outros beberão do Rio Lete, o Rio do Esquecimento, e terão a possibilidade de renascer dentro de outro corpo mortal. Algumas almas vão perecer junto ao Cócito, o Rio da Lamentação, jamais conseguindo abandonar o luto por sua morte. E outras...

— Espere! — Lina a interrompeu. — Está me deixando completamente perdida. Eu não entendo nada sobre esses rios e níveis do infer... ahn... do Submundo. Como poderei governar esses... esses... mortos, ou almas deslocadas, se nem sei onde eles deveriam estar ou o que deveriam fazer? Acho que arrumou a pessoa errada para esse trabalho.

Deméter dispensou suas dúvidas com um gesto.

— Tudo isso é fácil de compreender. Basta ouvir a voz em seu coração. Há o suficiente da essência de Perséfone dentro de você para guiá-la em meio a qualquer dificuldade que possa enfrentar.

Lina a fitou, incrédula, e, desta vez, os lábios de Deméter realmente se curvaram num sorriso.

— Tente, filha de mortais. Ouça o que diz o seu interior.

Lina estreitou os olhos e se concentrou. Deméter afirmava que havia rios lá embaixo, porém ela só escutara falar de um: o Estige.

Assim que pensou na palavra, uma voz sussurrada, como uma lembrança meio esquecida, lhe veio à mente:

O Rio Estige é o Rio do Ódio. Não beba dele, pois não vai acabar bem.

Lina soltou um gritinho de surpresa. Não era como se houvesse uma pessoa falando em sua cabeça. Era mais como se ela pudesse acessar uma fonte de informação... o espírito de uma prateleira de enciclopédias antigas, sepultado em algum lugar de seu ser.

Gostou da irônica analogia e sorriu de soslaio para a deusa, que balançou a cabeça, compreensiva.

— Perséfone também terá essa capacidade enquanto estiver no meu corpo? Digo, de obter informações desse, não sei bem como explicar, desse “eco de mim mesma”?

— O eco de você mesma. É uma excelente descrição. Sim, minha filha tem essa capacidade. Embora agora ela seja mortal, não ficará perdida em seu mundo.

— E ela é mesmo mortal enquanto está no meu corpo? — Lina quis saber.

— Claro que é. Assim como é uma deusa enquanto sua alma habitar a forma física de Perséfone.

Lina tomava um gole de vinho e, ao escutar as palavras de Deméter, engasgou, quase pondo o ambrosia pelo nariz.

— Então agora eu sou... uma deusa?! — indagou, abismada.

— Sim — confirmou Deméter. — Enquanto estiver habitando o corpo de Perséfone, estará investida de seus poderes.

— Poderes? — ela repetiu, aparvalhada.

— Mesmo em seu tolo mundo, vocês, mortais, devem saber que deusas têm muitos poderes... — provocou Irene.

Por que aquela mulher implicava tanto com ela?!

— *Merda!* — Lina explodiu, exasperada. — Será que pode me dar um tempo?! Você gostaria de ser sugada para fora do seu mundo, jogada no meio de Tulsa, Oklahoma, no ano de 2000 e alguma coisa — olhou para Deméter e adicionou: — d.C., com uma estranha dizendo que, por seis meses, você teria de cumprir uma missão em um lugar que só pensava existir nos contos de fadas e nas histórias para dormir? Eu lhe digo uma coisa, minha amiga... Nem precisaria ir ao inferno para imaginar estar lá!

Irene piscou, confusa.

— Viu como não é fácil? — provocou Lina, voltando-se para Deméter. — De que tipo de poderes estava falando?

— Perséfone é a deusa da Primavera. Carrega vida e luz consigo, e pode compartilhar seus dons como bem entender — explicou Deméter.

Os olhos de Lina se arregalaram.

— Está me mandando para o inferno, e eu poderei ressuscitar as pessoas?

— Não as pessoas. Perséfone não pode devolver a vida aos mortais que já se foram. Partilho meu reino com minha filha, então ela tem domínio sobre todas as coisas que se desenvolvem: flores e árvores, o trigo do campo, a grama sob seus pés... Isso tudo responde ao toque de Perséfone — explicou Deméter. — E ela também pode criar a luz. Não pense que o Submundo é um lugar escuro e triste. A presença de Perséfone evoca a luz.

— Quer dizer que posso fazer flores crescer, acender coisas... O que mais?

— Tudo o que precisa saber está dentro de você. Procure bem no fundo da alma e encontrará os poderes que procura — afirmou Deméter, misteriosa.

Lina encontrou o olhar da deusa. Reconhecia uma evasiva quando ouvia uma.

Muito bem. Então Deméter não queria que ela soubesse da extensão dos poderes de seu

novo corpo.

— Creio que terei de descobrir algumas coisas do meu jeito — concluiu, cautelosa.

— Você pensa rápido. Não terá muitas dificuldades para realizar seu objetivo — declarou a deusa.

— Por que seis meses? Parece-me tempo demais já que não terei tantas dificuldades assim — Lina observou.

— São os seis meses necessários para que a sua padaria prospere. Mas não se preocupe com a passagem do tempo... ele é medido de modo diferente pelos deuses. — Deméter fez um gesto vago com as mãos. — Seis horas, seis meses, seis anos... é tudo a mesma coisa. Concentre-se em realizar sua meta, e tudo ficará bem.

— E essa meta é gerir o Submundo?

— É uma maneira de colocar a questão — a deusa aderiu.

— Suponho que deva estar ocorrendo algum tipo de problema lá em baixo.

— Digamos que seja um problema moral. — Deméter encolheu os ombros com indiferença. — O Submundo necessita do toque de uma deusa. Tem sido um local desprovido de influência feminina por muito tempo... É muito simples. Permita-se ser vista pelos mortos. Eles precisam acreditar que seu descanso eterno não será privado do amor e da atenção de uma divindade. Pense em si mesma como uma líder, um símbolo da força feminina e da sabedoria. Almas mortais anseiam pelo amor e atenção de uma mãe imortal. Apenas sua presença acalmará as coisas.

Lina esfregou a testa outra vez. O que estaria acontecendo lá embaixo?

Haveria um bando de espíritos sentados, se coçando e soltando gases enquanto assistiam à versão mitológica do *Super Bowl* e forçavam suas mulheres fantasmas a cozinhar alimentos calóricos e engordurados para eles?

A voz firme de Deméter continuou durante a turbulência mental de Lina:

— Pense no Submundo como uma padaria de grande porte, desorganizada porque sua dona esteve ausente, e use sua sabedoria e experiência para colocá-la em ordem. E saiba que, ao fazê-lo, estará retribuindo o favor de uma deusa.

— Deméter, o tempo urge. Ela deve começar sua jornada — Irene falou, ansiosa.

— Está correta, como sempre, minha amiga. — Deméter sorriu para a criada e se levantou, gesticulando para que Lina a seguisse. — Venha. Vou levá-la até a entrada do Submundo.

— Só isso? — Lina perguntou, em choque. — É a única instrução que vai me dar?

— É alguma criança que precisa ser conduzida pela mão? — Irene indagou, sarcástica.

— Sabe de uma coisa? Se você pintasse esses cabelos brancos, seu humor provavelmente seria bem melhor. Sempre funciona para mim — provocou Lina.

Irene abriu a boca e fechou. Uma vez.

Deméter disfarçou o início de uma gargalhada com uma tossidela. Aquela humana tinha muita personalidade.

Limpou a garganta antes de abordar Lina.

— Não a privarei de ajuda. Solicitei a uma finada que a guiasse até o Palácio de Hades. Ela vai ajudá-la com as questões que sua voz interior não puder responder. — Conforme falava, a deusa foi caminhando rapidamente pelo prado, e Lina teve que se esforçar para acompanhá-la. — Mas preciso que compreenda algo: ninguém pode saber que não é a verdadeira Perséfone.

— O quê!? Mas, como eu... — Lina começou, ofegante.

— Seria um insulto — Deméter a interrompeu. — Os mortos merecem respeito. Não devem chegar à conclusão de que não podem ter contato com uma verdadeira deusa.

— Mas eu não sou uma verdadeira deusa!

— Claro que é! — O olhar intenso de Deméter capturou o dela. — Eu já lhe dotei com os poderes de minha filha. Acredite que é uma deusa e aja de acordo. E lembre-se: no seu mundo, Perséfone permanecerá sob a mesma regra. Ninguém vai saber que ela não é a verdadeira Carolina Francesca Santoro... Agora tem que me dar a sua palavra de que não revelará sua real identidade.

— Prometo que mantereí este segredo — ela concordou, depois de apenas uma breve hesitação. Que escolha tinha?

Deméter inclinou a cabeça em régia concordância com o juramento de Lina antes de continuar sua caminhada, deixando o campo para trás, a fim de adentrar uma área arborizada. Lina mal teve tempo de se perguntar no que havia se metido, enquanto corria atrás da deusa que se afastava.

Estavam atravessando um bosque de árvores frondosas. Uma brisa soprava, leve, e ainda continha um toque do calor do verão. Mesmo assim, fazia as folhas secas dos galhos robustos caírem como chuva colorida sobre suas cabeças.

— Não é primavera aqui — Lina falou de repente.

Por cima do ombro, Deméter olhou para a mulher que usava o corpo de sua filha.

— Não. Como eu já expliquei, o tempo, aqui, corre de forma diferente, Carolina. A primavera já deixou este mundo, e as estações latentes, outono e inverno, estão para chegar. Por isso Perséfone pôde visitar o seu mundo, onde a primavera apenas se inicia.

Lina apertou os lábios. Então era aquilo. Muito conveniente que fosse primavera na Oklahoma que ela acabara de deixar. Perséfone havia acabado de chegar lá.

Isso até a fazia lembrar-se de uma velha fábula...

Lina estacou. Irene tropeçou e quase colidiu com ela por trás.

— Precisa se apressar — disse a mulher com irritação. — Não temos tempo para... — Irene silenciou diante da expressão em seu rosto.

Pressentindo o problema, Deméter se virou no exato momento em que as palavras de Lina cortaram o ar:

— A violação de Perséfone! — Ela abraçou a si própria, na defensiva. — Lembro-me da fábula agora. Hades, o rei do Submundo, rapta a deusa virgem, Perséfone. Ele a violenta e a convence a permanecer lá, em sua companhia, fazendo-a comer seis porções de uma fruta...

— Ela vasculhou a memória, e o nome brotou de seus lábios. — ... Seis pedaços de romã! Por esse motivo existe, por seis meses, o outono e o inverno. Porque a mãe de Perséfone, no caso você, Deméter, entrou em luto pela perda de sua filha e se recusou a deixar florescer qualquer coisa até que ela retornasse. — Lina engoliu em seco, tentando combater o medo. Não era uma virgem inocente. Era uma mulher madura, de meia-idade, e não se deixaria levar docilmente para uma armadilha. — Pretende me trair... Quer que eu tome o lugar de sua filha para que a verdadeira Perséfone não seja abusada.

Lina ouviu uma exclamação chocada de Irene.

Antes que pudesse continuar, Deméter cobriu o espaço que as separava tão depressa que sua visão se embaçou. A deusa a segurou com firmeza pelos ombros e, sem pestanejar,

encontrou seu olhar.

— Não deve acreditar nessa mentira, Lina — falou com voz grave.

— Eu li a história. É assim que acontece.

— Não aqui. Não neste mundo. — Deméter pôde sentir o corpo da moça tremendo sob as mãos e concentrou seu poder nos olhos de Lina. Precisava fazer aquela filha mortal acreditar que dizia a verdade. — Eu não permitiria que tal coisa acontecesse. Não à minha própria filha, nem a você.

— Mas eu me lembro! É o que acontece — Lina insistiu, teimosa.

— As histórias que conhece deste reino são apenas sombras da verdade, como os boatos. A verdade foi distorcida, alterada e utilizada para explicar certos mistérios. Pense, filha de mortais. Crê, honestamente, que eu deixaria alguém roubar minha filha de mim?

Lina encontrou os olhos de Deméter, e a figura da deusa preencheu-lhe a visão. Seu poder era algo tangível.

De repente, lembrou-se da mãe e da avó, reconhecendo em Deméter o tom sério e protetor de uma mãe que faria qualquer coisa para garantir que a filha não fosse prejudicada.

E Deméter detinha o poder dos imortais para apoiar seus instintos maternos.

— Pensando bem, não me parece muito lógico que uma deusa permitisse que a filha fosse molestada... — Lina admitiu devagar. — Mas, como eu disse, não sou sua filha.

Um sorriso verdadeiro suavizou a expressão da deusa, e Lina percebeu claramente o amor que Deméter sentia por Perséfone.

— Está no lugar da minha filha, Carolina. Fala por meio de seus lábios, está abrigada em seu corpo... Eu não permitiria que nenhum mal a afligisse, criança.

— O rei do Inferno não quer me estuprar ou a Perséfone?

— Não, Lina. Hades é um deus recluso e sombrio há mais tempo do que posso me lembrar. Ele não se diverte com ninfas, não tem companhia, tampouco tem demonstrado interesse por qualquer deusa. — O belo rosto de Deméter se contorceu com uma ponta de cinismo. — Hades não se importa com o amor ou a vida. Sua amarga existência resume-se ao funcionamento do Submundo. Lembre-se, Carolina... Estará sempre sob a minha proteção. Todos os deuses e deusas sabem: nenhum mortal ou imortal ousaria abusar de minha filha.

As palavras de Deméter tinham lógica, refletiu Lina. A divindade à sua frente transpirava poder e autoridade. Não lhe parecia provável que ela fosse descuidar da filha.

Lina fitou os olhos claros e sinceros de Deméter e percebeu, meio surpresa, que confiava nela.

— Ele sabe que está enviando Perséfone lá para baixo?

— Hades ficará satisfeito por ter sua assistência. Não se preocupe com isso. Tudo ficará bem. — Deméter apertou-lhe os ombros antes de retomar sua caminhada por entre as árvores e fez um gesto impaciente na direção de Lina para que ela a acompanhasse.

Como esta não se moveu, a deusa se voltou e levantou uma sobrancelha interrogativamente.

— Dizer que Hades ficará satisfeito com o meu apoio não significa que tenha contado a ele que estou indo para lá — Lina declarou. Também reconhecia um bom discurso empresarial quando se deparava com um. Havia acabado de despedir um contador especialista neste tipo de coisa. — Em outras palavras, ele não tem ideia de que estou chegando, muito menos de que pretendo mexer com a gestão de seu reino. Estou certa?

A expressão de Deméter era irônica.

— Você é experiente o bastante para entender que nem tudo pode ser dito às claras. Muito menos se lidamos com homens.

— Tem razão. Compreendo o que quer dizer. Então aqui vai um pedido: eu gostaria que enviasse a ele uma mensagem, dizendo que sua filha está a caminho para... — Lina fez um gesto vago — ... passar umas férias por lá. Minha experiência no mundo dos negócios diz que é sempre bom manter a linha de comunicação o mais transparente possível.

Deméter considerou o pedido. Talvez a mortal estivesse certa. Hades deveria ser avisado de sua chegada, mesmo que o sisudo deus não fosse se dignar a lhe dar as boas-vindas.

De qualquer modo, era de bom tom para uma divindade sinalizar caso adentrasse o reino de outra.

Levantou a mão e apertou os lábios, entoando um melódico canto de pássaro. Antes que o som encantador morresse ao vento, um rufar de asas se fez ouvir sobre suas cabeças, e um corvo enorme circundou Deméter uma vez, antes de pousar em seu braço estendido.

— Leve a notícia da chegada de minha filha ao Submundo de Hades — ela falou ao pássaro. — Diga a ele que a deusa da Colheita é grata por sua hospitalidade e sua proteção quando a primavera visitar a Terra dos Mortos. — Deméter levantou o braço, e o corvo se ergueu graciosamente ao vento, desaparecendo entre as árvores.

— Isso satisfaz seu senso de responsabilidade? — perguntou a Lina.

— Sim, obrigada — esta agradeceu enquanto se apressava em correr atrás da deusa.

Deméter chegou a uma elevação na terra que assinalava o fim da linha das árvores, e ali esperou que Lina e Irene se juntassem a ela.

Contudo, os olhos da mortal já não estavam sobre a deusa, e sim concentrados na incrível paisagem à sua frente.

— Nossa! — O ar lhe faltou, e Lina se viu tonta. — Nunca vi um lugar assim. Este é?

— O lago Averno. — Pela primeira vez, a voz de Irene tinha perdido seu tom cáustico. — E, mais além, fica a baía de Nápoles.

— É tão lindo! — Lina exclamou, sem palavras para descrever a fantástica vista. O lago se estendia diante delas como um grande espelho líquido da cor da safira. A luz brilhava e dançava como mágica em sua superfície, emprestando-lhe mais vida, de maneira que o manto perfeito e vítreo cintilava. Não havia árvores próximas da margem do lago, porém samambaias o circundavam com seu verde vivo. Além do lago, o oceano descansava, e seus tons mais claros, de um azul-turquesa, faziam com que parecesse o complemento feminino para o volume de água de cor mais escura que o precedia.

— Apenas começou a conhecer as maravilhas deste mundo, Lina — declarou Deméter.

CAPÍTULO 7

As passadas seguras da deusa encontraram um pequeno caminho de terra que parecia dar a volta no lago. Deméter virou-se para a direita e seguiu pela trilha ao longo de uma curva que levava direto para uma abertura, dentro de uma grande formação rochosa, perto da margem. Ao se aproximarem da passagem subterrânea, Lina percebeu que suas paredes de pedra tinham sido alisadas e pintadas com fabulosos afrescos representando deuses e deusas em festa, rindo e se amando.

Porém, estes logo foram engolidos pela escuridão do local.

Ela sentiu a garganta seca. Era como um túmulo.

Os passos de Deméter não vacilaram, marchando para dentro da passagem escura. Quando Lina hesitou, a deusa a chamou, áspera:

— Precisa vir também. De que outra forma nosso caminho pode ser iluminado?

— Iluminado? — ela repetiu, percebendo que soava como um idiota.

Irene suspirou.

— Você é a deusa da Primavera. Use seus poderes!

Lina franziu o cenho.

— Ouça seu interior, *Perséfone* — Deméter pronunciou o nome com cuidado —, e seu corpo saberá o que fazer.

Ignorando uma crescente frustração, Lina se concentrou.

Luz. Se pudesse obtê-la, como faria?

Pense!, disse a si mesma, permitindo que uma ideia estranha adejasse por sua mente.

Levantou a mão direita até o nível dos olhos. A mão era linda: clara, lisa e sem rugas. Ao contrário da sua, já meio judiada por seus quarenta e poucos anos. De qualquer forma, se pudesse produzir luz, ela o faria como tantas outras coisas importantes em sua vida... com aquelas mãos.

De repente, Lina soube como.

Voltando a palma para cima, enviou uma mensagem por meio do braço estendido: *Eu quero luz*.

Com um alegre estalar, um pequeno globo brilhante brotou de sua palma e pairou alguns centímetros acima desta.

Orgulhosa, ela sorriu e, tirando os olhos da luz, fitou Deméter.

— Eu faria assim.

— Muito bem feito, Perséfone — elogiou a deusa, e apontou com um gesto de cabeça o túnel aparentemente sem fim.

Endireitando os ombros, Lina avançou um passo, porém a bola de luz continuou pairando atrás delas.

— Precisa ordenar que ela a acompanhe — orientou Deméter.

Como ela já se encontrava no limite da escuridão, Lina não teve certeza; mas algo lhe dizia que a deusa estava rindo.

— Vamos, então. Fique comigo — falou para a luz.

No mesmo instante, esta saltou para a frente, quase batendo em sua cabeça.

Lina se esquivou, apertando os olhos para o intenso brilho.

— Eu disse *comigo*, não em cima de mim! — sussurrou para a bola incandescente, e esta se posicionou acima de seu ombro direito.

— Mais alto, ainda está me cegando!

A bola subiu alguns centímetros.

— Isso mesmo. Bom trabalho.

A luz ondulou, como se feliz com seu elogio, o que a fez sorrir.

— Estamos prontas — disse a Deméter.

Seguiram em frente, desta vez com Lina e sua luz liderando o caminho.

A passagem era grande e foi descendo, íngreme; contudo, os muros ao seu redor pouco mudaram. Afrescos coloridos decoravam o espaço escuro, e a presença ofuscante das três mulheres parecia uma incongruência em meio à quase total escuridão.

Lina estava prestes a perguntar a Deméter quem tinha pintado aquelas cenas quando as paredes ao redor desapareceram de vez, deixando apenas um negrume sem fim.

De súbito, bem à sua frente, um bosque se materializou.

Lina piscou, ressabiada.

— Árvores fantasmas! — sussurrou, perplexa.

Ao menos era o que parecia. Embora seus ramos fossem grossos e repletos de folhas aparentemente frescas, tudo nelas era branco: troncos, galhos, folhas... Tudo da cor do leite.

Ela entreabriu os lábios, fascinada. As plantas eram de uma beleza delicada e sobrenatural, e pareciam apelar para seus sentidos em um nível profundo e elementar.

— É em meio a esta floresta que vai encontrar a entrada para o Submundo — informou Deméter, depois ergueu a voz, chamando para dentro do bosque: — Eurídice, venha!

Lina sentiu o estômago se contrair. Estava prestes a conhecer a primeira pessoa morta de sua vida.

Não. Precisava parar de pensar nelas dessa forma. Isso só lhe provocaria mais arrepios. Tinha que se lembrar das palavras da deusa: eram apenas “almas deslocadas”, assim como ela.

Fez-se um movimento dentro da mata fechada, e Lina precisou se obrigar a respirar quando uma figura delgada saiu da linha das árvores e caminhou em sua direção. Tensa, enrolou uma longa mecha de cabelos no dedo, esforçando-se para obter uma imagem mais clara, porém tudo o que podia ver era uma massa indistinta de cabelos longos e o revoar de um traje diáfano.

Eurídice pisou em seu círculo de luz, e Lina sentiu o nervosismo abandoná-la por completo. Não se tratava de uma alma andarilha ou um zumbi como os de *Despertar dos Mortos*. Era apenas uma menina pálida e de olhar assustado. Se ela, Lina, houvesse tido uma filha, ela teria aquela idade: provavelmente dezoito ou dezenove anos.

Eurídice se aproximou e, hesitante, fez uma reverência a Deméter. Só então Lina percebeu que seu corpo não era tão substancial como parecia. Após uma inspeção mais atenta, notou que a luz atravessava o corpo da moça e também o manto de seda que ela usava. Eurídice não era bem um espectro ou um fantasma; era mais como uma aquarela inacabada que havia ganhado vida.

O instinto maternal de Lina se manifestou, e ela sentiu pena da garota. Ela era tão jovem! O que lhe teria acontecido?

— Grande Deusa, aqui estou, à sua espera, como me ordenou — murmurou com voz doce e

melódica.

— Fez bem, criança. Esta será a sua tarefa final: peço que sirva de guia para minha filha, a qual deseja visitar o Submundo.

— Terei enorme prazer em atendê-la como desejar, senhora — respondeu a moça. Então virou-se para Lina e inclinou a cabeça com respeito. — É uma grande honra que a deusa da Primavera se junte a mim em minha viagem para Elísia.

— Obrigada por me ajudar, Eurídice. — Lina sorriu calorosamente para a menina. — Eu nunca fui para o inf... — ela se deteve e mudou as palavras, torcendo para que a moça não houvesse notado — ... para Hades antes.

— Nem eu, senhora.

A voz de Eurídice saiu marcada pela tristeza, e Lina quis dar um tapa na própria cabeça pelo comentário insensível.

Antes que pudesse se desculpar, contudo, Deméter falou com a menina:

— Embora ainda não tenha experimentado as maravilhas de Elysium, sua alma conhece o caminho e quer levá-la ao seu destino. Assim como ela a conduz, você conduzirá minha filha. Eu a confio aos seus cuidados — proclamou Deméter com voz doce e uma expressão maternal.

Eurídice inclinou a cabeça, obviamente agradecida por sua confiança.

Deméter voltou-se, então, para Lina.

— É aqui que eu devo me despedir, Perséfone. — Abraçou-a, e Lina se viu envolvida por um aroma de milho maduro e campos de trigo ao vento. — Que a sua estada no Submundo leve a primavera ao reino de Hades e conforto para aqueles que sentiram a ausência de uma divindade. Boa sorte, minha filha... Minhas bênçãos a acompanham. Beijou-a suavemente na testa e, em seguida, virou-se para partir.

— Espere! — Lina chamou, aflita. Deméter já estava indo embora, assim, sem mais nem menos?

A deusa a fitou por cima do ombro.

— Ouça sua voz interior, Perséfone. Seus instintos não lhe faltarão.

Ela deu um passo em direção a Deméter e baixou a voz:

— E se eu precisar de mais ajuda?

— Confie em si mesma. Trabalhe seu conhecimento interior, bem como suas *outras* experiências — enfatizou a diva. — A vida a preparou bem para esta empreitada.

A resposta de Lina foi apenas para os ouvidos de Deméter:

— Como faço para encontrá-la se surgir algo com que eu não possa lidar?

A diva assentiu com um gesto de cabeça, pensativa.

— Talvez seja melhor assim... — Gesticulou em direção ao corredor sombrio pelo qual haviam descido. — Deixarei o meu oráculo nessa entrada. Terá apenas que olhar para ele e verá meu rosto.

— Mas como posso ter certeza de que encontrarei o caminho de volta?

— Você é a filha da Colheita. Erga a cabeça, e seus passos sempre a levarão de volta para casa — interveio Irene em seu tom cáustico habitual.

Em seguida, a mulher encontrou o olhar claro de Lina e sentiu-se amolecer. Afinal, a pobre se encontrava presa, contra a sua vontade, no corpo de Perséfone.

— Acredite em si mesma, criança. Sua força repousa em seu íntimo.

Lina não saberia dizer se ficou mais surpresa com a gentileza nas palavras de Irene ou com seu sorriso.

— Vou me lembrar. Muito obrigada.

Deméter adiantou-se e a beijou levemente na testa outra vez.

— Que você seja abençoada com alegria e magia, minha filha.

A deusa se afastou com tal determinação que Lina não ousou chamá-la de volta, embora seu coração pulsasse, nervoso, diante do que estava por vir. Assistiu à escuridão engolir as duas mulheres, e, mal se perguntara se deveria enviar um pouco de luz para conduzir Deméter até a superfície, viu-a brilhar com a luz dourada de um dia de verão.

— Como se ela precisasse de mim para iluminar o caminho! — murmurou, balançando a cabeça.

— Peço perdão, senhora, mas temos de começar nossa jornada.

Lina voltou-se para Eurídice. A menina apertava as dobras de sua diáfana veste, desculpando-se com um sorriso tímido.

— Sinto-me compelida a continuar... Minha alma me diz que já esperei demais.

— Ah, claro — Lina aderiu, sentindo vergonha de si mesma. Ali estava ela, preocupando-se por Deméter tê-la deixado sozinha para assumir seu emprego temporário, do qual, aliás, tinha a garantia de que completaria a contento, e Eurídice ali... *morta*. Pobre criança. — Estou pronta. Vamos.

No mesmo instante, o espírito da moça readentrou o bosque branco, tendo Lina bem atrás dela. A pequena bola incandescente as envolvia em um brilho suave, e, conforme este tocava as árvores que as rodeavam, os galhos e folhas claros cintilavam tal qual joias multifacetadas.

— São tão bonitas! — Lina exclamou baixinho.

— Creio que a sua luz é que as faz assim, senhora — Eurídice falou com sua voz tímida de criança.

— Não... Aposto que elas sempre foram bonitas.

Mal ela havia proferido as palavras, os galhos acima delas começaram a ondular, como se em resposta ao seu elogio, e mais folhas facetadas cintilaram em sua luz.

Lina sorriu para sua guia e apontou para aquela verdadeira floresta de diamantes.

— Elas já estavam aqui havia muito tempo, bem antes de eu chegar. Minha luz apenas permite que sejam vistas como elas realmente são.

— Perdão, senhora. Eu não pretendia ser inconveniente.

Lina desviou o olhar das fascinantes folhas. Eurídice havia abaixado a cabeça, como se esperasse por algum tipo de castigo.

— Não foi inconveniente. Você apenas acabou de fazer uma observação. Quero que fique à vontade para conversar comigo, Eurídice. Honestamente, já estou sentindo falta da minha... — Lina se deteve mais uma vez. Quase dissera “da minha vida”. Também podia ter dito “da minha padaria”... — ... da minha *mãe* — completou, por fim. — É bom ter com quem conversar para desviar meus pensamentos dela.

— Também sinto falta da minha mãe — Eurídice sussurrou.

— Ah, eu sinto muito. Eu não queria lembrá-la disso.

— Não é tão terrível assim, senhora — a moça garantiu depressa. — Embora eu esteja morta há pouco tempo, creio que já esteja começando a compreender.

Quando a menina parou de falar, Lina a incentivou a continuar:

— Pois eu gostaria muito de saber o que foi que compreendeu.

— As dores do mundo vivo já estão desaparecendo em mim. Tenho saudades da minha mãe e... bem... de outras pessoas. Mas sei que acabarei por me reunir a elas um dia. Ainda sou eu mesma, afinal. — Eurídice estendeu um braço, e a luz de Lina brilhou claramente através do membro delicado. — Meu corpo mudou um pouco, contudo minha cabeça e meu coração são os mesmos, o que é um grande alívio para mim. O que descobri é que o medo da morte é pior do que a própria morte — concluiu, apressada.

Lina sorriu.

— Você é muito sábia.

— Oh, não — afirmou a menina, sacudindo a cabeça e fazendo os cachos loiros e transparentes flutuar ao seu redor. — Se eu fosse realmente sábia, teria evitado os meus erros.

Antes que ela a questionasse mais a fundo, haviam deixado o bosque de árvores brancas e se viram diante de um enorme portão cor de marfim. Além do portão, Lina avistou uma estrada negra que ondulava até a total escuridão tal qual um pedaço de noite.

— Temos de entrar aqui e seguir por esse caminho — orientou Eurídice. — Isso nos levará a Caronte.

Lina não precisou apelar para o conhecimento de Perséfone. Reconheceu de imediato o nome do barqueiro do Submundo.

Assentiu e esticou o braço para abrir o enorme portão, porém este se esquivou de seu toque. No mesmo instante, ouviu-se um zunido, e a escuridão diante delas pareceu ondular. Um rio de névoa brotou do outro lado do portão, engolfando Lina em uma nuvem fria e cinzenta.

O medo a invadiu como um rio caudaloso. Sons macabros assaltaram seus sentidos, lembrando-a de todos os pesadelos que ela já experimentara.

Seu primeiro impulso foi cobrir os ouvidos e sair gritando, porém a voz em sua essência tranquilizou sua alma amedrontada:

São falsos sonhos. O nevoeiro é inofensivo, formado apenas por antigos pesadelos. Você é uma deusa, e eles não podem aterrorizá-la. Mande-os embora, e eles obedecerão.

Forçando as mãos para os lados, Lina endireitou o corpo e sacudiu-se como um gato tentando se livrar da água.

— *Vão!* — ordenou, confiante.

E deu um suspiro de alívio quando a névoa se dissolveu.

— Oh, obrigada, minha Deusa! — Eurídice se aproximou dela e quase a tocou.

Lina pôde ver o pavor nos olhos claros da moça.

— Eles não poderiam machucá-la, querida. Eram apenas lembranças de antigos pesadelos — assegurou com um breve sorriso. — Desagradáveis, sem dúvida, mas não perigosas.

— Eu nunca gostei de pesadelos — Eurídice suspirou, olhando em volta.

— Ninguém gosta. Por isso eles são chamados de sonhos ruins. Não se preocupe mais com eles... Seus pesadelos *já eram*. — O portão cor de marfim permanecia aberto, e Lina apontou para a estrada escura. — Não disse que tínhamos de seguir por este caminho?

— Sim, minha deusa.

— Então, vamos.

Lina passou pelo portão e tomou a estrada, com Eurídice logo atrás dela. Sob as chinelas macias que adornavam os pés delicados de Perséfone, o solo lhe pareceu duro e frio.

Ela se agachou para tocá-lo.

— Mármore — sussurrou e avaliou a distância. — O caminho parece feito desse único bloco de mármore preto... — Levantou-se e sorriu para Eurídice. — Não é a estrada de tijolos amarelos de *O Mágico de Oz*, mas com certeza é fácil de seguir.

A menina pareceu confusa.

— É só um modo de dizer que nosso caminho está bem marcado... — Lina tentou consertar seu deslize, para em seguida iniciar a caminhada com Eurídice a seu lado e a esfera de luz flutuando entre elas. — E eu gostaria muito se me chamasse pelo meu nome.

— Mas você é uma deusa! — A moça ficou chocada com o pedido.

— Acontece que eu tenho um nome, e “senhora” soa muito austero e protocolar. Sou a deusa da Primavera, e a primavera é tudo menos algo rígido e formal.

Lina prestou atenção em seu interior enquanto falava e percebeu que o eco de Perséfone ficou satisfeito com o que ela dissera.

De repente, ficou curiosa a respeito da mulher cujo corpo ela habitava. Como seria ela?

Olhou para si própria. Que era bonita, disso não tinha dúvida. Mas seria também arrogante e egocêntrica? Ou era uma deusa benevolente, que tratava os outros com gentileza?

— Será uma honra chamá-la de Perséfone. — A voz de Eurídice invadiu seus pensamentos, e ela sorriu em incentivo para a menina.

— Ótimo.

Ao menos era um começo.

Caminharam em sociável silêncio, e Lina estudou a terra em torno delas. Estava começando a distinguir os vários níveis de treva em ambos os lados da estrada. À primeira vista, parecia que tudo estava envolto na escuridão de uma noite sem estrelas, mas, conforme seus olhos se acostumaram com a falta de luz, percebeu que havia sombras e formas em meio ao breu. O espaço que se estendia a cada lado lembrava um pântano escuro. Podia até discernir folhagens em tons de cinza e blocos de gramíneas espessas que se agitavam, embora não houvesse qualquer vento.

Foi nesse momento que uma forma passou por elas, capturando o olhar de Lina. Era um velho, quase dobrado ao meio por conta da idade. Ele mancou em direção à estrada, depois recuou um passo; então avançou outra vez, os olhos remelentos piscando para o vazio, na direção de Lina.

Enquanto ela se perguntava se deveria ajudá-lo, outra silhueta tomou forma na escuridão. Uma mulher. Parecia ter a idade dela, e estava agachada na grama sombria, encolhendo-se de um agressor invisível.

O primeiro instinto de Lina foi socorrê-la, porém a voz ecoou dentro de sua mente:

Você não pode ajudá-los. Eles são a Velhice e o Medo.

Veja... Mágoa, Ansiedade, Fome, Doença e Agonia se juntarão a eles.

Lina assistiu a outras formas espectrais tomando forma ao lado das duas primeiras. Eram horríveis, e a simples visão delas fez seu estômago se apertar.

Elas são parte da existência mortal. Não podem ser ajudadas. Podem apenas ser superadas. Vamos, não fique plantada aí!

Lina percebeu que tinha praticamente parado de andar, e Eurídice olhava, temerosa, ao redor.

— Penso que precisamos nos apressar. Você tem um encontro com a eternidade, e eu odeio me atrasar para qualquer coisa. Acho uma falta de educação — completou alegremente

conforme apertava o passo a ponto de obrigar a moça a quase correr para se manter junto dela.

Ouviu gemidos de dor e estremeceu, recusando-se a olhar para trás. Ao contrário, concentrou a atenção em vários contornos brilhantes que pairavam no caminho à sua frente. Mesmo não podendo vê-los muito bem, Lina não sentiu qualquer perigo ou animosidade vindo deles, e sua voz interior permaneceu quieta, o que ela entendeu como um sinal positivo.

— Gostaria de saber o que são aquelas coisas ali em cima... — comentou, tentando conversar com a calada menina a seu lado.

— Devem ser outros como eu — Eurídice falou devagar.

Lina reprimiu um calafrio.

Que diabo? Encontrava-se na Terra dos Mortos... Ela achava, mesmo, que não cruzaria com nenhum por ali? Era como imaginar que não encontraria fermento em uma padaria, disse a si própria com firmeza.

— Bem, então estamos indo na direção certa. — Sorriu para Eurídice.

— Mas você sabia que estávamos no caminho certo... — respondeu a moça, sorrindo de volta com timidez.

— Isso porque tenho uma boa guia — ela replicou, o que fez o sorriso de Eurídice se ampliar e seu rosto pálido se encher de cor e prazer.

Lina tentou manter na mente o calor daquele sorriso quando se deparou com o primeiro dos espectros. Era outra moça, e, mais uma vez, pensou que a menina também tinha idade para ser sua filha. A jovem alma carregava um embrulho que mantinha escondido e pressionado contra o peito, e, apenas pelo formato deste, Lina pôde afirmar que se tratava de um bebê. O olhar da mulher vagava pela paisagem escura à sua frente, e encontrou o de Eurídice sem se alterar.

Mas, quando ela percebeu a presença de Lina, seus olhos tristonhos se arregalaram, e sua expressão se animou.

— É a deusa da Primavera que anda no meio dos mortos? — indagou com a voz dominada pela emoção.

Após uma ligeira hesitação, Lina respondeu:

— Sim... sou Perséfone.

— Santo Deus! — A morta pressionou a mão transparente contra a boca como se para conter as emoções. Depois respirou fundo e, ao se recompor, falou novamente: — Então esta jornada escura não é, assim, tão desesperadora. Não, se caminhamos na presença de uma deusa.

Pelo canto dos olhos, Lina percebeu Eurídice sorrindo e assentindo em silêncio.

Seu nome ecoou em sussurros, como uma onda suave por entre o grupo de espíritos iluminados que de repente as rodeou.

— Perséfone!

— É a deusa da Primavera!

— Ela veio iluminar nossa jornada sombria!

Um a um, os espectros se voltaram para Lina. Eram espíritos de todas as idades e aparências: desde os velhos, já curvados com a idade, até moços que circulavam por entre os mais idosos com toda a exuberância de sua juventude. Alguns deles ainda apresentavam ferimentos, e havia outros tantos com os corpos pálidos tingidos pelo vermelho de golpes de espada. Alguns, como Eurídice e a jovem mãe, não tinham qualquer cicatriz.

Porém não importava seu estado. Todos possuíam algo em comum: a expressão de prazer e

esperança renovada pela presença de Perséfone.

Lina ficou surpresa com a própria reação ao ser cercada pelos espíritos dos mortos. Não era assustador. Estava conseguindo até mesmo suportar a visão de suas feridas, desde que não as olhasse por muito tempo e se concentrasse nos olhos da pessoa. Neles ela podia ver a luz que acendia dentro de cada alma quando sorria e as cumprimentava com o que, esperava, fosse uma demonstração de carinho.

Conforme ela e Eurídice seguiram pelo caminho escuro, o número de mortos ao seu redor continuou a crescer. Deméter não tinha exagerado. Aqueles espíritos obviamente precisavam dela. Reagiam à sua presença como se ela fosse a chuva e eles, uma planície deserta. Ressequidos, eles bebiam de seus sorrisos e saudações.

Vozes sussurravam sem parar ao seu entorno, murmurando palavras em línguas que ela não devia compreender, mas compreendia.

Sentindo-se um pouco sobrecarregada, Lina tentou não pensar na quantidade de espíritos que a seguia. *Concentre-se em um de cada vez*, disse a si mesma. *Pense neles como clientes ansiosos, e não como um mar de mortos*.

Como se pressentisse o seu crescente desconforto, Eurídice se postou a seu lado, certificando-se de que ela pudesse avançar.

— Já posso ver o pântano à nossa frente — sussurrou. — Lá tomaremos o barco de Caronte, e ele nos levará pelo lago até o caminho que conduz aos Campos Elísios. O palácio de Hades fica à beira destes. Não deve demorar muito para que nós o alcancemos.

Lina ia agradecer a moça pela animadora informação quando a trilha diante delas tremeu, e, com um rugido ensurdecedor, o mármore negro se partiu, criando uma abertura no chão parecida com a boca de um gigante.

Exclamando de medo, as almas dos mortos se espalharam, deixando apenas Lina e Eurídice sozinhas para enfrentar o buraco negro.

CAPÍTULO 8

— Droga! Droga! *Droga!* — Lina gritou, chocada demais para se lembrar de mudar para o italiano ao ver a terra se abrir aos seus pés. Girou os braços para não cair para a frente; em seguida, agarrou a mão transparente de Eurídice e começou a se mover para trás, puxando a menina com ela. Tinha dado apenas alguns passos quando quatro garanhões cor de ébano surgiram da abertura. Expelindo fogo em uma impressionante demonstração de poder, eles convergiram para Lina e Eurídice.

— Minha deusa, ajude-me! — gritou a moça.

A voz aterrorizada da menina arrancou Lina de seu estupor. Sem pensar duas vezes, ela largou a mão pequena e pálida, e deu um passo à frente para enfrentar os cavalos. O garanhão líder a desafiou com um relinchar agudo, as orelhas coladas ao crânio maciço. Foi o primeiro animal do qual ela se aproximou.

Cruzando os dedos mentalmente para que seu dom não houvesse ficado para trás junto de seu próprio corpo, Lina baixou a voz e começou a falar num tom dócil, enquanto esticava a mão para o focinho ameaçador.

— Olá, garoto. Nossa, como você é bonito!

O cavalo bufou, desconfiado, mas ergueu as orelhas de modo a captar os sons que ela emitia.

Lina sorriu. Era óbvio que seu carisma era uma parte de sua alma e não de seu corpo.

Deu um suspiro de alívio. Não importava o quanto os cavalos eram grandes ou ferozes. Eram apenas cavalos, e, como todos os animais, aqueles também a adoravam.

Fez um barulhinho com a língua enquanto acariciava o focinho aveludado do magnífico animal.

— Você é grande mesmo, hein? — sussurrou, amorosa.

— Quem se atreve a perturbar as almas dos mortos e a tocar os temíveis cavalos de Hades?!

O clamor desceu como um chicote sobre ela, e Lina puxou as mãos do focinho macio, olhando, culpada, na direção da voz grave.

Engoliu em seco. Que idiota! Ficara tão fascinada com os garanhões que não havia nem sequer olhado além deles.

O homem tinha longos cabelos presos em uma trança espessa, negra e brilhante, e estava de pé em uma biga prateada, da cor do luar. Segurava uma lança dupla em uma das mãos e grossas rédeas de couro na outra, com o corpo maciço envolto numa túnica azul-noite. Um manto escuro ondulava ao seu redor e, sob a luz fraca emitida pela deusa, as dobras deste cintilavam em tons de roxo e azul-royal.

Os olhos de Lina se desviaram para o rosto moreno, de um tom exótico. A pele, uma mistura de ouro e bronze, dava-lhe a aparência intimidadora de uma estátua viva. Um par de olhos escuros e faiscantes a fitava de cima dos traços fortes, do queixo bem definido, e do nariz aquilino. Ele parecia zangado, irritado.

Mas era magnífico.

Nossa, Lina pensou, entorpecida. Ele parece o Batman! Só faltam a máscara e o Batmóvel.

— Perdão — murmurou, nervosa. — Eu não queria perturbar ninguém. Os mortos ficaram

felizes em me ver e...

Um dos “temíveis cavalos”, obviamente irritado com sua falta de atenção, bufou fumaça em seu rosto, obscurecendo-lhe a visão.

No mesmo instante, ela o repreendeu com um estalo de língua e o acariciou no focinho.

— Mais uma vez você se atreve a tocar meu feroz corcel... — Desta vez, a voz profunda soou mais confusa do que zangada.

Lina teve que afastar a enorme cabeça e espiar por baixo do pescoço do cavalo.

— Pelo visto, ele não percebe que é um animal tão feroz. — Sorriu para o garanhão, carinhosa, e este lhe lambeu o ombro. No mesmo instante, os outros três começaram a esticar as cabeças para ela, ansiosos por sua cota de atenção. — Bem, não é exatamente assim... A verdade é que eu tenho essa “coisa” com os animais. Eles gostam de mim. Muito. — Alcançou outro focinho e o acariciou. — Tenho certeza de que estes corcéis ainda são bastante perigosos... Apenas não neste momento.

Foi então que sua mente registrou as palavras do homem. Ele havia dito “os temíveis cavalos *de Hades*”!

Lina se encolheu por trás do animal mais próximo. *Merda!* Aquilo significava que o Batman, ali, era o deus do Submundo!

Fechou os olhos e contou até três. Respirou fundo e se afastou dos animais que ainda demandavam de carinho.

— Eu sinto muito. Foi muito rude da minha parte não me apresentar. Sou Perséfone, filha de Deméter. Ela mandou avisá-lo de que eu estava vindo para uma visita.

Os olhos do deus se arregalaram de leve, porém ele não respondeu.

Lina prosseguiu:

— Eu não quis perturbar os mortos, verdade. Peço desculpas se fiz algo que não devia ter feito.

Ele permaneceu em silêncio, e o estômago de Lina se contraiu.

— Você deve ser Hades. Espero não ter chegado em um momento inconveniente?

— Eu a reconheço agora, deusa — ele falou, sério. — Recebi o aviso de sua vinda.

Lina sentiu uma ponta de surpresa. Ele a reconhecera? Não esperava que Hades conhecesse Perséfone. Deméter não havia mencionado nada sobre isso.

— Não fez mal algum — ele prosseguiu, seco. — Acontece que o Submundo não é normalmente visitado por imortais. Os mortos não estão acostumados com a presença de outros deuses.

Lina tentou sorrir, embora o olhar penetrante de Hades fizesse com que ela tivesse vontade de se encolher.

— Foi ideia de minha mãe — comentou e se arrependeu no mesmo instante.

Droga. Parecia uma adolescente. — Também achei que seria bom eu sair um pouco — acrescentou depressa.

Hades ergueu uma sobrancelha escura, assim como Batman teria feito.

— Deméter me disse que o Submundo é cheio de magia e beleza — ela repetiu, sincera. — Fiquei com vontade de ver por mim mesma.

— Há muitas maravilhas no meu reino que passam despercebidas pelos imortais lá de cima — ele falou devagar.

— Então não se importa que eu as visite?

O deus a estudou com olhos escuros e impenetráveis. Antes que desse uma resposta, contudo, o garanhão mais próximo de Lina colou as orelhas na cabeça, e, com um relinchar, arreganhou os dentes para a silhueta clara que se aproximara dela.

Com um grito, Eurídice saltou para trás.

No mesmo instante, Lina se pôs à frente do cavalo, fazendo com que o enorme animal desistisse de seu ataque.

Com as mãos nos quadris, ela o repreendeu:

— *Que coisa feia!* Eurídice estava apenas chegando perto de mim, ela não ia fazer nada de errado... E vocês já assustaram as outras almas. Deviam ter vergonha!

Contrariado, o cavalo abaixou a cabeça e piscou para ela com olhos tristes.

Hades observou a jovem deusa repreender seu corcel, incrédulo. O que ela havia feito com Órion? Lançado algum feitiço sobre ele?

Olhou os outros três garanhões, os quais balançavam a cabeça e olhavam, fascinados, para Perséfone. Que tipo de magia possuía a deusa da Primavera? Ele a tinha visto umas poucas vezes em suas raras incursões à superfície. E o que observara fora uma deusa jovem, bela e fútil, à qual ele dera tanta atenção quanto ao restante dos imortais.

A mulher diante dele, no entanto, parecia muito mais centrada e dona de um inconfundível ar de maturidade.

E ela encantara suas montarias.

Hades balançou a cabeça, inconformado. Que sentimento era aquele que Perséfone despertara nele? Curiosidade?

Eras haviam se passado desde a última vez em que se sentira levemente curioso a respeito de outro ser.

Que coisa intrigante! O simples pensamento de ter considerado a deusa da Primavera interessante o fez ter vontade de rir às gargalhadas.

Tomou uma decisão e se obrigou a falar antes que mudasse de ideia.

— É bem-vinda ao Submundo, Perséfone.

Lina piscou, surpresa. A voz do deus tinha mudado, assim como sua expressão sombria. Agora ele a fitava com uma intensidade quase tangível. Seus olhos não pareciam mais distantes e ilegíveis. Eles brilhavam com uma ponta de curiosidade e, ela quase podia jurar, com humor, se não soubesse que ele era o deus do Submundo.

Hades se parecia, mesmo, com o Batman. Aliás, com o Batman *sexy*, num daqueles dias em que o Coringa não o apoquentava. Ele era tão másculo que irradiava poder. A descrição apressada que Deméter fizera dele definitivamente não a preparara para a presença daquele deus.

— Obrigada, Hades. Agradeço sua hospitalidade — murmurou, um pouco ofegante.

— Venha, então. Vou lhe mostrar meu palácio. — Ele fez um gesto magnânimo e abriu espaço ao seu lado na biga.

Lina desviou o olhar para os cavalos.

— É melhor eu me despedir deles primeiro...

Hades notou quando, sem qualquer hesitação ou medo, a deusa retornou para o meio dos gigantescos garanhões e foi cercada por eles. Uma pequena e estranha esfera de luz a seguia, fazendo com que a pelagem escura dos animais brilhasse, ao mesmo tempo que encerrava a moça em um círculo iluminado e deixava seu rosto claramente visível. Ele pôde vê-la

sorrindo como uma menina enquanto acariciava um cavalo por vez e se perguntou: onde estava a fútil e egocêntrica deusa da Primavera? Aquela Perséfone madura e amante dos cavalos não era o que ele esperava.

— Vocês são todos umas gracinhas, meninos. Não fiquem tristes. Não estou mais zangada.

Hades custou a acreditar, contudo seus apavorantes corcéis a acariciavam e relinchavam feito pôneis.

Rindo, Perséfone finalmente saiu do meio deles. Sentiu que o deus ainda a observava e sorriu para ele.

— Adoro cavalos. E você?

A expressão radiante no rosto dela fez o estômago de Hades apertar. Que deusa olhara para ele daquele modo antes?

Sentiu a boca seca e soltou o ar, contrariado.

— Eu também.

Lina se perguntou como podia se perder diante de apenas duas palavras pronunciadas por aquela voz grave e profunda. Por algum motivo ridículo, sentiu o rosto quente e se virou rapidamente para acarinhar o pescoço liso de um garanhão.

Que diabo havia de errado com ela? Precisava se controlar. Era uma mulher adulta. Não tinha razão para ficar com os joelhos fracos e os olhos estatelados apenas porque Hades acabara se revelando tudo, menos um sujeito aborrecido ou um *troll*... um daqueles gigantes do folclore escandinavo.

Olhou para ele.

Senhor! O homem a deixava nervosa.

Recluso e sombrio..., pensou, cínica. Deméter devia ter adicionado “deslumbrante” à descrição.

Merda! Precisava começar a pensar nele como nada mais do que um... executivo de nível superior.

Um executivo de nível superior incrivelmente poderoso.

Negócios, Lina. Esta viagem é apenas de negócios. Lembre-se disso!, falou a si mesma com firmeza.

— Estou pronta. — Endireitou os ombros, deu no cavalo um tapinha final, e começou a se aproximar de Hades.

Parou.

Droga. Tinha acabado de repreender os cavalos por mau comportamento, e lá estava ela, reagindo à presença de um homem bonito como uma adolescente idiota e se esquecendo dos bons modos.

— Eurídice! — chamou, afastando-se da biga para que pudesse enxergar a alma que permanecia, nervosa, pouco atrás dela. — Vamos... Hades vai nos dar uma carona.

Os olhos da menina continuaram arregalados de medo.

— Oh, não, senhora. Eu não poderia ir com... — ela começou, então calou-se, impotente.

Lina suspirou. Eurídice parecia uma corsa pálida e assustada.

— Querida, eu jamais continuaria sem você. Afinal, foi uma guia maravilhosa e uma boa amiga. — Ela se voltou para o deus. — Seu palácio não fica no caminho para os Campos Elísios?

Ele anuiu em silêncio.

— Há algum problema se Eurídice for conosco?

Em vez de responder a ela, Hades voltou a atenção para a pequena alma:

— Não tenha medo, criança. Pode se juntar à sua senhora.

Sua voz tinha mudado outra vez, Lina notou. Agora ele parecia um pai persuadindo a filha tímida. Sua expressão também suavizara, e o olhar intenso com o qual a havia estudado se fora. Parecia gentil e, repentinamente, muito mais acessível e compreensivo.

De algum modo, também parecia mais velho do que antes.

— Como quiser, meu senhor — Eurídice respondeu com voz doce. Conseguiu até mesmo ensaiar um sorriso enquanto tentava contornar os quatro garanhões para se juntar a Lina.

— Não precisa mais se preocupar — Lina afirmou, obrigando-se a desviar os olhos do rosto de Hades para acenar em direção aos animais. — Eles vão se comportar.

Eurídice lançou um olhar nervoso para os corcéis e tomou o cuidado de manter a deusa entre eles, mesmo que os cavalos não dessem nenhum sinal de que iriam atacá-la. Encontravam-se ocupados demais adorando Perséfone.

O chão da biga ficava bem acima do solo, e, agradecida, Lina aceitou a ajuda de Hades para subir. A mão grande e quente envolveu a sua, e Lina ficou surpresa ao sentir a aspereza de calos contra a palma lisa de Perséfone.

Perguntou-se qual era o trabalho de Hades, e o que ele fazia com as mãos, porém não teve tempo para continuar. Tão logo puxou Eurídice para cima do veículo, Hades gritou um comando, e a biga arrancou, fazendo uma volta fechada e mergulhando na abertura que se formara na terra.

Olhando por cima do ombro, Lina avistou a fenda se fechando atrás deles. Engoliu em seco e puxou Eurídice para a frente, agarrando-se à borda lisa do carro e prendendo a moça dentro do círculo de seus braços para que ela não caísse.

A esfera de luz se manteve acima de seu ombro direito, porém sua iluminação já não era necessária. Tochas brilhavam de arandelas de prata, iluminando as paredes altas e lisas do túnel escuro através do qual eles voavam.

— É como a *Batcaverna*!

Lina percebeu que tinha falado em voz alta quando Hades se voltou na sua direção, lançando-lhe um olhar inquiridor.

— Eu estava me perguntando se havia morcegos nesta caverna... — Ela disfarçou, sem graça.

— Sim, muitos.

Lina desviou o olhar para a capa que voava atrás dele.

— Aposto que são morcegos grandes — falou, irônica.

Hades bufou, soando como um de seus apavorantes corcéis.

— Tem medo de morcegos, Perséfone?

— Nunca pensei sobre isso — ela respondeu com sinceridade. — Na realidade, não sei muita coisa sobre eles.

— É normal ter medo do que não conhecemos — ele observou.

Seu tom era ainda paternal e um pouco condescendente, Lina concluiu.

Levantou uma sobrancelha. Se ela pensasse daquela maneira, os acontecimentos do dia a teriam paralisado.

— Não considero que isso seja normal, e sim um sinal de imaturidade — afirmou com

segurança.

Hades bufou mais uma vez, e Lina se viu irritada com tal comportamento.

— Assim nos diz uma deusa muito jovem...

— A maturidade nem sempre pode ser medida em anos — ela retorquiu, irritada. Ele podia ser o “Mister Mundo do Inferno”, ou ser parecido com o Batman, mas teria uma surpresa se tentasse tratá-la como uma juvenzinha estúpida.

A única reação de Hades foi um olhar penetrante. Em seguida, gritou outro comando para os cavalos, e estes aumentaram a velocidade, tornando qualquer conversa impossível.

Lina concentrou-se em se agarrar à biga e ter certeza de que não perderia Eurídice em uma daquelas guinadas.

Quando começava a achar que suas mãos criariam garras de tanto segurar com força o veículo, Hades levantou a lança de duas pontas para o teto. Um facho de luz explodiu das ponteiros, fazendo a passagem subterrânea se abrir e o chão se inclinar para cima.

Com um barulho ensurdecedor, a biga saiu da passagem aberta e, em meio a uma impressionante chuva de faíscas, causada pelos cascos dos cavalos, deslizou até parar.

Lina olhou ao redor, emudecida. O primeiro pensamento que a atingiu foi que não estava mais escuro. O céu acima deles era claro e, embora não houvesse nenhum sol, brilhava como uma paleta de lindas cores pastéis, as quais variavam do mais suave violeta, passando pelo azul-turquesa do Caribe, até o amarelo dos ranúnculos. Pôde ouvir o canto lírico das aves, e a brisa que acariciava seu rosto trazia consigo um aroma doce e familiar.

Respirou profundamente. Onde tinha sentido aquela fragrância maravilhosa antes?

Seus olhos se desviaram da beleza sutil do céu sem sol, e sua pergunta foi respondida. Árvores altas e imponentes, que ela reconheceu como ciprestes, ladeavam o caminho, e, em vez de terem crescido em um terreno pantanoso coberto por musgo ou lama, a área sob elas estava forrada de flores. Flores enormes, da cor do luar, que ela soube identificar de pronto.

— Narcisos! — exclamou, surpresa.

Hades a fitou.

— Sim, o narciso é a flor do Submundo. — Ele respirou fundo. — Não me canso de seu doce perfume.

Lina nada disse, porém sua mente refletiu sobre quão irônico era Deméter ter usado a flor do Submundo para trocar sua alma com a de Perséfone. Então a deusa da Colheita tinha apenas respondido à sua invocação? Queria apenas ajudá-la com a padaria porque era uma espécie de “Boa Samaritana do Olimpo”? Não possuía nenhuma missão secreta como, por exemplo, mandá-la para o inferno no lugar de Perséfone?

Olhou para o deus a seu lado. Ele não parecia disposto a saltar sobre ela e estuprá-la. Mas também não era o ídolo que a deusa da Colheita descrevera. Em muito pouco tempo Hades fora intenso, *sexy*, intimidador e gentil. Estava muito distante de ser um deus aborrecido, assexuado e sem qualquer interesse pelos mortos.

O que Deméter pretendia?, perguntou-se Lina. Ela não era uma menina tola, que acabara de deixar as fraldas.

De qualquer forma, manteria os olhos abertos e a guarda alta, afinal tinha um trabalho a fazer, e só voltaria para casa depois de cumpri-lo.

Hades bateu as rédeas, e a biga começou a avançar novamente. Mas, desta vez, a uma velocidade mais moderada. A floresta em ambos os lados era densa e antiga. Aves exóticas

voejavam, brincando nas árvores e chamando umas às outras com seu canto melódico. As raízes dos ciprestes descansavam sobre o manto de narcisos e, ocasionalmente, ela ouvia o sussurro de um riacho.

Avistou um lago cristalino, refletindo o céu aquarelado. De vez em quando, pensava ter visto a sombra de espíritos, mas, se tentava focar nas imagens, estas desapareciam.

No fim, nenhuma outra alma atravessou seu caminho.

— É tão lindo! — disse Eurídice com a voz abafada como a de uma criança na igreja.

— É mesmo — Lina concordou. Então olhou para o globo brilhante que pairava sobre seu ombro. Abrindo a mão, sustentou-o com a palma voltada para cima. — Acho que não precisamos de você no momento...

Imediatamente, a luz reagiu. Mergulhou em sua palma e, com um estalo, se dissolveu.

Lina sentiu a palma formigar e teve que se esforçar para não esfregá-la contra a túnica. Em vez disso, abriu um grande sorriso para Eurídice e fingiu ser normal ter bolas de luz inteligentes, desaparecendo em sua pele.

— Ora, veja — disse à menina. — Você tinha razão em não ter medo. Não há nada terrível ou assustador aqui.

O deus sombrio a seu lado concordou com um gesto de cabeça e sorriu gentilmente para o espírito da menina.

— Assim como no seu caso, criança, a morte não precisa significar terror. Você poderá passar a eternidade desfrutando as delícias dos Campos Elíseos, ou, se preferir, beber do Lete, o Rio do Esquecimento, e renascer para outra vida mortal.

Lina tentou esconder sua surpresa. Almas podiam optar por renascer?

Olhou para a menina muito quieta no círculo protetor de seus braços. Ela morreria tão moça... Certamente desejaria a chance de renascer e viver uma vida longa e plena.

— Que maravilha, Eurídice! — Lina sorriu para ela. — Você pode apenas descansar um pouco e passear pelos campos como se estivesse de férias, como eu! Depois pode beber do Rio do Esquecimento e ter toda uma nova vida para viver.

O sorriso de Lina se desvaneceu quando ela viu o rosto pálido de Eurídice ficar quase incolor, e o pavor refletido em seus olhos.

— O que foi, querida?

— Por que não posso ficar com você, Perséfone? — Eurídice pediu, aflita. — Eu não quero renascer. *Não quero...* Mesmo se eu esquecer a minha vida passada, eu poderia cometer os mesmos erros, poderia escolher o mesmo... — Sua voz falhou em meio a um soluço, e ela mergulhou o rosto nas mãos.

Lina olhou para Hades e envolveu a menina nos braços.

Hades estudou o espírito da moça com uma expressão sábia no olhar.

— Acalme-se, criança. Enquanto a sua senhora permanecer no Submundo, você terá acesso a ela. Silêncio, agora. Suas lágrimas não são necessárias. Elísia é diferente para cada espírito mortal. E ficará em Elísia ao lado de Perséfone.

Lina sorriu para Hades, agradecida. Eurídice era jovem e estava assustada. Se ele permitisse que a menina ficasse com ela, então esta teria ao menos seis meses para se acalmar. No momento em que ela, Lina, tivesse que partir, Eurídice estaria tão acostumada com o Submundo que não se incomodaria com sua ausência.

Talvez pudesse até mesmo convencê-la a renascer, depois que ela relaxasse e ganhasse

alguma confiança, ponderou.

Perguntou-se o que teria acontecido na breve vida de Eurídice para provocar nela tal dor e fez uma anotação mental para conversarem a respeito quando a pequena estivesse se sentindo mais segura.

— Verdade? — Eurídice levantou o rosto. — Posso ficar com Perséfone? — perguntou, surpresa.

— Tem a palavra do deus do Submundo — Hades respondeu solenemente.

O rosto da moça floresceu com alegria.

— Oh, obrigada, senhor! Prometo servir bem à minha deusa.

Lina acariciou a menina debaixo do queixo.

— Amigos não servem um ao outro, Eurídice.

A moça pensou por um momento antes de falar:

— Se não vai permitir que eu a sirva, vai ao menos me deixar cuidar de você e ter a certeza de que está sendo bem cuidada?

Lina pensou em dizer à pequena alma que era mais do que capaz de cuidar de si mesma. Contudo, a expressão ansiosa de Eurídice freou suas palavras. A menina, obviamente, precisava de alguém em quem concentrar sua atenção. Talvez fosse melhor, pelo menos por algum tempo, que ela se mantivesse ocupada.

— Eu ficaria honrada em ter você cuidando de mim, Eurídice — falou, devolvendo o abraço apertado que a moça lhe deu em agradecimento. — Minha mãe cansou de dizer que eu precisava de uma ama.

Na verdade, era a avó era quem tinha feito o comentário, por ocasião da milésima vez em que ela derramara algum tipo de alimento em si mesma. E fizera o comentário em italiano.

Mas Lina se absteve de partilhar esse detalhe com Eurídice.

— Como vai ver, criança, meu palácio tem muitos cômodos. Terá um quarto próximo ao de sua senhora. — Com um floreio, Hades apontou à sua frente, e as duas mulheres olharam para cima. — Eis o Palácio de Hades.

Eles haviam chegado a um ponto onde a estrada formava um “T”. A ponta esquerda desaparecia na floresta densa, mas foi para o lado direito que Hades chamou a atenção. O caminho fazia uma curva graciosa, circundando um magnífico castelo.

O queixo de Lina caiu. Disse a si mesma para se recompor, porém não conseguiu e ficou de boca aberta como uma caipira. O castelo era feito do mesmo mármore negro da estrada. Acima deles, viam-se vastos telhados e balaústres e impressionantes torres pontiagudas que se estendiam para o céu violeta. E como o caminho, também pareciam feitos de um único pedaço de pedra. Janelas altas e arqueadas, de múltiplas vidraças, encontravam-se iluminadas, dando à enorme estrutura uma aparência convidativa. No topo da mais alta das torres circulares, tremulava uma enorme bandeira negra.

Lina estreitou o olhar e protegeu os olhos com a mão a fim de enxergar o brasão de armas representado em prata. De um lado da bandeira, viu um elmo ornamentado; do outro, a figura de um cavalo de criação.

Sorriu ao perceber que o garanhão lhe era muito familiar.

— É um dos seus temíveis cavalos? — perguntou a Hades, apontando para a bandeira.

— Sim, é Órion. — Ele apontou na direção do cavalo líder, que virou a cabeça e ergueu as orelhas ao som de seu nome. — Ele é, de fato, um dos meus corcéis, embora hoje seja temível

apenas na teoria...

— Pois eu o considero assustador — murmurou Eurídice.

— Ouviu isso? — Lina chamou o garanhão negro, e Órion virou a cabeça outra vez, relinchando em resposta. — Sua reputação está garantida.

Hades deixou escapar um som de desgosto, que Lina ignorou.

— Seu palácio é incrível. Mal posso esperar para vê-lo por dentro.

— É uma maravilha que poucos imortais experimentaram. — Ele soou como um pai carinhoso falando com orgulho de um filho, e foi fácil entender por quê.

Lina estava certa de nunca ter visto coisa igual. Aquilo não se comparava às velhas mansões de Tulsa, muito menos às magníficas construções antigas de Florença.

A biga percorreu a estrada que cercava o palácio e, conforme eles fizeram a curva, ela se viu sem fôlego. Jardins bem cuidados

se estendiam, fileira após fileira, por detrás do palácio. Fontes adoráveis borbulhavam alegremente, e os arbustos tinham sido podados em formas geométricas perfeitas. As flores brotavam em profusão, e ela reconheceu muitas delas: orquídeas, lírios, rosas, e, claro, o sempre presente narciso, bem como várias plantas que lhe eram desconhecidas.

Não obstante, todas possuíam algo em comum:

— Todas as flores são brancas! — observou, perplexa.

Não que fossem todas iguais. Ela não havia percebido, até então, quantos tons de branco poderia haver.

Naquele momento tinha diversos tons brilhando à sua frente: desde o branco puro e brilhante da neve recém-caída à iridescência sutil das pérolas. E cada um com uma cadeia única de pigmentos.

— É a cor do Submundo — explicou Hades. — O branco representa a pureza da morte.

— Eu pensei que o preto fosse a cor da morte.

— Também. Cada um dos animais negros está ligado a mim. O negro da noite e as sombras nasceram no meu reino, assim como a escuridão da pequena morte conhecida como sono. O branco e o preto são as mais perfeitas das cores, Perséfone. E ambas pertencem ao Submundo.

— Branco para a pureza da morte... Depois da sua explicação, faz todo o sentido, mas até agora eu não teria associado branco com o infer... — Lina se deteve, limpou a garganta e continuou: — ... com o Submundo.

Hades pareceu satisfeito, enquanto conduzia a biga ao longo de uma parte do caminho que bifurcava a partir da estrada principal, e fazia um ângulo por trás do palácio levando a uma edificação comprida e estreita, feita do mesmo mármore preto. Obviamente, um opulento estábulo.

Pararam diante deste, e quatro espectros de homens saíram do edifício, trajados com fardas negras contendo o mesmo brasão em prata da bandeira. Cada um deles assumiu um garanhão.

— Trate-os bem — Hades ordenou aos fantasmagóricos cavaleiros enquanto ajudava Lina e Eurídice a descer do carro, gesticulando para que elas o precedessem no caminho para o palácio. — Eles tiveram um dia... — fez uma pausa, olhando para Lina, e ergueu as sobancelhas escuras — ... incomum.

Ela piscou, surpresa com o tom de zombaria. Em seguida, replicou em voz alta o suficiente para os estribeiros ouvirem:

— Eles me assustaram um bocado... Não são chamados de “os temíveis cavalos de Hades”

à toa. — Cutucou Eurídice com o cotovelo. — Não é mesmo?

A menina esboçou um sorriso e acenou com a cabeça vigorosamente.

— Sim, senhora.

Hades bufou.

Um dos cavalos se curvou e relinchou para Lina como um *colt*, um daqueles potros treinados, fazendo com que um cavalariaço a fitasse, perplexo.

Ela disfarçou uma risada com uma tosse e acelerou o passo para impedir que os garanhões se humilhassem ainda mais.

CAPÍTULO 9

— É ainda mais lindo por dentro! — exclamou Lina, tão fascinada que não conseguia parar de olhar ao redor.

Entraram no palácio por trás, passando por um intrincado portão de ferro forjado. Depois atravessaram um corredor largo que levava a um impressionante pátio, o qual parecia ter sido construído bem no centro da estrutura. No meio desse pátio, havia uma fonte enorme, tão intimidadora como a Fontana di Trevi, em Roma, exceto pelo fato de que o deus que saía das águas, na parte de trás da biga, não era Netuno, e sim Hades em todo seu sombrio esplendor... puxado, obviamente, por seus famosos e temíveis cavalos. Flores brancas cresciam nas moitas em torno dos bancos de mármore: o sempre presente narciso, assim como uma flor delicada que Lina não reconheceu.

— Que flor é aquela? — perguntou ao deus.

— É uma abrótea — ele respondeu, lançando-lhe um olhar estranho. — Surpreende-me que não a reconheça, Perséfone.

Lina engoliu em seco. Evitando o olhar afiado do deus, ela se curvou, fingindo estudar a pequena planta. A deusa da Primavera deveria reconhecer qualquer flor!

— Ah, claro. — Riu, nervosa. — Eu a reconheço agora. Essa luz incomum fez com que ela me parecesse estranha. — Estendeu um braço, de modo a observar a luz suave e rosada sobre a pele cor de alabastro de Perséfone. — É tão diferente da luz solar! Ela faz tudo parecer alterado de alguma forma. Até mesmo coisas que me deveriam ser familiares.

Sorriu diante da ironia de que seu braço não lhe parecia nada familiar.

— A luz no meu reino foi criada por mim, e é tão diferente do mundo de Apolo como eu sou do deus da Luz. — A voz de Hades soou irritada, e ele se pôs imediatamente na defensiva.

— Ah, bem... — Lina começou, pouco à vontade. — Eu não disse que não gostei, pelo contrário: acho linda. É apenas diferente.

Ele não respondeu. Apenas a observou com seus olhos intensos e expressivos.

Lina pensou que não era à toa que Hades não recebia muitos visitantes. Seu humor era uma verdadeira montanha-russa.

Precisava conversar com ele a respeito disso antes de partir. Poderia muito bem ajudá-lo enquanto estivesse ali, assim como pretendia fazer com todos os mortos.

Na realidade, a ideia era um tanto interessante. O pouco que já tinha visto do Submundo era bonito demais para ser sepultado em superstições e desinformação.

E Hades não era nada parecido com o deus desinteressante que Deméter havia descrito.

Lina o olhou de esguelha. Ele era como uma pantera volúvel e intrigante.

O que o deus necessitava era de uma boa campanha de *marketing* para provocar uma mudança em sua imagem.

Não pôde deixar de sorrir, discreta. Sempre fora excelente em mercadologia.

Os três caminharam devagar pelo enorme pátio, e logo Lina se encontrou completamente absorta no seu entorno. Lindas estátuas de deuses e deusas nuas pontilhavam a área; tão benfeitas, em mármore de cor creme, que pareciam de carne e osso.

Sorriu. Esperava que seu emprego temporário não a mantivesse ocupada demais, assim poderia desfrutar o jardim. Aquele era um lugar perfeito para se sentar, beber um gole de

vinho e ficar sonhando.

— Após essa nossa viagem, imagino que queiram repousar um pouco — Hades falou de repente. — Mas eu gostaria que vocês se juntassem a mim para uma bebida — acrescentou depressa, como se esperando que ela fosse recusar, e ele precisasse oferecer um bom argumento. — A menos que esteja muito cansada, o que é compreensível.

— Não estou cansada, e sim faminta — Lina sorriu para o sombrio deus, querendo deixá-lo à vontade.

— Muito bem. — Hades suspirou, a expressão relaxando um pouco. — Vou lhe mostrar o seu quarto. — Acenou para Eurídice. — E também o seu, criança, o qual, pode ficar certa, será perto dos aposentos de sua senhora.

A moça sorriu, feliz, e Lina sentiu-se agradecida ao deus pela compaixão que ele vinha demonstrando por Eurídice.

Conforme continuaram pelo pátio, Lina vasculhou a memória. O que sabia acerca de Hades? Não se lembrava de ter lido muito sobre ele. Era o rei do Inferno que tinha sequestrado a jovem Perséfone, mas, o que mais?

Seu estoque de conhecimento se agitou e sussurrou:

Hades. Melancólico, recluso, rígido... O deus sombrio se enriquece com as lágrimas dos mortais.

Lina tentou não franzir o cenho enquanto ouvia sua voz interior. Hades não agia como se as lágrimas de Eurídice o beneficiassem de alguma forma. Na verdade, parecia o oposto.

Confusa, bloqueou a mente para o eco de Perséfone e sorriu, distraída, para sua companheira, que comentava sobre a beleza das flores brancas.

O gigantesco pátio chegou ao fim, e eles chegaram a duas grandes portas de vidro, as quais se abriram sem que Hades as tocasse.

Magia, deduziu Lina, tentando não parecer assustada. Não podia demonstrar surpresa diante daquele tipo de coisa.

Preciso agir como uma deusa. Preciso agir como uma deusa. Preciso agir como uma deusa, lembrou a si mesma, recitando o mantra em silêncio.

Hades abriu espaço e fez um sinal para que ela adentrasse o palácio.

Para Lina, foi como pisar em um sonho. O chão era do mesmo mármore escuro e inteiriço que compunha a estrada e o exterior do palácio, contudo as paredes internas eram diferentes: de ébano, com veios de um branco pálido. Dia e noite mesclados com harmonia. Arandelas de prata ostentavam tochas que ardiam alegremente. Dos tetos altos, notou Lina com os olhos voltados para cima, pendiam lustres feitos de pedras preciosas e velas. As chamas banhavam as joias e brilhavam como o sol batendo nas águas.

Bem acima de suas cabeças, havia uma verdadeira cachoeira de ametistas. Um pouco mais à frente, no saguão, um candelabro pendia, aparentemente trabalhado em topázio. Mais adiante, outro lustre piscava com o verde puro e perfeito das esmeraldas.

— Joias! — Ela balançou a cabeça, admirada. — Os lustres são mesmo feitos de pedras preciosas?

— São. Não fique tão surpresa, minha deusa. As pedras não são encontradas nas profundezas da Terra? E o mais profundo reino da Terra não é o Submundo? — Hades parecia divertido.

— Eu não sabia que era o deus das joias, também — Lina sussurrou, ainda incapaz de tirar

os olhos da maravilhosa vista.

— Há muito sobre mim que outros imortais não sabem — ele afirmou.

— Senhor, perdoe-me por estar atrasado. Pensei que fosse entrar pela frente do palácio.

A nova voz fez Lina desviar os olhos dos lustres carregados de riquezas. Um homem corria pelo saguão em sua direção. Vestia uma espécie de toga branca, assim como a que Hades usava, porém menos volumosa.

Ele se aproximou do deus do Submundo e se inclinou respeitosamente.

— Não há problema, Iapis. Eu apenas imaginei que a deusa Perséfone fosse apreciar entrar pelo pátio.

— Com certeza, senhor. — O homem se curvou outra vez para Hades antes de se voltar para Lina. — Deusa Perséfone... É um enorme prazer receber a primavera no Submundo.

A medida foi formal, porém seu sorriso era sincero, e a primeira impressão de Lina foi de que Iapis era como um daqueles impecáveis mordomos ingleses, do tipo que Anthony Hopkins interpretara em *Vestígios do Dia*. A diferença era que ele usava uma túnica, tinha mais cabelos e estava morto.

Sorriu gentilmente, tentando se esquecer daquela última parte.

— Obrigada. Pelo pouco que vi do Submundo, já estou muito bem impressionada.

— Senhora, os baús que sua poderosa mãe enviou já foram abertos, e seus trajes, dispostos em seus aposentos. Se me seguir, eu lhe mostrarei o caminho e cuidarei para que permaneça bem instalada. — Iapis olhou para Hades. — Se isso lhe convier, senhor.

— Sim, sim. — Hades acenou com desdém. — Entende melhor dessas coisas do que eu, Iapis. Ah... Arrume um cômodo próximo ao da deusa para esta pequena. Ela optou por ficar ao lado de Perséfone.

Iapis aquiesceu solenemente.

Hades virou-se para Perséfone.

— Basta chamar Iapis quando estiverem prontas, e ele lhes mostrará o caminho até mim.

O deus do Submundo inclinou a cabeça, deu meia-volta e se afastou depressa.

Lina o acompanhou com o olhar, vendo-o desaparecer numa esquina com a longa capa adejando às costas.

Batman. Não podia evitar. Ele a fazia se lembrar do super-herói.

E, tinha que admitir, ela sempre se sentira ridiculamente atraída pelo Batman. Mais ainda pelo beicinho de Val Kilmer.

E Hades, assim como o ator, era dono de lábios muito sensuais...

— Senhora? — chamou Iapis.

— Oh, desculpe. Eu estava tão distraída com... com esses lustres! Eles são tão incomuns. Estou encantada com a beleza do palácio. — Lina percebeu que falara demais, mas não conseguiu se conter.

Iapis inclinou a cabeça diante do cumprimento, ignorando deliberadamente o fato de que o rosto dela havia corado de repente.

— O próprio Hades constrói esses lustres.

— Verdade?! — Lina ficou ainda mais abismada.

Iapis acenou para que ela o precedesse ao longo do comprido corredor à sua direita, e Lina caminhou lentamente, com Eurídice a seu lado.

— Sim. — A voz do criado assumiu um tom professoral conforme ele andava e falava: —

Hades supervisionou cada aspecto da criação de seu palácio e das terras circunvizinhas. Nenhum detalhe era pequeno demais para receber a atenção do meu senhor. Nada escapou à sua observação. Ele tem olhos de artista para com as cores e texturas, e um apurado senso estético. Este palácio é um verdadeiro monumento ao deus do Submundo.

Lina ponderou sobre as palavras de Iapis. Então o deus austero, contemplativo, assexuado e avesso a mortais produziu as maravilhas que a cercavam. Tinha “olhos de artista” e um “apurado senso estético”.

Poderia um deus tão aborrecido e sem entusiasmo ter criado uma beleza tão ímpar e com tanta atenção aos detalhes? Ela não entendia nada sobre imortais, contudo possuía o conhecimento de uma mulher madura acerca dos mortais...

E não imaginava que um homem sem qualquer paixão fosse capaz de tal criação.

— Gosto das flores entalhadas nas paredes — comentou Eurídice timidamente, apontando para a coroa que moldava cada janela e porta em arco sob as quais eles passavam.

— Ah, sim. Hades aprecia muito os narcisos e os acrescentou a vários detalhes do palácio. — Iapis sorriu para o espírito da moça.

— Sinto muito, parece que me esqueci das boas maneiras hoje! — lamentou Lina. — Iapis, esta é minha amiga... — fez uma pausa ao perceber que a menina prendera a respiração ao ouvir a palavra “amiga” e lançou-lhe um olhar carinhoso — ... Eurídice.

Iapis parou para cumprimentar a menina, e esta respondeu com uma graciosa reverência.

— Vou cuidar de Perséfone — afirmou, surpreendendo Lina com sua determinação.

— Tenho certeza de que vai fazer um trabalho admirável — professou Iapis, condescendente. — Talvez devêssemos nos encontrar diariamente para que você possa me manter informado sobre os desejos de sua senhora.

— Sim, é uma boa ideia — Eurídice acedeu.

Lina se manteve em silêncio. Não queria desmanchar a expressão feliz no rosto da moça. Gostando ou não, tinha definitivamente ganhado uma babá.

— Podemos continuar, senhora?

Lina aderiu e prosseguiu pelo corredor espaçoso. À sua direita, a parede repleta de janelas proporcionava uma maravilhosa vista do pátio do palácio. Ela já perdera a conta do número de salas que se espalhavam à sua esquerda, no entanto havia tido alguns vislumbres de cômodos ricamente mobiliados e algumas silhuetas semitransparentes deslizando pelos cantos.

Sim, o belo Palácio de Hades podia ser qualificado como um castelo assombrado.

Lina pensou em todos os *A & E Specials* a que ela assistira ao longo dos anos: “Hotéis Assombrados da Europa”, “As Dez Mansões Mais Assombradas”, “A Lista das Pousadas Assombradas de A & E”...

Com o canto dos olhos, viu outro espírito passando. O canal *Arts & Entertainment* adoraria aquele lugar.

Iapis as guiou pelo corredor aparentemente interminável. Deram várias voltas, e Lina sentiu-se perdida, até que, por fim, pararam em frente a uma grande porta revestida com prata entalhada na forma de um narciso em flor.

— Perséfone, este será o seu quarto — anunciou Iapis.

Tal como acontecera com Hades, a porta se abriu sem que Iapis tocasse a maçaneta de prata.

Um perfume doce de floração recebeu Lina quando ela pisou no cômodo.

Grandes buquês da cor da lua, cuidadosamente arrumados em vasos de cristal, pontilhavam o opulento cômodo. Uma das paredes possuía janelas do chão ao teto, que se abriam para uma ampla varanda em mármore. Cortinas de veludo creme eram presas por grossos cordames de prata para que a vista da parte traseira do castelo fosse espetacular. Fogo crepitava em uma lareira de tamanho normal, e diversos armários de madeira escura recostavam-se numa das paredes, divididos por uma impressionante penteadeira, a qual se encontrava repleta com todos os tipos de item para o toalete feminino.

Mas o que mais chamou a atenção de Lina foi a enorme cama de dossel. Era a peça de mobília mais magnífica que ela já havia visto. A roupa de cama combinava com o cortinado de veludo e era decorada com bordados de prata. As cortinas do dossel tinham uma cor pálida que lembrava neblina, e parecia quase etérea em sua diáfana delicadeza.

— O seu quarto de banho é ali, senhora — explicou Iapis, apontando para uma versão menor da porta de entrada incrustada em prata.

— Já organizei suas roupas e outros itens. Por favor, avise-me caso estes não estejam ao seu gosto.

— Tenho certeza de que tudo está perfeito. Obrigada, Iapis. Os aposentos são maravilhosos. O rapaz fez uma medida.

— Eu apenas segui as instruções de meu senhor. Quando a deusa Deméter enviou a Hades uma mensagem, dizendo que a deusa da Primavera faria uma peregrinação pelo reino, ele ordenou que este quarto fosse preparado especialmente para a senhora.

— Se a deusa precisar de algo, ela me informará, e eu direi a você — interpôs-se Eurídice depressa.

— É claro. E eu sempre respeitarei os seus conhecimentos sobre os gostos de Perséfone.

Lina percebeu com quanta eficiência Iapis disfarçou seu riso, limpando a garganta e fazendo a voz soar sincera e compenetrada. Ele era mesmo muito gentil.

Sorriu em agradecimento, e o rapaz inclinou a cabeça discretamente.

— Vai precisar de ajuda para se vestir, senhora? — Ele quis saber.

— Oh, não! — ela respondeu, apressada, percebendo que Eurídice já começava a assentir. — Posso me virar sozinha... ao menos desta vez — acrescentou, notando o olhar decepcionado da moça.

— Como queira. Quando estiver pronta, basta chamar meu nome, e eu a conduzirei até Hades.

Lina acenou e sorriu, como costumava fazer com qualquer pessoa.

— Até lá, senhora, vou deixá-la a sós. — Ele se curvou respeitosamente. — Eurídice, seus aposentos ficam no final do corredor. Gostaria que eu a levasse até lá?

A menina a fitou, nervosa, e Lina afagou-lhe o braço, tranquilizando-a.

— Vá em frente. Vou ficar bem. Se precisar, eu ligo — prometeu Lina, sem pensar.

Iapis e Eurídice franziram o cenho.

— Claro... — concordou o fantasmagórico mordomo, confuso. — Se sua senhora precisar de ajuda, ela a convocará com uma só palavra.

Lina deu um suspiro de alívio quando seu deslize passou despercebido. Ela havia dito que “ligaria” no sentido de usar um telefone celular!

— Se a senhora tem certeza de que não precisa de mim... — murmurou Eurídice.

— Eu vou ficar bem, já disse. Vá ver seu quarto.

— Vai me chamar se precisar de ajuda?

— Claro que sim, querida! — reafirmou Lina, tentando ser paciente, pois tudo o que queria era uma chance de ficar sozinha e pôr os pensamentos em ordem.

— Venha, Eurídice — Iapis chamou a menina, e esse foi o incentivo final para que ela deixasse o quarto.

Lina ainda pôde ouvi-los discutindo “os gostos de Perséfone” enquanto a pesada porta se fechava por conta própria. Quase disse “eu preciso de uma bebida urgente!” em voz alta, mas ficou com medo de que um ou ambos corressem de volta para atendê-la.

CAPÍTULO 10

Os armários estavam lotados de roupas bonitas e caras. Vestes de seda, de todas as cores imagináveis, porém em um estilo muito semelhante: largas, com saias longas, algumas com fendas nas laterais e outras não, marcadas por cinturas altas e corpetes justos feitos com tecidos maravilhosos, normalmente drapeados sobre o peito.

Eram todas lindas e sensuais, e contrastavam muito com o estilo despojado de Lina. Em casa, ela escolhia, dependendo do clima, confortáveis moletons, ou *short* e camiseta. Para o trabalho possuía vários terninhos bem cortados, alguns com calças compridas, outros com saias. E tendia a optar por cores neutras, de modo a combinar melhor as peças e expandir o guarda-roupa.

Lina deixou a mão correr pelos materiais acetinados, adorando o contato com o tecido, assim como a mistura de cores. Quando começara a se vestir como uma matrona corporativa?

Provavelmente na época em que desistira do amor.

A conclusão não foi nada agradável, e ela a afastou, tentando se concentrar nos armários. Nas gavetas largas e profundas havia uma infinidade de roupas íntimas, bem como chinelos em couro delicado e camisolas longas e femininas, do tipo que as antigas estrelas do cinema costumavam usar.

— Talvez por isso eles as chamem de “deusas do cinema” — sussurrou enquanto tocava uma *lingerie* particularmente deslumbrante.

A penteadeira tinha sido abastecida com mais maquiagem e parafernália para cabelos do que uma loja de produtos de beleza.

— Se este é o inferno, preciso me lembrar de ser uma menina muito má quando voltar! — murmurou, escolhendo entre uma infinidade de sombras para os olhos.

O banheiro era outra maravilha. A banheira, quase uma piscina. E alguém já a enchera até a boca com uma água quente e convidativa, fazendo-a perceber como estava imunda depois daquela viagem.

Tomaria um banho rápido, trocaria de roupa e renovaria a maquiagem. Depois chamaria Iapis, Eurídice, ou ambos, pensou com um suspiro, e se deixaria escotar até poder desfrutar um refresco na companhia de Hades.

O que se come no inferno?, perguntou-se enquanto perambulava pelo enorme quarto de banho.

— Espero que tenha mais ambrosia — disse, correndo os olhos pela coleção de vidros coloridos de várias formas e tamanhos sobre a laje de mármore. Tirou a tampa de cada um deles, sentindo seus perfumes, até encontrar um de que gostou mais: o que cheirava a lírios.

Jogou um pouco deste na banheira. Na outra borda, apanhou um pente e utilizou-o para fixar a massa de cabelos, a qual prendeu no topo da cabeça.

Despindo-se rapidamente, deslizou para dentro da deliciosa água quente e mergulhou até o pescoço com um longo suspiro de satisfação.

Poderia ficar ali para sempre, mas se lembrou de que Hades esperava por ela, e não queria que Iapis fosse obrigado a apressá-la.

Assim, acelerou a maravilhosa experiência do banho, prometendo a si mesma que muito em breve mimaria a si própria com uma longa imersão.

Erguendo-se para fora da água, procurou por uma toalha, que logo localizou em um aparador próximo ao enorme espelho.

E congelou, transfixada por seu reflexo.

Não, não era seu reflexo, lembrou a si mesma. Era o de Perséfone.

E ela era realmente uma deusa.

Claro que tinha percebido antes que seu corpo estava diferente. Sabia que sua alma agora possuía um corpo de mulher mais jovem e bonita.

Mas não fazia ideia.

Com a mão delgada, traçou um caminho junto a uma das maçãs do rosto perfeito. Era deslumbrante. Os olhos luminosos, de um tom extraordinário de violeta, eram sombreados por espessos cílios negros e sobrancelhas arqueadas. A boca, observou, tocando-a, era carnuda e de um vermelho pálido. Ela soube disso porque, quando seu olhar percorreu o restante do corpo nu, suas faces se tingiram do mesmo tom.

Perséfone era exuberante. Seus seios eram altos e redondos, tão perfeitos quanto o resto dela.

Tocou de leve um dos montes macios. Em resposta, o mamilo rosado endureceu, enviando uma doce sensação de formigamento por todo seu corpo. Seus adoráveis lábios se entreabriram, e ela soltou um pequeno suspiro.

Aquele corpo era ultrasensível, ou fazia tanto tempo desde que se permitira sentir desejo que já não sabia o que era excitação?

E quanto à vida amorosa de Perséfone? A deusa era virgem ou tinha muitos amantes?

Lina continuou a estudar seu novo corpo, enquanto considerava as perguntas. A deusa era esguia sem ser magra demais. Sua cintura era graciosamente estreita em contraste com os quadris largos e sensuais. As pernas eram longas e bem torneadas, e a região entre elas, coberta com um “V” de macios cachos escuros.

Sua mão moveu-se para tocar o convidativo triângulo, porém Lina piscou, sentindo-se culpada.

Balançou a cabeça, rindo, nervosa, para o reflexo no espelho.

— Tenha a santa paciência! Precisa viver com este corpo. Não pode ter vergonha de olhar para ele! — Apanhou a toalha e começou a se enxugar com vigor, tocando intimamente cada parte de seu novo corpo. — ... Ou para qualquer outra coisa — completou, determinada.

Enquanto escolhia um vestido e penteava, distraída, o emaranhado de cabelos longos, porém, as dúvidas continuaram pairando em sua cabeça. Que tipo de vida Perséfone levava? Ela devia ter ao menos um amante. Com aquele corpo, como poderia ser celibatária?

Por isso Deméter fizera aquela troca? Talvez ela quisesse que a filha ficasse longe de algum namorado indesejado.

Lina suspirou e esfregou a testa. Havia acontecido muita coisa, e rápido demais. Não fazia ideia se os deuses necessitavam dormir, mas ela estava exausta. Precisava beber com Hades de uma vez, assim poderia voltar para o quarto e descansar.

Chamou em voz alta:

— Iapis? Estou pronta!

Dentro de instantes escutou uma batida firme na porta.

— Pode entrar!

A porta se abriu e o rapaz fez uma mesura.

— Por aqui, senhora. — Apontou o corredor na direção de que tinham vindo.

— Obrigada, Iapis... Estou morrendo de fome.

— Acredito que ficará satisfeita com as iguarias que Hades escolheu para honrá-la.

— Hades também cozinha? — Lina ergueu as sobrancelhas.

Iapis riu.

— A senhora verá.

Lina mordeu o lábio e o seguiu. O que estava pensando? Dificilmente havia cozinhas no inferno. Afinal, por que espíritos precisariam comer?

Então se lembrou de Irene apanhando vinho em uma abertura invisível. Devia ser a deusa dos Idiotas, isso sim. Precisava manter a boca fechada e os olhos abertos até que aprendesse todos os detalhes de seu novo emprego.

Iapis interrompeu seu autoflagelo.

— Senhora, devemos chamar Eurídice? Eu não gostaria que a moça pensasse que estou tentando usurpar sua posição...

— Claro. É muito gentil de sua parte, Iapis. — Lina levantou a voz: — Eurídice! Preciso de você.

Quase no mesmo instante, uma porta no corredor foi aberta e a moça surgiu, correndo para o lado de sua senhora em um adejo de trajes diáfanos e cabelos esvoaçantes.

— Oh, Perséfone! Estou tão feliz por ter me chamado! — Ela falou, emocionada, e abraçou Lina.

— Sua senhora imaginou que você talvez quisesse nos acompanhar. Dessa forma poderá encontrar o caminho de volta facilmente, caso ela deseje um refresco em horas ímpares.

Mais uma vez, Lina ficou impressionada com o tratamento que Iapis dispensava à menina.

— Obrigada por colocar a questão tão bem, Iapis — agradeceu, sincera.

— Sem dúvida! — Eurídice anuiu com um gesto de cabeça várias vezes, lembrando um animado filhote de cachorro que fazia de tudo para agradar o dono. — Preciso conhecer tudo por aqui se quiser cuidar bem de Perséfone.

Com um esforço, Lina se absteve de suspirar em voz alta.

— Perséfone, Eurídice, se me seguirem, terei o maior prazer em escoltá-las até o meu senhor.

Iapis as conduziu através de um labirinto de corredores, explicando, principalmente para Eurídice, que, embora o palácio fosse grande, não era difícil andar por ele. Hades o tinha dividido em seções. A parte da frente fora desenhada como o Salão Nobre, onde ele deliberava e ouvia as petições dos mortos. Havia no centro um espaço menor para reuniões, que era para onde eles estavam indo naquele momento.

A sala era ligada à ala dos hóspedes, onde Perséfone e Eurídice se encontravam instaladas, e contava com dois salões de baile.

Lina perguntou-se por que Hades se preocuparia em construir uma ala inteira para convidados e dois salões para dança, quando obviamente não estava acostumado a receber visitas.

Manteve os pensamentos para si mesma, porém, e permitiu que Iapis prosseguisse com sua explicação.

— Existe uma ala inteira do palácio *desenhada* aos aposentos pessoais de Hades. Como pode ver, Eurídice, você só precisará se familiarizar com a posição das diferentes alas para

saber onde está.

— Compreendo. Se me permitirem desenhar, talvez eu possa fazer um mapa simples — sugeriu, olhando, esperançosa, para Lina.

— Claro! Considero uma ótima ideia. Talvez isso possa me ajudar a me localizar, também. Sou terrível com as direções... — comentou Lina. — Iapis, você acha que consegue encontrar alguns materiais de desenho para Eurídice?

— Com certeza, senhora. Será um prazer me certificar de que sua amiga tenha tudo o que desejar — afirmou, solícito.

— Obrigada! — Lina e Eurídice disseram juntas, sorrindo uma para a outra quando suas vozes se mesclaram em harmonia.

Iapis virou em outra esquina e parou diante de imensas portas duplas, as quais, naturalmente, se abriram sem o seu toque para uma sala gigantesca em que uma enorme mesa de jantar negra era o ponto central. Suspensos sobre esta, havia três imensos lustres de cristal.

Lina apertou os olhos diante de sua beleza ofuscante e, de repente, percebeu que as pedras brilhantes não eram cristais.

— Diamantes! — falou Eurídice em voz baixa.

— Isso mesmo — concordou Iapis. — Meu senhor optou por pendurar os lustres de diamantes nesta sala; eles iluminam perfeitamente a mesa de jantar e combinam com os castiçais de crisocola.

Atordoada, Lina correu o olhar primeiro pelos diamantes e, depois, pelos seis candelabros de várias camadas, dispostos ao longo da vasta mesa. Eram feitos de uma pedra azul-esverdeada incomum, na qual velas branco-neve encaixavam-se de modo ordenado.

— Crisocola? — Lina perguntou. — Eu não conhecia essa pedra.

— A crisocola se esconde bem no fundo da terra. — A voz profunda de Hades fez Lina dar um pulo. Ela não o ouvira entrar na sala. — Gosto de sua mistura única de azul-turquesa, jade e lápis-lazúli, mas a razão por que decidi dispor os lustres de crisocola na mesa de jantar foram as propriedades da pedra. — Fez uma pausa, pensativo.

— E quais são as propriedades da pedra? — Eurídice indagou, a voz saindo quase num sussurro.

Hades sorriu calorosamente para ela.

— A crisocola é a pedra da paz. Ela acalma as emoções.

Os olhos de Eurídice se arregalaram.

— É a escolha perfeita para uma sala de jantar!

— Concordo, pequena — interveio Iapis, fazendo a menina corar. Então se curvou para Hades e Perséfone e apontou para a mesa. — Se quiserem sentar, informarei os criados de que estão prontos para serem servidos.

Hades aderiu com um gesto brusco de cabeça e caminhou para a mesa. Puxou uma das cadeiras de espaldar alto, dispostas em frente a uma das pontas do mármore maciço, e fez um sinal para que Lina se sentasse.

— Obrigada — ela agradeceu, alisando as dobras da saia de seda enquanto se acomodava. Estava tão encantada com os candelabros e os lustres que não tinha notado o deslumbrante aparelho de jantar de cristal.

Eurídice seguiu Iapis para fora da sala, deixando-a a sós com Hades, e Lina sorriu, nervosa, tentando não fazer nenhuma bobagem.

Hades havia trocado de roupa, notou. Seu manto era tão impressionante quanto o anterior, e tão escuro quanto a túnica preta, mas aquela roupa apresentava um intrincado acabamento em prata. Os cabelos longos continuavam presos numa trança grossa, contudo ele já não usava a capa.

Qualquer outro homem teria ficado ridículo ou até efeminado naqueles trajes que eram um misto de *Errol Flynn*, *Zorro* e *Gladiador*, ela refletiu.

Mas não Hades.

— Espero que seu aposento esteja a seu gosto.

Que bom!, Lina pensou. Precisava apenas conversar com ele, como se o deus do Submundo fosse um homem normal.

— É adorável, assim como o restante do seu palácio — elogiou, sincera. — Iapis me contou que devo agradecer a você tão calorosa recepção, com as flores frescas, aquele banho maravilhoso e tudo o mais. Obrigada, estava tudo perfeito. É como se eu tivesse sido convidada, em vez de ter invadido seu reino por livre e espontânea vontade.

Hades piscou, aturdido. Nunca tinha visto nada tão bonito como o sorriso envergonhado que aqueceu o rosto à sua frente.

De repente, viu-se fazendo algo que não fazia há séculos: sorriu, inclinou-se para a frente e capturou a mão de Perséfone para levá-la aos lábios.

— Você é muito bem-vinda aqui, deusa da Primavera.

Lina pensou que ia cair da cadeira. Em quarenta e três anos, nunca um homem beijara sua mão.

Agora não tinha certeza do protocolo correto. Deveria deixar a mão na dele? Deveria puxá-la?

Inferno! O que ela queria era beijá-lo de volta!

Em vez disso, sentiu os lábios formando o que, provavelmente, não passava de um sorriso pateta.

— Ahn, obrigada — gaguejou.

Hades soltou-lhe a mão e desviou o olhar. Estava agindo como um tolo impulsivo. Ela era uma deusa... Nunca poderia se esquecer disso.

Lina viu suas feições endurecerem. O que havia de errado?

Não parecia muito lógico, porém tinha a nítida impressão de que aquele aspecto de Hades — o de deus austero e sem expressão — era apenas uma fachada.

Mas por quê?

Merda, só de ouvir seus pensamentos sentia vontade de dar um tapa na própria cara e dizer a si mesma para pular fora daquilo! Em que momento tais ilusões românticas tinham invadido sua mente disciplinada e bem resolvida?

Ela já sabia a resposta: quando encontrara aquele narciso.

Um silêncio desconfortável se estendeu entre eles.

Pense em algo para dizer, ordenou a si mesma.

Respirou fundo e tentou outra vez:

— Muito interessante o que disse sobre a crisocola. Eu não sei muito muito sobre os atributos das pedras. — Olhou para os ofuscantes lustres. — Por exemplo, considero os diamantes lindos, mas não tenho ideia sobre suas propriedades.

— Os diamantes são gemas complexas. — O olhar de Hades também se voltou para cima e,

conforme o tema das pedras preciosas ganhou força, sua voz perdeu a austeridade. — Eles promovem a cura, a coragem e a força. Quando usados por guerreiros, podem verdadeiramente aumentar a força física. Por isso algumas das culturas mortais vão à guerra usando-os no interior de braceletes de platina ou prata.

— E todo este tempo eu só pensava neles como o melhor amigo de uma mulher! — Lina falou, brincando.

— É sua pedra preferida? — indagou Hades.

Lina abriu a boca para responder “sim!”, porém o olhar penetrante do deus a deteve. Algo em seus olhos lhe dizia que ela deveria pensar melhor antes de responder.

Fechou a boca e reconsiderou. Não possuía muitos brilhantes. Na verdade, os que usara tinham sido um presente de seu ex-marido.

Franziu a testa, lembrando-se de como seu belo e caro anel de casamento, um enorme diamante cercado por uma profusão de baguetes, tornara-se um símbolo de escravidão em vez de fidelidade. Seus brincos da mesma pedra, por sua vez, haviam sido uma forma de seu marido aplacar a própria culpa após mais um de seus discursos bêbados em que confessara o quanto o crescente sucesso da *Pani Del Dea* o intimidava.

O colar de brilhantes e o anel coquetel chamativo pertenciam a sua sogra, uma mulher fútil e manipuladora, que nunca gostara dela.

Toda as vezes em que havia usado uma das peças, sentira-se presa à família fria e distante do marido. Consequentemente, parara de usá-las muito antes de deixar de ser sua esposa.

Por tudo isso, quando tinha começado a comprar suas próprias joias, nem mesmo considerara os diamantes.

Sorriu ao pensar nos lindos brincos de pingente com os quais presenteara a si própria em seu último aniversário. Aquela, sim, poderia qualificar como sua pedra favorita.

— Ametista — falou com firmeza. — Minha pedra preciosa favorita é a ametista. Quais são suas propriedades?

Hades pareceu surpreso, porém não decepcionado.

— A ametista é uma pedra espiritual com nenhum efeito colateral ou associações com violência ou a raiva. É a pedra da serenidade. Ela suscita esperanças, acalma os temores e também tempestades emocionais. Mesmo em situações de perigo em potencial, ela pode vir em seu auxílio. É uma escolha sábia para um talismã.

— Estou muito contente em saber isso! — Ela sorriu. — Não é à toa que eu sempre a adorei.

A beleza de Perséfone atordoou Hades. Quando ela sorria, brilhava mais do que os diamantes sobre suas cabeças.

Sentiu o estômago se contrair. Tinha se esquecido do fascínio e do poder devastador da beleza de uma deusa. Sua reação e desejo por ela chegavam a ser primitivos. Sentiu que a paixão que trazia encerrada no peito brotava outra vez, e vontades que julgava extintas havia milhares de anos começaram a vir à tona. Estava impotente na esteira daquelas estranhas emoções.

— A ametista combina com seus olhos.

A voz de Hades soou rouca e sexy.

E o corpo emprestado de Lina respondeu a esta tão rapidamente quanto sua alma.

Ela olhou no fundo dos olhos do estonteante deus.

— Obrigada — murmurou. Desta vez, sua experiência assumiu o comando, e ela não gaguejou nem enrubesceu.

Hades se viu dominado por uma onda de calor que percorreu suas veias. Perséfone não fazia ideia da tentação que representava para ele. Ela era uma deusa. Estava acostumada a atrair a atenção dos homens, mortais e imortais, da mesma forma...

Mas não estava habituada com o senhor do Submundo. Não podia saber como era doloroso para ele vê-la à sua frente, tão jovem, bonita e desejável. Com o retorno da paixão, Hades percebeu que o antigo vazio voltou a brotar, conforme a diferença entre ele e os outros imortais se fazia presente mais uma vez.

Desviou o olhar da armadilha que eram os olhos aveludados de Perséfone.

— Gostaria de vinho? — indagou num suspiro.

— Sim, por favor — Lina aceitou.

Piscou, confusa, ao vê-lo se virar à mesa e gritar pela bebida como se estivesse em um mercado de peixe.

O que tinha acontecido? Hades elogiara seus olhos, e ela apenas o agradecera.

Uma verdadeira descarga elétrica se passara entre eles. Nem mesmo uma mulher mais jovem teria problemas em reconhecer aquela faísca, e ela não era mais nenhuma menina. Havia pensado até mesmo que Hades começara a se inclinar em sua direção e, de repente, a dor sombreara seu rosto, e a atração se estilhaçara.

Respirou fundo. Sentia-se como se alguém tivesse lhe jogado um balde de água fria.

Dois criados correram para a sala, cada um com uma jarra de vinho, e, sem dizer nada, Hades apontou para Perséfone.

— Deseja vinho branco ou tinto, senhora? — Um dos moços quis saber.

— Tinto, por favor — ela respondeu de pronto, sem se importar se o deus mandaria lhe servir peixe, carne, aves ou massa para o jantar. Só esperava que o vinho fosse forte, rico e encorpado, e tomou um longo gole.

Por sorte, a bebida era tudo isso e mais um pouco.

— Deixe esse vinho e traga mais — Hades ordenou ao servo depois que este lhe encheu a taça.

Os dois beberam sem nada dizer.

Hades estudou o prato vazio, desejando ser diferente; desejando que a presença de Perséfone não o lembrasse do motivo pelo qual ele deveria permanecer afastado do restante dos imortais.

— O vinho é excelente. — A voz de Lina invadiu o silêncio.

Ele deixou escapar um grunhido de concordância.

— Prefiro vinho tinto... — ela informou. Agora que começara a falar, não pararia mais. Ergueu a taça de cristal e permitiu que a luz dos diamantes incidisse através dele. — O vinho me faz lembrar os rubis.

Hades permitiu que seu olhar encontrasse o dela novamente.

— Rubis — repetiu a última palavra, aproveitando o tema inofensivo. — Sabia que uma joia feita com rubis pode ser usada para banir a tristeza e os pensamentos negativos?

— Não — confessou Lina, estudando o vinho cor de sangue. — O que mais pode fazer?

— Joias com rubis também podem produzir alegria, força de vontade e reforçar a confiança, bem como dissipar o medo.

Hades notou a ironia das próprias palavras. Talvez, enquanto Perséfone visitasse seu reino, ele também devesse usar rubis.

— Eu não imaginava que as joias podiam ser tão fascinantes — Lina murmurou, olhando mais uma vez para os lustres de diamantes e os candelabros de crisocola. Em seguida, voltou a fitar o vinho escuro. — Na verdade, não tenho pensado muito em joias. Principalmente nos últimos tempos.

Hades ergueu uma sobrancelha escura.

— Uma deusa que não tem pensado muito em joias... É uma deusa única de fato.

Ela sentiu uma pontada na boca do estômago. Havia falado demais? Tinha ficado tão envolvida no que Hades dizia que se esquecera de não ser ela mesma.

Um grupo de criados semitransparente, trazendo bandejas carregadas de comida e seguido por Iapis e Eurídice, entrou na sala.

Lina deu um suspiro de alívio, agradecida pela distração.

— Oh, Perséfone, espere até ver o que foi preparado para você! — Eurídice falou, incapaz de conter o próprio entusiasmo. — Eu nunca vi tantas delícias!

Lina olhou as travessas. Não poderia estar mais de acordo com a menina.

— O cheiro já é fantástico — comentou e observou com expectativa enquanto travessas repletas de cor, aromas e texturas eram dispostas diante dela. Havia grupos de iguarias brancas que, percebeu, consistiam de vários tipos diferentes de pétalas, as quais tinham sido açucaradas, cristalizadas e congeladas em uma flor perfeita. Azeitonas, da verde até a preta, apinhavam-se ao lado de grossos pedaços de queijo, tão apetitosos como as baguetes de pão quente que repousavam a seu lado.

Mas foram as frutas sozinhas numa bandeja que capturaram definitivamente o olhar de Lina. Sua casca rosa-escura fora aberta, e seus grânulos vermelhos se derramavam, implorando para ser consumidos.

— Romã! — ela balbuciou, os lábios entorpecidos.

— Não gosta de romã, Perséfone? — Hades franziu o cenho. — Posso mandar retirá-la.

Lina ergueu a cabeça, vendo toda a equipe de criados olhando para ela, os rostos pálidos cheios de preocupação.

Não seja paranoica, disse a si mesma, *é apenas uma coincidência boba*.

— Eu adoro romã! Está tudo perfeito! — Num impulso, apanhou várias gotas da fruta vermelha e as colocou na boca. O sabor que se espalhou por sua língua a fez suspirar de prazer. — Está maravilhosa! — murmurou em meio ao sumo doce.

Os criados soltaram um suspiro coletivo de felicidade.

— Tudo parece estar ao meu gosto, também — Hades falou com uma ponta de ironia. Perséfone parecia ter lançado sobre seus servos o mesmo feitiço que usara nos cavalos. — Podem deixar os pratos. Se precisarmos de algo, eu os chamarei.

Os criados correram de volta para a cozinha.

— Vocês dois não vão se juntar a nós? — Lina perguntou, olhando para Iapis e Eurídice.

Afinal, os mortos comiam? Não fazia ideia, porém lhe pareceu rude não perguntar.

— Não, senhora — Iapis respondeu.

— Iapis e eu temos muito que conversar — acrescentou Eurídice, ansiosa. — Estamos preparando o material de desenho.

Lina sorriu para a garota, feliz ao ver que ela parecia à vontade.

— Vão em frente. Eu os vejo amanhã — disse em meio a mais um bocadinho de sementes de romã.

— Não se esqueça de chamar por mim quando estiver com sono, assim posso ajudá-la a se preparar para dormir. — Uma ponta de ansiedade ressurgiu na voz de Eurídice.

— Ah, claro... — Lina aquiesceu depressa, não querendo desapontar a menina.

Satisfeita com a confiança de sua senhora, a moça sorriu, feliz, enquanto fazia uma reverência para Perséfone e Hades, e seguiu lapis para fora da sala.

— Ela vai ficar mais segura com o tempo — ele a tranquilizou.

— Espero que sim... ou vai me desgastar um bocado. — Lina suspirou.

— Os mortos exigem bastante cuidado.

Ela concordou com um gesto de cabeça.

— Eu não fazia ideia disso até agora. Assim como não fazia sobre as joias.

Hades sorriu, charmoso e descontraído de novo.

— Por isso mesmo também tem a comida do Submundo bem diante de você. Sirva-se, Perséfone, para que o espírito de Eurídice não tema que sua senhora defínhe aqui embaixo, sob o mundo dos mortais.

— Ha! — Lina começou a encher o prato. — Como se isso pudesse acontecer... Não rodeada por tudo isso! — Fez um gesto amplo com a longa colher de prata.

— Agrada-me que aprecie a beleza do Submundo — confessou Hades, servindo-se das azeitonas.

— Quem não apreciaria? — ela falou entre mordidas, e se arrependeu imediatamente quando viu a expressão dele começar a mudar outra vez. Foi como se Hades tivesse colocado uma máscara sobre o rosto, de modo a esconder suas emoções.

Continuou olhando para ele vez ou outra, na esperança de que ele descartasse a máscara e se tornasse acessível uma vez mais.

Nos minutos que se seguiram, comeram em silêncio, até que Lina percebeu que a tensão nos ombros largos parecia ter melhorado, e suas feições, abrandado.

Tomou um gole de vinho, pensativa. Sim, Hades parecia infinitamente mais à vontade com a barriga cheia.

Seus lábios se curvaram num breve sorriso. Ele podia ser um deus, mas ainda era do sexo masculino.

— Você se importaria se eu lhe fizesse algumas perguntas sobre os mortos? — perguntou com cuidado.

Os olhos escuros se deslocaram do prato para ela, e de volta para o prato.

Então Hades mastigou e engoliu.

— Não — respondeu por fim.

Lina apressou-se em falar:

— Não sei coisas básicas sobre o assunto, e não quero dizer nada que possa envergonhar Eurídice, ou aborrecê-la de novo, como quando mencionei que ela deveria beber daquele rio, o...

— Lete — ajudou Hades.

— Isso mesmo, Lete. Viu? Era exatamente isso o que eu queria dizer. Não sei o suficiente sobre o Submundo.

— Faça quantas perguntas desejar.

— Ótimo... Em primeiro lugar, a deliciosa comida que estamos comendo. Ela me fez pensar: os mortos também se alimentam?

— Não. Eles não sentem sede e fome como os vivos, porém suas almas conservam a essência de sua vida mortal, de modo que eles levam para a eternidade suas necessidades e desejos. Você já percebeu isso acontecendo com a sua Eurídice. Ela ainda carrega seus medos e inseguranças do Mundo dos Vivos, embora as coisas que a perturbaram não possam atingi-la aqui — respondeu Hades, tentando esconder sua surpresa com a pergunta. Perséfone, com certeza, não era o que ele esperava.

Ao contrário dos outros imortais que tinha conhecido, parecia genuinamente interessada em seu reino e nos espíritos dos mortos.

— Faz sentido. — Ela franziu a testa enquanto mordiscava uma pétala branca e açucarada. — É evidente que as lembranças de sua antiga vida estão perturbando Eurídice. Pobre criança... Eu gostaria de poder fazer algo.

— Já está fazendo, Perséfone. O espírito de Eurídice precisa de segurança; precisa saber que pertence a algum lugar. Ela teria, eventualmente, encontrado essas coisas em Elísia, mas você as trouxe até ela, dando-lhe um lugar a seu lado. Eurídice agora se sente confortável, útil, e muito menos obcecada pelas chances que perdeu ou pelo que poderia ter sido.

Hades sorriu incentivando à jovem deusa. Perséfone já havia feito muito pelo espírito da pequena. Muitos imortais achariam que a aflição de Eurídice não lhes dizia respeito. Ela não estava mais entre os vivos e, portanto, não poderia adorá-los. Assim, seu espírito não mais os interessava.

Mas as atitudes de Perséfone até o momento lhe diziam que ela não aderiria àquela postura arrogante.

Hades notou que ela ponderava as palavras dele enquanto tomava um gole de vinho. Aquela deusa era um mistério. Tinha a beleza de uma imortal, mas parecia tão diferente...

— Isso me fez sentir melhor. — Lina suspirou, dizendo a si mesma que se referia a Eurídice, e não ao calor do sorriso de Hades. Estava ficando fascinada pelo Mundo dos Mortos, e não apenas por seu deus. — Eles dormem, também?

Os olhos de Hades se enrugaram nos cantos, numa reação divertida às perguntas inusitadas. Ele nunca havia tido uma conversa como aquela antes.

De repente, viu-se surpreso ao perceber o quanto estava gostando de trocar ideias com a jovem deusa a respeito de seu reino.

— Eles não dormem como nós, ou como fazem os mortais, mas também precisam de repouso.

— Os seus servos são como Eurídice? Quero dizer, eles optaram por ficar aqui com você em vez de ir para Elísia?

— Alguns. Mas não por devoção a mim, como acontece com a sua Eurídice. E sim porque eles encontram conforto ao se apegar a vestígios de sua vida mortal. Outros estão nessa função como penitência por suas ações.

Hades serviu-se do fruto do Submundo, enquanto aguardava a pergunta seguinte. Quase podia ver o cérebro de Perséfone borbulhando. Ela parara de comer e agora rodava no dedo um fio dos cabelos longos. Um gesto que ele considerou estranhamente cativante.

— Iapis deve ser um dos mortos que permanece aqui porque ama você.

Desta vez, Hades não pôde deixar de rir em voz alta.

— Iapis não é um dos mortos, Perséfone. Ele é um *daimon*. Mas, sim, ele optou por se manter sempre a meu lado.

Lina não soube dizer o que mais a surpreendeu: saber que Iapis era um diabo ou perceber o efeito do riso de Hades sobre ela.

Reagiu, em primeiro lugar, ao menos importante deles:

— Iapis é um demônio?! — indagou com voz esganiçada.

Na segunda explosão de risos de Hades, a porta dos criados se abriu e vários rostos assustados espiaram a sala de jantar. Em seguida, recuaram rapidamente, mas não antes de Lina registrar suas expressões chocadas.

— Eu disse que ele é um *daimon*, não um demônio. — Hades balançou a cabeça.

— Ah, sim... claro — Lina gaguejou enquanto sua mente gritava:

Que diabo é um daimon?!

Por sorte, sua voz interior forneceu uma resposta:

Um daimon é uma divindade menor do que os deuses do Olimpo. Eles são guardiões, semideuses e imortais.

— Jovem Perséfone, como deve estar chocada por não ter reconhecido Iapis como um *daimon*! — Hades concluiu, ainda rindo.

O maldito estava rindo dela e fitando-a com a mesma expressão condescendente e paternal que usara com Eurídice. E ainda a chamara de “jovem Perséfone”! Como se ela fosse uma garotinha ingênua! Ele não fazia ideia de que estava lidando com uma mulher adulta. E uma adulta que, definitivamente, não gostava de ser alvo de piadas do sexo masculino.

Sua irritação fez Lina se esquecer de que Hades era o deus do Submundo e que ela era visita em seu reino. Naquele momento, ele era apenas mais um homem que a tinha aborrecido.

Sem parar para pensar nas consequências, estreitou os olhos e modulou a voz suave de Perséfone segundo a sua própria.

— Acho que, de certa forma, estou mesmo chocada. Até porque me ensinaram que um hóspede não deveria ser motivo de chacota.

Hades ficou sério no mesmo instante, reconhecendo em seus olhos a ira de uma deusa.

Era um idiota. Havia se permitido relaxar a seu lado e tinha tropeçado na armadilha de suas próprias fantasias. Perséfone pertencia ao Olimpo, ele nunca deveria se esquecer disso.

Baixou a cabeça, aceitando a reprimenda.

— Eu lhe peço perdão, senhora... Mas creio que não há desculpa para a minha atitude rude. Sem dizer mais nada, levantou-se, fez uma mesura e marchou para fora da sala.

Lina o fitou por um momento, depois se pôs a praguejar num italiano mais do que fluente.

CAPÍTULO 11

— Iapis! — A voz de Hades ecoou pela vasta câmara.

— Senhor? — O daimon se materializou dois segundos após seu nome ser pronunciado.

— Vá ficar com Perséfone. Quando ela terminar a refeição, mostre-lhe o caminho de volta para seus aposentos. E certifique-se de que tenha tudo o que deseje. — Hades continuou andando no mesmo ritmo, enquanto falava. — Eu a insultei.

Iapis permaneceu em silêncio, contudo, levantou uma sobrancelha.

— E depois a deixei lá — completou o deus. — Perséfone ainda não tinha acabado de comer. — Hades passou a mão pelo cabelo, fazendo com que algumas mechas mais curtas se soltassem, e olhou para o leal amigo. — Sabe que eu nunca fui capaz de fazer isso.

— Isso o quê? — Iapis perguntou.

— Isso! Isso! Aderir a esse ritual insano de fingimentos e provocações de que elas necessitam para manter o interesse.

— Talvez queira dizer esse ritual de conversar com uma deusa?

— É exatamente o que quero dizer! — Hades explodiu.

Perplexo diante do comportamento do deus, Iapis manteve a voz calma e curiosa.

— E Perséfone exigiu muito desse “fingimento e provocação” antes que você a insultasse?

Hades parou e esfregou a testa, considerando a pergunta.

— Não — respondeu com sinceridade.

— Estava conversando com ela?

— Sim! — ele admitiu.

Então a realidade se descortinou diante dele. Estava se divertindo. Perséfone havia demonstrado interesse por seu reino, e fora tão fácil falar com ela! Ela era tão diferente de Afrodite, Atena ou...

Seus lábios se curvaram em um sorriso de escárnio, quando pensou nas outras jovens deusas que tinha conhecido. Eram beldades mimadas e manipuladoras que raramente se importavam com algo, além de suas próprias necessidades e desejos.

Ao escutar a voz de Perséfone endurecer diante daquilo que ela tomara como um insulto, ele logo se lembrara das outras lindas imortais, e sua reação fora instantânea. Simplesmente a abstera de sua presença.

— Teve a intenção de insultá-la? — Iapis quis saber.

— Claro que não! — Hades começou a andar outra vez. — Apenas achei divertido o que ela disse. — Lançou a Iapis um olhar sombrio. — Perséfone confundiu você com um dos mortos.

Os lábios de Iapis tremeram quando ele tentou não sorrir.

— Eu ri da observação e então falei com ela como se fosse uma criança. — Hades deu de ombros. — Foi isso o que a insultou. Ela reagiu como qualquer deusa teria reagido.

— Se aconteceu assim, a sala de jantar foi destruída e Perséfone foi embora do Submundo? — observou Iapis, atento.

— Não, ela... Não. Perséfone continua aqui e não destruiu nada. — Hades parou de andar e buscou o olhar do daimon, intrigado.

— Então ela não reagiu como qualquer outra deusa — concluiu Iapis. — Qual foi

exatamente sua reação?

— Disse que um hóspede não deveria ser motivo de chacota.

— E o que respondeu?

— Eu me desculpei e saí.

— Posso sugerir que, da próxima vez, o senhor peça desculpas e fique, senhor?

— Da próxima vez? — Hades sentiu o peito arder de um modo familiar. Sabia que a sensação logo se espalharia para o fundo de sua garganta, e ele passaria outra noite sem dormir, cheio de raiva e ressentimento.

Era o que Hermes afirmou estar errado com ele.

— Da próxima vez — Iapis confirmou.

— Ela é diferente. — A voz de Hades se aprofundou, falando com uma intensidade controlada.

— Verdade.

— Ela não evita os espíritos. Ela... — Hades se interrompeu, lembrando-se do rubor da deusa, da curiosidade em sua voz e do calor em seus olhos. Apertou a mandíbula. — Eu deveria ficar longe de Perséfone pelo resto de sua visita.

— Meu amigo... — Iapis descansou a mão em seu ombro. — ...Por que não se permite desfrutar a presença dela?

— Para quê? — Hades afastou a mão do daimon. — Para que eu possa aproveitar a vida e, quando ela for embora ou perder o interesse, o que é provável, eu fique de mãos vazias? Não é o bastante, Iapis. Nunca foi.

Lá estava, mais uma vez, o que o distinguia do restante dos imortais, Hades pensou enquanto retomava suas passadas firmes. Ao contrário de outros deuses e deusas, ele ansiava por algo que havia testemunhado diversas vezes, em meio às almas dos mortais, mas que nunca vislumbrara, nem uma única vez, entre os imortais.

— Meu senhor — recomeçou Iapis suavemente —, não é melhor experimentar um pouco de felicidade do que nenhuma?

— Não sou como eles. Não considero o amor um brinquedo.

Iapis fitou os olhos sombrios do deus, viu ali a solidão que Hades nutria por incontáveis eras... e sentiu o espírito se condoer pelo amigo.

O daimon pensou em Perséfone. Havia algo único na jovem deusa; algo além de sua elogiável beleza e capacidade de espalhar a luz pela escuridão. Hades não deveria evitá-la. Se o fizesse, receou Iapis, o deus do Submundo extinguiria qualquer possibilidade de eliminar a solidão de sua existência.

Mas como poderia persuadir Hades a desistir daquela reação instintiva de evitá-la, até que sua visita fosse concluída? Seu senhor não estava habituado a receber visitantes. Sua existência era planejada, ordenada, definida, e não condizia com a dos outros imortais.

E a deusa da Primavera era, definitivamente, uma perturbação para Hades. Era bela, entusiasmada e intrigante.

Ah, se Hades se sentisse tão à vontade com Perséfone como se sentia com os inúmeros mortos em seu reino!

Os olhos do daimon se arregalaram com uma ideia foi criando raízes e cresceu.

— Acho que tenho a solução, senhor.

Hades fez um gesto impaciente para que ele continuasse.

— Imagine que Perséfone é um dos incontáveis mortos do reino.

— Iapis, isso é ridículo!

— Por quê? — Ele abriu os braços, frustrado. — Está em guerra consigo, Hades! Diz que deve se afastar dela, mas, quando fala de Perséfone, vejo em seus olhos uma fagulha que esteve ausente durante uma eternidade! E se as Parcas, que têm o poder de controlar e decidir tudo, resolveram ser gentis e colocaram em seu caminho uma imortal? Como poderá saber, se permanecer fechado para a vida? Dê uma chance a Perséfone.

Antes que Hades replicasse, Iapis inclinou a cabeça, como se tivesse ouvido algo.

— Ela chamou meu nome.

— Então vá! — ordenou o deus.

Mas, no momento em que Iapis desapareceu, Hades gritou seu nome outra vez.

— Senhor? — perguntou, materializando-se outra vez.

— Convide a deusa da Primavera para se juntar a mim amanhã, no Salão Nobre. Diga-lhe, que se ela ainda tiver interesse em conhecer o Submundo, escutar as petições dos mortos é uma excelente fonte de informações. — Hades proferiu as palavras rapidamente, como se quisesse exprimi-las antes de mudar de ideia.

Iapis sorriu, enigmático.

— Sim, senhor.

— Amanhã, então, deusa Perséfone...

Iapis fazia uma reverência e se preparava para deixar o quarto de Lina, quando Eurídice entrou correndo pela porta aberta e trombou com seu traseiro.

— *Uff!* — Ele cambaleou para a frente, tropeçou em seus próprios pés e caiu de cara no chão.

Lina e Eurídice olharam uma para a outra, boquiabertas; em seguida Lina riu.

Não pôde evitar. Iapis sempre parecia tão digno, e agora lá estava ele, esparramado no chão.

Primeiro, soltou um riso sufocado que escapou de seus lábios.

Depois, outro escapou dos de Eurídice: baixinho, fluido... e delicioso. Aquilo era, definitivamente, uma risadinha.

E esta lançou por terra os últimos vestígios de controle de Lina.

Iapis se pôs de pé, lutando para recuperar o orgulho ferido, porém o som musical do riso das mulheres acabou por eliminar qualquer tipo de irritação, e ele se juntou a elas.

Como desejava que Hades estivesse ali! Seu senhor precisava tanto de um pouco de alegria na vida.

Ainda rindo, ele olhou para o mármore liso sob seus pés.

— Parece que tropecei em alguma coisa.

— E o nome da coisa é Eurídice — Lina falou com uma gargalhada.

A menina tentou, sem sucesso, reprimir as risadas com a mão.

— Então vou ter que prestar bastante atenção nessa coisa. — Os olhos de Iapis se iluminaram, cheios de bom humor e, Lina concluiu enquanto assistia ao rosto pálido de Eurídice corar, *algo mais*.

Olhou o daimon, pensativa, após este se curvar e sair, desta vez, com sucesso da sala.

— Oh, Perséfone, eu tive um dia! — Eurídice correu para um dos guarda-roupas, cantarolando uma música animada, e puxou as gavetas até encontrar as camisolas de sua

deusa. — Iapis me arrumou carvões e um pergaminho maravilhoso, e já comecei a traçar um esboço do palácio.

— Que bom, Eurídice — respondeu Lina.

Ainda ponderando sobre o calor que tinha visto nos olhos do daimon, ela assentiu sem prestar muita atenção ao que a menina dizia, e permitiu que esta a ajudasse a se livrar do manto. Estendeu os braços, e Eurídice colocou-lhe a camisola longa por sobre a cabeça.

Passou as mãos por toda a extensão do tecido. Era um cetim branco, primorosamente bordado com botões de narcisos. Tão macio que parecia água em sua pele.

— Sente-se aqui na penteadeira enquanto escovo os seus cabelos. Parece cansada... — comentou a moça, estudando sua senhora e notando as manchas escuras sob os olhos cor de violeta.

Lina se acomodou na cadeira acolchoada, dando um suspiro de prazer quando Eurídice começou a lhe escovar os longos fios com firmeza. Não tinha percebido o quanto ficara cansada.

Enquanto trabalhava, a menina falou alegremente sobre o processo de mapeamento do palácio, a voz jovem quase tão suave como o toque de suas mãos.

Lina sentiu os ombros mais relaxados, e sua mente começou a divagar.

Depois que Hades abandonara a sala de jantar, ela havia terminado de comer e esvaziara o restante da garrafa de vinho.

Não. A verdade era que *primeiro* tinha amaldiçoado os homens em geral, *depois* decidido que nunca mais outro sujeito malcriado arruinaria um jantar maravilhoso como aquele.

Quando concluíra a refeição por fim, dando cabo da excelente bebida, dissera o nome de Iapis em voz alta e, em um piscar de olhos, ele havia aparecido, pronto para acompanhá-la de volta ao quarto. Durante sua caminhada, Iapis fizera vagas referências à falta de visitantes no Submundo e comentara como ele tinha pouca experiência em entreter os convidados. Pedira, inclusive, que ela não o julgasse, ou àquele reino, tão duramente ou com precipitação.

Lina entendeu a mensagem em alto e bom som. “Ele” era Hades, e não Iapis. O daimon decerto pedira desculpas pelo comportamento de seu deus.

Após ter dado conta sozinha do vinho e de ter seu temperamento um tanto alterado, sua vontade fora pedir a Iapis que transmitisse uma mensagem especial (e em italiano) para Hades.

Porém, felizmente, um resquício de bom-senso a fez manter a boca fechada. Hades era um deus, e ela se encontrava hospedada em seu reino. Não fora inteligente de sua parte antagonizar com ele. Agora que estava longe de sua presença e tinha tempo para pensar sobre a noite, lamentava sua birra. Hades não era um divorciado de meia-idade que lhe convidara para jantar com as palmas das mãos suadas, apenas para se lamentar sobre a ex-mulher e, em seguida, devorá-la na sobremesa... Era um imortal poderoso, um ser sobre o qual ela sabia muito pouco.

E, exatamente, por que ela havia ficado tão aborrecida com ele? Ele tinha sido malcriado e imprevisível no jantar, sem dúvida, mas também fora interessante e *sexy*.

A explicação de Iapis sobre a falta de modos de seu deus fazia sentido. Hades não estava acostumado a receber visitas. Era evidente que suas habilidades sociais andavam um pouco enferrujadas.

E, de qualquer modo, como um imortal, o quanto educado ele precisava ser?

Pensou na forma imperiosa de Deméter e na grosseria de Irene. Na realidade, o temperamento de Hades combinava bem com o daquelas duas.

Eurídice terminou de lhe escovar os cabelos. Contudo, obviamente percebeu sua tensão porque começou a lhe massagear os ombros com as mãos frias e macias.

Lina suspirou e fechou os olhos, deixando que o toque da moça lhe acalmasse os nervos e clareasse as ideias. Não tivera nenhuma razão plausível para atacar Hades. Não fora nem mesmo o alvo de sua piada. Ele apenas a tratara como a jovem e ingênua deusa que ela fingia ser, e sua ridícula explosão pouco fizera para lhe provar o contrário. Se queria que ele a tratasse como uma mulher adulta, deveria tentar agir como uma.

Merda! Encontrava-se ali havia menos de um dia e já estava fazendo tudo errado. Tinha perdido a cabeça? Afinal, estava no Submundo para cumprir uma missão.

Ao menos tivera bom-senso suficiente para dizer “sim” quando Iapis lhe transmitira o convite de Hades para que ela ouvisse as petições dos mortos com ele na manhã seguinte. Agora precisava colocar a cabeça no lugar e pensar naquilo como uma parte do trabalho que Deméter lhe atribuíra. Precisava ficar visível para os mortos, de maneira que sua presença lhes trouxesse conforto.

Seu “sim” nada tinha a ver com o fato de desejar passar mais tempo com Hades porque o deus sombrio a intrigava. Isso era ridículo, uma bobagem. Uma verdadeira estupidez.

Ainda que fosse verdade.

Não podia negar. Enquanto Eurídice acalmava seus nervos em frangalhos, podia até mesmo admitir para si mesma: Hades a fascinava, assim como tudo o mais no Submundo. Sentia-se atraída por ele, provavelmente porque fora deslocada para aquele mundo incrível, e tudo ali era novo e único. Como poderia não se sentir fascinada pela magia que a cercava?

Porque tal magia incluía o deus responsável por ela. Era uma reação perfeitamente normal sentir-se compelida a descobrir mais sobre ele.

Ao menos foi o que ela disse a si mesma.

— Perséfone, está quase dormindo — observou Eurídice, e puxou-a pelo braço até a cama com dossel. — Deite-se. Vou cantar para você, como minha mãe costumava fazer para mim.

Cansada demais para protestar, Lina permitiu que o espírito da moça a acomodasse na cama enorme.

Eurídice aninhou-se junto a ela. Ainda acariciando seus cabelos, começou a entoar uma canção de ninar suave, sobre uma criança que viajava no vento, para uma terra de sonho repleta de cores.

— Eurídice — ela sussurrou, sonolenta.

— Sim, senhora?

— Obrigada por cuidar de mim.

— Por nada, Perséfone — a moça respondeu sorrindo.

E o sono envolveu Lina, fazendo-a sonhar que viajava no vento enquanto perseguia a sombra de Batman.

CAPÍTULO 12

O Salão Nobre fazia jus a seu nome. Lina já havia considerado a sala de jantar e seu quarto extravagantes, mas nada se comparava à sala do trono. Era enorme, mesmo considerando o tamanho do palácio. Três cores dominavam o lugar: preto, branco e roxo. O chão, as paredes e o teto da catedral eram todos feitos do mesmo mármore negro e imaculado do exterior da construção. Assim como a plataforma em que uma espécie de trono parecia ter sido esculpida na pedra, cujo branco etéreo ela não conhecia. No altar, ao lado do trono, havia uma mesa alta e estreita, feita da mesma pedra leitosa e, sobre a mesa, repousava um elmo de prata que lhe pareceu estranhamente familiar.

Lina o estudou e percebeu que já o tinha visto antes. Era o elmo que fora estampado na bandeira pairando sobre o palácio, que adornava o uniforme dos cavaleiros e que brilhava à luz das velas com uma beleza sobrenatural.

Obrigou-se a tirar os olhos do elmo para analisar a outra cor predominante no salão, o roxo, a qual vinha das dezenas de lustres e arandelas de parede, todos feitos de uma pedra cintilante que ela logo reconheceu: a ametista.

Lina hesitou no limiar da sala, intimidada por sua austera grandeza. De repente, sentiu-se pequena, insignificante e muito, muito mortal.

— Aconteceu alguma coisa, Perséfone? — Eurídice perguntou.

Ela respirou fundo. Era uma deusa, lembrou a si mesma. Mesmo que temporária.

— Não, querida, nada está errado. Estou apenas admirando o salão. — Sorriu para a pequena alma da moça.

— Ah, aí vem Hades — falou Iapis.

O deus do Submundo entrou no Salão Nobre por uma porta no lado oposto. Suas sandálias douradas tocavam o chão de mármore com determinação, e, ao observá-lo, Lina sentiu o batimento cardíaco se igualar a seus passos. Hades vestia seu manto, e este voejava às suas costas, acentuando as linhas fortes de seu corpo. Sua túnica parecia negra a princípio, mas, conforme a luz dos candelabros a tocou, o tecido cintilou como a asa de um corvo, com reflexos de roxo e azul-royal. Seu cabelo estava solto e caía em uma espessa cortina negra ao redor dos ombros largos.

Lina sentiu o estômago se contrair. Hades tinha a mandíbula cerrada e o rosto sombrio. Transpirava tanta masculinidade que ela precisou se esforçar para não torcer o próprio cabelo, nervosa.

Ele galgou os degraus da plataforma em uma passada, virou-se e estava prestes a se sentar quando percebeu as três figuras de pé sob a entrada, do outro lado do salão. Seu olhar encontrou o de Lina e o sustentou.

— Perséfone — saudou, inclinando ligeiramente a cabeça sem desviar os olhos dos dela. — É uma honra receber a Primavera no Salão Nobre.

Lina engoliu, desejando que sua boca não estivesse tão seca.

— Obrigada, Hades — agradeceu, satisfeita por sua voz soar forte e clara. — Sou eu quem fica honrada com seu convite.

— Junte-se a mim, por favor — ele incitou. Então, quebrando o feitiço que unira seus olhos

aos dele, Hades voltou a atenção para o daimon. — Iapis, providencie uma cadeira para a deusa.

— Agora mesmo, senhor. — Iapis chamou por cima do ombro, e seguiu-se uma comoção. Dentro de instantes, servos espectrais carregavam uma delicada cadeira esculpida em prata para juntá-la ao trono de Hades.

Lina adentrou o salão. Podia sentir os olhos do deus sobre ela e ergueu o queixo, altiva. Eurídice a havia ajudado com o novo vestido, e ela se viu satisfeita por a seda violeta que tinha escolhido com-

binar com a cor dos lustres de ametista que ardiam sobre suas cabeças, bem como com seus olhos, ainda que isso tivesse sido incidental. Naquela manhã, enquanto se vestia, fora atingida outra vez pela beleza imortal de Perséfone. E sabia que, independentemente do turbilhão que acontecia em sua cabeça, ela atravessava a sala com toda a beleza e graça de uma deusa.

Hades hesitou ao vê-la chegar ao altar. Então, com um olhar de soslaio para Iapis, foi a seu encontro. Quando ela subiu o primeiro degrau, ofereceu-lhe a mão, como fizera para ajudá-la a subir na biga, no dia anterior.

Bastou Lina colocar a mão na sua, e o deus sombrio a levou devagar até os lábios.

— Espero que tenha dormido bem, senhora.

— Sim, obrigada — ela respondeu, tentando ignorar o modo como sua pele formigou ao toque dele.

— Agrada-me ouvir isso — Hades falou.

Lina sorriu e concordou. Hades parecia diferente naquele dia: mais poderoso e seguro de si.

E havia algo mais em seu olhar. Um magnetismo que ele parecia centrar inteiramente nela.

Ficar tão perto do deus do Submundo a fez sentir a força de sua presença, e Lina viu-se um pouco intimidada... para não dizer feminina.

Verdade que fazia muito tempo desde que tinha se visto às voltas com um homem tão alto e viril.

Lançou um olhar furtivo em sua direção enquanto ele a ajudava a subir os degraus e a conduzia até a cadeira.

Tudo bem. Possivelmente, ela nunca estivera ao lado de um homem como ele. Observou o modo como a capa de Hades girava em torno de seu corpo quando ele se virou para sentar-se a seu lado. Ele cumpria bem o seu papel de deus do Submundo.

— Eurídice, não precisa ficar para trás. Pode ficar aqui, ao lado de sua senhora — Hades chamou a menina, que permanecera de pé sob a entrada.

Envergonhada por ter se esquecido da menina, Lina sussurrou um rápido agradecimento para Hades conforme Eurídice percorreria o salão e subia os degraus do altar para tomar lugar ao lado da cadeira de Lina.

— Podemos começar, como de costume, Iapis — ordenou Hades.

O daimon se curvou para o deus antes de desaparecer da sala.

— Iapis está indo para a frente do palácio. Uma vez lá, ele vai anunciar que estou pronto para as petições. Elas não vão demorar a chegar, você vai ver.

— Faz isso todos os dias? — Lina perguntou.

— Não.

— Quantas vezes ouve os mortos?

— Sempre que sinto ser necessário.

— Ah. — Ela assentiu, pouco à vontade com as respostas curtas.

Perséfone enrolou uma mecha de cabelo, e o pequeno gesto de desconforto fez Hades perceber que, mais uma vez, ele estava agindo como se fosse feito de pedra.

Dê uma chance à deusa. As palavras do amigo tocaram sua memória.

Ele engoliu em seco e se inclinou na sua direção.

— Posso sentir as necessidades dos mortos. Não que eu consiga ouvir seus sentimentos e desejos; é mais como se eu tomasse consciência de sua crescente inquietação. Sinto quando eles precisam de mim, e então abro o Salão Nobre para escutar seus apelos.

— Deve ser um dom incrível ser capaz de responder às necessidades das almas mortais.

Hades virou-se para poder fitar os olhos cor de violeta da deusa a seu lado. Seus rostos estavam muito próximos, e ele podia sentir o perfume doce e feminino que emanava dela.

— O fato de eu ser tão ligado aos mortos não lhe causa repulsa?

— Claro que não — ela afirmou sem preâmbulos.

Hades pareceu tão vulnerável de repente que Lina teve o impulso quase irresistível de passar os dedos por seu rosto e tentar suavizar as linhas de preocupação que lhe vincavam a testa. Ao contrário, estendeu a mão e pegou a de Eurídice. Apertou-a e sorriu para a pequena alma, que lhe sorriu de volta. — Alguns de meus melhores amigos estão mortos.

Os olhos de Hades se desviaram da moça para pousar em Perséfone, e a esperança floresceu dentro dele com tanta intensidade que, mais uma vez, ele se viu obrigado a pedir vinho com estardalhaço para disfarçar a resposta exagerada de seu coração.

No mesmo instante, os servos armaram uma pequena mesa a seu lado, e Hades pôde se recompor enquanto estes serviam o líquido dourado em duas taças de ouro.

Lina agradeceu com um gesto de cabeça e tomou um gole.

Seu rosto se iluminou num lindo sorriso.

— É ambrosia! Isto é tão delicioso! Obrigada por ter pensado nisto.

Hades a fitou, fascinado. Por que Perséfone era tão diferente? Ela não sentia aversão pelos mortos e obviamente gostava muito

de Eurídice. Até havia chamado a moça de “amiga”! E coisas com que a maioria dos imortais não se importava, como ambrosia e a opulência dos deuses, Perséfone adorava, como se tudo fosse novo e interessante.

Ela era um enigma. Um enigma que ele estava começando a ansiar por resolver.

— Se lhe agrada tanto, terei de me lembrar de servi-la com frequência — Hades disse e ergueu a taça para ela.

Com um frio na boca do estômago, Lina bateu sua taça contra a dele. O Hades formal que deixara abruptamente o jantar na noite anterior parecia ter desaparecido e fora substituído por um deus poderoso e charmoso.

Sentiu o rosto e o corpo arderem. Os olhos escuros de Hades eram hipnotizantes.

Meio perdida, Lina desviou o olhar do dele e olhou ao redor do Salão Nobre, lembrando-se de respirar.

A luz dos candelabros iluminava o elmo de prata sobre a mesa do outro lado do trono. Tinha um brilho estranho que, de alguma forma, era difícil de focar.

Lina sentiu o calor dos olhos de Hades e se voltou para ele.

— É um lindo elmo. Eu nunca vi um assim.

— Obrigado. Foi um presente do Ciclope — revelou Hades, satisfeito com o elogio.

Ciclope?, ela repetiu em pensamento. *O sujeito com um olho só?*

Ciclope é o monstro de um só olho que presenteou Zeus com raios e trovões, Poseidon com seu tridente e Hades com seu elmo.

Claro! Lina interrompeu seu monólogo enciclopédico interno. Fosse quem fosse o Ciclope, não estava com vontade de conversar sobre criaturas mitológicas com Hades.

Por isso fez o que qualquer mulher calma, centrada e madura faria: mudou de assunto rapidamente.

— O seu trono é muito incomum também. Não conheço essa pedra.

— É a calcedônia branca — ele explicou.

— Ela tem propriedades especiais, também? — Lina perguntou.

— Sim, ela expulsa o medo, a histeria, a depressão e a tristeza. Imaginei que fosse uma boa escolha para esta sala em particular.

— Concordo com sua escolha.

Hades virou a cabeça e se inclinou de leve em sua direção, quase juntando seus rostos novamente.

— Reconheceu a pedra colorida do salão?

— É a ametista.

— Ela é da mesma cor dos seus olhos, Perséfone! — exclamou Eurídice, alegre com a descoberta.

— Eu já havia notado — comentou Hades sem desviar o olhar do dela.

Sua voz soou baixa como uma carícia, e Lina sentiu uma pontada na boca do estômago.

— Os mortos pedem para falar com seu deus! — A voz de lapis carregou as palavras com autoridade pelo Salão Nobre.

Relutante, Hades desviou o olhar do dela, e Lina tentou se recompor. Como poderia pensar no trabalho que tinha pela frente, com Hades a seu lado bancando o deus do Sexo?

Ela quase desejou que ele voltasse a agir como o imortal antipático de antes.

Quase.

Esperava que Perséfone estivesse tendo mais sorte em Tulsa, meditou, preocupada.

— Que entrem os mortos! — Hades ordenou com sua voz grave e poderosa.

Lina viu quando lapis empunhou a lança de prata de duas pontas que Hades carregara no dia anterior e, com um barulho que lembrava o de um trovão, a bateu contra o chão de mármore. Uma das sombras do lado de fora da entrada em arco estremeceu, em seguida adentrou o Salão Nobre. Tensa, Lina observou atentamente conforme o espírito se aproximava do altar. Era uma mulher de meia-idade, e ela não vislumbrou nenhum ferimento em sua forma semitransparente. Na verdade, Lina pensou, ela era bastante atraente. Tinha os cabelos presos em intrincadas tranças no alto da cabeça, tal qual uma coroa, e vestia várias camadas de tecido drapejado, que fluíam ao seu redor até que parou ao pé da plataforma. Curvou-se numa reverência profunda, e Hades se manifestou:

— Pode subir, Steneboia.

A mulher endireitou o corpo, mas, ao reconhecer Perséfone, seus olhos se arregalaram e ela tornou a se dobrar em outra mesura.

— Sinto-me honrada com a presença da filha de Deméter — falou com uma voz doce e rouca, numa imitação barata de Marilyn Monroe.

— Levante-se, por favor — pediu Lina, perguntando-se por que antipatizara de imediato com a alma da mulher.

Steneboia endireitou-se novamente. Após prestar-lhe o devido respeito, ignorou Lina por completo, concentrando os olhos pintados de Kohl em Hades.

— Eu vim, Grande Deus, pedir para que permita que eu beba água do rio Lete e renasça para o mundo mortal.

Hades a estudou com atenção. Quando falou, Lina percebeu que sua voz soava cheia da confiança e da autoridade típicas de um deus. Tanto que os pelos em seus braços se arrepiaram em resposta ao poder que emanava dele.

— É um pedido inusitado, Steneboia. Sabe que os espíritos dos suicidas raramente são autorizados a beber do Lete.

Lina piscou, chocada. A mulher havia se matado? Por quê?

Steneboia baixou os olhos, recatada.

— E você sabe, Grande Deus, que eu não tinha a intenção de morrer.

O título “Grande Deus” foi dito quase como uma carícia.

Lina sentiu o queixo cair. Steneboia estava flertando com Hades!

O espírito da moça fez um beicinho.

— Tudo não passou de um trágico acidente. Devo pagar por toda a eternidade?

— O que aprendeu enquanto percorria as margens do Aqueronte? — Hades perguntou abruptamente.

Steneboia fez uma pausa, parecendo organizar com cuidado os pensamentos. Quando tornou a falar, suas palavras soaram como um ronronar:

— Aprendi que fiz uma escolha imprudente, e não a repetirei, senhor do Submundo.

Os olhos de Hades se estreitaram e sua voz profunda soou cheia de desgosto.

— Então aprendeu pouco. Você desejou Belerofonte, um rapaz com a metade da sua idade e, depois que ele a rejeitou, mentiu a seu marido, afirmando que o rapaz tentara estuprá-la. Por sorte, Atena frustrou sua tentativa de matar o jovem. A deusa foi sensata ao dar Belerofonte à sua irmã mais nova. Ela era mais digna.

— Aquela *ratazana* sem graça não merecia Belerofonte! — A explosão de ódio de Steneboia torceu suas feições atraentes, e seu rosto tornou-se rijo e cruel.

Hades continuou como se ela não tivesse se manifestado:

— Você não tinha a intenção de se matar, eu sei. Pretendia apenas assustar sua família e lhes causar tanta dor e tristeza que eles rejeitariam o arranjo de Atena e enviariam Belerofonte para longe. Sua desgraça foi sua criada ter dormido demais e não tê-la descoberto até que tivesse sangrado além da salvação.

Os olhos de Steneboia desviaram para longe do olhar penetrante do deus e ela apertou a mão branca e delicada contra a testa, como se suas palavras a houvessem aborrecido.

— Vou fazer escolhas mais sábias em minha próxima vida — prometeu, ofegante.

— Onde está seu remorso, Steneboia? — Hades perguntou com voz grave. — Tentou manipular o amor com mentiras e sedução. Nenhum amor pode sobreviver a um veneno desse tipo.

— Não entende! — O espírito da mulher começou a soar desesperado. — Eu o queria tanto! Ele também devia ter me querido. Eu ainda era bonita e desejável.

— O amor não pode sobreviver a tanto veneno — Hades repetiu. — A luxúria e o desejo

são apenas uma pequena parte do amor. Mas isso é algo que ainda precisa aprender. — Ele sacudiu a cabeça, pesaroso. — Eu nego o seu pedido, Steneboia. Em vez disso, ordeno-lhe que retorne para as margens do Aqueronte, o Rio das Dores. Passar mais tempo lá talvez lhe permita abrir o coração para mais do que seus desejos egoístas. E não peça para vir até mim antes de outro século.

Steneboia abriu a boca em um grito mudo quando uma ventania soprou pelo salão e rodopiou em torno dela como um furacão em miniatura antes de apanhá-la e varrê-la para longe dos olhos deles.

Iapis levantou a lança para sinalizar a entrada de outro espírito, porém Hades ergueu a mão, impedindo o gesto, e voltou a atenção para Lina.

— O que achou do meu julgamento? — questionou-a.

— Penso que foi muito sábio — ela respondeu sem hesitação. — Não conheço a história toda, mas, pelo que ouvi, Steneboia fez uma coisa terrível e, sem dúvida, não me pareceu arrependida. Contudo também me fez pensar uma coisa...

Hades acenou para que ela continuasse.

— Se ela bebesse do Lete esqueceria tudo de sua vida anterior?

— Sim — ele confirmou.

— E ela ainda seria o mesmo tipo de pessoa? Quero dizer, seria como se tudo fosse limpo, ou ainda existiria um resíduo de sua antiga personalidade?

— Excelente pergunta — comentou Hades com evidente satisfação.

— Quando um espírito bebe do Lete, as lembranças são completamente apagadas, e a alma renasce no corpo de uma criança. No entanto, esta ainda pode manter algumas de suas antigas características. Em última análise, o corpo é apenas um invólucro; e a alma é que define o homem, a mulher, o deus ou a deusa.

— Então isso só reforça o fato de que você tomou uma decisão sábia. Steneboia teria renascido apenas para fazer alguém infeliz.

— Ela baseou sua vida em mentiras, a maioria das quais revelou sua verdadeira natureza. Sua alma não ansiava por riqueza ou luxo, e sim por amor. Mas o amor não pode existir com mentiras e falsidades — disse Hades.

— É muito perspicaz sobre o amor — comentou Lina, pensativa.

Hades fez uma pausa antes de proferir as palavras seguintes, e, quando parou, sentiu a esperança se agitar mais uma vez dentro dele.

— Passei séculos estudando as almas dos mortos e por fim compreendi que o amor é uma emoção que os mortais conhecem infinitamente melhor do que os deuses.

Lina piscou, surpresa. Os mortais conheciam o amor melhor do que os deuses?

Para uma mulher divorciada, que não tinha um encontro decente havia anos, aquelas palavras eram um choque.

— Acha isso mesmo? — ela perguntou, incrédula.

Hades viu sua esperança oscilar.

— Sim, é a pura verdade — afirmou antes de acenar para Iapis, que bateu o cabo da lança no chão novamente.

Lina teve pouco tempo para refletir sobre a reação do deus do Submundo à sua pergunta. Sob o comando do daimon ela pôde observar uma mulher pálida percorrer, hesitante, o Salão Nobre. Estava vestida com roupas muito mais discretas do que Steneboia, porém seu traje

parecia tão rico quanto o da outra mulher, e os cabelos escuros também tinham sido presos de forma semelhante. Uma pequena coroa circulava sua cabeça.

Conforme ela se aproximou, Lina percebeu que se tratava de uma mulher obesa, porém atraente, de cerca de trinta e poucos anos.

Ficou chocada quando percebeu a mancha vermelha na parte frontal de suas vestes. Era uma ferida aberta que ainda pingava sangue.

A alma fez uma profunda reverência.

— Perséfone e Hades, sinto-me honrada em me curvar diante da deusa da Primavera e do senhor do Submundo.

A voz da mulher era forte e magnificente.

Lina sorriu e inclinou a cabeça em boas-vindas.

— Saudações, Dido. O que a rainha de Cartago deseja? — indagou Hades.

— Hades, peço sua bênção para que eu possa deixar a área da Lamentação junto ao rio Cócito e passar para Elísia.

O deus estudou o espírito, pensativo.

— Já superou a dor de seu amor não correspondido, Dido?

A mulher baixou os olhos, não de modo dramático como fizera Steneboia, porém de uma forma que Lina reconhecia muito bem de seu próprio passado. Baixou-os para esconder a dor que ainda se refletia neles.

— Sim, Grande Deus. Parei de ansiar por aquilo que não posso ter.

Lina se moveu na cadeira, irrequieta, e olhou para Hades. Certamente ele não acreditaria em Dido.

Hades coçou o queixo e observou a rainha morta.

— O que aprendeu durante o tempo de lamentação?

— Que eu devia ter acreditado mais na força do amor. Devia saber que Eneias só precisava de tempo. Zeus ordenou que ele partisse. O que mais ele poderia fazer? Era um homem piedoso, um guerreiro de grande fé. Não foi sua culpa. Eu devia ter sido mais compreensiva, devia ter me disposto a... — Suas palavras se transformaram num soluço e ela cobriu o rosto com as mãos.

— Dido, ainda não superou seu lamento. — A voz do deus soou gentil.

— Superei, sim! — Dido ergueu o queixo e enxugou o rosto. — Estou apenas emocionada como uma criança por estar na presença de imortais. — Seus olhos brilhantes se desviaram para Lina, numa súplica.

Lina devolveu o olhar da mulher desesperada com simpatia. Sabia muito bem como era ser abandonada e culpar apenas a si mesma por isso.

— Eu lhe concedo o seu pedido, Dido. Pode adentrar Elísia com a minha bênção.

As palavras de Hades chocaram Lina, e ela se viu encarando o deus do Submundo enquanto a exuberante Dido deixava, apressada, o Salão Nobre.

Iapis fez menção de levantar a lança e, mais uma vez, um só movimento de Hades o impediu de fazê-lo.

— Não concorda com a minha decisão, Perséfone? Ele se virou no trono de modo a ficar de frente para a deusa.

Lina endireitou a espinha e encontrou seu olhar.

Você é uma deusa... Você é uma deusa...

Não!

Ela freou a ladainha. Mais importante do que isso era o fato de ser mulher. Uma mulher que, na vida real, amara e fora rejeitada... e por isso compreendia exatamente o que Dido estava sentindo.

— Não. Eu não concordo com a sua decisão.

Surpreso com a resposta, ele franziu o cenho.

— Poderia me explicar por quê?

— Dido não superou seu amor por Eneias. Ela continua ferida, no fundo do poço, e ainda se culpa. Dido ainda é uma vítima. Qualquer que seja a lição que deveria aprender no rio da Lamentação, esta ainda não surtiu efeito.

Hades sentiu a raiva borbulhar dentro dele. O que Perséfone sabia sobre amor e perda? Era uma moça mimada, que sempre obtivera tudo aquilo que desejara.

— Como pode saber disso?

Os olhos de Lina se estreitaram diante do tom condescendente, porém ela se conteve antes de dar uma resposta malcriada. Para Hades ela era apenas uma jovem deusa. Ele não tinha como saber sobre seu verdadeiro passado e suas mágoas.

Respirou diversas vezes, lenta e profundamente, de modo a conter o próprio temperamento antes de iniciar sua explanação.

— Percebi detalhes importantes. Em primeiro lugar, o fato de Dido ter desviado o olhar e chorado foi uma prova contundente... com minhas desculpas pelo trocadilho ruim. Em segundo, você escutou o que ela disse? — Lina prosseguiu, *incontinenti*, sem dar a ele nenhuma chance de resposta.

— Seu discurso foi repleto de “eu, eu, eu” e “pobre de mim, mim, mim”... Adicione a parte “não é culpa dele, a culpa é minha”, e terá uma vítima em potencial à sua frente. Dido não precisa ir para o paraíso, precisa ir a uma academia, ou talvez a um psiquiatra, e trabalhar um pouco esse ódio de si mesma.

Lina se calou, imaginando se Hades tinha alguma ideia do que fosse um psiquiatra.

Ele inclinou a cabeça para o lado e a fitou como se ela fosse um experimento científico interessante. Então fez algo que realmente a aborreceu: ele sorriu.

Depois riu.

Lina apertou os lábios. Tentou encontrar sua própria voz, agora perdida na doçura de Perséfone, e foi recompensada por um tom de aço com uma ponta de sarcasmo:

— Pense, Hades. Esse Eneias, por exemplo. Aposto um dos seus candelabros de diamantes contra uma das coroas de ouro de Deméter que ele está em Elísia. E estamos falando da mesma Elísia para a qual Dido acabou de conseguir um passe. Também vou apostar que ele é um recém-chegado lá, o que motivou esse súbito interesse dela em ir para os Campos Elíseos.

A risada de Hades morreu, e seus olhos se estreitaram.

— Talvez a jovem deusa da Primavera queira mais do que apenas uma oportunidade de observar e fazer comentários. O próximo julgamento é seu, Perséfone. E, em troca, o destino julgará se fez uma boa avaliação.

Lina anuiu sem veemência, e apenas uma palavra passou por sua cabeça: *merda*.

Lapis atingiu o chão de mármore com a lança de Hades, e esta entoou seu dobre fúnebre como se anunciando o fim dos tempos.

Desta vez não apenas uma, mas várias almas entraram pela porta e se aproximaram do altar.

Com o coração batendo forte, Lina contou quase uma dúzia de espíritos e suas mãos suadas se agarraram aos braços da cadeira. Não seriam apenas um ou dois suplicantes solitários, mas toda uma horda deles. Eram mulheres de várias idades, e seus espíritos se encontravam em vários estados. Alguns deles pareciam quase tão substanciais na forma quanto o de Eurídice, enquanto outros se mostravam tão transparentes que eram praticamente inexistentes.

Elas se moveram em grupo, como ovelhas assustadas, a princípio hesitantes e inseguras. Ao avistá-la na cadeira ao lado de Hades, deu-se uma visível mudança em seu comportamento. Elas perderam a timidez.

Conforme uma delas avançou, determinada, seus passos foram se tornando cada vez mais ansiosos conforme se aproximavam do altar. Quando estavam ao pé da escada, ficaram em silêncio, olhando-a com indisfarçado fascínio.

Foi então que uma das almas, a mulher mais velha do grupo, pôs-se de joelhos e abaixou a cabeça.

Imediatamente, o restante das mulheres seguiu seu exemplo.

Pelo que pareceu a Lina uma eternidade, ninguém falou. Em seguida, a voz grave de Hades cortou o silêncio:

— Que solicitação trazem hoje?

A mulher mais velha levantou a cabeça. Respondeu a Hades, contudo seus olhos brilhantes não chegaram a deixar Lina.

— Não temos nenhuma solicitação, Grande Deus. Viemos ver a deusa da Primavera, agradecer-lhe por responder às nossas orações. Estamos há muito tempo sem a presença de uma deusa. — A mulher acenou com a mão, e as outras, mais jovens, se puseram de pé e avançaram. Carregavam dentro das saias vários buquês de flores recém-colhidas, os quais colocaram aos pés de Lina.

Hades observou tudo com uma sobrancelha curvada para cima. Permaneceu em silêncio, aparentemente fiel à sua palavra de permitir que ela lidasse com a situação.

Lina engoliu em seco e obrigou as mãos a ficar presas aos braços da cadeira quando, no fundo, tudo o que queria era ficar mexendo nos cabelos.

Ela era uma deusa, lembrou-se pela milésima vez, e deusas não enrolavam fios de cabelo no dedo. Ao menos não em público.

— Ora essa, isso tudo é uma grande surpresa. Fico feliz por terem vindo, e as flores são adoráveis. — Ela inclinou a cabeça para a pequena alma a seu lado. — Eurídice vai colocá-las na água para mim, e eu vou cuidar bem delas.

As mulheres sorriram e cochicharam, felizes.

Lina começou a relaxar. Elas pareciam estar muito bem-intencionadas. Nem mesmo um padeiro de Tulsa poderia estragar aquele momento.

— Não vai embora do Submundo tão cedo, vai, Perséfone? — perguntou a mais velha.

— Não — Lina afirmou. — Não vou embora antes de seis meses, o que certamente não é “tão cedo”.

As almas explodiram num alegre burburinho.

— Estamos tão satisfeitas, senhora! — recomeçou a mulher, porém suas palavras foram sumindo conforme um som incrível flutuou pela câmara.

Lina piscou, surpresa, quando o som a envolveu. Música! E uma música linda.

Enlevada, ela escutou as notas que subiam e desciam como um complexo canto de pássaros.

Conforme o som foi mudando, tornou-se mais fluido. Alguns deles eram como seixos rolando, suaves, sobre o leito de um riacho claro, outros caíam ao longo da margem de sua audição, e outros, ainda, cascateavam poderosamente, formando um tilintar ritmado.

— Iapis! — A voz de Hades invadiu a música, fazendo com que Lina franzisse a testa. Por que ele não ficava quieto?

— Meu senhor, eu não...

O daimon foi interrompido quando o músico entrou no Salão Nobre. Ele caminhou em direção ao altar, e o grupo de mulheres se repartiu ao meio para que ele passasse.

Lina o estudou, ainda espantada com a bela música que o rapaz produzira. Ele era um rapaz jovem, de aparência comum, e tocava uma pequena harpa de madeira folheada a ouro. O ouro se refletia em seu cabelo e no fino tecido que lhe cobria o corpo, deixando nu um de seus ombros morenos e musculosos.

Ele continuou a espalhar a magia que vinha da harpa conforme se aproximava do altar. Cantarolava uma melodia alegre, e Lina ficou surpresa ao notar que sua atenção não estava dirigida a Hades ou a ela. Seus olhos brilhavam para um ponto à sua esquerda.

— Por que um homem vivo se atreve a entrar no Submundo? A voz de Hades interrompeu a música, silenciando-a.

Lina sentiu um choque de reconhecimento. Não admirava que ele lhe parecesse tão normal. Estava vivo.

— Quem é você? — trovejou Hades.

A resposta veio da pequena alma à esquerda de Lina.

— Ele é Orfeu... Meu marido.

CAPÍTULO 13

A voz de Eurídice soou trêmula, e o olhar de Lina se voltou para ela. A moça fitava o esposo, os olhos enormes e redondos, o rosto completamente desprovido de cor.

— Com que direito entra no reino dos mortos? — exigiu Hades.

Orfeu desviou o olhar da esposa. Curvou-se, em primeiro lugar para Hades e depois para Lina. Então correu os dedos de leve pela lira, como se testando sua prontidão. Quando falou, suas palavras foram acompanhadas por notas leves, e sua voz foi a magia que as uniu:

*Ó, Hades, que o mundo silencioso e escuro governa,
a ti toda mulher nascida deve vir,
pois todas as coisas belas a ti regressam.
Tu és o credor que é sempre pago
pelos que sobre a Terra permanecem.
Pela eternidade somos teus, assim.*

*Procuro, todavia, alguém que veio a ti muito cedo:
botão que foi colhido antes de florescer.
Tentei aceitar minha perda, mas, ah, eu a amo tanto
que aos poucos essa dor vai me matar!
Meu amor é muito forte;
seu poder, devastador.
Por isso te peço: o que era meu, retorna-me
e tece outra vez as tramas dessa doce vida
que tão cedo teve fim.
Peço-te apenas isto: que a devolvas a mim.
Ao chegar a hora, tua ela será outra vez.
Porque, ah, eu a amo tanto
que a dor de sua ausência
aos poucos está me matando!*

As palavras de Orfeu chegaram ao fim, entretanto seus dedos continuaram roçando as cordas suavemente.

Lina sentiu o coração partir ao meio. A música a tocara como nenhuma outra.

Sentiu as faces úmidas e tocou o rosto, enxugando as lágrimas que ela nem percebera derramar.

Olhou para o deus sentado em silêncio a seu lado. Seu rosto também refletia tristeza pela canção do mortal. Hades fez menção de falar; entretanto, quando seus olhos escuros viram os dela cheios de lágrimas, ele suspirou.

— A escolha é sua. Permiti que deliberasse a sentença seguinte, mas, mesmo que eu não o tivesse feito, a vida de Eurídice é sua prerrogativa. Apenas você poderá libertá-la; portanto, por duas vezes lhe foi concedido o poder de decidir sobre seu destino. Decida com sabedoria, deusa da Primavera — falou em uma voz que espelhava a emoção da música de Orfeu.

Lina suspirou, trêmula, sentindo pela primeira vez a impressionante responsabilidade que se exigia de uma deusa. O futuro de Eurídice repousava em suas mãos.

Ela se virou na cadeira para encarar a moça.

O corpo delgado de Eurídice continuava rijo. O único movimento nele era o das lágrimas que corriam por sua face pálida e pingavam no tecido de seu diáfano vestido.

— Como você morreu? — Lina perguntou suavemente.

Eurídice não respondeu.

A melodia de Orfeu mudou para uma canção mais melancólica, que sublinhou suas palavras:

— Apenas um mês após o nosso casamento, fomos fazer uma caminhada ao luar. Eurídice se perdeu por conta de uma súbita neblina e escolheu o caminho errado. Em vez de este conduzi-la de volta para mim, seu amado marido, levou-a a um ninho de víboras, onde ela encontrou a morte.

Embora Orfeu não cantasse, suas palavras ainda soavam líricas. Lina sentiu que estas criavam um manto de tristeza ao seu redor, e tornou a chorar pela tragédia da morte de Eurídice.

Então aquela fora a escolha errada da menina. E a perda de seu jovem marido, o preço que ela havia pagado. Um preço que ainda pesava sobre sua alma.

Lina observou que a moça continuava emudecida pela tristeza, mesmo diante de Orfeu.

Comovida, estendeu o braço e apertou a mão da pequena alma. Esta era fria, e ela pôde sentir os tremores que sacudiam o corpo frágil de Eurídice.

— Eu a liberto — disse em meio às lágrimas. — Pode retornar à vida com seu marido. Agora compreendo sua tristeza e fico feliz em poder ajudá-la.

Eurídice engasgou com a surpresa. Seu corpo tremeu visivelmente, assim como seus lábios.

— Oh, querida! Não se preocupe comigo. Eu ficarei bem. Iapis cuidará de mim, assim como o deus do Submundo. — Lina tornou a lhe apertar a mão, buscando o apoio de Hades com o olhar.

O deus sombrio observava Eurídice, atento.

— Perséfone fez sua escolha e eu me curvo a ela. Porém, com uma condição... — Hades encarou Orfeu. — Eurídice pode retornar ao Mundo dos Vivos apenas se você não olhar para trás. Deve confiar que ela o seguirá. Quando sair deste palácio, não poderá pôr os olhos nela até que a pequena alma tenha partido do meu reino e esteja uma vez mais no mundo mortal.

— Sua vontade é uma ordem. Ela me seguirá, disso eu não tenho dúvida. — Orfeu se curvou diante de Hades e Lina. — Nunca mais deixarei de louvar sua benevolência com o meu canto. — Seus olhos capturaram os de Eurídice, e, mais uma vez, suas palavras se transformaram em música:

Segue-me, segue-me!

Juntos para sempre ficaremos

Tu me pertences, pertences a mim...

Unidos para sempre seremos.

Orfeu continuou extraindo magia de sua lira. Com um último olhar penetrante para a esposa, ele se virou, e, entoando seu canto, caminhou pelo Salão Nobre.

Eurídice começou a segui-lo, como se ele a tivesse laçado com uma corda invisível. Tropeçou nos degraus do altar, mas endireitou o corpo e seguiu aos trancos atrás do marido.

Olhou uma única vez por cima do ombro, e Lina ficou chocada com a expressão vidrada em

seus olhos. A pequena alma parecia mergulhada num transe.

Orfeu e Eurídice saíram do palácio, e Hades falou em meio ao repentino silêncio:

— As petições estão encerradas por hoje.

Iapis bateu a lança contra o chão de mármore, e o grupo de mulheres se curvou para Lina mais uma vez antes de desaparecer pela porta de entrada, deixando-a sozinha com Hades e Iapis.

Nenhum deles proferiu uma só palavra.

Lina não conseguia tirar da cabeça a expressão de Eurídice enquanto esta acompanhava o marido para fora do salão.

Enrolou um fio de cabelo ao redor do dedo, intrigada. Era como se a menina estivesse presa. Agora que Orfeu e sua música mágica haviam ido embora e a cena se repetia em sua cabeça, algo parecia fora do lugar.

Na realidade, sua intuição gritava que alguma coisa estava muito errada.

— Vou voltar para os meus aposentos — disse, tentando parecer indiferente, e sorriu brevemente para Hades. — Obrigada por me convidar. Achei tudo muito interessante. — Segurando a respiração, desceu os degraus do altar, apressada, na esperança de que Hades não a impedisse de sair dali. Fez um sinal para Iapis, que continuava em pé na entrada do salão. — Pode me levar de volta ao meu quarto? Quero descansar um pouco. Essa tensão toda me deixou exausta.

Lina viu o daimon lançar um olhar inquiridor por cima do ombro, contudo ele devia ter tido o aval de Hades, pois acedeu e, solícito, conduziu-a para fora do Salão Nobre. Quando já estavam distantes da sala de audiência, ela parou e puxou a manga de Iapis para que ele a encarasse.

— Há algo errado com Eurídice. Posso sentir isso. Não percebi nada enquanto Orfeu tocava sua música, mas, logo que ele se foi, tudo mudou.

— O que deseja fazer, senhora? — Iapis perguntou, baixando a voz.

— Preciso segui-los. — Lina não soubera o que ia dizer até ter falado... Porém as palavras a fizeram se sentir bem. — Tenho que me certificar de que tomei a decisão certa ao deixá-la voltar para o marido.

Iapis aderiu solenemente.

— Ninguém quer que ela se magoe.

— Claro que não.

— Venha por aqui — ele orientou, decidido, e levou Lina rapidamente para a frente do palácio. — Esse é o caminho. — Apontou para a trilha de mármore preto. — Eurídice não deve estar muito longe.

— Obrigada, Iapis! — Ela o abraçou num impulso, em seguida saiu correndo.

— O Submundo é seu, deusa da Primavera! — o daimon gritou atrás dela. — Pode ir e vir à vontade. E Eurídice também pertence a este reino. Mas Orfeu é um mortal: uma vez que passar pelo portal, não poderá mais voltar enquanto permanecer vivo.

— Vou me lembrar disso! — ela respondeu por cima do ombro.

— Perséfone foi atrás de Eurídice? — Hades perguntou ao amigo.

— Sim.

Ele caminhou pelo salão vazio, inquieto.

— Orfeu estava escondendo alguma coisa. Sua música teceu uma teia de sedução, porém

suas palavras eram falsas. A pequena alma não queria segui-lo.

— Concordo, senhor — Iapis falou com convicção.

Hades parou de andar.

— E você gosta de Eurídice.

Não era uma pergunta.

— Sim — confessou o daimon.

— Tem certeza?

— Eurídice me faz rir. E eu não ria há eras.

— Já se conheceram bem? — perguntou o deus das Trevas.

— Ainda não houve tempo para isso. E ela é tão moça! — lamentou Iapis, impotente.

Hades concordou.

— As mulheres são seres complicados.

— Verdade.

— Traga-me o elmo da invisibilidade. Vou seguir Perséfone. É possível que eu tenha de interceder para corrigir esse erro.

O alívio inundou as feições do daimon.

— Obrigado, senhor.

O olhar de Hades se aqueceu, e ele segurou a mão de Iapis.

— Não precisa me agradecer, meu amigo.

Iapis caminhou, apressado, para o suporte que segurava o elmo da invisibilidade. Agarrou-o com firmeza e, como sempre, seu peso foi uma surpresa para ele. Este parecia tão leve, mas, na verdade, era um enorme fardo para carregar.

Levou o elmo para o senhor do Submundo, e Hades o tomou de suas mãos.

Em seguida, fez uma pausa, pensativo.

— Iapis, preciso que faça algo por mim.

— Claro, senhor.

— Veja se Eneias esteve em Elísia recentemente.

— Fique tranquilo.

O deus assentiu. Depois, em um movimento rápido, colocou o elmo da invisibilidade sobre a cabeça.

A dor que varreu seu corpo foi excruciante, porém ele apertou os lábios e se recusou a ceder à agonia. Passaria logo, lembrou a si mesmo. Tudo o que valia a pena tinha um preço.

Respirou profundamente até recuperar os sentidos.

Iapis assistiu ao corpo do deus ondular e, em seguida, desaparecer.

— Traga-as de volta, senhor — falou para o espaço vazio diante dele.

A resposta de Hades flutuou até o daimon, já vindo do outro lado do salão:

— Eu as trarei.

CAPÍTULO 14

Lina avançava, depois abrandava o passo, conseguindo manter Eurídice à vista sem se colocar ao alcance da música de Orfeu.

— Ele não se cansa nunca? — indagou para si mesma.

Ao considerar a situação com a mente limpa, em vez de nublada pelas notas de um feiticeiro disfarçado de músico, não fora difícil para ela perceber o perigoso efeito que a música de Orfeu tinha sobre todos que a ouviam. Os mortos interrompiam sua peregrinação por Elísia quando ele passava. Flores e árvores balançavam em sua direção. Até mesmo ela ficava sorrindo como uma boba se chegava perto demais de sua voz.

— *Urgh!* Orfeu parece aquelas guloseimas que são doces demais! Deliciosas à primeira vista, mas capazes de provocar vômitos logo em seguida — Lina falou para si mesma, feliz por se ver atenta apenas à própria voz enquanto cumprimentava brevemente os espíritos que, surpresos, faziam reverências e se curvavam enquanto ela passava, apressada.

— Eu devia ter sido mais esperta. Devia ter prestado mais atenção a Eurídice do que a esse fedelho que canta! E não devia ter sido tão arrogante em relação àquela cena toda de Dido — concluiu, mordendo o lábio, frustrada.

O céu à sua frente começou a mudar, e um calafrio percorreu seu corpo. Sabia muito bem que a luz se desvanecendo sinalizava o final da parte bela do Submundo. Estava refazendo o caminho pelo qual ela e Eurídice tinham vindo do Mundo Superior.

Obrigou-se a não pensar nos sonhos ruins e nas trevas. Se Eurídice passaria por ali novamente, ela também passaria.

À sua frente, ouviu um latido assustador. Pouco depois, a música distante ficou mais alta, e os latidos se transformaram em grunhidos de filhote.

Lina abanou a cabeça. Que *diabo* Orfeu estava fazendo?, perguntou-se com uma careta.

Armando-se contra o feitiço da música, apressou o passo até caminhar num ritmo constante, e as pernas longas de Perséfone a carregaram rapidamente. Sua respiração continuou profunda e regular, e ela sorriu com satisfação. O corpo de Perséfone não era apenas jovem; também estava em grande forma.

A trilha fez uma curva abrupta para a esquerda, e Lina estacou. Bloqueando o caminho, bem à sua frente, estava um cão monstruoso. A criatura medonha se avultou sobre ela e rosnou num aviso ameaçador.

Ela piscou, tentando clarear a visão, mas a imagem permaneceu diante dela.

— O maldito tem três cabeças! — disse, ofegante.

O “maldito” rosnou outra vez, e Lina apertou os lábios. Era apenas um cão. Claro que o maior cão que ela já havia visto... E, *merda!*, tinha três cabeças!

A criatura tornou a rosnar com saliva escorrendo pelas três bocas.

O rosto de Lina se iluminou com um sorriso aliviado assim que sua mente atordoada processou o que ela via. O monstro não era nada mais do que uma versão gigante de Edith Anne, com a mesma papada e baba pendendo da boca, só que multiplicada por três.

Seu riso fez três pares de orelha se erguer em sua direção.

Ela avançou, falando em um tom que considerava o seu mais “canino” (o qual era muito diferente de seu “tom felino”, pois gatos não toleravam conversa de bebê de nenhum tipo):

— Ei, bonitinho! — chamou, delicada.

O monstro abanou as três caudas, hesitante.

— Que surpresa maravilhosa! E pensar que eu já estava sentindo falta de Edith Anne! Acho que agora vou ter que transformá-lo no meu Cãozinho do Inferno enquanto eu estiver aqui — falou, já a curta distância da horrenda criatura.

— *Arfgh!??* — respondeu a fera.

— Edith adora quando eu faço carinho em suas orelhas. Venha cá. Abaixese um pouco para experimentar. — Lina estendeu a mão delgada em direção a uma das seis orelhas, e o monstro inclinou a cabeça para que ela a acariciasse.

Uma das outras cabeças da besta suspirou e roçou seu braço, quase fazendo-a perder o equilíbrio. As outras duas ganiram, lastimosas.

— Cachorro bonito... — Lina sorriu, batendo de leve no focinho molhado da cabeça do meio, e fazendo o terceiro cão uivar como um filhotinho carente. — Ah, venha aqui... Que tal um carinho sob o queixo?

Enquanto sussurrava, acariciava e seduzia o monstrengo, Lina vasculhou a mente em busca de um nome.

O Cérbero é o cão de guarda do Submundo. Sua função é devorar qualquer alma que tente escapar e evitar que pessoas vivas entrem no reino de Hades.

— Isso, garoto! — Lina prosseguiu. O cão ganiu e todas as três cabeças lhe deram aquele olhar triste de cachorro. — Não se sinta mal. Orfeu me enganou também.

Três caudas balançaram no ar.

— Tudo bem, vamos fazer um acordo. Vou seguir aquele músico impostor e Eurídice. Só precisa cuidar para que o “Linguinha de Ouro” não passe por você de novo! — Ela tentou reunir os três pares de olhos. — Entendeu bem?

O Cérbero se agitou e latiu.

— Ótimo. Já vi reprises de *Lassie* o suficiente para saber quando um cachorro diz “sim”. Seja um bom menino, quero dizer... *sejam bons meninos*. Eu os verei na volta.

E, com um carinho final em uma das orelhas, Lina deixou o guardião do Submundo abanando os rabinhos e latindo tal qual um cachorrinho feliz.

Saiu, apressada, retomando seu ritmo com determinação.

— Eu não devia mais ficar tão surpreso — Hades murmurou para si mesmo depois de observar Perséfone enfeitiçar o Cérbero como havia feito com suas montarias. Seguro dentro da invisibilidade proporcionada por seu elmo, ele seguira a deusa de perto o suficiente para ouvi-la censurar a si própria por ter permitido que a música de Orfeu a influenciasse em seu julgamento. Perséfone era muito mais sábia do que imaginava. Pois ele também não se deixara enganar pelas palavras do mortal? E isso porque era um deus maduro e experiente no comando de seu reino!

Verdade que ela era uma deusa, mas parecia uma criança. E, mesmo assim, continuava a dar provas incríveis de maturidade.

Por exemplo, o instinto dele lhe dizia que Iapis confirmaria que Eneias havia acabado de entrar em Elísia. Como Perséfone tinha percebido a dissimulação de Dido quando tudo o que ele observara fora uma alma feminina adorável acostumada à presença de imortais?

E ela ainda se opusera a seu ponto de vista, não com a ira típica das deusas, mas com lógica e discernimento.

Hades riu ao se lembrar da aposta que Perséfone havia feito. Antes de ela ter vindo visitar seu reino, ele jamais teria acreditado que a deusa fosse muito mais do que uma jovem e fútil divindade.

Perséfone acariciou o Cérbero, e Hades sentiu uma súbita onda de ciúme por conta da atenção que ela dispensava à criatura de três cabeças.

Apertou a mandíbula. Queria que Perséfone o tocasse.

O pensamento fez suas mãos suar. Era chocante, porém ele não podia mais negar: talvez o que Iapis dissera fosse verdade. Talvez fosse melhor, mesmo, experimentar um pouco de felicidade do que nenhuma.

Enquanto seguia às pressas pela estrada, Lina pensou que, mais cedo ou mais tarde, teria que voltar e visitar o cão de três cabeças outra vez. Quem sabe pudesse levar um agrado para ele. Edith Anne, sua cadela, amava *Bacos*... Certamente o pessoal da verdadeira *Hell's Kitchen*, a cozinha do Inferno, poderia fritar um pouco de *bacon* para um lanche.

Ao se lembrar do tamanho da criatura que acabara de conhecer, contudo, concluiu que eles teriam que fritar *muito bacon* para o Cérbero.

A estrada fez outra volta abrupta, e Lina estacou, quase caindo na beira de um lago que ameaçou engolir seus pés. Suas águas eram densas e negras, quase oleosas.

Olhou ao redor. A escuridão cercava toda a lagoa, de modo que a água parecia se estender infinitamente para todos os lados.

Estremeceu, porém tratou de se recompor. Ela era uma deusa, lembrou, medindo cada palavra com cuidado.

Ilumine o lugar!, sussurrou sua consciência.

Com uma exclamação de alívio, Lina levantou a mão e ordenou:

— Preciso de luz!

A esfera incandescente brotou de sua palma e pairou sobre ela.

— O que deseja, senhora?

Ela pulou e soltou um gritinho estridente que, com certeza, não a qualificaria como uma deusa. Surgindo da escuridão, um homem esquelético se materializara a seu lado. Usava vestes cinzentas que se arrastavam no chão e carregava um longo cajado, fazendo-a se lembrar das varas que os gondoleiros usavam para conduzir os barcos pelo canal de Veneza.

Mas era aí que sua semelhança com qualquer coisa mortal ou romântica acabava. O homem era um ser repugnante, cujos olhos enormes, cor de âmbar, brilhavam com uma estranha luminescência.

Lina não precisou vasculhar a memória para lhe dar um nome. Era ninguém menos do que Caronte, o barqueiro do Inferno.

— Preciso seguir Orfeu e Eurídice. Você os transportou através do lago?

— Sim, senhora.

— Então eu quero ir também.

— Como desejar, senhora. — Ele fez um gesto largo e, de repente, um barco apareceu, empurrando o banco de areia a seus pés.

Dizendo a si mesma para não pensar em naufrágios, lagos sem fundo ou coisas assustadoras que poderiam estar à espreita logo abaixo da superfície, Lina subiu na embarcação, tomando assento próximo ao centro.

Caronte entrou no barco e se inclinou para fincar a vara no fundo do lago, porém parou em

meio ao movimento e ficou muito quieto, como se estivesse ouvindo palavras sussurradas. Balançou a cabeça com o mais breve dos movimentos, fez uma pausa e, em seguida, finalmente os empurrou para longe da margem.

— A viagem não é longa, senhora.

Lina assentiu e tentou, sem sucesso, relaxar. Manteve os olhos focados adiante, não querendo olhar para a água.

Uma lembrança a invadiu: a cena de *O Senhor dos Anéis*, no momento em que Frodo e Sam atravessavam os Pântanos Mortos. Estremeceu, com medo de olhar para dentro da água e ver refletidos rostos de cadáveres. Seu único consolo era a esfera de luz que pairava lealmente perto de seu ombro.

Perséfone estava com medo. Com tanto medo que ele quase arrancou o elmo da cabeça.

Mas, então, se lembrou de sua reação quando zombara dela por ser jovem e mimada. Provavelmente Perséfone não ficaria muito feliz com sua interferência, por ele ter usado o elmo como subterfúgio... muito menos com o fato de ter se disfarçado para segui-la.

Seus instintos, entretanto, sussurravam para que ele a tomasse nos braços e a protegesse de seus medos.

Como sempre, Hades ouviu a voz da razão, embora, pela primeira vez em sua existência, ansiasse por seguir a do coração.

Caronte sentiu a presença de seu deus. Sabia que, quando embarcara com Perséfone, o senhor das Trevas também entrara no barco. Também se deu conta de que o deus do Submundo queria manter a deusa alheia à sua presença.

E se havia uma coisa que sabia fazer era ser discreto.

Hades permaneceu na extremidade oposta da embarcação com os olhos fixos em Perséfone. Viu a maneira como ela se agarrava ao assento: com tanta força que tinha os nós dos dedos esbranquiçados. Também mantinha a espinha ereta, como se, assim, pudesse se armar contra seu pavor. Sua pequena luz iluminava o espaço ao redor, e ela parecia estar flutuando em um halo que era quase tão fascinante quanto sua beleza.

O barco encontrou uma marola e oscilou perigosamente. Perséfone estremeceu inteira em resposta.

Rápido, mas com cuidado! A raiva de Hades viajou até os pensamentos de Caronte. O barqueiro concordou com um discreto gesto de cabeça, mesmo estremeecendo sob a fúria do deus.

Com o senhor do Submundo em permanente vigilância, o restante da travessia foi rápido e tranquilo.

— Siga o caminho que conduz até lá adiante, senhora. — Caronte apontou para a frente, na escuridão, e Lina saiu do barco para a margem. — O portal do Hades fica um pouco além. Após passar por ele, encontrará a entrada para o Mundo Superior.

Lina percebeu que não precisava de nenhuma coordenada. Deméter tinha razão. Era como se seu corpo pressentisse o caminho para o mundo lá de cima.

Mesmo assim, sorriu educadamente para o barqueiro.

— Obrigada, Caronte. Conheço o caminho a partir daqui. — Deu alguns passos, parou e voltou-se para o homem alto. — Vai estar aqui quando eu voltar, não vai?

Caronte quase sorriu.

— Sim, senhora.

— Ainda bem.

Lina e sua esfera de luz se afastaram do lago e, sob o manto de invisibilidade, Hades as seguiu.

Os portões cor de marfim assomaram diante dela. Por sorte, não havia nenhum sinal do misterioso nevoeiro formado por pesadelos.

Passando pelas portas, Lina estreitou os olhos, tentando avistar a forma etérea de Eurídice, mas não viu nada além do veludo da escuridão.

Parou e tentou escutar alguma coisa. Ainda podia ouvir a música, porém esta parecia distante e indistinta.

Ah, por favor, não permita que seja tarde demais!, rezou em silêncio enquanto disparava a correr com a vontade de uma velocista.

Passou pelo bosque de árvores brancas como um relâmpago, em seguida encontrou a passagem subterrânea e deu um suspiro de alívio. Dentro deste, divisou duas silhuetas: uma a vários metros à frente da outra.

Correu silenciosa e rapidamente, cobrindo a distância que a separava de Eurídice em um só fôlego.

Mas a música era tão doce!

Lina sentiu os ombros relaxar e os passos vacilar. Deveria descansar um pouco e depois...

Não preste atenção à música!, sua mente gritou as palavras, e, com o poder de uma deusa, ela bloqueou a enfeitiçante melodia de Orfeu.

De repente, e com muita clareza, Lina foi capaz de ouvir algo que ficara abafado sob as notas até então: o choro de Eurídice.

Como se pressentisse sua presença, a moça olhou por sobre o ombro e, quando a viu, suas feições se transformaram com a força de sua emoção.

Lina percebeu que Eurídice ainda lutava contra o feitiço da canção de Orfeu. Mesmo estando quase na boca do corredor escuro, a pequena alma continuava tropeçando e arrastando os pés, resistindo como podia à atração que a música do marido exercia.

De súbito, num descomunal esforço, ela proferiu silenciosamente apenas uma palavra na direção de sua deusa:

Socorro!

Orfeu entrou na luz solar do Mundo dos Vivos, e Hades ergueu as mãos para tirar o elmo da invisibilidade e fazer algo que ele nunca tinha feito: revogar sua palavra, não permitindo que Eurídice deixasse o Submundo.

Antes que pudesse agir, contudo, Perséfone o fez: agarrou Eurídice pela mão e a segurou de tal modo que a moça conseguiu impedir a si mesma de pisar na luz.

Então, com uma voz doce que representava bem a sua ingenuidade, a pequena alma chamou o músico, que permaneceu de costas.

— Oh, meu Deus! Orfeu, veja! A luz do sol faz com que minha túnica fique transparente, e não tenho nada por baixo!

Com um grito de vitória, o jovem e arrogante músico se virou.

Seu olhar de triunfo desapareceu, no entanto, quando percebeu que encarava a esposa e a deusa Perséfone, e que ambas continuavam em segurança na boca escura do Submundo.

— *Nãããão!* — Seu grito de fúria ecoou pelo túnel, e ele saltou para a frente.

Invisível, Hades ergueu a mão e emitiu um comando silencioso.

O corpo vivo do músico tentou passar pela sombria entrada de seu reino, e o ar ao seu redor pareceu solidificar.

Orfeu cerrou o maxilar e tentou avançar outra vez, mas a barreira invisível o impedia. Quanto mais lutava, mais firme a barreira se tornava.

— Você pertence a mim! — Suas palavras não eram mais sedutoras ou mágicas, e sim duras e cruéis.

Eurídice se encolheu, como se com medo de que ele a surrasse.

Lina sentiu uma onda de raiva invadi-la.

— E você parece uma criança mimada, Orfeu! Não pode possuir a alma de outra pessoa. Volte para o seu mundo e deixe Eurídice em paz!

— Nunca! Ela sempre será minha!

Lina abanou a cabeça. Conhecia bem aquele tipo de homem. Ele nunca se contentaria apenas em amar uma mulher. Sua espécie precisava controlar, intimidar, subjugar...

Percebeu a ira se expandindo dentro dela, o que conferiu poder às palavras que atirou em Orfeu:

— *Vá embora, fedelho!*

Algo se chocou contra o músico, ergueu seus pés e o lançou para longe do corredor sombrio, até que ele desapareceu.

Aparentemente, havia descoberto outro poder da deusa Perséfone, Lina refletiu com um sorriso amargo. Ninguém deveria irritar uma deusa.

Sem saber que estava sendo seguida pelo deus invisível, passou um braço em torno de Eurídice, que ainda soluçava em silêncio. Apoiando seu peso leve, afastou-se do Mundo dos Vivos e conduziu a moça pela escuridão acolhedora do túnel, depois pela clareira das árvores brancas.

Uma vez segura dentro do corredor sombrio, Eurídice desabou no chão. Tinha parado de chorar, mas estava ofegante como se tivesse acabado de correr uma maratona.

— ...Você veio atrás de mim! — ela se esforçou para falar enquanto lutava para controlar a respiração.

Lina sentou-se a seu lado e a abraçou com força.

— Claro que vim. Eu sabia que algo estava errado. Desculpe eu tê-la deixado ir... Foi a música. A princípio não consegui pensar claramente por causa dela, mas, assim que partiu com Orfeu, percebi que não queria ir com ele.

— Não. — Eurídice estremeceu, porém buscou forças no abraço de sua deusa. — Eu não queria ir com ele.

— A escolha errada que disse ter feito... Não foi ter tomado o caminho que a levou à morte, foi? — Lina quis saber.

— Não — confirmou a moça, a voz tornando-se mais forte enquanto falava. — Orfeu foi a minha pior escolha. Eu o conheci, e no dia seguinte estava comprometida com ele. Fiquei tão cega pela magia de sua música, que nem mesmo olhei para sua alma. Se eu tivesse feito isso, teria visto que seu coração era cheio de crueldade, mas não me dei conta de nada até que fosse tarde demais. — Eurídice estremeceu, porém tentou se controlar. Precisava desabafar. Ficara em silêncio por tempo demais. — Tudo começou com coisas pequenas. Ele não gostava do meu cabelo, pediu-me que mudasse. Eu obedeci. Depois implicou com as minhas roupas, com meus amigos... — As palavras vinham cada vez mais rápido. — Tentei contar à minha

família, mas eles só ouviam a música de Orfeu. Entregaram-me a ele de boa vontade, acreditando que a minha hesitação era puro “temor virginal”. Depois que nos casamos, Orfeu nem sequer me permitiu visitar minha família. Não suportava minha ausência. Era como se quisesse me consumir. Se eu tentava ficar longe dele, mesmo que fosse para ter um momento de privacidade, ele me batia. Orfeu me bateu várias vezes. A vida com ele era uma prisão. — Os olhos de Eurídice continuaram marejados, porém as lágrimas cessaram. — Quando o nevoeiro fez com que eu me perdesse dele, simplesmente fugi. Nem mesmo vi o ninho de cobras. No final, fiquei feliz por ter sido mordida. De certa forma foi um alívio.

— Você é muito corajosa. — Lina tocou a face úmida da garota.

— Acha isso mesmo, Perséfone?

— Claro que sim. Tem a palavra de uma deusa.

Eurídice sorriu.

— Então devo acreditar. — Sua expressão mudou, tornando-se introspectiva.

— O que foi, querida? — Lina quis saber.

A menina olhava para o caminho que levava de volta ao Submundo.

— Tenho que ir. Não posso ficar tão próxima do Mundo dos Vivos. Não me sinto bem.

Lina concordou com um gesto de cabeça. Podia ver a necessidade nos olhos da pequena alma.

Os passos de Eurídice se mostraram confiantes conforme ela atravessava o bosque de árvores cor de leite, e Lina a seguiu vagarosamente.

Quando se embrenharam por entre as árvores, ela parou, e a moça a fitou por cima do ombro.

— Não vai voltar comigo? — A voz de Eurídice soou assustada mais uma vez.

— Sim, não se preocupe. Eu estou indo. — Lina hesitou. — Importa-se em ir na frente, querida? Preciso fazer algo, primeiro, e não quero obrigá-la a me esperar.

— Mas, vai voltar para o palácio de Hades?

Sob o elmo da invisibilidade, o deus prendeu a respiração à espera da resposta.

— Claro que sim. Eu só preciso ter uma conversa rápida com Deméter.

Ele e a menina suspiraram, aliviados.

Eurídice compreendia a necessidade de Perséfone de falar com a deusa, até porque, de certa maneira, ela havia tomado o lugar de sua mãe viva. Assentiu com um sorriso.

— Posso voltar antes para o palácio, então.

— Não vai ficar com medo de ir sozinha?

— Não. Meu lugar é aqui. Não sinto mais medo.

Lina a abraçou outra vez.

— Não vou me demorar muito.

A pequena alma sorriu e cruzou os portões cor de marfim.

Conforme Lina adentrou o bosque novamente, ouviu a voz da garota ecoando através dos galhos.

— Vou providenciar para que deixem uma refeição pronta para você! Vai estar faminta quando voltar!

Lina sorriu. Eurídice ficaria bem.

Sentindo-se como um *voyeur*, Hades continuou no encalço da desavisada Perséfone.

Não deveria continuar a seguir a deusa. Eurídice estava livre e retornava em segurança ao

palácio. Essa fora a razão para que ele pusesse o elmo da invisibilidade e fosse atrás delas: um motivo plausível.

Agora, deveria voltar ao palácio também, afinal, sua missão fora cumprida.

Mas não voltaria. Ainda não. Queria ver Perséfone correndo por entre as árvores, a esfera de luz tocando-lhe o lindo rosto como uma carícia.

Ah, como ele invejava aquela luz!

Perséfone passou pelo túnel rapidamente, mal parando para levantar a mão e ordenar que a luz a acompanhasse. Então saiu do Submundo para o brilho suave de um belo amanhecer.

Hades a seguiu.

Perséfone olhou ao redor, atenta, e ele se perguntou se ela estaria preocupada que Orfeu continuasse à espreita.

Não, lembrou a si mesmo. O músico fora lançado longe pelo poder da ira da deusa. Perséfone devia saber que ele se encontrava muito distante dali.

Mas ele parecia procurar por algo.

Perséfone se afastou da passagem escura, descendo a trilha ladeada por exuberantes samambaias. Eventualmente, parava e espiava por entre a vegetação como se estivesse procurando por um berloque perdido.

Então suspirou, resmungou algo ininteligível, e seguiu em frente.

O caminho foi se tornando íngreme, e logo Perséfone chegou perto da margem alta do lago Averno. A deusa sorriu e respirou fundo, apreciando a vista.

Hades quis gritar que o Averno não era nada comparado às maravilhas de Elísia. Havia coisas muito mais espetaculares em seu reino do que um simples lago ao amanhecer.

Apertou a mandíbula. Queria tanto mostrar a ela a magnificência de seu reino e ver seu rosto se iluminar com a descoberta!

— Ah, aí está você!

A voz de Perséfone soou aliviada, e ela correu para uma cuba de mármore sobre uma pilastra, à margem da trilha. No interior desta, ele avistou uma bola de vidro de grandes dimensões. Seu interior era sombrio, como se estivesse cheio de um creme denso, e Hades reconheceu imediatamente o oráculo de uma deusa.

Perséfone parou diante do oráculo e hesitou. Parecia insegura.

Então fechou os olhos, como se precisasse se concentrar. Quando os abriu, um momento depois, seus lábios carnudos se curvavam no mais breve dos sorrisos.

Sem mais hesitação, ela passou as mãos sobre o cristal três vezes, e o interior do globo começou a girar.

— Deméter? — Perséfone falou com o oráculo. — Eu quase te coloquei numa encrenca!—

O rosto da deusa da Colheita se materializou dentro da esfera de vidro.

— Usou a palavra “quase”, o que significa que deve ter corrigido seu erro — Deméter replicou, a voz soando meio abafada e artificial ao sair do oráculo.

Perséfone suspirou.

— Sim, mas se eu não o tivesse corrigido, meu erro teria resultado em uma vida de sofrimento para uma menina linda e jovem.

— Não temos de ser perfeitas apenas porque somos deusas. Devemos usar nosso melhor julgamento, mas, às vezes, cometeremos erros.

Perséfone puxou um longo fio de cabelo e começou a girá-lo em torno do dedo.

— Não quero cometer erros que causem dor aos outros.

Hades se obrigou a dar meia-volta e caminhou rapidamente pela passagem sombria. Já havia invadido demais a privacidade de Perséfone. Sua consciência não lhe permitiria continuar a ouvir a conversa da jovem deusa com sua mãe.

Arrancou o elmo da invisibilidade. Aquilo não era para ser usado como um dispositivo de escuta. Era para ser usado com discernimento, não com egoísmo. Estava envergonhado de si mesmo. Não tinha acabado de repreender Steneboia por suas mentiras e egoísmo?

Nunca se comportara daquela maneira. Não era nenhum rapaz imaturo. Sabia que assim não ganharia o coração de uma deusa.

Hades parou. Era isso o que ele queria? Conquistar o coração de Perséfone?

Passou a mão pelo cabelo. Ele a desejava. Seu corpo até doía. Por muito tempo, acreditou que suas características, de alguma maneira, o mantinham fechado para as necessidades comuns dos deuses. Evitava as mulheres, fossem elas mortais ou imortais, porque sua natureza desprezava os casos amorosos simples e a paixão sem sentido. Isso não lhe satisfazia.

Era após era, testemunhou nos espíritos dos mortos aquilo que os mortais conheciam tão bem: o laço eterno de almas gêmeas. E ser testemunha dessa forma de amor única e inesquecível só aumentou sua crença. Nada menos do que a união por toda a eternidade o satisfaria.

Ah, ele já havia tentado séculos antes... Ainda sentia o estômago se apertar ao pensar em sua breve amante mortal, Menta.

Conhecera a moça durante uma de suas raras visitas ao Mundo dos Vivos. Ela estivera colhendo flores para seu primeiro ritual de fertilidade, e a chegada dele fora como uma resposta às suas orações.

Ele a fizera sua lá mesmo, no campo perfumado, e lá ele a visitara muitas vezes, até que ela jurou amá-lo e prometeu deixar a casa em que morava para viver com ele.

Olhando para trás, ficou surpreso com a própria ingenuidade. Ainda doía lembrar a histeria de Menta no momento em que ele enfim revelou-se como o senhor dos Mortos.

Em sua mente, podia ver tudo acontecendo outra vez: o voo cego da moça quando ela se atirara no precipício, e como ele a apanhara no ar antes que ela pusesse fim à própria vida.

Em vez de condená-la a uma eternidade de lamentações em seu reino, ele invocou seu poder imortal e a transformou na erva doce e perfumada, a qual mantivera sua beleza delicada, bem como seu nome.

Ao contrário das mortais, as deusas não o temiam, porém também não o compreendiam. Zombavam dele, pensando que era austero e sombrio por governar o Submundo. Além de Perséfone, nenhuma outra divindade tinha se preocupado em visitar seu reino.

Hades bufou, irônico. Ele também nunca tivera vontade de convidá-las a fazer isso. Deusas não sabiam o que era lealdade, tampouco o que era amar verdadeiramente.

Atena, por exemplo. Traíra seu precioso Ulisses, permitindo que ele ficasse perdido por vinte anos antes de retornar à casa de sua fiel esposa.

Suspirou. Tinha sido fácil convencer a si mesmo de que nunca teria uma companhia.

Mortais precisavam morrer para reinar a seu lado, por isso o temiam e fugiam do seu amor. Deusas eram imortais, entretanto elas jamais pertenceriam a ele.

Por isso se contentara em governar seu reino e viver cercado pela beleza dos Campos Elísios e maravilhas de seu palácio.

Mas, não mais.

Seus lábios benfeitos sorriram com ironia. O deus dos Mortos desejava a deusa da Primavera. Mesmo dentro de sua cabeça isso parecia impossível.

Lembrou-se do sorriso brilhante de Perséfone e da maneira quase infantil com que ela reagira a seus domínios. Mesmo assim, demonstrara uma maturidade que desmentia sua aparência jovem. Era diferente das outras deusas.

Mas Perséfone seria diferente o bastante para amá-lo? Como ele poderia seduzi-la?

Andou de um lado para o outro enquanto pensava.

De repente, teve uma ideia e abriu um sorriso vitorioso.

Levou os dedos aos lábios e seu assobio rasgou a escuridão, viajando com uma velocidade mística por todo o caminho de volta até o palácio.

CAPÍTULO 15

— Em outras palavras, não há nenhuma varinha mágica, ou algo do gênero, que possa sacudir em cima de mim para garantir que eu tome as decisões corretas. Mesmo que meus erros prejudiquem os outros? — Lina sabia que parecia irritada. Para que servia uma deusa se ela também era falível?

A expressão de Deméter era gentil.

— A sabedoria não vem com a imortalidade, *filha*. — Ela deu ênfase à última palavra de modo a reforçar seu papel. — A sabedoria vem com a experiência. E você já adquiriu muita experiência na vida. Ouça a sua intuição. Use sua mente. Acredite em si mesma. Se cometer um erro, aprenda com ele. — A esfera de vidro começou a ficar enevoada, obscurecendo o rosto da deusa. — Agora retorne a Hades com a minha bênção...

E a voz de Deméter, assim como sua imagem, desapareceu.

Lina suspirou. Estava sozinha.

— Espero que Perséfone esteja tendo mais sorte na *Pani Del Dea* — resmungou consigo.

No instante em que proferiu as palavras, o vapor dentro da esfera começou a girar outra vez. Ao mesmo tempo que ela assistia, com espanto, a nebulosidade se dissipar, revelando uma cena que fez seu estômago se contrair com uma inesperada onda de nostalgia.

Lina se curvou para perto do oráculo, atenta. A *Pani Del Dea* estava, definitivamente, tendo um bom dia. A pequena padaria encontrava-se repleta de clientes. Na verdade, ela piscou, surpresa, estava *entupida* de gente.

Tentou enxergar melhor através da esfera mágica, notando os rostos familiares e percebendo que estes estavam em minoria. Não reconhecia mais a sua clientela!

Porém, esta parecia mais do que satisfeita. Havia muita conversa e riso enquanto... — piscou de novo, e seu rosto se desmanchou num sorriso — ...enquanto comiam *Pizza alla Romana*, a pizza que tinha convocado Deméter!

Também avistou várias placas novas ao longo da parede, atrás das travessas de massas. Em negrito lia-se “*Pizza del Giorno*, ou Pizza do Dia: *Quattro Stagioni* — Pizza Quatro Estações, com todos os seus ingredientes favoritos: tomate, alcachofras, cogumelos, azeitonas, três queijos e presunto.” Outra chamava a atenção para o “*Vino del Giorno*, ou Vinho do Dia: *Peppoli, Chianti Classico Riserva*.”

O último cartaz, entretanto, a confundiu: “Barricas de *cream cheese* de ambrosia limitadas a três por cliente.”

Cream cheese de ambrosia? O que era aquilo?

Engasgou e sentiu o rosto pegar fogo quando se viu saindo das portas de abrir e fechar da cozinha e entrar na padaria. Sacudiu a cabeça repetidas vezes em um movimento de negação.

O que Perséfone fizera com ela?! Não estava usando um de seus bem cortados terninhos. Usava uma saia de seda trespassada, de um fúcsia brilhante, e uma blusa sem mangas, cor de melão. E a saia era curta... Muito curta!

E fúcsia! Não tinha nenhuma peça de roupa daquela cor! Sem dizer que o decote baixo da blusa expunha perigosamente seus seios.

Boquiaberta, Lina olhou para o restante de seu próprio corpo. A parte das pernas que a saia revelava estava morena, assim como o resto de seu corpo, o qual, em sua opinião, encontrava-

se exposto demais. E ela perdera peso.

Estreitou os olhos e estudou a si mesma. Não. Talvez não tivesse perdido peso. Parecia apenas mais tonificada e saudável. Suas curvas continuavam lá, porém mais visíveis e bem definidas. E seus cabelos também pareciam diferentes. Estavam pelo menos uns dois centímetros mais longos.

Como era possível? Não se encontrava fora apenas um ou dois dias?

Lina olhou novamente. Sim, estavam mais compridos, mesmo, e lhe caíam sobre os ombros em camadas, o que lhe dava um ar travesso.

Um homem lhe fez um sinal, e ela respondeu jogando os cabelos e abrindo um sorriso atrevido.

Merda! Ele não era nem mesmo um *homem*: era um menino que, mais do que depressa, se concentrou no objeto de sua atenção.

Lina ficou boquiaberta enquanto se observava flertando descaradamente com um jovem bonito e musculoso e que parecia familiarizado demais com ela. E ele não tinha mais de vinte e cinco anos!

De repente, o rapaz se curvou e a beijou na boca. Bem no meio da padaria! Bem na frente de todos!

— Que p... *merda* é essa?! — Lina exclamou, chocada demais para praguejar corretamente em italiano ou inglês.

Perséfone riu e andou, ainda brincando, para longe de seu pretendente. Por uma fração de segundo, ele ergueu os olhos e piscou *para ela!*

Lina respirou fundo e recuou como se tivesse levado um tapa. No mesmo instante, o vidro começou a girar, ficou turvo outra vez, e a imagem da *Pani Del Dea* se dissipou como fumaça.

— Problemas com o oráculo, minha deusa? — Uma voz profunda falou atrás dela.

Ela se virou e deu de cara com um homem.

Um homem surpreendentemente belo e forte.

— Perséfone? Eu não sabia que era você.

— O-Olá — ela gaguejou, ofegante, a mão trêmula cobrindo o coração que batia forte. Quem era aquele *deus*?

Um nome flutuou, sedutor, de sua mente, tal qual um sussurro erótico: *Apolo*.

Lina abanou o rosto quente e tentou se recompor.

— Você me assustou... Apolo.

O deus descansou de encontro a uma grande pedra. Trajava uma túnica de couro curta, com uma espécie de placa no peito, e uma saia curta que se assentava em torno de seus quadris estreitos e pernas musculosas.

A “saia”, entretanto, de modo algum o fazia parecer efeminado. Usava, também, um par de sandálias, e o restante de seu corpo estava nu.

Muito nu. E Apolo era todo músculos. Seu sorriso era suave e atraente, e ela não pôde evitar encará-lo. Até porque, olhar para ele era o que a situação exigia.

O deus apontou o oráculo com um gesto de cabeça.

— Conversando com Deméter?

— ...Sim.

— Ela foi visitar Hera. Acho que aquelas duas estão planejando algo novo com que atazanar Zeus. — Apolo baixou a voz num tom conspirador, e seus olhos brilharam. —

Correm boatos de que ele se apaixonou por uma mortal... outra vez. — Coçou o queixo forte, pensativo. — Parece que o nome da infeliz é Io. — Balançou a cabeça e riu, os olhos de um azul fascinante, brilhando maliciosamente. — Nunca vou entender esse temperamento de Hera. Nós todos sabemos que Zeus tem uma queda por tudo o que é belo, mas ele escolheu apenas uma mulher. Ela não deveria perder tempo com ciúmes infundados.

Lina levantou uma sobrancelha perfeita.

— Não considera importante a fidelidade no casamento?

— Acredito que o importante é o prazer. Aliás, como você bem sabe, Perséfone... — O olhar dele foi íntimo e sedutor.

Santo Deus! Apolo tinha sido amante de Perséfone?!

— Aliás, eu ficaria muito honrado em lembrá-la das delícias de que somos capazes, deusa da Primavera...

Ele se ergueu da pedra e se aproximou dela com uma graça felina.

Lina sentiu a boca seca. Ele a tomaria nos braços?

Ergueu a mão, impedindo-o de continuar. Apolo podia ser o homem mais bonito que ela já vira na vida, mas ela não era do tipo que beijava estranhos, embora fosse exatamente isso o que Perséfone vinha fazendo em seu mundo.

O jovem deus a viu se reter, mas, bem versado na sedução, sabia muito bem como lidar com uma deusa que fingia timidez. Em um movimento fluido, mudou de tática. Em vez de tomar o delicioso corpo de Perséfone nos braços, segurou seu pulso, curvou-se galantemente sobre a mão delicada e, como o cavalheiro que *não* era, beijou-a de leve. Sem soltá-la, fitou-a no fundo dos olhos.

— Eu a vi brincando nos campos, enquanto eu dirigia minha carruagem no céu. Seu corpo se move com mais graça do que as flores sob a brisa da manhã. Faríamos uma boa dupla, você e eu: o deus da Luz e a deusa da Primavera.

Lina quase riu alto aliviada. Ali estava uma coisa com a qual ela estava acostumada a lidar: um *cara de pau* com um bom discurso.

Piscou os cílios longos para o belo deus e suspirou com um ar angelical. Para garantir, até adicionou um pouco do sotaque cantado de Oklahoma na resposta:

— Ah, Apolo, estou *tão* feliz!

Os lábios perfeitos do deus começaram a se curvar com a vitória, porém as palavras seguintes de Lina o fizeram congelar.

— Imagine, só! *Eu* me casando com o deus da Luz! Eu não poderia estar mais emocionada! — Ela apertou a mão dele e começou a dar pulinhos como uma adolescente tonta. — Espere até eu contar à minha mãe!

— C-Casando? — A voz grave e profunda de Apolo deu lugar a uma quase esganiçada.

Lina sorriu, inocente, fitando os olhos cor de safira.

O rapaz soltou-lhe a mão como se esta fosse uma tocha flamejante e recuou um passo.

— Não é aconselhável partir para o casamento tão depressa. — Engoliu em seco como se a palavra “casamento” lhe estivesse atravessada na garganta.

Lina franziu a testa com determinação.

Algo dourado cintilou sobre o ombro direito de Apolo nesse momento, chamando-lhe a atenção e interrompendo a resposta vigorosa que ela planejava. Quando olhou além dele, sentiu os lábios se curvar num sorriso de prazer.

— Ah! Que coisa mais linda!

Olvidando-se por completo do lindo deus à sua frente, concentrou-se nos quatro cavalos que tinham acabado de trotar para dentro de seu círculo de visão, presos a uma carruagem de ouro tão brilhante que seus olhos lacrimejaram.

Mas os cavalos! Eram do mesmo tom dourado, mas com crinas e rabos prateados.

Os quatro pararam bruscamente, bufando e batendo os cascos.

Apolo olhou por sobre o ombro e, ao se deparar com sua salvação, esqueceu-se da consternação pela interpretação errônea da deusa.

— Sim, Hadar, já estou indo! — Voltou o olhar para Perséfone. Tivera a intenção de correr para longe, e se considerou uma criatura de sorte por ter uma desculpa pronta. Casamento? Ela só podia estar brincando.

A expressão arrebatadora que iluminava o rosto belo e delicado, contudo, obrigou-o a uma trégua. Perséfone era maravilhosa.

Sentiu um aperto familiar nas entranhas.

— Eu não sabia que se interessava por cavalos, Perséfone.

— Adoro cavalos! — ela respondeu sem nem ao menos olhar para ele.

— Venha, vou mostrá-los... — Apolo estendeu-lhe a mão.

Distraída, Lina a aceitou e correu em direção aos animais, ansiosa, puxando o deus com ela.

Apolo enrugou a testa. Era como se ela tivesse se esquecido completamente dele!

Um sentimento estranho o perpassou. Nunca uma deusa o havia ignorado daquele modo. Muito menos uma deusa jovem, que acabara de tentar fazê-lo cair na armadilha de um casamento.

As quatro éguas bateram as patas no chão e sopraram pelo nariz, inquietas. Com um floreio, ele as apresentou a Perséfone.

— Perséfone, deusa da Primavera, tenho a honra de lhe apresentar as éguas que atraem a luz do sol no céu: Hadar, Aquila, Carina e Deneb — falou, apontando uma delas por vez.

A deusa fez uma reverência graciosa, aos modos de uma bailarina.

— O prazer é todo meu em conhecê-las! O pelo de vocês é incrível! De tirar o fôlego.

O efeito de sua voz sobre os cavalos foi imediato. Quatro pares de orelhas se ergueram e os cascos cessaram sua incansável coreografia. A égua mais próxima dela estendeu o focinho em sua direção, relinchando como um potrinho.

— Ah, minha linda! — Perséfone riu e a acariciou.

Apolo observou, atordoado, enquanto a deusa se movia de cavalo em cavalo, fazendo sons delicados com a boca e murmurando palavras carinhosas. As éguas, geralmente distantes e orgulhosas, reagiam a ela com verdadeiro afeto, lambendo seu rosto e se espremendo em busca de carícias. E todas, sem exceção, abanavam a cauda.

A reação dos cavalos o espantou, porém ele também estava surpreso com Perséfone. Nunca havia percebido aquele seu lado. Costumava flertar com ela, e tinham encontros amorosos ocasionais... mas que sempre começavam e terminavam a seu critério. Sempre imaginara que ela não possuía nenhum interesse além de flores, brincar com as ninfas e dar festas suntuosas.

Mas, naquele dia, parecia muito diferente: ainda mais porque não tinha caído de bom grado em seus braços.

Seus olhos se estreitaram, enquanto ele pensou no comportamento da bela deusa. Perséfone havia zombado dele! Não estivera interessada em casamento.

Agora se encontrava completamente encantada com suas éguas...

E era magnífica.

Ainda observava Perséfone, tentando descobrir o que poderia ter causado tal mudança na jovem deusa, quando um grito estridente cortou o ar.

Suas éguas reagiram de imediato. Curvaram os pescoços e balançaram as cabeças, respondendo com relinchos.

O deus da Luz se virou, pronto para uma batalha, e deparou-se com um enorme garanhão negro que agitava as patas no ar, acima dele.

Apolo reconheceu a criatura raivosa como um dos apavorantes cavalos de Hades. Seus dentes estavam arreganhados e seus olhos faiscavam, ao que as éguas responderam com violência.

— *Parem já com isso!* — O comando de Lina jogou água fria na exibição de força dos cavalos.

Apolo se pôs de lado, intrigado com aquela nova faceta de Perséfone. Com as mãos plantadas firmemente nas ancas benfeitas, ela se afastou das éguas, indo direto para a besta negra.

Ele assistiu, em suspense, ansioso por ver o que ela faria em seguida.

— Órion, que diabo há com você?! — A deusa se posicionou de modo a repreender todos os cavalos de uma só vez. E tinha as costas voltadas para ele, o que lhe proporcionou uma excelente visão do traseiro bem torneado.

Apolo concluiu que este parecia até mais redondo e convidativo do que da última vez que o vira... Ou talvez ele nunca o tivesse olhado tão de perto.

— E quanto a vocês quatro? O que pretendiam fazer? Atacar Órion, mesmo ele estando claramente em desvantagem? — Ela deu um estalo com a língua, desgostosa.

Os cinco cavalos baixaram a cabeça, parecendo criancinhas arrependidas. Órion arriscou um passo na direção do objeto de sua afeição e esticou o focinho para Perséfone.

Ela ainda lhe deu um olhar rijo antes de capitular.

— O que está fazendo aqui? — perguntou, tentando não sorrir quando ele lhe acariciou o rosto.

Foi então que notou as rédeas e o lindo selim de couro tingido, tão negro como seu pelo. Bem em cima do freio, havia um botão de narciso.

Sentiu uma pequena onda de emoção.

— Ele mandou você vir me buscar?

Apolo ficou irritado com a alegria evidente na voz delicada. “Ele”? Com certeza ela não queria dizer “Hades”?

Uma das éguas douradas relinchou, e Perséfone se voltou para elas.

— Acho que tenho de ir. Foi maravilhoso conhecer vocês. Espero vê-las em breve!

A deusa se posicionou ao lado do corcel negro e agarrou parte de sua crina, obviamente se preparando para montar e partir.

Apolo não acreditou no que estava vendo. Perséfone se despedira de seus cavalos, porém não trocara uma só palavra com ele!

— Permita-me ajudá-la, Perséfone — disse, movendo-se com rapidez.

— Ah, que indelicadeza a minha, Apolo. — Ela acenou, delicada, para os cavalos. — Com toda essa excitação, eu me esqueci de você. Foi um prazer conhecê-lo, também.

Ele sorriu sugestivamente para a linda deusa.

— Como se fôssemos muito estranhos um para o outro.

Perséfone corou, tornando-se ainda mais atraente.

— Ah, que bobagem a minha. Eu não quis dizer que... Eu só estou um pouco... destrambelhada.

Apolo jogou a cabeça para trás e riu.

— *Destrambelhada?* Pois saiba que, de agora em diante, vou pensar em você como a deusa das Surpresas em vez de a deusa da Primavera. — Tocou-lhe o rosto suavemente. — E eu penso em você... Muito.

Lina sentiu o calor da mão dele no rosto. Apolo estava tão próximo que ela quase podia ouvir seus batimentos cardíacos.

Ou talvez fossem os dela, pois os olhos dele eram de um tom de azul vibrante que combinava perfeitamente com os cabelos cor de sol e a pele dourada.

Sem perceber, inclinou-se para ele.

Órion bufou e Lina recuou, assustada.

Apolo sorriu. Antes que ela recusasse, ele a segurou pela cintura e, devagar, ergueu-a para a sela do garanhão que aguardava, impaciente, tomando o cuidado de roçar o corpo no dela ao fazê-lo.

— Quando poderei vê-la de novo? — perguntou, tão logo se acomodou sobre a sela e colocou os pés nos estribos.

— Não faço ideia. Tenho muito que fazer. — Lina apontou a entrada para o Submundo com um gesto de cabeça.

— Está hospedada no reino de Hades?

O tom incrédulo do deus a irritou.

— Estou de passagem pelo Submundo.

Apolo tornou a rir. Órion colou as orelhas à cabeça e Lina temeu que ele mordesse o rapaz.

— Está de férias no reino dos mortos? Nunca ouvi falar de tal coisa.

— Descobri que o Submundo, assim como seu deus, tem sido grandemente subestimado... Tenha um bom dia, Apolo. — Lina cutucou Órion com os pés.

O corcel fez meia-volta sobre os cascos e avançou a galope, ansioso por voltar para casa com seu tesouro.

— Estarei aqui a cada amanhecer, Perséfone! — Apolo gritou atrás dela.

Lina se inclinou para frente, agarrando-se à crina de Órion. Ignorou o deus Sol, concentrando-se em manter-se no lugar, embora o galope de Órion fosse suave. Uma infância em Oklahoma lhe ensinou a ser excelente amazona.

Apolo era bonito, sedutor e interessante, mas ela, ao contrário de Perséfone, tinha um trabalho a fazer e não podia se distrair. Também ao contrário de Perséfone, não pretendia causar constrangimentos, quando seus corpos fossem trocados novamente.

O vento que soprava por cima da cabeça de Órion trouxe com ele o sedutor perfume da flor de narciso e, sem que ela percebesse, seus lábios se curvaram em um melancólico sorriso.

CAPÍTULO 16

As passadas fluidas de Órion cobriram a distância da entrada do Submundo até o palácio de Hades no que pareceram minutos. Até mesmo a travessia de barco foi mais rápida e fácil com o enorme garanhão a seu lado.

Conforme a construção foi surgindo à sua frente, Órion diminuiu o galope. Sem ter de ser guiado, conduziu-a ao redor das laterais do palácio, indo direto para os estábulos. Um cavaliço se fez presente assim que os viu, segurando a cabeça do corcel e mantendo-o quieto para que Lina desmontasse.

— Obrigada — ela sussurrou para o garanhão, beijando seu focinho macio, e Órion a acariciou de volta, afetuoso. — Foi um passeio maravilhoso.

Antes de dar um último tapinha no pescoço elegante do animal, Lina se esticou para apanhar o narciso de cima da sela. Hesitou apenas um segundo, em seguida prendeu-o atrás da orelha direita, para então se voltar na direção do cavaliço.

— Sabe onde está Hades?

— Sim, senhora. Está na ferraria. Pode seguir por esse caminho. Ele o levará ao deus.

Lina sorriu, agradecida, e começou a descer a trilha. Sabia que Eurídice devia estar esperando no palácio com sua refeição e estava com fome, mas antes queria agradecer a Hades por ter lhe enviado o cavalo. Também queria perguntar se ele se importava que ela saísse com Órion ocasionalmente. O garanhão era o sonho de qualquer admirador de cavalos.

O caminho ondulava ao redor dos estábulos e era ladeado por rosas cor de creme. Lina respirou fundo diversas vezes, deliciando-se com sua fragrância, a qual se mesclava com o perfume adocicado do narciso em sua orelha.

A trilha fez uma curva para a esquerda, e ela viu que este a levava em direção a um pequeno prédio, um pouco afastado do estábulo principal. De lá ressoava uma batida ritmada, que se deslocava até ela trazida pelo vento. Era metal batendo contra metal, percebeu, o que indicava que estava seguindo na direção certa.

A porta da edificação encontrava-se entreaberta, e Lina deslizou em silêncio para o interior mal iluminado. Piscou, tentando ajustar a visão depois da claridade do lado de fora.

Ouviu um ruído estranho, seguido por outro mais forte. No canto oposto da construção, havia uma fornalha enorme, cuja boca expelia chamas que lambiam o ar e o devolviam na forma de súbitas explosões que avermelhavam a escuridão.

Um homem encontrava-se em pé diante do forno, a silhueta escura marcada contra as chamas alaranjadas. Tinha as costas voltadas para ela e estava quase nu, coberto apenas por uma espécie de tanga que se ajustava em torno de suas nádegas rijas. Com golpes longos e poderosos, ele martelava um objeto de metal bem preso no lugar por um par de pinças. Com cada movimento fluido, seus músculos se retesavam e relaxavam. Seu corpo forte estava coberto por uma fina camada de suor, o que só fazia destacar os contornos definidos de sua impressionante forma, e o cabelo encontrava-se preso por uma tira grossa e escura.

Lina sentiu um choque de reconhecimento. Era Hades.

Claro que ela já o considerava bonito e se sentia atraída por ele, mas, *merda!*, não fazia ideia de como ele era delicioso! Até então Hades tinha estado tão... vestido.

Sentiu a boca seca. Ele estava *nu*. E era tão musculoso! O homem mais *sexy* que ela já vira

na vida.

Apolo também estivera pouco vestido, porém ver Hades daquele jeito foi diferente. O deus da Luz era bonito, contudo sua beleza parecia a de um gatinho manso em comparação à masculinidade quase rude do deus do Submundo.

Vê-lo tão suado e gloriosamente seminu despertou fantasias em Lina que ela pensava ter posto para dormir havia muito tempo.

Fantasias.

Encantada como uma naja, ela olhou para o deus e sentiu uma pontada profunda no centro do corpo. Fazia tanto tempo!

Seus pensamentos voaram. Ah, se Hades a acariciasse com o mesmo ímpeto com que trabalhava aquele metal! Ele parecia tão incrivelmente poderoso.

Lina estremeceu ao imaginar corpos quentes e suados um contra o outro.

Quando era mais moça, sonhava em ser passional e sem reservas na cama. Desejara isso com ardor. Em vez de arrumar um parceiro que viesse ao encontro de seus desejos, no entanto, havia se casado com um homem que considerava a qualidade na cama proporcional à quantidade.

Dessa forma, eles faziam sexo muitas vezes, mas com uma rapidez e uma regularidade entediantes. Seu marido não tinha imaginação ou paciência para experimentar a paixão. Em algum ponto de seu casamento, suas fantasias foram se transformando em tédio e, a partir disso, ela já nem mesmo as notava.

Claro que tivera amantes depois do marido. Não muitos, mas o suficiente. Havia muito tempo se conformara com a possibilidade de atrair apenas homens mais cerebrais do que sensuais.

Na verdade, sua vida amorosa fora um fracasso.

Por isso, foi com uma intensidade inesperada que o corpo de Hades ressuscitou suas fantasias juvenis.

Sem perceber que estava sendo observado, ele limpou o rosto que pingava com as costas da mão e se endireitou, esticando as costas antes de mover os ombros maciços.

Um gemido escapou da garganta de Lina.

Hades olhou para trás e a viu. Ela estava em pé, perto da porta, com uma expressão peculiar no belo rosto.

Uma onda de prazer aqueceu ainda mais seu corpo. Perséfone usava o narciso nos cabelos.

Lina umedeceu os lábios.

— Ahn... eu não queria perturbá-lo.

— Não está perturbando. — Ele pôs de lado as pinças e limpou as mãos em um pedaço de pano.

A voz da deusa tinha soado estranha, pensou, como se ela estivesse tendo problemas para respirar. Talvez a viagem de volta do Mundo dos Vivos tivesse minado suas forças.

Preocupado e querendo deixá-la à vontade, ele fez um gesto de boas-vindas.

— Por favor, entre...

Lina caminhou em sua direção, tentando não olhar o peito largo. A pele morena de Hades parecia lisa e convidativa.

E que músculos! Sua vontade era gemer de prazer e correr as mãos por todo aquele torso suado.

Trate de agir de acordo com a sua idade!, repreendeu a si mesma mentalmente.

— Eu queria agradecer por ter mandado Órion atrás de mim.

Perséfone parecia sem fôlego e talvez até um pouco nervosa, o que ele achou estranho. O que estaria incomodando a deusa?

— Ele ficou feliz por lhe prestar seus serviços, garanto.

Os hormônios de Lina gritaram que era dos serviços *dele* que ela gostaria, porém sua voz se mostrou mais comportada.

— Se não se importar, eu adoraria montar Órion outra vez.

— É evidente que não me importo. — Hades hesitou. *Continue falando, não fique aí parado como um imbecil!*, sua consciência ordenou. — Estou certo de que será um prazer para Órion... Apesar de que existem outros três cavalos que também estarão clamando por sua atenção — falou, tornando a limpar a testa com a parte de trás da mão.

O movimento fez uma única gota de suor deslizar pelo pescoço forte. Lina assistiu quando esta viajou com uma lentidão agonizante pelo peito largo, pelas linhas bem definidas de seu abdômen, e desapareceu, instigante, sob a tanga de couro.

Sua mente se recusou a formular uma resposta. Tudo o que ela pôde fazer foi ficar ali, emudecida, olhando para o caminho úmido que a gota de suor traçara na pele brilhante do deus e desejando poder segui-la com a língua.

— Perséfone? Eu estava brincando... Claro que pode montar Órion — ele assegurou, confuso.

Por que ela não abria a boca? Não era comum que ficasse em silêncio por tanto tempo.

— Ahn... obrigada. — Os olhos de Lina se desviaram para o rosto moreno. — Sinto muito, eu... estava distraída.

Hades anuiu, compreensivo.

— Foi um dia difícil para você, imagino. — Ele a fitou com timidez. — Eu pedi a Iapis que verificasse se Eneias havia estado em Elísia.

— Verdade? — As palavras de Hades tornaram a despertá-la. — E o que ele disse?

— Parece que lhe devo um lustre de cristal... A alma do guerreiro está mesmo descansando nos Campos Elísios. E, assim como previu, ele só entrou recentemente no Submundo.

Lina franziu a testa, preocupada.

— O que vai fazer com Dido?

O deus suspirou e limpou outro rastro de suor do rosto.

— Não voltarei atrás em minha decisão. Farei com que Iapis a vigie e... — Ele se interrompeu. A intuição da deusa sobre Dido estivera correta. Por que não incluí-la naquilo? Deu-lhe um olhar avaliador. — O que sugere que eu faça, Perséfone?

Lina sentiu uma onda de prazer invadi-la. Hades valorizava sua opinião.

— Bem, não acho que seja prudente deixá-los juntos em Elísia. Dido jamais vai superar o que sente por Eneias desse modo. — Distraída, ela enrolou uma mecha dos longos cabelos em torno do dedo enquanto considerava o que fazer com o espírito. — Suponho que não queira mandar Eneias embora de Elísia?

— Não. O guerreiro merece ganhar o paraíso.

— E já disse que não mandará Dido de volta para a lamentação... Desse modo, creio que a única resposta razoável é permitir que ela beba do rio Lete. Você disse que, quando as almas bebem do Lete, elas se esquecem de suas vidas, mas permanecem essencialmente como eram

antes. Então faça com que Dido renasça em outra vida. Talvez ela tenha aprendido alguma coisa durante a lamentação; algo que a presença de Eneias suprime. Sem a lembrança dele acho que... — Lina fez um gesto vago com as mãos. — O que estou tentando dizer é que talvez ela se dê melhor da segunda vez.

O sorriso de Hades quase alcançou-lhe os olhos. Por um instante, ele quis tomá-la nos braços e gritar de alegria.

— Perséfone, como uma deusa tão jovem pode ser tão sábia?

O coração de Lina disparou com o calor de sua expressão.

— Não devia me julgar pela minha aparência. Há muito mais em mim do que apenas um rostinho bonito.

Hades não pôde evitar tocar o lindo rosto à sua frente.

— Está certa novamente. Eu, mais do que todos os outros deuses, deveria saber que não se pode julgar os outros pela aparência ou se baseando em rumores.

Os dedos dele eram quentes, e Lina teve vontade de virar o rosto e comprimi-lo contra a palma larga.

— Estou longe de ser perfeita — disse, a voz saindo num sussurro. — Também cometi um erro em minha decisão sobre Eurídice.

— Mas foi sábia o suficiente para corrigi-lo. Você salvou a pequena alma. Tudo está como devia ser agora. — Enquanto falava, ele deixou seu rosto para tocar a flor da cor do luar que ela havia colocado atrás da orelha. Desviou o olhar do dela, fitando o narciso. — Imaginei que fosse aprovar a decoração de Órion...

Lina parecia sem fôlego quando lhe respondeu.

— Ele ficou lindo com o narciso.

Exprima seus pensamentos em voz alta!, incitou a consciência de Hades.

Ele respirou fundo.

— É uma flor bonita, realmente, mas empalidece em comparação a sua beleza, Perséfone.

Quase como se por conta própria, sua mão se moveu do narciso até a lateral do pescoço de Perséfone, e ele acariciou a pele macia com suavidade.

A deusa prendeu a respiração, e uma exclamação brotou de seus lábios.

No mesmo instante, Hades parou, a mão pairando sobre a curva de seu pescoço, e seus olhos se encontraram.

— Prefere que eu não a toque? — Sua voz soou rouca e estranha.

Perséfone piscou duas vezes.

Hades cerrou a mandíbula e se afastou dela. Que bobagem havia feito! Tinha lido o olhar de Perséfone e não vira nele nenhum desejo, nem tampouco aceitação. Apenas choque e confusão.

— Espere!

Hades respirou fundo outra vez, tentando se controlar. Virou-se para encará-la.

— Não é que eu não queira que me toque... Eu apenas... — Lina se obrigou a parar de gaguejar, em seguida recomeçou em um tom mais controlado e racional: — Deméter me disse que você não se interessava pelas mulheres e que não costumava se divertir com ninfas ou seduzir deusas. Por isso é uma surpresa para mim que esteja tão... tão... — Ela suspirou, frustrada com sua incapacidade em explicar. — Hades, você não é nem um pouco parecido com o deus sisudo e aborrecido que Deméter me descreveu.

Ele ficou ainda mais imóvel. Seus olhos encontraram os dela, e Lina percebeu, surpresa, a

satisfação nas profundezas de seu expressivo olhar.

— Os rumores têm fundamento — Hades falou devagar e com clareza, os lábios se curvando num sorriso. — Não costumo me divertir com ninfas ou deusas porque nunca encontrei ninguém que me interessasse...

— Ah — murmurou Lina, incapaz de desviar os olhos de seu olhar penetrante. Senhor, como ele era *sexy*!

— ... Até que entrou no meu reino — completou Hades com determinação.

Hades avançou e, num movimento rápido, tomou-a nos braços.

Lina sentiu-se derreter no calor do corpo suado e escorregadio quando ele se inclinou e comprimiu a boca contra a dela. Seus lábios se apartaram e, por um momento delicioso, o beijo se aprofundou.

Então, cedo demais, Hades a soltou.

Lina sentiu-se tonta, como se tivesse estado submersa por muito tempo e não conseguisse recuperar o fôlego.

— Para mim, é preciso mais do que a aparência e rumores — Hades repetiu suas palavras.

— Eu acredito em você.

Ele se curvou para provar de sua doçura novamente.

Lina deixou escapar um gemido rouco de encontro à boca macia, e o som o inflamou ainda mais. Os seios redondos de Perséfone ardiam contra seu peito, e Hades percebeu sua força de vontade se dissolvendo com a paixão que o consumia.

O tremor que o perpassou se transferiu para ela, e Lina deslizou as mãos por seu peito nu, enlaçando-o pelo pescoço.

— Não pare! — sussurrou, tomando-lhe o lábio inferior entre os dentes para mordiscá-lo de leve.

Com um gemido de puro desejo, ele cobriu-lhe as nádegas com as mãos e a ergueu de modo a ter sua maciez firmemente pressionada contra o corpo. Em dois passos, prendeu-a contra a parede da ferraria e capturou-lhe um peito. O mamilo doce e sedutor se retraiu contra a palma de sua mão, e Hades o moldou e acariciou. Com a outra mão, encontrou uma abertura no vestido de seda e seus dedos quentes tocaram a pele nua de Perséfone. Sentia a pulsação latejar nos ouvidos conforme seu mundo reduzia ao desejo selvagem que sentia pela deusa da Primavera.

Preso entre a parede de pedra sólida e fria, e o calor de Hades, Lina sentiu-se consumir em seus braços.

De repente, Eurídice irrompeu na ferraria como um rojão em 4 de julho.

— Perséfone? Ah, aí está voc... Oh! — Estacou, os olhos se arregalando ao notar o rubor de sua deusa e a intensidade com a qual Hades a pressionava contra a parede.

— *O que significa isto?!* — Hades rugiu, fazendo o chão vibrar em resposta.

— Perdão! — O rosto já pálido de Eurídice ficou ainda mais branco, e ela recuou, apavorada, em direção à porta.

Lutando para recuperar o fôlego, Lina empurrou o peito de Hades com firmeza.

O deus a fitou, os olhos ainda enevoados de desejo.

— Está assustando Eurídice — ela sussurrou e acrescentou em voz mais baixa ainda: — e a mim também.

Nunca havia testemunhado o desejo brutal de um deus. Este a excitara, claro, mas era quase

esmagador.

Lentamente, em meio à névoa de sua paixão, Hades reconheceu o medo nos olhos de Perséfone.

Pelas barbas de Zeus! Não queria que ela tivesse medo dele.

Piscou e, com um suspiro que mais parecia o vento em uma tempestade, tornou a colocá-la de pé no chão enquanto suprimia o desejo que ainda o assolava.

— A pequena alma não deve partir! — Hades bradou, e a porta da ferraria se fechou antes que Eurídice escapulisse por ela.

A moça se virou lentamente para encarar o deus.

— Foi uma tolice minha interrompê-los — desculpou-se com voz trêmula. — Por favor me perdoem, eu... eu não sabia.

Lina percebeu que Eurídice estava prestes a irromper em lágrimas.

— Não seja boba, minha querida, não há nada a perdoar. — Ajeitou os cabelos e tentou ignorar o calor que ainda lhe queimava os seios, o colo e as faces. — Eu vim agradecer Hades por ele ter mandado Órion atrás de mim.

A seu lado, o deus suspirou.

— Vou ter que mandar esse garanhão buscá-la mais vezes.

Lina encontrou seu olhar, e este brilhava com uma ponta de diversão, e outra emoção que ela imaginou ser ternura.

Para sua surpresa, Hades tocou-lhe o rosto com a ponta dos dedos, relutante, antes de voltar a atenção para Eurídice.

— Acalme-se, criança.

Eurídice lançou-lhe um olhar dubio, e ele abriu um sorriso tranquilizador, a voz cheia de uma preocupação quase paterna.

— Por que estava procurando por sua senhora?

A menina olhou dele para Perséfone, que assentiu, encorajando-a.

A expressão da pequena alma começou a relaxar, e ela sorriu de volta para o deus das trevas.

— Iapis me pediu que encontrasse Perséfone. As Limoníades estão chamando por ela.

— Verdade? — Embora ele houvesse detestado a interrupção, não pôde evitar uma onda de prazer. Os espíritos não apenas haviam aceitado a presença da deusa em seu reino, como também a buscavam ativamente.

Eurídice concordou com entusiasmo.

— Iapis disse que elas não vão começar a coleta enquanto a deusa não se juntar a elas.

Lina olhou de Hades para Eurídice enquanto acessava as memórias de Perséfone:

Limoníades: ninfas dos prados e das flores.

Então os espíritos das flores a chamavam para uma coleta, e Hades e Eurídice pareciam felizes com isso...

— É lógico que elas haveriam de querer a presença da deusa da Primavera — Hades comentou.

Ela fingiu saber do que eles estavam falando. *Coleta?* O que as ninfas poderiam estar coletando?, perguntou, aflita, para os arquivos de sua memória.

No Olimpo, as ninfas das florestas são as responsáveis pela colheita de muitas coisas: ervas para poções, uvas para o vinho, flores para adornar os palácios dos Imortais...

Seu monólogo interior foi interrompido pela voz poderosa do deus.

— Naturalmente, a decisão é de Perséfone — ele falou, parecendo intrigado com sua hesitação.

— Bem, eu...

— Oh, por favor, eu posso ver? — Eurídice correu e agarrou-lhe a mão. — Eu nunca presenciei a coleta do néctar de ambrosia, tampouco vi uma ninfa. Nem em carne e osso, nem em espírito — acrescentou, sorrindo para ela.

Lina sorriu de volta diante da alegria contagiante da menina.

— É claro que pode.

Sentiu uma ponta de alívio. Coletar néctar para ambrosia não podia ser tão difícil. Precisava apenas seguir o exemplo da *Limonadas*, ou fosse qual fosse o nome das tais ninfas.

— Obrigada, Perséfone! — Eurídice dançou até a porta.

— Posso ir também?

Lina olhou para Hades, surpresa com a pergunta. Afinal de contas, ele era o deus do Submundo. Podia comandar qualquer um dentro daquele reino e com certeza não tinha que pedir sua permissão.

E, no entanto, lá estava ele, fazendo exatamente isso, com um sorriso brincando nos lábios benfeitos. O suor ainda frisava sua pele nua, tornando os músculos morenos de seu peito ainda mais sensuais e desejáveis.

Sentiu nova pontada em seu âmago: uma resposta elementar diante da beleza viril do deus à sua frente.

— Claro que pode — falou meio sem fôlego.

— Ótimo. Agrada-me observá-la — murmurou Hades, repetindo o gesto de tocar suavemente a flor que ela prendera atrás da orelha.

Quando retirou a mão, permitiu que seu dedos roçassem o rosto delicado numa carícia. A deusa ainda estremecia sob seu toque, porém, desta vez, ele viu o reflexo de seu desejo nos olhos cor de violeta.

— Depressa, Perséfone! — Eurídice chamou da porta, olhando para trás em busca de sua senhora. — Mal posso esperar para ver as Limoníades!

Hades suspirou outra vez, reprimindo a frustração por ter de partilhar a companhia de Perséfone.

Mas será que ele poderia tê-la de outra maneira?

Não. Queria que a deusa fosse aceita em seu reino, e com tal aceitação vinha a responsabilidade de compartilhar sua atenção.

Relutante, afastou-se para apanhar o manto escuro que pendia da parede atrás dele, o qual ele enrolou em torno do corpo.

— Já estou indo! — avisou Lina, correndo para alcançar Eurídice quando ela saiu em disparada pela porta e ao longo do caminho.

Hades caminhou a seu lado, e ela percebeu sua presença como um fio elétrico vivo em sintonia com sua própria eletricidade. Estava energizada pela proximidade dele e pela persistente emoção de seu toque. Quanto tempo se passara desde que um homem a tinha feito se sentir tão ofegante e viva?

Tempo demais, disse a si mesma, ignorando a fraca voz da razão que a aconselhava a pensar no que estava fazendo. E que também a lembrava de que ela se encontrava ali apenas

para concluir um trabalho; que não sabia nada sobre imortais, Limoníades, néctar, ou...

O caminho fez uma curva abrupta depois do estábulo e se abriu para a extensão dos jardins dos fundos do palácio. Lina parou, segurando o ar nos pulmões, surpresa.

Várias formas feitas de luz lotavam as primeiras camadas do vergel gradeado. Conforme ela avançou, se fazendo presente, várias delas tremeram e, em seguida, com um ruído muito parecido com o arrulhar de pombos, foram se aproximando até que a cercaram junto a Eurídice e Hades.

Lina as fitou, perplexa. *Mulheres nuas!* As luzes pairando em torno dela e murmurando eram centenas de mulheres nuas...

Eram pequenas e delicadas.

Mas cada uma delas era única e bela por si mesma: como flocos de neve ou pétalas de uma flor.

Não bastasse isso, saindo da parte traseira de cada pequena alma havia um par de asas diáfanas e cintilantes, finas como névoa.

Eurídice deu uma risadinha nervosa.

— Por que nenhuma delas está vestida?

O eco do riso de Eurídice varreu as Limoníades como água ao longo de um riacho de pedras.

— Olhe mais de perto, criança — Hades respondeu com sua voz profunda. — Estão vestidas com a luz, o riso e o brilho de seus espíritos. São as únicas vestes de que as almas das flores e dos campos necessitam.

— Elas são perfeitas! — exclamou Lina.

O som da voz da deusa provocou uma onda de entusiasmo no grupo, e várias das ninfas rodopiaram e pularam de alegria.

Junte-se a nós, deusa da Primavera. Abençoe a coleta do néctar, que se tornará a ambrosia do Submundo!, falaram com uma voz melódica que parecia magia fluindo por meio da brisa suave.

Venha conosco, Perséfone. As flores aguardam a deusa da Primavera.

As vozes eram encantadoras e, instintivamente, o corpo de Lina respondeu, fazendo-a se afastar de Eurídice e Hades para se juntar às Limoníades.

Notas musicais e o chiar de centenas de asas a envolveram. Sentindo como se seus pés flutuassem no ar, ela rumou com os espíritos para os prados repletos de flores.

As Limoníades começaram a cantarolar. O som zuniu pelo sangue de Lina, lembrando-a da sensação das noites quentes de verão, do cheiro de feno recém-cortado e do sabor do chocolate.

Fascinada, ela observou as formas brilhantes se separando e descendo sobre os botões. Com suas asas ofuscantes, elas pairavam acima do solo como beija-flores para, em seguida, mergulharem em meio às pétalas abertas.

Maravilhada, Lina viu as ninfas tirar as gotas de ouro dos miolos, e Hades foi esquecido. Eurídice deixou sua mente. Seu único pensamento era o quanto gostaria de se juntar às Limoníades.

Sim! Chame o néctar para você. Tome o lugar que lhe é de direito como deusa da Primavera, em meio às Limoníades.

A voz no interior de Lina soou inquieta, impaciente.

E foi o empurrão de que ela precisava. Com o coração batendo no ritmo da canção das ninfas, Lina se aproximou de um punhado de tulipas cor de leite. Seus caules eram longos e grossos, e suas flores se encontravam abertas, expondo o amarelo encrespado dos pistilos.

Precisava *chamar* o néctar.

Estreitou os olhos, colocou um dedo em uma das tulipas e se concentrou. A primeira gota de líquido dourado jorrou da flor com força, e ela deu um gritinho de surpresa, vendo-a grudar em sua mão, pegajosa.

A risada profunda de Hades vibrou pelo ar junto ao trinado alegre das Limoníades.

Lina olhou o deus por cima do ombro, e os olhos escuros brilharam para os dela.

Com um olhar atrevido, ela jogou os longos cabelos para trás.

Foi então que um pensamento a invadiu: sentia-se viva, incrivelmente sensual e sedutora.

Prendeu o olhar de Hades, sorrindo com malícia. Arqueou a sobrancelha, levantou a mão e deixou que a língua rosada lambesse o néctar doce e licoroso de seu dedo.

As Limoníades responderam com assobios e trinados de incentivo enquanto Hades congelava, de queixo caído e sem fala.

Devagar, senhora, devagar — ronronou uma das Limoníades. — *O néctar já deseja vir até você. Precisa apenas persuadi-lo, não comandá-lo. Ele não é nenhum deus...*

Sem querer ver a reação de Hades às palavras da ninfa, Lina reprimiu um sorriso e voltou a se concentrar no canteiro de tulipas. Cutucou outra flor e pediu seu néctar em pensamento.

Uma pérola de ouro brotou de dentro da tulipa e pousou na ponta de seu indicador.

Lina sorriu, triunfante, para a ninfa.

A coleta! Junte-se à coleta.

Ainda sorrindo, ela olhou ao redor. Enquanto voejavam de flor em flor, chamando o néctar, cada uma das ninfas juntava a seu lado um pequeno monte de gotas douradas.

Ela poderia fazer isso, decidiu. E começou a fazer sua própria pilha.

Sem parar para pensar, compreender ou questionar, Lina se valeu da voz perfeita de Perséfone para harmonizar com os espíritos das flores.

Quando se juntou às Limoníades em sua canção, o jardim de Hades pareceu vibrar com uma sensação quase palpável de alegria e, em seguida, desabrochou em uma gloriosa floração. Cada uma das espécies se abriu, oferecendo as gotas de seu néctar dourado.

Em meio a tudo aquilo, Perséfone brilhava, e Hades não conseguia tirar os olhos dela. Em toda a sua existência, ele nunca desejara tanto alguém como desejava aquela deusa. Estava consumido pela paixão.

O pensamento fez sua alma imortal se arrepiar. O que aconteceria quando ela fosse embora? E ela teria de ir, lembrou a si mesmo. Perséfone era a deusa da primavera e pertencia ao Mundo Superior, enquanto ele era o deus do escuro Submundo, desprezado por tudo o que era vivo.

Tudo, exceto por ela.

Mas, por quanto tempo?

Uma dor dentro dele pulsou como se com vida própria, e Hades enfim compreendeu o que a causava; o que Perséfone tinha despertado junto com a esperança:

Solidão.

Cerrou o maxilar contra sua aflição e, não querendo mais olhar a bela e jovem deusa

brincando alegremente entre os espíritos de seu reino, fez meia-volta para a direita, trombando com Eurídice.

Reprimiu um gemido enquanto impedia a pequena alma de ir ao chão e obrigou a expressão rígida do próprio rosto a se transformar num sorriso.

— Eu não a vi, criança.

Desviou-se dela, contudo Eurídice o fez parar outra vez.

— Não está indo embora, está? O que devo dizer a Perséfone? — ela perguntou com sua voz doce e tímida.

— Diga-lhe que tenho questões do reino para resolver — ele resmungou por entre os dentes.

Os olhos de Eurídice o fitaram, enormes, parecendo chegar até sua alma. Sua decepção era evidente, assim como sua preocupação por sua senhora.

Hades passou a mão pelo cabelo.

— Diga à sua deusa que desejo cavalgar com ela amanhã.

O rosto da pequena alma se iluminou com um sorriso.

— Perséfone vai adorar a notícia.

O suficiente para ficar comigo?, ele quis perguntar.

Em vez disso, tratou de se cobrir com seu habitual manto de seriedade, e de ter a certeza de que, quando falasse, sua voz estivesse livre de qualquer emoção.

— Enviarei Iapis para acompanhá-la até os estábulos depois do amanhecer.

— Sim, senhor.

Hades se afastou, resmungando sobre as deusas e mulheres em geral.

Assim que estava fora de vista, Iapis se materializou ao lado de Eurídice.

A moça olhou para o daimon, e seu olhar não traiu nenhuma surpresa por aquela súbita aparição.

— Como foi? — ele perguntou.

— Bom o suficiente — disse, parecendo mais sábia do que seus poucos anos lhe permitiriam.

— Acha que ele levou o meu conselho a sério e pensou nela como um dos mortos?

— Não por muito tempo — Eurídice garantiu, enigmática, lembrando o rosto corado de sua senhora e o calor no olhar de Hades.

— Não por muito tempo?

O daimon sorriu e, pegando a mão da pequena alma na sua, levou-a aos lábios para beijá-la com delicadeza.

O rosto pálido de Eurídice ganhou cor, porém seus olhos enormes o fitaram com firmeza, e ela devolveu o sorriso.

CAPÍTULO 17

— Adeus! Obrigada! — Lina acenava para as Limoníades conforme os brilhantes espíritos desapareciam a distância, carregando com eles as resplandecentes gotas de néctar dourado, e sua despedida musical chegava até ela pelo vento.

— Isso foi maravilhoso de assistir, Perséfone. — Eurídice era toda sorrisos quando Lina se juntou a ela à margem dos jardins.

— Estou tão feliz que tenham me chamado! Foi uma experiência incrível — ela respondeu com voz embargada. Sentia-se meio zozza, porém cheia de energia, como se tivesse tomado *cappuccinos* demais antes do café da manhã. — Oh, Eurídice, este mundo é incrível! — Riu, passando um braço em torno do espírito da moça. Olhou ao redor, então. — Hades se foi? — perguntou, tentando soar indiferente.

— Ele precisava cuidar dos assuntos do reino... Mas solicitou sua presença nos estábulos, amanhã — Eurídice acrescentou depressa, quando a expressão iluminada da deusa ameaçou desaparecer.

— Para eu montar Órion outra vez, na certa. — O sorriso de Lina se tornou sonhador no momento em que ela pensou no garanhão negro. Mal podia esperar pelo passeio do dia seguinte...

Assim como não via a hora de ver Hades outra vez.

Sua mente viajou, misturando imagens do deus de corpo suado, da música sensual das Limoníades e do modo como os lábios do senhor do Submundo tinham colado nos dela.

Sentiu seu corpo jovem e “emprestado” formigar com sensualidade.

— Aquele cavalo me assusta — comentou Eurídice.

Lina piscou para o rosto pálido da moça, reorientando-se.

Merda! Precisava parar de sonhar acordada.

— Não tem o que temer. Órion é como um cachorrinho nas minhas mãos — afirmou, despreocupada, tentando não pensar no *dono* de Órion e em como este parecera bem diferente de um animalzinho sob seu toque...

— Acho que vou me manter longe dele — decidiu a pequena alma.

Lina suspirou, dizendo a si mesma que aquela era a atitude que deveria adotar acerca de Hades. Ele era atraente demais. *Perigosamente* atraente. Tinha de ficar longe dele.

O aperto que sentia no baixo ventre, contudo, dizia o contrário.

Céus!, ela precisava parar de pensar em Hades.

— Ei, que tal arrumar algo para eu beber? — Arqueou as sobrancelhas para Eurídice. — Essa coleta de néctar me deu vontade de tomar ambrosia.

— Também deixou você toda lambuzada — emendou a moça.

Lina olhou para si mesma. Estava inteira salpicada de manchinhas douradas e brilhantes. Tocou uma delas e, em seguida, levou o dedo à boca. Tinha gosto de cana-de-açúcar misturada com mel e algo parecido com caramelo; ou manteiga de caramelo, talvez. Era uma delícia.

Mas Eurídice tinha razão: ela estava um horror. E também não podia ficar pensando em como seria bom se Hades lambesse o doce de seu corpo...

— Preciso de uma chuvairada. Fria, de preferência — murmurou.

— *Chuveirada?* Gostaria de ser pega por uma chuva fria?

Lina riu.

— Não exatamente. Uma chuveirada não tem a ver com a chuva que cai do céu. É uma espécie de banho em que se fica de pé e a água é derramada sobre você.

— Ah, isso parece o ritual de banho da minha mãe, embora ela não gostasse de água fria — comentou Eurídice.

— É mesmo? — Lina perguntou, surpresa. — Que tipo de ritual de banho tinha sua mãe?

A moça sorriu, travessa.

— Eu poderia mostrar à senhora. Provavelmente seria uma maneira bem mais fácil de se livrar desse néctar... — Ela tocou uma das gotas, e esta se dividiu em vários fios que continuaram ligados à pele da deusa. — Isso vai transformar sua água de banho num mingau.

— Eurídice, você é um gênio! Esta noite estarei em suas mãos.

A pequena alma tinha virado uma “minissargento”. Na segunda vez em que pisavam no palácio, Eurídice distribuía ordens e comandava um verdadeiro exército de servos. Não permitia que Lina fizesse nada, exceto ficar sentada à penteadeira, bebericando ambrosia.

— A deusa prefere se banhar na varanda.

Lina engasgou com a bebida. *Banhar-se na varanda?! O que ela estava pensando?*

Naquele momento, enquanto batia o pé delicado contra o chão de mármore, pensativa, parecia dizer: “Sou a ama da deusa, e é melhor se lembrarem disso!”

Sem dar chance a Lina de protestar, Eurídice continuou:

— Minha mãe sempre usou o nosso jardim de inverno... Não! Aí não! — O espírito berrou para dois criados que lutavam para carregar uma enorme banheira para a sala de banho, apontando para a porta do meio da sacada. — Coloquem-na lá.

— Eurídice, a troco de que vamos para a varanda?

— Não se preocupe com nada, Perséfone. Tudo será perfeito. — Ela fez uma careta para um dos empregados que deixou a banheira bater de leve no chão de mármore.

— Senhora... — Iapis entrou na sala e fez uma mesura para Lina antes de voltar a atenção para a pequena alma. — Precisa de mim, Eurídice?

— Sim. — Ela prendeu os cabelos longos e finos atrás das orelhas. — A deusa vai se banhar na varanda e...

— Espere! — Lina interrompeu num impulso. — Não creio que seja uma boa ideia eu me banhar na varanda. Quero dizer, a vista é espetacular, mas eu não ficaria à vontade. — Baixou a voz, de maneira que o daimon e Eurídice tiveram de se inclinar para ouvi-la. — Não quero que um monte de homens me veja nua!

Mesmo que estejam mortos, acrescentou em silêncio.

Eurídice estreitou o olhar como se não entendesse muito bem o que ela estava dizendo, e Lina ficou aliviada ao ver Iapis acenando com a cabeça.

— Com a deusa Ártemis também é assim. Ela não permite que sua nudez seja vislumbrada por qualquer mortal, exceto por suas damas de companhia. Mas esse problema pode ser facilmente resolvido, Perséfone. Basta eu ordenar que todos os espíritos fiquem longe de sua ala do palácio e dos arredores.

Eurídice contemplou o daimon com um sorriso cheio de calor, e Iapis pareceu satisfeito consigo mesmo.

Lina sentiu como se tivesse sido apanhada num redemoinho de boas intenções que girava ao seu redor... determinado a livrá-la de suas roupas.

— Eu não quero dar trabalho — falou, impotente.

— Não é trabalho nenhum — assegurou o daimon.

— E você é a deusa da Primavera! — lembrou Eurídice.

Aparentemente, aquela era a palavra final.

Resignada, ela relaxou, decidindo não se importar se sujava de néctar a cadeira estofada de seda.

Afinal, era a deusa da Primavera.

Assistiu ao turbilhão de preparação para o seu banho. Todos pareciam ansiosos por limpá-la.

Eurídice sacudiu a cabeça, séria, quando um dos criados não trouxe o número correto de toalhas da sala de banho. Na realidade, os servos pareciam estar com medo da pequena alma.

Ao menos esta não tinha ficado traumatizada com os acontecimentos do dia.

Lina tomou um gole de ambrosia, pensativa. Orfeu descera para o Submundo naquela mesma manhã? Era como se isso tivesse acontecido havia muito tempo.

E como ela podia ter conhecido Hades apenas dois dias antes?

O que Deméter tinha dito, mesmo? Algo sobre a passagem do tempo ser medida de forma diferente pelos deuses...

Suspirou. Seus instintos lhe diziam que as palavras da deusa eram verdadeiras. A passagem do tempo era mesmo diferente naquele lugar. Tão diferente como sua “vida emprestada”.

E seu coração também não parecia o mesmo. A capa de cinismo que o cobrira por tantos anos parecia não tê-la acompanhado até o Mundo dos Mortos.

Mas cobiçar um deus...

Lina sentiu o estômago se apertar. Não era estupidez demais?

— Senhora, vou deixá-la aos cuidados de Eurídice e das servas. E fique tranquila: nenhum mortal ousará pôr os olhos em sua pessoa. — Iapis curvou-se para ela.

— Iapis! — Um pensamento repentino fez Lina chamá-lo de volta. — Disse que nenhum mortal poderá me ver, mas, e quanto a Hades? Onde ele está? — Ela fingiu não perceber que seu rosto ardia.

O daimon permaneceu impassível.

— O senhor do Submundo foi para os Campos Elísios. Parece que foi buscar Dido e escoltá-la até o rio Lete.

Embora Lina houvesse ficado satisfeita com a notícia de que Hades havia seguido seus conselhos, franziu a testa ao apontar além da porta de vidro aberta da varanda.

— Os Campos Elísios ficam naquela direção?

— Alguns deles, senhora. — Os olhos do daimon demonstraram compreensão. — Vou ao encontro do meu senhor e o guiarei de volta ao palácio por um percurso diferente. Fique tranquila, Perséfone. Hades não gostaria de perturbá-la em sua privacidade.

— Oh, não, claro que não — ela respondeu às pressas.

— Aproveite seu banho, deusa — reforçou Iapis.

Eurídice o seguiu até a porta.

— Se a sua senhora precisar de qualquer outra coisa, basta que envie uma das criadas até mim, e eu cuidarei para que seja atendida.

A pequena alma concordou com um gesto de cabeça.

— É muita gentileza sua, Iapis — disse, saindo para o corredor. Uma vez neste, baixou a

voz para que Perséfone não pudesse ouvi-la. — Hades foi mesmo para Elísia?

— Sim — o daimon confirmou num sussurro.

— Então não o impeça de voltar pelos jardins.

Iapis respondeu com um sorriso lento e deu-lhe uma piscadela.

A moça precisou apertar os lábios para não rir.

Eurídice conversava alegremente enquanto ajudava Lina a se livrar dos respingos de néctar. Estavam em pé no meio da espaçosa varanda que dava para o glorioso terreno dos fundos do palácio.

Terreno que se encontrava vazio de espíritos, homens ou não, observou Lina, satisfeita. Bem à sua frente, estava a banheira que Eurídice havia feito os servos trazerem, e, ao lado desta, uma pequena mesa coberta com garrafas e esponjas.

Próximo dali, avistou uma espécie de pufe e, perto da extremidade da sacada, a espreguiçadeira que a pequena alma insistira para que os servos arrastassem para fora do quarto. Sobre a *chaise* divisou uma bandeja primorosamente esculpida em madeira, repleta com lindas romãs já descascadas e com suas sementes cor de granada escorrendo.

E, claro, uma garrafa de cristal cheia de ambrosia gelada.

Lina sorriu. Não havia ambrosia que bastasse para uma deusa.

A varanda, assim como o restante do palácio, era opulenta e única. Não se estendia apenas para fora das paredes do quarto: fazia uma curva graciosa, tal como a metade de um coração, até as balaustradas que precediam uma escadaria circular em mármore. Estas davam num passeio ladeado por flores que, por sua vez, levava até a primeira camada dos jardins de Hades. Era sua entrada particular para o paraíso.

Lina continuou admirando o cenário deslumbrante enquanto Eurídice a livrava das roupas. A pequena alma não tinha exagerado quando afirmara que a vista dali era espetacular.

Agora a luz também começara a mudar. O tom pastel do céu estava escurecendo, e as cores se aprofundando: do rosa para o coral, e do violeta para o roxo.

De repente, várias tochas se acenderam por todo o jardim, fazendo-a pular com a surpresa.

— Não precisa se preocupar, senhora. — Uma das moças que tinha ficado para assistir Eurídice falou com voz de criança. — As tochas se acendem sozinhas. Não há nenhum mortal nos jardins olhando sua nudez.

— Qual é o seu nome? — ela perguntou para o espírito da moça.

— Hersília. — Ela abaixou a cabeça timidamente.

— Obrigada por me lembrar de não ser tão tola, Hersília. — Lina sorriu para a criada.

Eurídice tirou a última camada de seda de sua cintura e inclinou-se para ajudá-la com os chinelos de couro.

— Agora é só entrar na banheira, Perséfone — orientou com segurança.

Lina sentiu a banheira de mármore fria com os pés descalços e pensou que era como se estivesse entrando em uma tigela de cereais gigante. A borda chegava-lhe até os joelhos.

Estava prestes a dizer que se sentia como uma *Fruit Loop* pelada quando Eurídice subiu em cima do pufe.

— Podem mandar os cântaros!

As demais criadas tinham formado uma fila que saía da varanda, passava pelas portas de vidro e ia até o banheiro. De lá elas começaram a passar, de mão em mão, cântaros de argila em forma de ampolheta cheios de água que, para o prazer de Lina, Eurídice entornava sobre

sua cabeça.

Outras servas passaram sabão em esponjas macias como bolas de algodão e, lenta e gentilmente, começaram a limpar sua pele.

A reação inicial de Lina foi ficar muito quieta e rígida, com os braços abertos em “T”.

Então Eurídice começou a cantar baixinho.

Logo as outras almas se juntaram a ela, e um coro de doces vozes femininas preencheu a varanda:

*Além dos limites dos portais,
coroadas com cabelos de seda, ela se eleva,
Ela, que todas as coisas congrega
em suas mãos macias e imortais.*

A canção era lenta e sensual, como a batida do bolero, e mexeu profundamente com Lina.

Intrigada, ela acessou as lembranças de Perséfone.

Elas cantam antigos louvores para a beleza da deusa, o que é uma grande honra.

Uma grande honra...

De repente, não mais importava que ela estivesse usando um corpo que não era o seu. Sentia-se viva, bela e dotada com o poder extraordinário de uma deusa.

Lina relaxou o corpo. Respirou fundo e exalou todo o estresse, todos os receios e inibições de sua vida mortal. Sua pele cor de marfim formigava, e ela começou a balançar graciosamente no ritmo da música.

*Seus lábios macios são mais doces
do que o amor que por ela espera
Mas nenhum mortal verá a deusa
como mais do que uma quimera.*

A água quente escorria por seu corpo nu; um rio de seda que as esponjas percorriam. Lina virou-se, rindo e se divertindo com as sensações que cascadeavam por sua pele. Sentiu a brisa da noite lambendo as laterais de seu corpo. Ela era quente, mas, em contraste com o calor da água, esta lhe provocou um arrepio e fez com que seus mamilos se contraíssem eroticamente.

Seu riso foi contagiante, e logo as criadas se juntaram a ela, fazendo a alegria fluir pelo palácio e pelos jardins do deus dos Mortos.

Com passos lentos, Hades seguia, pensativo, pelo caminho que serpenteava no meio da floresta, a qual separava os jardins do palácio dos Campos Elíseos.

A trilha o conduziu até a terceira camada do jardim. Ele estava feliz por ter ouvido o conselho de Perséfone. Tinha sido fácil encontrar Dido, e ele só precisara localizar Eneias em seguida. O espírito da moça havia estado nas proximidades, consumindo-se miseravelmente enquanto seguia cada movimento do guerreiro às escondidas.

Dido nunca quisera beber do Lete, tal era a intensidade de seu amor não correspondido.

Porém sua alma pertencia a ele, Hades, e o que o deus ordenara ela fora obrigada a fazer.

No final, como sempre acontecia, quando Dido se aproximara do Lete, seu espírito se vivificara, e a voz sedutora do rio a tinha encantado, tornando sua transição suave.

Mas não era a lembrança de Dido que retardava os passos de Hades. Era Perséfone. A deusa assombrava seus sentidos. Embora ele a tivesse tido nos braços apenas brevemente, ainda sentia o cetim de sua pele contra a dele, saboreava a doçura de sua boca, sentia o cheiro de mulher que exalava de seu corpo.

E ainda podia ouvir sua risada.

Praguejou em voz baixa. Aquilo era amor? Precisava se consumir pensando nela?

O riso de Perséfone soou outra vez. Escutando com atenção, Hades parou.

Então respirou, aliviado. Não era imaginação sua. A risada vinha do palácio, trazida pela brisa morna.

Agora podia discernir outras vozes junto com a de Perséfone. Algumas rindo, outras cantando. Mas todas deliciosamente femininas.

Quando se pôs a andar outra vez, seus passos já não eram morosos.

Entrando na segunda camada dos jardins, ele vasculhou os fundos de sua morada. O dia tinha se transformado em noite, e a luz das tochas pouco ajudava em sua visão. Como de costume, as jane-

las do palácio encontravam-se alegremente iluminadas, e ele pôde vislumbrar silhuetas curvilíneas delineadas contra as janelas do quarto de Perséfone. Considerou estranho que estas estivessem na varanda, contudo, apertou o passo.

Quando chegou à escada que o levaria até a primeira camada, teve a certeza de que ouvia respingos de água. Galgou os degraus de três em três e subiu depressa até o nível do palácio. Ali a vegetação e as flores formavam um verdadeiro labirinto, e Hades não teve uma visão clara da sacada de Perséfone até que chegou muito próximo do limite dos jardins.

Deu a volta em uma cerca viva e parou como se tivesse batido contra uma parede invisível. Perséfone estava nua. Em pé no centro de uma enorme banheira, parecia uma estátua primorosa que tinha ganhado vida.

Um pensamento passou por sua mente entorpecida: de repente, ele compreendia a obsessão de Pigmaleão por Galateia. Sua mente pareceu deixar de funcionar, e ele se tornou nada mais do que um receptáculo para o desejo que chamuscava seu sangue.

Eurídice despejava cântaros de água quente sobre Perséfone, enquanto criadas semitransparentes ensaboavam sua pele e cabelos. A deusa ria e, brincando, jogava água nas almas, as quais cantarolavam uma melodia lenta e sedutora entre risos. A luz era pouca, porém ele podia ver a silhueta de Perséfone contra as janelas iluminadas e a água varrendo sua pele de marfim.

Os olhos de Hades percorreram o corpo curvilíneo, e seus dedos formigaram quando ele se lembrou da curva delicada daquele pescoço sob sua breve carícia.

Olhou para os seios. Eram cheios e redondos, e os mamilos se mostravam rijos, implorando pelo toque de seus lábios e língua.

Sentiu as entranhas se contraírem e latejarem dolorosamente com o calor da luxúria, e apertou os dentes para conter o gemido de frustração que brotou de dentro dele.

Mas não se afastou. Não parou de olhar para ela. Não conseguia fazer isso.

A cintura de Perséfone se estreitava com graça, para então se abrir em quadris benfeitos. Suas pernas eram longas e bem torneadas.

Os olhos dele se fixaram no convidativo “V” de pelos escuros. Este brilhava com a água que escorria do interior das coxas roliças.

Como se pressentindo sua presença, Perséfone ergueu o queixo e desviou o olhar das alegres servas para vasculhar os jardins. Hades teve a certeza de que seria descoberto, contudo seu manto escuro como a noite se mesclou às sombras, e ele passou incólume sob o olhar da deusa.

Eurídice derramou um último cântaro de água sobre Perséfone e, em seguida, a pequena alma pediu a uma das criadas que lhe trouxesse toalhas. As moças ajudaram a sorridente diva a deixar a banheira e começaram a secar seu corpo.

Já era hora de ele ir embora.

O riso de Perséfone flutuou até ele, entretanto, e seus olhos se recusaram a abandoná-la, buscando outros vislumbres de sua nudez.

Hades respirou fundo. Sua consciência lhe dizia que ele deveria ir, mas o desejo recém-despertado, a saudade e a solidão a abafaram.

As criadas terminaram de enxugar o corpo da deusa da Primavera. Seus cabelos caíam numa cascata de mechas úmidas, as quais Eurídice reuniu e amontoou sobre sua cabeça. Em seguida, a pequena alma derramou o líquido espesso de uma garrafa de vidro na mão e começou a massagear o óleo na pele de sua senhora. Duas outras servas se juntaram a ela.

Hades viu Perséfone fechar os olhos e um sorriso sensual curvar seus lábios enquanto as mãos das moças ungiam seu corpo.

Sentiu a respiração se acelerar. O óleo capturava as luzes que cintilavam através das janelas do quarto, e logo o corpo da deusa brilhava num luminoso convite.

A dor que lhe fazia latejar as entranhas tornou-se insuportável, e Hades buscou com a mão o membro ingurgitado. Sentiu a respiração sair em pequenos espasmos conforme afagava a si mesmo, sem nunca tirar os olhos do corpo da deusa.

Estreitou o foco até que ela era tudo o que existia em seu mundo. Imaginou que eram suas as mãos que escorregavam com óleo pelos seios fartos, pelas nádegas firmes e deliciosas, para depois viajar até as coxas de marfim e encontrar seu centro úmido. Ali ele queria mergulhar e bombear seu desejo dentro dela, cercado por seu calor aveludado...

O orgasmo rasgou seu corpo, explodindo com tal intensidade que o levou a cair de joelhos. Ali ele permaneceu, ajoelhado na sombra, sozinho, lutando para recuperar o fôlego.

E, ainda assim, seus olhos enevoados de desejo continuaram presos à deusa da Primavera.

— Perséfone... — O nome dela saiu num sussurro de seus lábios.

CAPÍTULO 18

Lina sentiu-se como um gatinho bem alimentado, com o corpo naquele ponto maravilhoso entre o *relax* e a satisfação. Cada pedacinho de estresse fora massageado para fora de seus músculos. Sua pele se encontrava tão incrivelmente macia que, enquanto ela se esticava na *chaise* e mordiscava sementes de romã, passava os dedos, distraída, por toda a pele, a qual parecia sussurrar de prazer.

— Juventude, beleza e o poder de uma deusa... Perséfone tem tudo isso — murmurou, para depois olhar em volta, preocupada.

Não. Estava sozinha, assim como tinha pedido.

Após o banho e aquela fabulosa massagem com óleo, Eurídice a vestira com uma linda camisola branca e cintilante, e ela se aninhara junto à espreguiçadeira. Quando a pequena alma lhe perguntara se havia qualquer outra coisa de que ela precisava, ela respondera, sonolenta, que sua única vontade no momento era se deitar na *chaise longue*, beber ambrosia e comer romãs. E, depois, simplesmente dormir.

Eurídice batera palmas, como uma daquelas diretoras enérgicas dos colégios para meninas, e praticamente enxotara as pobres criadas da varanda, anunciando que Perséfone necessitava de privacidade.

E então, para a surpresa de Lina, a pequena alma havia deixado o quarto atrás das servas, alegando ter um encontro com Iapis onde trabalhariam em seus esboços preliminares do palácio... Mas prometera levar aquilo que completassem para sua aprovação na manhã seguinte.

Iapis e Eurídice novamente.

Lina puxou uma mecha dos cabelos longos e a girou em torno do dedo. Se não estivesse enganada, o interesse do daimon pela moça não era apenas amigável.

Talvez ela devesse falar com Hades a respeito.

Hades...

Pensar no deus trouxe a inquietação que borbulhava sob sua pele para a superfície, e ela serviu-se de outra taça de ambrosia. O que estava acontecendo com ele? Por que desaparecera de repente? Hades tinha deixado muito claro que estava interessado nela, e até a havia beijado.

Beijado *uma ova*. Ele a prendera contra a parede e a acariciara inteira!

Lembrar sua paixão a fez estremecer. Hades era a personificação do perigo. O Batman vivo.

Umedeceu os lábios secos e pôde jurar que ainda sentia o gosto dele.

Ou talvez fosse apenas a ambrosia. Ambos eram deliciosos.

Fechou os olhos, permitindo que seus próprios dedos a percorressem pescoço abaixo e roçassem os mamilos já intumescidos.

Soltou um gemido.

Merda!

O corpo de Perséfone era jovem, ágil e...

Abriu os olhos.

— ... Muito, muito excitável — falou em voz alta. — Ou talvez seja mais o meu do que o dela. Ou uma combinação do que acontece quando uma mulher de quarenta e três anos de

idade que não faz sexo há, ela parou e contou, quase três anos é colocada no corpo de uma deusa jovem, em idade de casar. E depois ainda é tentada pelo sócia do Batman! — completou, frustrada. — Chega, Lina! Hora de se mexer.

Ela se levantou rápido demais e sentiu-se leve e com os joelhos fracos. A ambrosia tinha lhe subido à cabeça.

Bem como a outros pontos sensíveis.

Seus lábios se torceram num sorriso, e um calor aqueceu-lhe as faces.

Céus!, ela estava mal... Tentara até mesmo a chuva fria, e, definitivamente, esta não funcionara como ela havia planejado.

Suspirou e passou o dedo pelo mármore liso da balaustrada, pensando na ideia que Eurídice fazia de um chuveiro. Tinha sido uma experiência inesquecível que, no entanto, nada fizera para dissipar suas fantasias com o deus do Submundo. Na verdade, só havia piorado a situação. Seu corpo fora mimado, lavado, massageado, alisado... E agora ela se sentia como uma concubina preparada para o sultão.

Mas em que parte do inferno se encontrava o sultão?, ela se indagou, rindo da própria escolha de palavras.

Sacudiu a cabeça e revirou os olhos.

— Você bebeu ambrosia demais!

Pôs a taça meio vazia sobre o parapeito e começou, cambaleante, a descer a escadaria circular que ia até a base do palácio. Daria uma boa caminhada pelo jardim. Isso poderia lhe clarear as ideias e deixá-la com sono o suficiente para que ela se lembrasse de que a cama era um lugar para dormir mais do que para fazer sexo selvagem e suado com um deus belo e sombrio.

Envolta pela névoa de ambrosia, Lina seguiu caminho para o primeiro nível dos jardins do palácio. Quando chegou à entrada, ficou imóvel, totalmente imersa na visão mágica das tochas acesas. O Submundo era um lugar tão lindo! O céu continuara a escurecer, mas não era negro como na noite do Mundo Superior. Em vez disso, era de um cinza da cor da ardósia, iluminado por várias estrelas, cada uma delas aureolada com cores iridescentes que a lembravam o perolado de uma concha. O céu incomum fazia tudo parecer mergulhado numa escuridão suave, como se aquela parte do Submundo fosse um sonho bom.

— Essas estrelas são as coisas mais bonitas que eu já vi — disse para o céu em voz baixa.

— São as Híades.

Hades pareceu se materializar das sombras do jardim, e ela levou a mão ao pescoço, sentindo o coração bater ali.

— Você me assustou!

— Eu não queria fazer isso, mas estava pensando em você e, quando ouvi a sua voz, quis me aproximar.

Lina mordeu o lábio e tentou limpar a mente anuviada pelo vinho. Ele estava usando aquela maldita capa outra vez. Pior: tinha trocado o traje volumoso que usava de costume por outro, muito mais revelador. Havia escolhido se vestir de preto outra vez, mas na forma de uma túnica de couro curta, que parecia ter sido moldada para o seu peito e que terminava em painéis sobre os quadris. Por debaixo, vestia uma malha preguçada da cor de nuvens carregadas, que lhe deixava à mostra quase todos os músculos das pernas.

Lina se obrigou a erguer os olhos e encará-lo. Hades a fitava com tanta intensidade que ela

sentiu os membros formigar.

— Eu também estava pensando em você. Estou feliz por estar aqui — disse e se obrigou a respirar enquanto ele se aproximava tal qual um felino.

Seu corpo era como uma fornalha, refletiu Lina. Podia sentir o calor que irradiava dele.

O deus tomou-lhe a mão, levou-a lentamente até a boca, e foi como se seus lábios a marcassem.

Hades não a soltou. Em vez disso, traçou em sua pele um caminho circular com o polegar.

O vento frio levou seu cheiro até Lina. Hades cheirava a noite, a couro... a homem. O perfume erótico e perigoso fez seu estômago se apertar e a fez pensar em peles suadas, escorregadias e nuas.

Sem refletir, ela respirou fundo e se recostou nele. Os olhos de Hades faiscaram, e a brisa, provocante, fez voar sua capa, que subiu atrás dele como um par de asas.

Lina se viu submersa na intensidade de seu olhar. Podia sentir sua paixão se inflamando. Aquele Hades não era apenas o deus inteligente e *sexy* que ela conhecera. Era o ser que a possuía naquela ferraria. Ele se avultava sobre ela, poderoso, imortal, sedutor, atraente, irresistível... e um pouco assustador.

Mesmo assim, ela o queria. A presença do deus era magnética, porém sua alma mortal ainda lutou para manter algum controle.

Lina obrigou a mente a trabalhar, a se agarrar a alguma coisa; qualquer coisa que pudesse dizer a ele.

— Disse que as estrelas são as Híades? Eu não compreendo — conseguiu balbuciar por fim.

Ele tirou os olhos dos dela para fitar o céu noturno.

— Não entende porque as conhece apenas como as ninfas brilhantes que elas são no Mundo Superior. O que a maioria dos imortais não sabe é que um grupo de Híades da floresta se cansou das suas funções terrenas e implorou a Zeus para que ele as tornasse mortais. Assim, elas poderiam morrer e se livrar do fardo da imortalidade.

A voz dele era tão profunda e hipnótica como seus olhos, concluiu Lina, fitando-o, extasiada, enquanto ele narrava sua história. Hades era como uma chama que atraía sua alma inexoravelmente.

Batman. Era mesmo como o Batman.

E, com ambrosia na cabeça ou não, que mulher sensata não teria fantasias com o super-herói?

— Zeus concedeu às Híades seu desejo e, naquela mesma noite, elas adentraram o meu reino. Fiquei tão comovido com a iridescência de suas almas que comentei que sua grande beleza poderia iluminar Elísia inteira. As ninfas ficaram fascinadas com a minha ideia e vieram me fazer um pedido. Com o aval de Zeus, eu lhes concedi essa prerrogativa, e elas têm iluminado o céu noturno do Submundo desde então.

Lina obrigou os olhos a desviarem do atraente deus para olhar as estrelas que, na realidade, eram os espíritos das ninfas.

— O que está fazendo aqui, Perséfone?

A emoção na voz de Hades a fez segurar o ar nos pulmões e tornar a encará-lo. O que tinha acontecido com ele naquela noite? Como podia parecer tão poderoso e, ao mesmo tempo, tão vulnerável?

Balançou a cabeça e deu a única resposta que podia:

— Eu bebi muita ambrosia e pensei que um passeio pelo jardim ajudaria a me manter sóbria.

Hades a encarou por mais um momento, então piscou, passou a mão pelo cabelo e soltou outro longo suspiro. Devagar, as linhas tensas em seu rosto começaram a relaxar.

— Ambrosia demais? Pois, para mim, isso faz muito bem. Deixa a cabeça mais leve e os joelhos fracos.

Aliviada por ele parecer normal, Lina sorriu.

— Fico feliz em saber que não sou a única a ter essa reação.

— Uma caminhada ajuda realmente. — Hades devolveu-lhe o sorriso e se curvou, galante.

— Eu ficaria honrado se me permitisse acompanhá-la.

Era o seu Hades arrojado outra vez.

Lina sorriu, fez uma reverência... e percebeu que estava vestindo apenas uma camisola de seda fina.

Engoliu em seco.

— Eu, ahn... Parece que não estou agasalhada o suficiente para um passeio noturno.

Os olhos de Hades brilharam ao percorrer o corpo coberto de seda, deixando seu rosto corado. Em um movimento fluido, ele soltou a capa e, tal qual um toureiro, girou-a para cobrir-lhe os ombros.

— Está melhor assim?

Abrigada em seu cheiro e calor, ela pôde apenas assentir em silêncio.

— Quer dizer que posso acompanhá-la?

— Claro.

Hades sorriu e a fez passar o braço pelo dele. Então a conduziu lentamente pelos jardins cobertos pela noite.

Não falaram mais. Apenas se habituaram à presença um do outro. Hades escolheu um caminho largo, que dividia os jardins, e Lina olhou ao redor, admirada. A suavidade incomum da noite do Submundo lançava um brilho mágico sobre as flores e sebes adormecidas e, apesar de muitos dos botões se encontrarem fechados, estes ainda pontilhavam de branco a paisagem.

— Ainda não me decidi se as acho mais bonitas durante o dia, enquanto estão em plena floração, ou como agora. Parecem crianças dormindo... — ela comentou, estendendo o braço para tocar um lírio branco.

Ao seu toque, a flor desabrochou completamente, e Lina reprimiu um grito. Tinha que se lembrar que era a deusa da Primavera. Não deveria ficar surpresa quando fazia brotar uma flor!

— Pronto. Agora pode decidir — Hades falou, divertido.

Lina franziu a testa.

— Não, eu não quero desgastá-las. — Pensou por um momento antes de acenar para o lírio.

— Volte a dormir — ordenou.

Com um som muito parecido com um suspiro, a flor se fechou.

Lina voltou-se para Hades e o viu olhando para ela com uma expressão que não conseguiu interpretar. Antes que pudesse perguntar o que estava errado, ele pegou sua mão, a mesma que tinha tocado a flor, e, virando a palma para cima, levou-a aos lábios.

O toque quente fez o estômago de Lina se contrair. *Céus!*, ela queria que ele beijasse muito mais do que apenas sua mão...

Cedo demais, Hades a soltou.

— É uma deusa muito generosa.

Ela não era Perséfone, porém Hades a fazia sentir-se como se ela fosse uma deusa realmente.

Em vez de passar o braço pelo dele outra vez, Lina entrelaçou a mão na dele, e seus lábios trêmulos se curvaram num sorriso satisfeito.

Hades apertou seus dedos, e eles retomaram a caminhada.

— Eu gostaria de lhe mostrar uma coisa — ele falou de repente. — Algo muito importante para mim.

Lina o fitou, e seus olhos se encontraram brevemente. Então o deus desviou o olhar, e ela notou a linha tensa em seu maxilar.

— Se é importante para você, eu adoraria ver.

Hades relaxou e apertou sua mão outra vez.

— É por aqui...

O primeiro patamar do jardim chegou ao fim, e ele a fez descer a escada para o segundo nível. Mais cedo, naquele mesmo dia, quando ela viera colher néctar, não conseguira prestar muita atenção a nada, exceto em obter o líquido pegajoso.

Teria gostado de parar para observar as fontes e a coleção de estátuas, mas o deus apertou o passo. Obviamente, estava ansioso por chegar ao que desejava mostrar a ela.

Com a curiosidade aguçada, Lina correu para alcançá-lo.

No terceiro nível, Hades escolheu um caminho que bifurcava à sua direita e fazia algumas curvas em “S” para a lateral daquele jardim. Pouco a pouco, os jardins bem cuidados deram lugar a grandes pinheiros, e seu aroma acentuado a fez lembrar-se de férias e repouso.

— Adoro o cheiro dos pinheiros!

Em vez de responder, Hades pressionou um dedo contra seus lábios.

— Sshh! Eles não podem saber que estamos aqui.

Lina ia perguntar o que ele queria dizer com aquilo, porém o deus apontou para um aglomerado de pedras.

— Precisamos esperar ali atrás.

Intrigada e completamente confusa, ela permitiu que ele a puxasse para o lado enquanto se agachavam atrás das rochas pontiagudas.

— O que está acontecendo? — indagou, preocupada.

Hades mudou de posição, de modo a enxergar por cima da pedra mais próxima, e gesticulou para que ela fizesse o mesmo.

Lina olhou por cima da rocha. Do outro lado, a terra descia, íngreme até chegar à margem de um rio.

Piscou várias vezes para se certificar de que seus olhos não a estavam enganando, contudo a água continuava a mesma, brilhando como diamante líquido sob a luz mágica da noite do Submundo. Tudo estava muito quieto em torno deles, e Lina pôde ouvir a voz do rio, que ria e cantava palavras em uma língua estranha. Não entendeu o que dizia, mas o som era fascinante, e ela sentiu um súbito desejo de correr pela margem, entrar na água e imergir naquele riso contagiante.

A mão firme de Hades segurou-lhe o ombro, e seus lábios quase tocaram sua orelha enquanto ele falava baixinho:

— Não dê ouvidos ao chamado do rio.

Lina se concentrou na voz do deus e sentiu amenizado seu fascínio.

— Eu devia ter lhe avisado. O chamado do Lete pode ser muito forte. — A respiração de Hades era quente, e Lina se recostou nele.

Hades mudou de posição, colocou o braço sobre seus ombros e a puxou para a sua frente, para que ela pudesse descansar quase intimamente em seu colo.

Lina se moveu para trás, de encontro ao peito largo, e inclinou a cabeça para que ele pudesse captar seus sussurros.

— Este é o Lete, o rio do Esquecimento?

Sentiu que ele acenava com um gesto de cabeça e olhou para o rio, incrédula. Então aquele era o famoso rio que fazia as almas esquecerem suas vidas anteriores e as preparava para nascer de novo.

— Isso era tão importante para você?

— De certa forma — Hades sussurrou. — Mas há mais.

— Por que temos de ficar tão quietos?

— Os espíritos não podem saber que estamos aqui. Nossa presença seria uma distração. Para isso os mortos não precisam de nós.

Lina sentiu uma onda de excitação e procurou as margens do rio.

— Não vejo nenhum morto.

— Espere e olhe bem.

Ela se recostou no peito largo, e o deus a envolveu nos braços com firmeza. Era tão bom ficar perto dele! Um aroma de pinho pairava no ar, mesclando-se com o perfume inebriante e másculo de Hades.

Uma vez que ela não mais sintonizava com o apelo irresistível do Lete, a voz deste se tornou alegre e melódica.

Lina sentiu-se imersa em uma experiência sensorial inacreditável. Seu corpo inteiro estava excitado e ultrassensível. A mão do deus descansou em seu antebraço, e seu polegar lhe traçou círculos preguiçosos na pele. Ela estremeceu sob o toque.

— Minha capa não a está aquecendo? — Hades murmurou, a respiração morna contra seu ouvido. — Está com frio?

Ela balançou a cabeça negativamente e se virou nos braços fortes para ver seu rosto. Ele a envolvia por inteiro. Seu corpo era rijo, forte, e ele irradiava calor através do couro da túnica.

Seus braços a rodearam, então. Lina abriu a boca para dizer que era o seu toque que a fazia tremer daquela maneira e que...

— Ali! — O sussurro de Hades foi urgente. Ele se inclinou para a frente, movendo-a com ele. Apontou, e os olhos dela seguiram seu dedo.

Duas figuras se aproximavam do rio, no lado oposto. Conforme chegavam mais perto, Lina percebeu que elas estavam de mãos dadas. A água brilhante refletiu em seus corpos, mostrando serem um homem e uma mulher de idade. Eles se moviam lentamente, permitindo que seus ombros e quadris roçassem uns nos outros. A cada passo ou dois, o homem erguia a mão enrugada da mulher até os lábios e a mantinha lá enquanto ela o fitava com ternura.

Lina sentiu-se pouco à vontade espionando-os, mas ficou encantada com a adoração que demonstravam um pelo outro.

Por fim, o casal chegou à beira do rio e se entreolhou. O homem descansou as mãos sobre os ombros da mulher.

— Tem certeza? — Tinha a voz rachada pela idade e pela emoção, porém esta ainda era audível do outro lado do rio.

— Tenho, meu amor. Chegou a hora, mas nos encontraremos de novo — afirmou com segurança.

— Eu sempre confiei em você. Não vou duvidar de você agora — replicou ele.

Ao ver o homem puxar a esposa suavemente para seus braços e beijá-la, Lina sentiu os olhos se encherem de lágrimas e piscou depressa, querendo manter o foco. O casal terminou seu abraço e depois, com as mãos ainda unidas, eles se ajoelharam ao lado do rio, inclinaram-se e beberam da água cristalina.

No mesmo momento, seus corpos começaram a brilhar. Seus cabelos e roupas chicoteavam descontroladamente como se tivessem sido apanhados em uma lufada de vento.

Então começaram a mudar.

Lina engasgou enquanto observava os anos deixando o casal. Sua aparência mudou da velhice para a meia-idade, em seguida para a fase adulta, depois para a juventude, e, finalmente, os dois resplandeceram com a vibração da adolescência.

A metamorfose cessou e, atordoados, eles se entreolharam.

Em seguida, o homem jogou a cabeça para trás e gritou com alegria. Mais uma vez, puxou a mulher para os braços e ela pulou em seu colo, rindo e chorando ao mesmo tempo.

As lágrimas escorreram dos olhos de Lina. Eles deviam ser daquele jeito quando tinham se apaixonado.

Enquanto o casal se abraçava, seus corpos se tornaram cada vez mais brilhantes, até que ela precisou usar a mão para proteger os olhos contra a luz que deles emanava.

De repente, eles explodiram tal como duas estrelas, e foram caindo em uma chuva de faíscas sobre a água. A partir do centro de cada explosão, dois pontos de luz do tamanho de um punho fechado se formaram. Pairaram sobre as águas, adaptando-se aos seus novos sentidos, então se puseram a flutuar correnteza abaixo, como se carregados por uma brisa própria.

Lina ficou olhando para eles. As duas esferas de luz permaneciam juntas e tão próximas que, conforme se afastavam, parecia não haver mais distinção entre elas. O rio fazia uma curva para a esquerda, e as luzes o seguiram, desaparecendo de vista.

Ela enxugou os olhos, fungando.

— O que vai acontecer a eles? — perguntou com voz embargada.

— O que viu é a aparência das almas depois que todas as lembranças e todo o vínculo com os corpos são removidos. Os espíritos seguirão o Lete até a sua nascente. Lá eles renascerão como crianças para viver novas vidas — explicou Hades.

Lina virou-se em seu colo para encará-lo.

— Mas eles vão ficar juntos outra vez? Se eles renascem como novas pessoas, sem nenhuma lembrança de suas vidas anteriores, como podem se reencontrar?

— Almas gêmeas sempre se reencontram. Não precisa chorar por elas... A mulher falou a verdade: eles vão ficar juntos novamente.

— Promete? — A voz de Lina tremeu de emoção.

— Prometo, meu anjo. Prometo.

Devagar, e lutando contra eras de solidão, Hades envolveu com as mãos o rosto à sua frente e tomou uma decisão: tinha que tentar. Estaria perdido se não o fizesse.

Fitou-a nos olhos com o coração aos saltos e, respirando fundo, deixou os polegares enxugarem o resto das lágrimas da deusa.

— Era o que eu queria lhe mostrar e dividir com você, Perséfone: o vínculo que existe entre almas gêmeas. Sei que jamais vai se esquecer do que testemunhou aqui. O que viu pode até mudá-la, assim como me mudou.

Delicadamente, ele se inclinou para ela. Primeiro beijou-lhe as pálpebras fechadas, uma a uma, então colou a boca na sua.

O beijo começou doce e hesitante, mas, quando as mãos de Lina deslizaram ao redor de seus ombros, e ela abriu os lábios para aceitá-lo, Hades o aprofundou com fervor.

Perséfone estava ali, era uma realidade em seus braços. Desta vez ele não precisava imaginar que a tocava e a saboreava.

O desejo por ela, que ainda não fora verdadeiramente saciado, brotou dentro dele. Com um gemido de prazer, as línguas se encontraram. Perséfone estava lânguida e quente, e tinha gosto de ambrosia.

Hades deslizou as mãos para dentro da capa que a cobria, e estas encontraram sua cintura. Acariciou-lhe a curva dos quadris e, obedecendo às suas fantasias, mergulhou os dedos na seda de seus cabelos.

Percebeu a respiração dela se acelerar ao percorrer de cima a baixo o comprimento de suas coxas. A fina camisola de seda não representava quase nenhuma barreira.

Perséfone virou-se em seu abraço, de maneira que seu membro rijo ficou pressionado contra a curva de suas nádegas benfeitas.

Hades deixou escapar um som baixo e selvagem do fundo da garganta. Como vivera tanto tempo sem ela? Desejava-a com um fogo que o queimava vivo!

Sua mão viajou de volta para a curva tentadora da cintura delgada e continuou a subir, sentindo a perfeição da lateral de um seio. Em sua mente, ele vislumbrou outra vez os mamilos intumescidos e molhados com água e óleo. Com a ponta dos dedos, encontrou o botão macio e o acariciou através da seda fina.

Perséfone soltou uma exclamação. O som penetrou a névoa de luxúria que embaçava o cérebro de Hades e o fez recuar. A capa tinha sido deixada de lado, e a deusa estava praticamente sobre ele, tremendo, exposta, com os cabelos desgrehados e os lábios vermelhos e inchados depois de seus beijos.

Por todos os deuses, o que havia de errado com ele? Perdera o controle sobre si mesmo? Não queria que acontecesse daquela maneira. Até mesmo um idiota inexperiente sabia que não deveria amar uma deusa no meio de uma floresta.

Soltando uma imprecação, ele se pôs de pé. Perséfone estava com pedaços de pinhas e sujeiras na camisola, e pareceu-lhe dolorosamente jovem e sedutora ao fitá-lo com um sorriso confuso nos lábios sensuais.

Hades se encheu de vergonha. Ainda queria deitá-la no chão e amá-la ali mesmo.

Balbuciando desculpas incoerentes, limpou as folhas dos pinheiros que tinham se apegado às suas vestes.

Lina suspirou. A força da paixão do deus despertara nela um desejo tão intenso, tão feroz, que chegava a ser assustador. Ao observar a luxúria se esvaír do rosto de Hades e ser substituída por uma expressão que poderia ser raiva ou vergonha, ela controlou a respiração e se obrigou a raciocinar. Nunca tivera um deus por amante, mas não era nenhuma virgem, e, portanto, não devia reagir como uma.

— Não tive a intenção de trazê-la aqui para... — Ele balançou a cabeça, desgostoso, e continuou a limpar seu vestido — ... para amá-la como um bicho.

Não estava zangado, Lina percebeu com alívio, e sim, constrangido.

— Hades... — Segurou sua mão e a puxou até que os olhares se encontrassem. — Pare com isso. Eu estou bem. O que aconteceu?

— Uma deusa merece mais do que uma contenda no chão.

O sorriso dela foi lento e sensual.

— Não posso falar por outras deusas, mas eu estava gostando da contenda... — Tocou a veste de couro que ele usava. Ainda podia sentir o calor que emanava dele. — E eu não estava no chão... Estava praticamente sentada no seu colo.

Hades soltou um suspiro, e a expressão preocupada em seus olhos o fez parecer décadas mais velho. Com delicadeza, ele a tocou no rosto, e sua voz saiu rouca com as emoções contidas:

— É verdade que eu não a trouxe aqui para seduzi-la, mas descobri que não consigo manter o meu pensamento longe de você... nem minhas mãos. Que os deuses me ajudem, Perséfone, mas eu a desejo mais do que qualquer outra coisa — ele concluiu, ofegante.

— Então que os deuses ajudem a nós dois, Hades — ela emendou, rouca.

Quando seus lábios se encontraram, Lina se recusou a pensar em Deméter e no futuro.

Hades interrompeu o beijo suavemente, enquanto ainda era capaz de se controlar. Ela era tão macia e se mostrava tão receptiva! Que Perséfone o desejava, isso era evidente, porém ele queria mais do que possuir seu corpo. Queria sua alma.

Num gesto carinhoso, ajeitou a capa sobre seus ombros e a fez passar o braço pelo dele.

— A noite está esfriando. É melhor voltamos para o palácio. — Tirou-lhe uma mecha de cabelo do rosto, ciente da decepção nos olhos da deusa.

Bom, pensou. Queria que Perséfone desejasse e ansiasse por mais do que apenas seu corpo.

Ele a conduziu de volta ao caminho que os levaria ao palácio.

Os pensamentos de Lina fervilhavam. Sentia o corpo ainda ardendo, e sua sensibilidade aumentada, de alguma forma, se fundira com a incrível beleza da cena que tinha testemunhado entre aqueles dois companheiros de alma. A devoção pungente entre os amantes ficara gravada nela.

Sentiu a pulsação firme de Hades sob os dedos. Ele a trouxera até ali para testemunhar o renascimento das almas gêmeas, mas não usara isso como uma arma de sedução. Se essa tivesse sido sua intenção, ele poderia tê-la tomado lá mesmo, no chão.

Mas, não. Hades, pelo visto, queria mais dela do que apenas sexo.

Sua alma vibrou quando um alarme soou em sua mente.

Amor. Ele havia lhe mostrado sua ideia de amor.

Hades já não dissera que acreditava que os mortais sabiam amar melhor do que os deuses? Será que os deuses também possuíam almas gêmeas?

Ela não fazia ideia. Tudo o que sabia sobre imortais tinha lido sem a mínima atenção,

décadas antes.

O que se lembrava bem era que os deuses antigos eram volúveis e que descartavam amantes a seu bel-prazer.

Isso, contudo, não condizia com o deus que caminhava a seu lado.

Fitou o perfil sombrio. Quem acreditaria que ela havia encontrado tal desejo e romance na Terra dos Mortos?

Como se pressentisse seu escrutínio, Hades olhou para ela, e seus lábios se curvaram num sorriso.

— Parece que tem muitas perguntas borbulhando na cabeça... Eu já lhe dei permissão para me perguntar qualquer coisa, e prometo que, daqui por diante, me lembrarei das boas maneiras e não insultarei minha convidada.

Lina sentiu-se corar. Desejava que aquela escuridão de sonho escondesse a cor em seu rosto.

Ela havia se esquecido por completo de repreendê-lo por sua retirada estratégica. Parecia ter acontecido séculos antes, e com duas pessoas totalmente diferentes.

Inclinou-se para ele, adorando a sensação do braço forte no seu, e a forma como ele também se curvava para ela, atento.

— O que assisti esta noite foi algo mágico — murmurou, comovida.

— Sim. O tipo mais perfeito de magia: a que é criada pela alma e não inventada pelos deuses.

— Os deuses não possuem almas gêmeas?

— Não. — Hades suspirou. — Almas mortais encontram seus pares naturalmente; não exigem a interferência do Olimpo.

As palavras trouxeram outra dúvida para Lina.

— Os mortos podem se apaixonar? — ela quis saber, pensando nos olhares tímidos que Eurídice começara a lançar para Iapís. — Ou apenas almas gêmeas têm a capacidade de amar após a morte?

— Você mesma pode responder a essa pergunta, Perséfone.

Lina o fitou, atenta. Entretanto o tom de Hades era educativo e não paternalista.

— Pense, minha deusa. Do que é que gosta? Do corpo ou da alma? — ele incitou.

— Se está falando em amor de verdade, e não apenas em desejo ou paixão, eu teria de dizer a alma.

O deus aquiesceu.

— O corpo é apenas um manto, uma cobertura temporária para a nossa verdadeira essência.

— Então as almas que habitam Elísia, ou mesmo seu palácio, podem se apaixonar?

— Qualquer um dos mortos pode encontrar um novo amor. — Hades franziu o cenho. — Mas, deve saber, nem todas as almas são capazes dessa emoção.

— Está falando de almas mortais ou das almas dos deuses?

Ele parou de andar e se virou para encará-la. Estavam em pé, muito próximos, e a mão dela ainda repousava em seu braço.

Hesitou antes de responder à pergunta. Então seus dedos roçaram a face delicada numa carícia já familiar para Lina.

— Não posso falar pelos outros deuses, apenas por mim. Minha alma anseia por uma companhia eterna. — Ele se inclinou e roçou os lábios nos seus. Em seguida, fez um gesto

para o espaço logo atrás dela. — Parece que estamos de volta ao lugar em que começamos.

Lina olhou por cima do ombro e piscou, surpresa. Estavam parados na beirada da trilha que levava à varanda.

Sem falar, Hades envolveu-lhe o rosto com as mãos num gesto delicado, e Lina imaginou que o beijo fosse ser doce e breve.

Quando seus lábios se encontraram, contudo, percebeu que havia se enganado. Ele não teve pressa em saboreá-la, mergulhando os dedos em seus cabelos fartos e acariciando a base sensível de seu pescoço.

Ela correu as mãos pelos braços longos, mais uma vez impressionada com sua força.

Hades mordiscou seu lábio inferior antes de terminar o beijo. Sem soltá-la, falou de encontro à sua boca:

— Vai cavalgar comigo amanhã? — indagou, a voz rouca de desejo.

Com o coração disparado, Lina anuiu.

— Sim.

— Até amanhã, então. — Ele a soltou, relutante, e tirou outro fio de cabelo de seu rosto. Fez uma reverência, virou-se e se afastou.

Lina subiu os degraus da varanda e entrou no quarto com as pernas trêmulas. Conforme se largava na cama, avistou o próprio reflexo no espelho sobre a penteadeira, do outro lado do cômodo. Tinha as faces coradas e os cabelos desgrehados. A capa de Hades havia se acumulado em torno de sua cintura, e a camisola transparente estava suja, com várias folhas de pinheiro pendendo da barra.

E, mesmo longe do espelho, pôde ver o contorno de seus mamilos intumescidos.

— *Misericordioso Madre di Dio!* — disse, usando a frase mais enfática de sua avó. — Você tem 43 anos de idade! E não se sentia assim desde... desde nunca! — Sacudiu a cabeça diante daquela imagem jovem e estranha de si mesma. — Nenhum homem jamais a fez se sentir como Hades... E ele quer amor eterno! — Fechou os olhos com força. — Oh, Deméter, o que eu vou fazer?

CAPÍTULO 19

— Querida, você é uma verdadeira artista! — Lina estudou o desenho a carvão feito no pergaminho. Havia esperado que o mapa de Eurídice fosse um desenho tosco, mas, quando a pequena alma desenrolou o papel, ficou impressionada com a qualidade do trabalho. O projeto do palácio fora traçado em linhas fortes e claras, com cada setor nomeado em uma linda caligrafia.

O que mais a impressionou, porém, foi a forma meticulosa com que Eurídice havia simbolizado cada parte da construção. Para indicar a sala de jantar, reproduzira uma miniatura da linda mesa com os candelabros. O Salão Nobre fora adornado com um altar, sobre o qual ela desenhara o trono de Hades. Tinha esboçado até o pátio cheio de flores e a fonte maciça em seu centro.

— Gostou mesmo? — Eurídice perguntou, ofegante. — Não está pronto. Ainda precisa de muitos retoques, na verdade.

— Pois eu adorei. Sempre foi boa desenhista?

O rosto da moça se iluminou.

— Sim! Quero dizer... não exatamente. Meu pai não achava que desenho fosse um bom passatempo para uma moça; nem mesmo um *hobby*. Mesmo assim, eu costumava desenhar em segredo. Fazia o esboço de flores em áreas secas do chão com uma varinha, mergulhava uma pena de pássaro nos corantes da minha mãe e desenhava animais em trapos. — Ela sorriu para Lina, travessa. — Meu pai ficaria louco se descobrisse.

— Pois eu acho que ser artista é um passatempo perfeito para uma mulher, e eu lhe dou carta branca para desenhar quanto quiser — Lina afirmou.

— Muito obrigada, Perséfone! — A moça pulou de alegria. — Mal posso esperar para contar a Iapis. Ele também falou que eu desenhava bem e que me arrumaria outros materiais se eu quisesse continuar desenhando.

— É mesmo? — Lina ergueu as sobrancelhas sugestivamente.

O rosto já rosado de Eurídice assumiu um tom vermelho.

— Sim. Eu pensei que ele estivesse apenas sendo gentil, pois é sempre assim, mas, se você também concorda com ele, então deve ser verdade.

— Diga a Iapis que eu mandei *enchê-la* com materiais. Acaba de ser nomeada a artista particular da deusa da Primavera. — Lina levantou a mão regamente a fim de tornar o anúncio oficial.

Os olhos de Eurídice se arregalaram. Num impulso, ela jogou os braços ao seu redor, abraçando-a com força.

— Você é a deusa mais maravilhosa do mundo!

Lina riu.

— Essa é exatamente a opinião que espero da minha artista particular.

— Precisa me dar uma tarefa. O que gostaria que eu desenhasse?

— Não deveria terminar o mapa primeiro?

— Isso será feito em breve. O que quer que eu desenhe? — perguntou, ansiosa.

Lina pensou por um momento, então sorriu.

— O narciso está se tornando a minha flor favorita... Por que não desenha um bem grande e

bonito?

O rosto de Eurídice resplandecia quando ela fez uma profunda reverência para sua senhora.

— A artista está às suas ordens, deusa da Primavera.

Lina inclinou a cabeça como uma deusa, congratulando-se por ter deixado a pequena alma tão feliz.

— Vou tentar ser paciente e esperar por seu primeiro trabalho.

A pequena alma quase se esqueceu da medida.

— Céus! A minha primeira incumbência! — exclamou, emocionada.

Duas batidas firmes soaram contra a porta do quarto de Lina. Eurídice praticamente dançava ao abri-la.

— Iapis! — Ela sorriu. — Perséfone declarou que eu sou sua artista particular!

Lina observou o daimon, atenta. Sua expressão foi calorosa e sincera ao parabenizar a moça, e seus olhos não deixaram o rosto delicado um só momento. Sua avó diria que ele estava com todo o jeito de um homem prestes a se apaixonar perdidamente.

Lina percebeu Eurídice tocando o braço do daimon duas vezes enquanto, animada, contava a novidade. A linguagem corporal da menina dizia, sem dúvida, que ela correspondia ao interesse de Iapis.

Menina não, corrigiu-se Lina. Tinha que parar de pensar em Eurídice como uma criança. Ela era uma mulher que já fora, inclusive, infeliz no casamento.

E pensar que seu atual corpo não parecia muito mais velho do que o dela!

— Senhora, posso elogiá-la por seu bom gosto em se tratando de artistas? — Iapis indagou, galante.

Eurídice pairava a seu lado, sorrindo.

— Obrigada, Iapis. Mas parece que estamos apenas começando a descobrir os talentos de Eurídice...

O daimon sorriu com carinho para a moça.

— Sou obrigado a concordar plenamente — respondeu, antes de se inclinar para Lina, discreto. — Hades espera pela senhora no estábulo. Ele pediu que eu a avisasse de que Órion encontra-se impaciente.

O estômago dela se contraiu à simples menção do deus.

— Ainda bem que estou pronta, então. Eu não gostaria de deixar um de seus temíveis cavalos esperando.

— Eles me assustam — declarou Eurídice.

— Basta enxergá-los como cães de grande porte — sugeriu Lina, e a pequena alma e o daimon tiveram que se apressar para segui-la quando ela começou a andar rapidamente pelo corredor e pelo pátio, plenamente consciente de que agora era ela quem parecia flutuar de alegria.

— Aproveitou seu banho de ontem à noite, senhora? — Iapis perguntou.

Lina ficou feliz por estar andando à sua frente. Sabia que sua expressão daria mostras de como a noite anterior tinha se tornado satisfatória.

— Sim, foi uma delícia. Obrigada.

— Perséfone disse que dormiu muito bem — acrescentou Eurídice, travessa.

Lina sorriu. Ela dormira envolta na capa de Hades, mergulhada em sonhos eróticos e sensuais.

— É bom saber — o daimon falou à moça com um suspiro. — Ainda mais depois da noite agitada que meu senhor teve. Hades não pregou os olhos.

— Devia ter lhe providenciado um bom banho, como fiz com Perséfone — comentou Eurídice.

Lina apertou o passo, deixando que a brisa suave que soprava no pátio lhe esfriasse as faces coradas. Já se sentia como uma mola contraída e pronta para se expandir. Decididamente, não precisava começar a visualizar o corpo nu de Hades sendo banhado e coberto de óleo.

Passou quase correndo pela fonte central e as lindas esculturas, e suspirou, aliviada, quando chegou aos portões de ferro forjado por fim.

— Acho que vou ficar aqui, Perséfone — Eurídice falou atrás dela, apontando para um pequeno canteiro de narcisos. — Assim posso fazer um primeiro esboço enquanto cavalga na companhia de Hades.

— E eu ainda preciso arrumar outros materiais para a sua desenhista particular — emendou Iapis, sem nunca deixar os olhos de Eurídice.

— Comportem-se vocês dois... Estarei de volta em breve — declarou Lina.

O casal se despediu dela de bom grado.

Quando ela olhou para trás, apenas alguns passos depois, viu os dois juntos. O riso de menina de Eurídice foi seguido por uma gostosa risada do daimon.

Lina suspirou. Precisava conversar com Hades sobre eles. Iapis parecia um bom rapaz, se essa era a expressão certa com que se referir a um semideus, mas, quais eram as suas intenções? Eurídice estava se recuperando de um mau relacionamento, sem dizer que havia falecido fazia pouco tempo... Tais fatos deviam deixá-la duplamente vulnerável.

Ou não?

De qualquer modo, ela se sentia responsável pela moça e não queria vê-la magoada. Iapis precisava agir com cautela. Eurídice tinha de ser tratada com cuidado e respeito.

Um relinchar estridente fez Lina interromper seu discurso interior. Órion estava do lado de fora do estábulo. Sua crina fora penteada e trançada com fitas da cor do luar, do mesmo tom do narciso colocado sob a parte superior de sua rédea.

Ele a avistou, ergueu o pescoço e bufou, dando alguns passos de lado para se exhibir. A seu lado havia outro garanhão que poderia ser seu irmão gêmeo, exceto pelo fato de que sua pelagem escura contrastava com uma única mancha branca na testa, cujo formato era o de uma estrela torta. Os dois cavalos eram quase tão magníficos como o deus que segurava suas rédeas.

Hades fechou a cara para Órion.

— Acalme-se, seu tolo! — disse ao garanhão. — Dorado não está fazendo tanto estardalhaço.

Lina correu para se juntar a eles, tentando não se fixar na forma como os ombros do deus se avolumavam ainda mais conforme ele acalmava o corcel. Hades vestia outra túnica curta, que lhe expunha boa parte dos músculos dos braços e pernas, e a capa preta se agitava em torno dele.

Era o próprio Batman. Uma versão deliciosa do antigo Bruce Wayne, ela pensou, e tratou de lutar contra o impulso de se abanar.

— Não brigue com ele. Órion é incorrigível, mas adorável — falou, o coração palpitando.

Roçou o rosto contra o focinho do cavalo quando ele a cutucou numa saudação, aproveitando para desviar o olhar de Hades. — Está feliz em me ver, não é, menino bonito?

Hades pensou que sabia exatamente como o garanhão se sentia. Ele também tinha vontade de sapatear e urrar à simples visão de Perséfone... Naquela manhã, ela trajava uma túnica de linho leve, com uma saia ampla o suficiente para que pudesse cavalgar com conforto. Quando a brisa soprava, colava o tecido semitransparente em seu corpo, delineando seus seios e a curva deliciosa de sua cintura, a ponto de fazê-lo lamentar por não ter chamado mais vento.

Observou, enciumado, enquanto ela acariciava Órion, mesmo se sentindo um idiota por ter ciúmes de um cavalo.

Dorado relinchou para a deusa, parecendo desolado. Em vez de fazer o mesmo, Hades suspirou.

— Perséfone, acho que ainda não foi formalmente apresentada a Dorado. Ele não conduz bem como Órion, mas é o mais rápido dos quatro. — Deu um tapinha afetuoso no pescoço brilhante do animal.

Lina acariciou a cabeça do garanhão.

— Muito prazer em conhecê-lo, Dorado. Então é mais rápido do que o seu amigo, hein? — comentou, lançando um olhar atrevido a Hades. — Será que Órion e eu não conseguiremos fugir de você?

Hades engoliu em seco. Apenas ficar próximo de Perséfone o fazia se sentir poderoso e impotente, quente e frio; tudo ao mesmo tempo. Provavelmente estava ficando louco.

Mas não se importava.

Deslocando-se para perto dela, de modo que as laterais de seus corpos se tocassem, devolveu o olhar provocador.

— Não, vocês não vão conseguir escapar *de mim*.

Lina se perdeu no olhar dele. Escapar? Imagine... Ela queria mais era entrar em sua pele.

Órion tornou a cutucá-la e relinchou. Ela riu, e a magia entre eles se desfez.

— Está bem, garoto impaciente!

— Órion não é impaciente. É ciumento — contrapôs Hades, fazendo nova careta para o animal, que o ignorou solenemente para lambar o ombro da deusa.

— Ciumento? — Lina fingiu surpresa. — Só porque acariciei Dorado? Como você é bobo... — sussurrou para o corcel.

— Não tem ideia do quanto — emendou Hades, ainda que não estivesse falando de Órion. — Venha — ele a segurou pelo cotovelo, guiando-a para a esquerda do cavalo a fim de ajudá-la a montar. — Os Campos Elíseos aguardam a presença da deusa da Primavera.

Cavalgaram lado a lado, seguindo a estrada de mármore preto. O constante ruído dos cascos dos cavalos se misturou ao canto lírico dos pássaros que chamavam um ao outro nos galhos dos ciprestes que ladeavam o caminho. O perfume dos narcisos impregnava o ar. De vez em quando eles passavam por grupo de espíritos, às vezes por uma alma solitária andando sozinha.

Mas suas reações eram sempre as mesmas. Primeiro, os espíritos recuavam, assustados, para a lateral da estrada, dando aos temíveis corcéis um generoso espaço. Só então percebiam quem os montava e se curvavam com reverência ao seu deus, embora mantendo os olhos fixos em Perséfone.

Os homens sorriam e cumprimentavam a deusa. Alguns deles até gritavam para ela.

Mas o que mais comoveu Lina foi a reação das mulheres. Quando estas se davam conta de que estavam na presença da deusa da Primavera, seus rostos se iluminavam de tanta alegria. Muitas se dirigiam a ela pelo nome e pediam sua bênção, a qual ela dava prontamente. Algumas até se atreviam a se aproximar de Órion, querendo tocar seu manto.

Lina mal podia acreditar na diferença que sua presença parecia fazer para elas. Precisava admitir: Deméter tinha razão. Por algum motivo, os espíritos dos mortos necessitavam saber que uma deusa ainda se preocupava com eles. Era uma tremenda responsabilidade, porém esta a fazia sentir-se querida e valorizada. Se apenas ficando à vista no Submundo ela conseguia espalhar alegria e esperança, então, estava muito contente por estar ali.

A princípio temia que Hades fosse ficar aborrecido ou até mesmo com ciúme por toda a atenção que ela vinha recebendo. Mas, embora ele houvesse proferido poucas palavras, sua expressão satisfeita e relaxada já falava por si. O deus sombrio se encontrava feliz já que os mortos reagiram tão bem a ela.

Eventualmente, a estrada se tornou mais íngreme. Quando eles alcançaram o topo, Lina fez Órion parar, perplexa.

— É como se alguém houvesse dividido a paisagem em duas e depois pintado um lado com tinta escura e o outro com clara! — Balançou a cabeça, incrédula, embora soubesse que não estava imaginando coisas. A estrada se estendia à sua frente como a linha divisória entre duas paisagens radicalmente diferentes. Era a coisa mais bizarra que ela já havia visto.

— Pintado de cores diferentes... — repetiu Hades. — É uma descrição um tanto apropriada. — Apontou para a esquerda, onde a terra declinava para uma vasta escuridão, rodeada por uma linha vermelha de fogo. — Este é o rio Flegetonte, que faz fronteira com o Tártaro, onde reina a escuridão. — Com a outra mão, ele mostrou o brilho à sua direita. — E lá você vê Elísia, onde a luz e a felicidade coexistem perfeitamente, e onde a única escuridão é a necessária para que os espíritos descansem em paz.

Lina tratou de acessar a memória espiritual de Perséfone:

O Tártaro, a voz sussurrou em sua mente, é a região do Submundo onde se aplica o castigo eterno. É um lugar de desespero e agonia. Apenas o mal o habita.

Era o inferno.

Lina não conseguia tirar os olhos do abismo escuro e, de repente, sentiu um calafrio. As trevas pareciam chamá-la, como gavinhas de uma criatura maléfica.

— Perséfone! — A voz nítida de Hades desviou sua atenção do vazio do Tártaro, e ela encontrou seu olhar. — Pode andar por qualquer lugar dentro do meu reino, com ou sem mim a seu lado, com exceção do Tártaro. Ali você não pode entrar, tampouco se aproximar de seus limites. O próprio campo foi contaminado pela natureza corrosiva de seus moradores.

— É terrível lá, não é? — O rosto dela estava sem cor.

— Tem de ser. Existe muito mal em todos os mundos. Acha que este deveria ficar impune?

Lina pensou sobre o mundo mortal, e trechos de notícias flamejaram em sua memória como pesadelos: o atentado em Oklahoma, os horrores praticados por homens e mulheres adultos que violentavam e matavam crianças indefesas e, claro, o 11 de Setembro e a covardia dos terroristas.

— Não. Eu não o deixaria impune — afirmou com segurança.

— Nem eu. Por isso ordeno que não se aproxime das fronteiras do Tártaro.

Lina estremeceu.

— Não quero ir para lá.

Hades relaxou sua expressão séria e apontou com um gesto de cabeça em direção ao brilho que iluminava o lado direito da estrada.

— Eu gostaria de lhe mostrar um pouco da beleza de Elísia.

Num esforço consciente, Lina deu as costas para os horrores do Tártaro, sorriu para Hades e acariciou o pescoço quente de Órion.

— Tudo o que você tem de fazer é mostrar o caminho, e nós o seguiremos.

Com os olhos brilhando, o deus sacudiu as rédeas de Dorado.

— É melhor me seguir. Afinal, está montando o cavalo mais lento.

Lina estreitou os olhos para ele e recitou na sua melhor imitação de John Wayne:

— Não devia falar do meu cavalo, peregrino... — Apontou para a colina. — Está vendo aquele pinheiro grande na margem do campo, lá embaixo?

Hades abriu um sorriso e assentiu:

— Dorado e eu vamos alcançá-lo primeiro. Ele é o cavalo mais rápido.

— Pode ser o cavalo mais rápido, mas certamente está carregando um peso morto — ela falou, brincando. — *Ops!* Foi um péssimo trocadilho para usar no Submundo... *IAAH!* — gritou, pegando o sorridente deus de surpresa.

Órion respondeu de imediato, saltando para frente e passando como um raio por Dorado, aterro abaixo.

O vento assobiava ao passar por suas faces enquanto o garanhão galopava. Lina inclinou-se sobre seu pescoço, e ele aumentou a velocidade até que ela mal via o mundo ao redor.

Logo atrás, podiam ouvir Dorado se aproximando.

— Não deixe que eles nos alcancem! — ela gritou nas orelhas achatadas do cavalo, e Órion respondeu com nova explosão de velocidade.

Passaram por uma silhueta alta e verde, o pinheiro, e Lina se endireitou na sela, vibrando com a vitória, enquanto o garanhão diminuía para um trote e empinava com um relincho antes de parar.

Com a respiração pesada, Dorado diminuiu o galope até parar a seu lado.

Lina riu alto diante da expressão no rosto de Hades.

— O cavalo mais rápido, é? Nunca subestime o poder de uma mulher com muitos recursos.

— Você roubou — protestou Hades, simulando seriedade, embora tentasse, sem sucesso, esconder um sorriso.

— Prefiro pensar que esgotei os meus recursos para ganhar.

— Eu não tinha ideia de que era tão competitiva.

— Há muita coisa que não sabe sobre mim, senhor do Submundo — ela declarou, ainda acariciando o pescoço do garanhão. — Não sou uma deusa comum.

Hades bufou, e Órion bufou de volta.

Dorado sacudiu a cabeça, e o deus deu alguns tapinhas no cavalo.

— Não se sinta mal, meu velho. Nosso dia vai chegar. — E, fingindo um sussurro, completou, mais para si do que Dorado: — Só precisamos ficar de olho nela... Essa deusa é astuta.

— *Ahn-ahn* — Lina concordou de pronto, e ambos riram.

— Perséfone! — chamou uma voz jovem.

Lina virou-se para ver quem era.

— Oh, é a deusa da Primavera! Eu sabia!

A figura ágil surgiu do bosque de pinheiros que cercava a adorável clareira em que os cavalos se encontravam, e logo foi seguida por várias outras, que pularam e dançaram com entusiasmo diante de Lina. O grupo todo era composto de mulheres jovens e bonitas, cujos corpos fortes e esculturais encontravam-se encantadoramente cobertos por trajes diáfanos. Se elas não tivessem aquela aparência translúcida que as distinguiam como espíritos do Submundo, Lina teria acreditado que havia ido parar em uma daquelas festas de clube das mulheres.

Hades cutucou Dorado com os joelhos para que pudesse ficar mais perto dela e falou em voz baixa:

— São virgens que morreram antes de se casar. Costumam farrear antes de beber do Lete.

Quando o grupo se aproximou, eles diminuíram o trote, esforçando-se para conter o entusiasmo das mulheres e evitar que estas chegassem perto demais dos temíveis cavalos. A alma que chamara a deusa pelo nome fez uma reverência profunda e graciosa, a qual o restante das virgens imitou. Quando se levantou, foi a primeira a falar:

— Ouvi dizer que tinha sido vista, e, com todo o meu coração, eu quis acreditar. Oh, senhora! É tão maravilhoso tê-la conosco!

Um coro de “Sim!”, “Estamos tão felizes!” seguiu-se a seu pequeno discurso.

— Obrigada. Minha visita está sendo maravilhosa — comentou Lina.

A virgem franziu o cenho.

— Veio apenas de visita? Quer dizer que vai nos deixar?

O prado ficou em silêncio, como se cada folha de grama ou árvore quisesse ouvir sua resposta.

Ela não soube o que dizer.

— Perséfone pode permanecer no Submundo por quanto tempo quiser. — A voz de Hades, rica em sentimentos, rompeu o silêncio.

Lina sentiu a pulsação se acelerar com a súbita satisfação que a invadiu depois daquelas palavras. Afastou toda e qualquer preocupação ou pudor quanto a não poder ficar e por ter de permanecer ali apenas por seis meses.

Em vez disso, sorriu para o deus, pensando em como gostaria de beijá-lo outra vez.

— Então não tem nenhuma razão para ter pressa! Venha dançar conosco! — chamou a virgem.

Lina se obrigou a desviar o olhar de Hades.

— Dançar com vocês? Mas não há música.

— Esse é um detalhe que pode ser solucionado — declarou Hades. — Nossa deusa quer música! — ordenou com um floreio, e a brisa passou a rodeá-los com um assobio estranho, que se transformou no som melódico de instrumentos musicais. Hades inclinou a cabeça gentilmente para ela. — Agora já tem a música.

— Parece que sim. — O coração dela bateu tão forte que, a despeito da melodia, todos deviam estar ouvindo.

Mas, dançar? Ela não saberia como dançar com aquelas mulheres.

— Sim! Ah, por favor!

— Agora pode dançar conosco!

— Venha brincar com a música do deus, Perséfone!

— Mas, eu... Bem... — Lina olhou em volta, impotente. — O que vou fazer com Órion?

— Vai deixá-lo aqui, comigo e com Dorado — decidiu Hades, já desmontando. Caminhou para a lateral do cavalo e levantou os braços, de maneira que ela não teve escolha senão deslizar por eles.

Hades a abraçou com força por um momento, então sussurrou:

— Dance para mim aqui em Elísia... Nenhuma deusa jamais fez isso.

Ela o fitou nos olhos, percebeu seu desejo, assim como sua vulnerabilidade, e soube que não tinha alternativa.

— Está bem.

— Meus cavalos e eu vamos esperá-la. — Ele fez uma pausa, depois acrescentou: — Ansiosamente.

— Certo. Bem — Lina alisou as próprias vestes, fingindo endireitar o que já estava mais do que assentado. — Não vai demorar muito.

— Perséfone! Já fizemos um círculo! — Uma das virgens gritou.

— Que bom... — ela respondeu, partindo em direção ao grupo.

Determinadas, as virgens haviam formado um meio círculo no meio da campina.

Lina ficou tão nervosa que se sentiu um pouco enjoada. Dançar com um grupo de virgens mortas? Estava ali algo para o que nem toda a experiência que adquirira na vida a tinha preparado.

Sentiu as mãos suadas. Aquilo não era como o encontro para a coleta do néctar. Não teria nenhum exemplo de como agir. As mulheres estavam esperando que *ela* lhes mostrasse o que fazer.

Se partisse para uma imitação dos solos *disco* de John Travolta, em *Saturday Night Fever*, na certa faria um papel ridículo. Não apenas Hades, como todas as mulheres saberiam que ela não era uma deusa, e sim uma fraude.

Pare com esse absurdo!

O eco em sua mente a assustou tanto que ela quase deu um grito.

Seu corpo sabe dançar. Relaxe e confie nele!

Lina olhou para si mesma. Havia se esquecido de que não vestia sua pele de quarenta e três anos de idade. Ela era jovem, flexível e estava em tão grande forma que provavelmente poderia comer chocolate Godiva sem parar por vários dias. Nem precisaria se preocupar se o zíper de seu *jeans* fecharia depois.

— Senhora?

Lina ergueu o olhar e viu todas as virgens a observá-la com expressões curiosas em seus rostos bonitos. Devia estar parecendo uma idiota, parada ali, olhando para o próprio corpo.

Sorriu, endireitou os ombros e começou a andar de novo.

— Eu estava apenas admirando... — olhou para baixo outra vez — ... os *trevos* deste campo. São lindos, não acham?

Todas as cabeças assentiram com vigor, como se ela as estivesse controlando por um painel de controle.

— É típico do nosso prado. Gostamos de trevos e gramados... coisas que crescem. Por isso eles brotam para nos agradar — a primeira virgem disse.

— Eu também gosto deles — afirmou Lina, juntando-se ao círculo.

Você começa no centro, sua voz interna comandou.

Ela respirou fundo e se colocou no meio do grupo. Então fez a única coisa que poderia pensar em fazer: fechou os olhos e se concentrou.

A música a invadiu e, no mesmo instante, Lina começou a se movimentar. Seus braços se elevaram, e ela girou em um círculo lento e preguiçoso.

A melodia era maravilhosa, sensual e feminina, e seu corpo logo se harmonizou com as notas, fazendo-a partir para passos mais complexos com suas longas e flexíveis pernas. Seus quadris ondulavam e balançavam, e seus braços traçavam imagens no ar.

De repente, não era mais uma padeira de quarenta e três anos de idade. Era uma jovem deusa. Era música.

Lina abriu os olhos.

Com os rostos iluminados, as moças a circundavam, tentando imitar seus movimentos. Eram lindas, e muitas tinham sido, obviamente, talentosas dançarinas.

Mas a diferença entre a dança das mortais e a de Perséfone era clara até mesmo para Lina. Perséfone movia-se com a graça inumana de uma deusa.

Seu coração se encheu de satisfação com o poder dentro dela. Devia ser assim que uma primeira bailarina se sentia no ápice de sua carreira, pensou: saltando, girando e soltando gritinhos de alegria.

Poderia ter dançado para sempre, mas uma das virgens tropeçou e desabou, rindo, em meio a um canteiro de trevos. As demais se esforçaram para manter a coreografia.

Lina, contudo, a consolou, e, com um movimento glorioso e um floreio, pôs um fim à apresentação.

Enquanto as moças gritavam e aplaudiam, ela fez a reverência profunda de uma bailarina.

As almas a rodearam, murmurando agradecimentos e perguntando quando ela voltaria a brincar com elas de novo.

Enquanto riam e conversavam, Lina tentou, discretamente, localizar Hades, e avistou Órion e Dorado. Eles pastavam, contentes, não muito longe do pinheiro que servira como sua linha de chegada.

Seus olhos se voltaram para a árvore. Hades encontrava-se recostado nela, os braços cruzados e o corpo relaxado.

Mas seus olhos brilhavam, cheios de calor e fixos nela, e seus lábios se inclinavam numa sugestão de sorriso. Quando ele percebeu que ela o fitava, levou a mão à boca e enviou-lhe um beijo.

A coisa mais romântica que um homem já lhe havia feito.

— Bem, senhoras, foi maravilhoso dançar com todas vocês. Temos que fazer isso de novo muito em breve, mas Hades e eu precisamos seguir em frente — falou, desembaraçando-se de seu círculo de admiradoras.

Várias delas dispararam olhares tímidos na direção do deus que aguardava, e não foi difícil perceber o teor de seus sussurros, dos quais Lina só pôde entender os nomes “Perséfone” e “Hades”.

Rindo e acenando em despedida, as virgens desapareceram em meio aos pinheiros.

Hades se afastou da árvore para encontrar Lina no meio do prado. Por um momento, nenhum deles falou.

Então ele estendeu a mão e afastou uma mecha do cabelo que caía, úmido, sobre seu rosto delicado.

— Nunca vi nada tão cheio de graça como a sua dança.

De repente, Lina sentiu-se com menos fôlego do que enquanto rodopiava e saltava com a música.

— Deve estar com sede — observou Hades.

Até o momento, ela não tinha percebido que se encontrava sedenta ou suada.

— Muito!

— Deve haver uma fonte aqui perto. — Ele pegou sua mão e começou a caminhar em direção ao lado oposto do campo. — As coisas nunca permanecem as mesmas em Elísia, mas tendem a refletir os mesmos elementos.

— Então, é uma espécie de fantasia mutável? — Lina perguntou, passando a mão pelos trevos que lhe chegavam até os joelhos ao final do prado.

No mesmo instante, tufo de flores brancas saltaram por entre as folhas, emanando um perfume de verão e relva cortada.

— Sim, um pouco. — Hades sorriu para ela. — Elísia é dividida em diferentes partes, mas essas partes podem se misturar e mudar de acordo com a vontade dos espíritos.

— Diferentes partes? Quer dizer, há um lugar para pessoas que foram muito, muito boas, outro para as que foram boas na maior parte do tempo, e outro para pessoas que foram apenas “boazinhas”?

O riso de Hades preencheu o campo.

— Você diz as coisas mais inesperadas, Perséfone... Não. Elísia é dividida em *reinos* diferentes. Um deles é para os guerreiros. O outro é aqui — ele fez um gesto, apontando ao redor —, para que as virgens venham se divertir. E existem vários outros. A nobreza fica em um deles. Outro é para os pastores ou guias espirituais. — Ele sorriu de lado, como se tivesse doze anos de idade. — Curiosamente, os pastores não gostam de se misturar aos outros.

— Quem poderia imaginar?

— Pois é.

— Então eles não podem se unir? E se um guerreiro quiser cortejar uma virgem? Mesmo o batalhador mais dedicado pode se cansar de fazer “coisas de homem” após algum tempo.

— Eles podem se unir, porém enfrentam muitas dificuldades. — Hades fez uma pausa, ponderando sobre a questão. — Mas talvez não devesse ser assim, tão difícil. Talvez eles não percebam o que estão perdendo porque estão distantes disso por tempo demais. — O deus olhou para longe, imerso em pensamentos.

— Pode fazer Elísia se reorganizar segundo a sua vontade? — Lina quis saber.

— Sim. — Hades se voltou para ela.

— Se é assim, mova o prado das virgens que dançam para perto do local de treinamento dos guerreiros, e as coisas acontecerão naturalmente.

Ele soltou uma risada.

— Tem razão.

Entraram na floresta de pinheiros e, após alguma procura, Hades encontrou uma pequena trilha. Seguiram por ela até cruzar um riacho que borbulhava, derramando-se sobre rochas lisas.

Hades deixou o caminho, então, e conduziu Lina córrego abaixo. Em seguida contornou uma curva onde a água se reunia em uma pequena lagoa de fundo arenoso, antes de seguir seu

curso, jorrando ruidosamente por sobre um lado da margem rochosa.

— Para você, minha deusa, apenas o melhor em bebida e comida... — disse com um sorriso travesso.

— Vá brincando — ela respondeu, apressada em se agachar na borda da piscina natural. — Aquela dança me deixou tão sedenta que, para mim, no momento, água é muito melhor do que ambrosia!

Lina juntou as mãos para beber o líquido claro. Estava tão frio que fez seus dentes doerem. Suspirou, feliz, e engoliu outro punhado.

Uma vez satisfeita, chutou para longe as chinelas de couro macio e deixou as pernas balançar dentro da água gelada.

Hades se reclinou a seu lado, encostando-se em um tronco caído. O vento mudou ao soprar as árvores acima deles, envolvendo-os numa nuvem de pinho e seiva. O céu místico do Submundo lançava um brilho opaco sobre tudo.

Lentes cor-de-rosa, Lina pensou, sonhadora.

— Deméter me disse que o Submundo era um lugar mágico, mas eu nunca acreditei que detinha tanta beleza — confessou. — Se os deuses realmente soubessem como é maravilhoso aqui embaixo, você teria uma porção de visitas.

Hades encolheu os ombros, parecendo incomodado.

Lina o estudou e decidiu não pressioná-lo mais.

Lembrou-se de suas palavras na noite anterior: ele queria mais do que apenas sexo dela. Ela sabia disso, mas, para que houvesse mais do que isso entre eles, precisariam conversar muito.

O problema era que estava velha demais para perder tempo com conversas adolescentes, cheias de silêncios e dúvidas não esclarecidas. Era uma mulher adulta e precisava dizer o que lhe ia na mente.

— Se não queria visitantes, por que construiu um palácio enorme, com todos aqueles quartos vazios à espera de ser preenchidos?

Hades considerou a questão. O quanto deveria revelar a Perséfone?

Não pretendia contar que nunca se envolvera com uma deusa, nem sexualmente nem de outra forma. Tampouco que tinha passado uma eternidade ansiando por algo mais do que a frivolidade que satisfazia a maioria dos imortais.

Lembrou-se da última vez em que havia visitado o Monte Olimpo. Afrodite o provocara sem nenhum pudor, e ele não correspondera. Mais tarde, ele a flagrara às gargalhadas com Atena, enquanto as duas deusas concluíam que parte de seu corpo devia estar tão morta quanto o restante de seu reino...

Pensar na maldade das palavras ainda lhe provocava uma onda de raiva. Seu corpo não se encontrava morto. Estava simplesmente ligado à sua alma, e esta exigia mais do que as atenções de uma deusa egoísta.

O que ele poderia dizer que não faria Perséfone fugir dele?

Olhou para ela, vendo-a aguardar, ansiosa, por uma resposta.

Precisava ser o mais honesto possível. Não podia mentir nem dissimular. Uma relação duradoura não podia ser baseada em falsidades.

Deu um longo suspiro.

— Às vezes me pergunto por que eu o construí. Talvez estivesse esperando que algum dia

aprenderia a superar as minhas... — tentou encontrar a palavra certa — ... diferenças.

— Diferenças? O que quer dizer?

— Sempre tive dificuldades em interagir com outros imortais — ele confessou. — Deve saber que têm medo de mim porque sou o senhor dos Mortos.

Lina começou a negar, mas, então, lembrou-se da expressão de Deméter quando ela falara de Hades; da maneira como o descartara como um deus sem importância e desinteressante.

A lembrança a deixou, de repente, com muita raiva.

— Eles apenas não sabem como você é na verdade.

— E como eu sou, na verdade, Perséfone?

Lina sorriu para ele e disse exatamente o que pensava:

— Que é interessante, divertido, *sexy* e poderoso.

Hades a fitou por um momento, depois balançou a cabeça.

— Você é mesmo uma caixinha de surpresas.

— E isso é bom ou ruim?

— É milagrosamente bom.

Lina suspirou. Aquele era um caso perdido. Não conseguia resistir a Hades, nem queria.

— Fico feliz por isso.

— Você não é como os outros imortais — ele continuou, rouco. — Sabe como eles são... Vivem cheios de si, sempre se esforçando para superar um ao outro e nunca satisfeitos com o que têm. — Ele se inclinou para a frente e tocou-lhe o rosto com a ponta dos dedos. — Você é sincera e honesta, o que uma verdadeira deusa deve ser.

Sincera e honesta? Uma verdadeira deusa?

Lina quis que o chão se abrisse para sumir dentro dele. Ela não era uma coisa nem outra.

— Eu... Você... — balbuciou, sem saber o que dizer.

Hades não lhe deu chance de organizar os pensamentos. Inclinou-se e a puxou para os braços.

A boca de Perséfone continuava fria depois de ter bebido da fonte de água, e ele quis se afogar nela. Mergulhou na maciez dos lábios carnudos. Ah, se a tivesse conhecido antes! Como podia ter passado tanto tempo sem ela?

A deusa passou os braços em torno dele e pressionou os seios contra seu peito. Hades gemeu. Seu desejo por ela era palpitante e devastador.

De repente, ela estremeceu, gritou, e, jogando água para todos os lados, puxou as longas pernas nuas para fora da pequena piscina natural.

Pondo-se de pé em um salto, Lina correu para trás do deus, querendo que ele ficasse entre ela e a borda da água.

— Alguma coisa encostou em mim! — Sua voz tremeu quando lembranças das cobras d'água e tartarugas mordedoras de Oklahoma brotaram em sua mente.

Hades afagou a mão com que ela segurava seu ombro, tentando ordenar os pensamentos. Ainda podia sentir a pressão de seus seios contra o couro macio que lhe cobria o peito, e seu corpo ainda crescia com o desejo.

— Perséfone, nada em Elísia a machucaria.

— Ali! — Lina ficou com vergonha por a palavra ter saído num grito, mas apontou para um vulto escuro que passava sob a água. — Há alguma coisa ali...

Com um suspiro, Hades se levantou e cobriu os poucos metros até a margem. Agachou-se e

olhou para dentro da água clara.

Todos os sentidos de Lina se puseram em alerta.

— Tenha cuidado! — pediu, preocupada. — Pode ser uma cobra.

Hades lançou-lhe um olhar confuso por sobre o ombro.

— Por que tem medo de cobras?

Lina torceu uma mecha grossa de cabelo em torno do dedo.

Cobras estão intimamente relacionadas a Deméter. Não deve temê-las!, sua voz interna a alertou.

— Eu sei que é bobagem, mas nunca gostei delas — disse, perturbada.

A testa do deus se franziu, contudo um respingar na piscina natural chamou sua atenção.

Lina se encolheu, não querendo ver o réptil liso e asqueroso.

Quando Hades tornou a fitá-la, um sorriso brotou em seus lábios.

— Não pode ter aversão a esta criatura...

— Também não gosto de tartarugas! — Lina acrescentou depressa, desviando o olhar da forma escura que tinha acabado de assomar à superfície. — Principalmente de tartarugas mordedoras!

Hades riu e fez um sinal para que ela se juntasse a ele.

— Venha... Você gosta de animais.

Lina não cedeu.

— Gosto de animais. De mamíferos, aves, até de peixes. Mas odeio répteis. Eu sei que soa mesquinho, mas...

Um barulho estranho, como um latido, veio da água, e Lina olhou por cima do ombro de Hades, avistando uma criatura que flutuava de costas.

Quase engasgou.

— Mas não é uma cobra!

A lontra ladrou para ela novamente, jogando água com suas adoráveis patas com membranas.

Lina correu para se juntar a Hades e se agachou a seu lado, apoiando-se nele.

— É a coisa mais lindinha que eu já vi!

— Não diga isso ao meu cavalo — ele aconselhou. — Órion acredita que é o seu favorito.

Lina o empurrou de leve com o ombro antes de se aproximar da margem para acariciar a barriga da lontra.

— Órion é o meu *cavalo* favorito. Este mocinho pode ser a minha lontra favorita, ora.

Ao seu toque, o animal entrou em um frenesi de ganidos e fungados, debatendo-se tanto que a água espirrou para todos os lados antes que ele nadasse até a borda e em seguida desaparecesse pela pequena cachoeira abaixo.

— Eu não queria assustá-lo!

Hades sorriu diante da expressão decepcionada da deusa e enxugou as gotas de água de seu rosto.

— Você não o assustou, meu anjo. As lontras de Elísia são conhecidas por sua timidez. Aliás, eu nunca tinha visto uma de tão perto antes. E certamente nunca as toquei.

Lina procurou pela doce criatura, tristonha.

— Não pode fazê-la voltar? Afinal é um deus...

Ele riu.

— Como um deus sábio, sei quando é melhor não mexer com a ordem natural das coisas. Sem dizer que teria mais sorte do que eu em domar esse bicho... É você a encantadora de animais, não eu.

— Não sou encantadora de nada — protestou Lina. — Eu apenas gosto dos bichos, e eles, de mim.

— Dos mamíferos — Hades lembrou, afastando um longo fio de cabelo da face perfeita.

Lina inclinou a cabeça de modo a lhe acariciar a mão.

— Então talvez eu seja o único que você encantou, sua feiticeira. — Ele esfregou o polegar no lábio carnudo.

— Eu não gostaria de encantar nenhum outro — Lina se ouviu dizendo, enquanto se inclinava para um beijo.

Quando algo a cutucou nas costas, ela não o empurrou, surpresa, tampouco gritou. Simplesmente levantou a mão e acariciou o focinho de Órion.

— Se algum desinformado acredita que o Submundo é o lugar perfeito para encontrar paz e tranquilidade, está errado! — Hades fechou a cara para o garanhão.

Órion bufou e jogou a cabeça, então se aninhou junto a Lina novamente, fazendo-a rir com a respiração quente em seu pescoço.

Ela segurou um punhado da crina sedosa, e Órion levantou a cabeça, pondo-a em pé.

Lina olhou para o deus que ainda fulminava o cavalo com o olhar. Em seguida se abaixou, pegou-o pela mão e o puxou até que ele se levantasse.

— Gostaria de ver mais de Elísia? — indagou Hades.

Ela se ergueu na ponta dos pés e roçou o rosto moreno com um beijo.

— Claro que eu gostaria de conhecer melhor o seu reino.

As palavras trouxeram a Hades uma onda de felicidade, e ele se inclinou para beijá-la rápida e possessivamente antes de erguê-la para a sela de Órion.

CAPÍTULO 20

O dia passou, delicioso. Elísia era uma aventura sem fim, onde beleza e harmonia se fundiam à perfeição.

E, por onde eles passavam, as almas dos mortos respondiam à presença de Perséfone. Lina se viu alçada para além das palavras diante da felicidade que viu nos rostos dos espíritos, conforme se espalhou pelo Submundo que havia uma deusa entre eles.

Hades ficou a seu lado, muitas vezes conduzindo Dorado para mais perto a fim de poder tocá-la.

A reação dos espíritos à visita de Perséfone o encheu de prazer. Os mortos o respeitavam e temiam. Alguns lhe eram imensamente leais. Contudo, ele nunca tinha evocado neles tanto amor e alegria como ela.

Mas não sentia inveja do efeito que a deusa causava em seu reino. Ele o compreendia. Como não poderia? Perséfone despertara tais sentimentos até mesmo nele.

Mais uma vez, Hades se perguntou como existira por tanto tempo sem ela. Não imaginava o que aconteceria a ele ou a seus domínios se Perséfone decidisse ir embora.

A luz do dia havia minguado, e o céu começava a brilhar com as almas das Híades quando, finalmente, se aproximaram da base traseira do palácio. Hades cutucou Dorado, fazendo-o se aproximar de Órion, e estendeu a mão para segurar a da deusa.

Ela sorriu. A mão de Hades era quente e forte, e Lina ficou feliz por enredar os dedos nos dele, enquanto devaneava acerca das maravilhas do dia e entravam na familiar floresta de pinheiros.

Ao chegarem ao nível inferior dos jardins, Hades fez Dorado parar, obrigando Órion a fazer o mesmo.

— Há uma última coisa que eu gostaria de mostrar a você esta noite, se estiver disposta.

— É claro — ela concordou de pronto.

— Mas temos que andar — ele falou num sussurro.

Lina também fez cair o tom de voz a um nível conspirador.

— O que vamos fazer com? — Apontou os dois ganhões, que mantinham as orelhas inclinadas para trás, obviamente, ouvindo a conversa.

— Deixe-os comigo.

Hades saltou de Dorado com agilidade e, em seguida, ergueu os braços para ajudá-la a desmontar. Ela deslizou de encontro a ele, amando a erótica sensação de ter um cavalo musculoso a um lado do corpo e um deus quente e rijo do outro.

Hades se inclinou e mordiscou-lhe o lóbulo sensível da orelha.

— Acho que é hora de nos livrarmos dos nossos acompanhantes. — Endireitou o corpo e gritou o comando para que os ganhões voltassem ao estábulo com uma voz tão enérgica que as folhas das árvores ao redor chacoalharam em resposta.

Órion e Dorado reagiram de imediato, disparando para os terrenos do palácio.

Lina ergueu as sobrancelhas.

— Estou impressionada. Não pensei que eles fossem obedecer tão rápido.

O deus torceu os lábios.

— Ficaram apenas surpresos. Eu raramente ordeno que façam alguma coisa. Na verdade,

eles são bastante mimados.

— Então vão ficar com raiva de você depois.

— Provavelmente. — Hades riu e uniu os dedos aos dela. — O que eu quero mostrar fica por aqui... — Conduziu-a por um caminho que contornava a borda dos jardins, e eles caminharam ao lado de fileiras de cercas vivas, aparadas em cones. Flores dormiam junto às sebes, e Lina tomou o cuidado de não passar as mãos perto dos botões fechados.

Quando Hades deixou a vereda e entrou na linha de ciprestes que cercava aquele lado dos vergéis, ela não conseguiu conter sua curiosidade:

— Aonde estamos indo?

— A um campo não muito longe daqui. — Ele apontou adiante.

Tudo o que ela podia ver eram as árvores enormes, porém eles continuavam perto o suficiente do palácio para que o terreno ainda estivesse bem cuidado. O solo sob as árvores continuava forrado por grama e livre de silvas e entulho.

A noite na floresta encontrava-se vazia da melodia dos pássaros, e Lina começou a se sentir intimidada pelo enorme silêncio.

— O que há neste campo? — indagou num sussurro.

Hades apertou a mão dela.

— Não precisa mais falar baixo.

— Ah. — Ela ficou constrangida. Levantando a voz para um nível normal, repetiu a pergunta: — O que há neste campo, afinal?

— Pirilampos.

— Pirilampos?

O deus anuiu.

A última coisa que Hades tinha para lhe mostrar sobre os mistérios do Submundo eram vaga-lumes? Ela já vira vaga-lumes antes. Muitos deles.

Lendo sua expressão, ele sorriu, travesso.

— Aposto que vai achar esses pirilampos diferentes.

Lina deu de ombros e manteve a boca fechada. Perséfone talvez considerasse um campo de vaga-lumes único, mas seria necessário algo mais do que insetos de verão para surpreender uma garota de Oklahoma. Principalmente depois das maravilhas que ela já vira naquele dia.

— Ah, aqui está a quebra nas árvores. Cuidado com onde pisa... Precisamos atravessar esta pequena vala primeiro.

Lina se concentrou em atravessar o pequeno canal e não ergueu a cabeça até estar com os pés plantados no tal campo.

Quando o fez, seus olhos se arregalaram. O prado encontrava-se repleto de luz, mas não com o amarelo-claro dos vagalumes que ela vivia perseguindo na infância. Aqueles eram da cor do luar e...

— Narcisos! — exclamou, ofegante. — *Misericordioso Madre di Dio!* — Eles estão fazendo narcisos!

A risada suave de Hades revelou sua satisfação.

— Poucos testemunharam esse tipo de coisa... E então, deusa da Primavera, o que achou?

Lina olhou para o campo. Milhares de caprichosos vaga-lumes trabalhavam furiosamente, girando em torno das flores. Saindo de um tufo de folhagem verde, um grupo de minúsculos insetos formava uma espécie de enxame, depois começava a voar em uma espiral brilhante,

dando voltas e voltas. De repente, como cometas em miniatura, sua cauda incandescente ganhava forma e massa, deixando para trás um narciso perfeito em plena floração.

— É incrível! É dessa forma que todos os narcisos são feitos?

— Todos os que existem no Submundo. Às vezes alguns desses grupos de vaga-lumes ficam confusos, se aproximam demais da abertura para a terra dos mortais e produzem uma flor no Mundo Superior. Mas eu tento evitar isso. Como deve ter notado, a fragrância dos meus narcisos é diferente daquela das flores do Mundo dos Vivos. Os mortais a consideram demasiado inebriante.

Lina se lembrou da noite em que havia se curvado para respirar o perfume do narciso incomum sob o carvalho.

— Imagino como isso deve causar problemas — disse baixinho.

Quando o som de sua voz penetrou a pequena consciência dos insetos, vários dos grupos mais próximos de vaga-lumes fizeram uma pausa em sua produção. Como se todos eles houvessem tido a mesma ideia, voaram até ela em uma nuvem brilhante e pairaram à sua frente, girando em círculos ofuscantes e fazendo um barulho estranho que fez Lina pensar em grilos sopranos.

— O que eles querem? — perguntou a Hades pelo canto da boca.

O deus inclinou a cabeça em sua direção, sorrindo.

— Querem que você os ajude a produzir as flores.

— Verdade? — ela indagou, sem saber o que fazer.

— Verdade. — Hades soltou sua mão. — Vá. Eu espero aqui.

Ela *precisava* fazer aquilo. Afinal, era a deusa da Primavera, e produzir flores, definitivamente, deveria fazer parte de seu trabalho.

Enquanto permaneceu parada no lugar, pensando no que fazer, Lina percebeu que queria muito se juntar aos vaga-lumes.

Basta tocar as flores, desejar que elas floresçam, e elas vão desabrochar, disse sua voz interior.

Respirando fundo, ela entrou no campo, e a relva se agitou de encontro às suas panturrilhas. Os pirilampos dançavam com alegria, formando estonteantes círculos ao seu redor.

Lina se aproximou de um aglomerado de verde que não era grama, tampouco flor. Hesitante, acariciou as folhas largas e achatadas com a ponta dos dedos, pensando o quanto gostaria de vê-las florescer.

Em uma explosão de luzes brilhantes que a fez se lembrar de fogos de artifício, uma flor branca e reluzente brotou do centro da planta.

Ela se abaixou e inalou sua fragrância única, rindo alto. Havia criado aquela maravilha! Uma alegria típica da juventude a invadiu. Sem pensar muito, seguiu os comandos do próprio corpo e, com um pulinho e uma pirueta graciosa, partiu para o amontoado seguinte de vegetação. Enquanto ela dançava, dando vida a flor após flor, os vaga-lumes a cercavam numa espécie de halo.

Hades permaneceu à beira do prado, enchendo os olhos com a bela visão. Como uma criatura podia ser tão linda?

Sentiu um desejo atroz de tê-la, e, por meio desse ato, finalmente fazer Perséfone sua.

E com a mesma intensidade que havia testemunhado tantas vezes nos olhos de almas gêmeas.

Perséfone girava e dançava, chamando os narcisos para a vida. Pois então não fizera o mesmo com ele?

O senhor dos Mortos, o deus que se dizia imune àquele tipo de sentimento, tinha caído de amores pela deusa da Primavera. Não importava o quanto pudesse parecer ridículo ou irônico. Havia acontecido.

E ele não queria que acabasse.

A decisão estava tomada. Desejava mais do que apenas observar fantasmas do amor... queria experimentá-lo por si mesmo.

Esfregou o peito instantaneamente, antecipando o velho e dolorido ardor, contudo este não veio. Embora Perséfone fizesse seu corpo doer e seu sangue latejar nas veias, não despertava sua revolta.

Parou de mover a mão e tentou se lembrar da última vez em que sentira a queimação no peito.

Piscou, surpreso. Fora na noite em que ele a ofendera e, em seguida, a abandonara à mesa de jantar. Nunca mais o sentira desde então.

Sorriu. Perséfone não era apenas o sopro da primavera. Era também um bálsamo para sua alma cansada. Talvez sua solidão tivesse realmente chegado ao fim.

Lina percebeu o olhar de Hades e, enquanto outro narciso brotava em flor, olhou para o ponto onde ele a aguardava. O deus continuava em pé à margem do prado, alto, sombrio e silencioso, assistindo-a com uma intensidade que fez seu sangue correr mais depressa.

Por que ele apenas observava?

De repente, ela desejou mais do que aquilo e um pensamento maravilhoso se formou em sua mente. Vinha brincando com virgens e ninfas desde que chegara... Agora era a vez de Hades.

Sorrindo, feliz, dançou até ele, deixando um rastro de brilhantes vaga-lumes pelo caminho, e agarrou sua mão.

— Vamos! Faça flores comigo!

Uma sombra de tristeza invadiu os olhos do deus.

— Sou o deus dos Mortos. Não posso criar vida.

— Se eu ajudá-lo, pode! — Lina afirmou com mais confiança do que sentia e puxou sua mão.

— Não, eu... — Hades suspirou. — Maldição, Perséfone, não consigo lhe negar nada!

E, relutante, permitiu que ela o arrastasse para a campina.

Cercados pela nuvem ofuscante de pirilampos, eles rumaram para uma das moitas. Lina o fez ficar atrás dela, então levou as mãos para trás, ao longo dos braços fortes, até juntar as mãos com as dele e fazer com que Hades a abraçasse. Abriu bem os dedos, como se tivesse acabado de arremessar uma bola.

— Entrelace os dedos nos meus — instruiu, a proximidade com ele tornando sua voz mais rouca. — Agora pense o quanto gostaria de ver esse narciso desabrochando.

Completamente vencido, Hades deixou que ela guiasse suas mãos. Desejava verdadeiramente produzir uma flor.

No entanto, desejava ainda mais poder fazer aquela deusa sua... e que ela permanecesse a seu lado para aliviar sua solidão por toda a eternidade.

Seus dedos começaram a formigar conforme a magia de Perséfone se fundiu com a dele e, perplexo, Hades viu um narciso cintilante brotar sob as mãos unidas.

Lina gritou de alegria e se virou, o rosto iluminado.

— Conseguimos!

Hades a envolveu nos braços e fitou os olhos brilhantes à sua frente.

— Conseguimos juntos, Perséfone. Eu não poderia ter feito isso sem a deusa da Primavera... Eu gostaria de encontrar palavras para expressar o prazer que sinto em partilhar meu mundo com você.

Sua voz soou grave, sua expressão era séria, e Lina se sentiu completamente perdida nos olhos escuros e profundos. Hades queria mais do que um simples beijo ou caso. Ela sabia que deveria inventar alguma brincadeira e dançar para longe dele, mas não teve forças para isso. Ansiava por estar com o deus tanto quanto este ansiava por estar com ela.

Beijou-o, pressionando o corpo no dele.

De repente, Hades interrompeu o beijo. Descansando a testa na dela, concentrou-se em controlar a respiração acelerada. Não a amaria no meio da floresta outra vez. Perséfone merecia mais do que isso. Ela merecia tudo o que ele poderia lhe dar de melhor.

— É tarde. Precisamos voltar para o palácio — disse, beijando-a na testa suavemente.

Lina o fitou, decepcionada.

— Eu não estou cansada.

— Nem eu.

— Não quero que este dia tenha fim, Hades.

— Não precisa ter. — Ele respirou fundo. — Ainda não conheceu meus aposentos... Gostaria de fazer isso?

Lina percebeu como fora difícil para Hades perguntar e sentiu o coração batendo forte. Um coração que não era verdadeiramente seu, dentro de um corpo que também não lhe pertencia...

Mas a alma era sua, disse a si mesma. Não era apenas seu corpo que o desejava. Ela amava a doçura e o senso de humor de Hades. Adorava o som de sua risada. Amava o poder e a paixão do deus, e também o cuidado e a sabedoria que ele demonstrava no trato com os espíritos em seu reino.

Tocou-lhe o rosto e admitiu a verdade para si mesma: ela o amava.

— Sim. Eu gostaria muito.

A alegria iluminou o rosto moreno, sendo logo seguida pelo desejo, e Hades se inclinou para beijá-la novamente, desta vez com mais ímpeto.

Em seguida, relutante, ele a soltou, pegou sua mão, e tomou com ela o caminho de volta.

Lina ouviu um zumbido estridente às suas costas, e ambos se viraram. Os vaga-lumes pairavam em um enorme aglomerado à margem do campo.

O deus riu.

— Perséfone voltará. Não está deixando o Submundo.

O frenético zumbido diminuiu com as palavras.

— Eu adoraria voltar e fazer mais flores com vocês — assegurou Lina, e o zumbido mudou para uma alegre chilrear.

Sorrindo, ela e Hades continuaram seu caminho.

— É bom que eles gostem tanto de mim.

— Todo o meu reino a adora, Perséfone — ele afirmou.

Lina o fitou de soslaio.

— Apenas o seu reino?

O lábios do deus se curvaram num sorriso.

— Não, não apenas o meu reino.

Ela apertou sua mão.

— Ainda bem.

Assim que deixaram o bosque e entraram no jardim, Lina ouviu o choro.

— Alguém está chorando! — exclamou e, espreitando na penumbra, tentou descobrir quem era.

— Ali — Hades apontou à sua frente, na direção da estrada que passava em frente ao palácio e conduzia a Elísia.

Lina mal conseguiu discernir a silhueta iluminada à margem da estrada.

— É melhor vermos o que está acontecendo — sugeriu, buscando uma confirmação no rosto do deus.

— Sim. É estranho que um espírito chore em Elísia — ele comentou conforme rumavam naquela direção. — Os mortos podem sentir falta da família e de seus entes queridos da Terra dos Vivos, mas, quando são transportados pelo Estige e entram em Elísia, suas almas se enchem de alegria, ou ao menos de paz. A habilidade para deixar de sentir saudades da vida, ou ao menos a capacidade de compreender que todas as despedidas são apenas temporárias, incorpora-se ao espírito mortal. Os que ganharam a eternidade em Elísia sempre ficam contentes.

À medida que se aproximavam do espírito, o brilho tomou forma. Lina pôde ver, assim, que se tratava de uma mulher muito jovem e gorda, com os cabelos longos e escuros presos em um coque. Estava sentada à beira da estrada, a face nas mãos, chorando tão copiosamente que nem mesmo percebeu sua aproximação.

Num impulso, ela fez um sinal para que Hades ficasse para trás, e se pôs ao lado da estranha. Pouco antes de lhe tocar o ombro, percebeu que o corpo do espírito parecia muito mais denso. Se a mulher não tivesse a luminescência pálida dos mortos, ela teria acreditado que estava viva e que, de alguma forma, se perdera no Submundo.

— Querida, o que foi? — perguntou suavemente.

A alma deu um pulo e levantou o rosto molhado de lágrimas, fitando Lina com os olhos castanhos cheios de desespero. Reconheceu a deusa imediatamente e começou a se curvar, mas então viu Hades e levou a mão à boca. Mudou a direção da mesura e acabou indo para trás e para frente, sem saber a qual dos imortais prestar sua reverência.

— Eu não quis perturbar os deuses! — desculpou-se, enxugando os olhos. Pondo-se em pé, desajeitada, começou a recuar às pressas. — Por favor, perdoem-me!

— Não, eu... — Lina ergueu a mão, tentando apaziguá-la.

A mulher estacou, nervosa, olhando para sua mão estendida tal qual um rato assustado.

Lina suspirou e modulou a voz para o tom que costumava usar com os animais.

— Não vá. Você não nos perturbou. Hades e eu fomos dar um passeio e ouvimos seu pranto. Estávamos preocupados, não com raiva.

Ela pareceu relaxar um pouco.

— Qual é o seu nome? — O deus pediu no tom agradável e paternal que usara com Eurídice.

A mulher olhou para ele, ansiosa.

— Alcestes.

— Diga-nos por que estava chorando, Alcestes — Lina pediu com delicadeza.

Ela olhou para os pés.

— Estou me sentindo sozinha. Sinto falta do meu marido e da minha família. — Pressionou as costas da mão contra a boca, tentando inutilmente reprimir um soluço.

O olhar preocupado de Lina encontrou o de Hades, e ela notou que ele também parecia surpreso com as palavras do espírito.

Então o viu inclinar a cabeça para o lado e seu rosto assumiu uma expressão de atenção. Em seguida, seus olhos pareceram escurecer, e ele apertou os lábios antes de falar com a alma.

— Não era sua hora, Alcestes — disse, a voz marcada pelo pesar.

O espírito deixou escapar outro soluço.

— Não, não era... Mas eu tinha de vir.

Hades franziu o cenho.

— Não precisava vir. A escolha foi sua.

Alcestes levantou o rosto molhado.

— Não entende? Ele perguntou aos outros e ninguém se dispôs a fazê-lo. Por isso eu tive de vir.

Totalmente confusa, Lina abanou a cabeça.

— Esperem... Agora eu é que não estou entendendo. Do que estão falando? Houve algum tipo de erro?

— Alcestes, diga a Perséfone por que entrou no Submundo — ordenou Hades.

A alma respirou fundo e enxugou o rosto com a manga da veste fúnebre.

— Fiquei casada por pouco tempo... O nome do meu marido é Admeto. — A face úmida da mulher se iluminou, e ela quase sorriu. — Ontem de madrugada os argumentadores profetizaram que Admeto morreria antes do pôr do sol. Meu marido imediatamente pediu clemência a Apolo, e o deus da Luz concordou. Na realidade, a profecia era verdadeira. As Parcas tinham terminado de tecer a vida de Admeto e, ao anoitecer, sua vida mortal seria extinta. Mas meu marido sempre foi um dos favoritos do deus da Luz, e Apolo ouvira o choro de Admeto. No fim, concedeu a ele um novo destino: ele seria poupado se alguém concordasse em morrer em seu lugar. Primeiro, meu marido foi procurar seus pais, que são velhos e não andam muito bem, mas eles se recusaram. Então procurou os irmãos. Estes também não se propuseram a morrer em seu lugar. Ele pediu aos amigos mais íntimos, assegurando que cuidaria bem de suas famílias, mas a resposta foi sempre a mesma. Ninguém estava disposto a morrer por ele. Desesperado, Admeto voltou para casa a fim de esperar por seu destino. — Alcestes fez uma pausa, procurando o olhar de Lina. — Eu não podia deixá-lo morrer.

Hades cerrou a mandíbula, mas, quando falou, sua voz não traiu nenhuma raiva.

— E Admeto permitiu que morresse por ele.

O espírito virou os enormes olhos molhados para o deus.

— Ele chorou e rasgou suas vestes... Estava desesperado.

— Mas não o suficiente para detê-la — observou o senhor do Submundo.

— Precisa entender, eu não tinha escolha! Precisava tomar o lugar dele! — Alcestes começou a chorar outra vez.

— Por isso sente essa solidão e dor agora. Não era a sua hora. Sua roda da vida ainda está girando, e sua alma sabe disso. Por isso não consegue encontrar paz — Hades explicou,

solene, como se um grande peso pressionasse as palavras.

— Isso não pode ficar assim — interveio Lina. — Olhe para ela... Alceste nem tem o mesmo corpo do restante dos espíritos.

— Isso porque não é como o restante dos espíritos. Está deslocada, fora do destino que lhe foi previsto.

— Então precisa consertar isso — Lina decidiu com firmeza.

— Ela está aqui porque um deus interferiu na vida de um mortal; algo que acontece com muita frequência, por diversas razões egoístas. Eu não acredito em interferir na vida dos mortais.

— Mas ela faz parte do seu reino, agora. Não está se intrometendo. Só está cumprindo com o seu dever!

— Perséfone — Hades falou com os dentes cerrados —, não se lembra do que aconteceu da última vez em que decidiu enviar um espírito de volta para a Terra dos Vivos?

Lina se encolheu como se ele a tivesse esbofeteado.

— Aquilo foi diferente. Não acredito que possa ser tão cruel, Hades! — Sua voz soou fria como gelo.

— Oh, por favor! — Alceste se atirou de joelhos entre os dois imortais. — Eu não queria causar discórdia entre o rei e a rainha do Submundo!

— Do que chamou Perséfone? — Hades indagou, tenso. — Que título deu a ela?

Tremendo, a alma deslocada respondeu ao seu deus:

— Eu a chamei de rainha do Submundo, mas não fui eu quem deu esse título a ela, senhor. Simplesmente repeti o que falam de Perséfone no Mundo Superior. — Alceste conseguiu sorrir para Lina. — É bem sabido que ela agora está reinando a seu lado.

Lina ficou sem palavras. Rainha do Submundo? As pessoas estavam mesmo dizendo aquilo dela?

Olhou para Hades, e o deus sombrio capturou sua expressão. Seus olhos brilharam, e seu rosto se iluminou com alegria.

Quando falou, Lina não conseguiu desviar o olhar, quase se esquecendo de respirar.

— Faça seu julgamento, rainha do Submundo. Eu me curvarei à sua vontade — disse e, num gesto quase imperceptível, inclinou a cabeça para ela.

Lina se obrigou a tirar os olhos dele e sorriu, trêmula, para Alceste.

— Minha decisão é que retorne ao mundo dos mortais e a seu marido para terminar sua sina. E diga a Admeto que ele pode seguir o novo destino que as Parcas teceram para ele.

Com um grito de felicidade, Alceste se ergueu e pegou a mão de Lina, beijando-a e segurando-a junto ao rosto encharcado de lágrimas. Sorriu para ela, os olhos marejados.

— Oh, obrigada, rainha do Submundo! Meus filhos, e os filhos dos meus filhos, haverão de fazer sacrifícios pela senhora a cada primavera, até o fim dos tempos!

— É muita gentileza sua, mas saiba que eu prefiro um pouco de vinho e mel espalhados pelo chão. Não sou muito afeita a sacrifícios sangrentos — Lina declarou rapidamente.

Alceste fez uma reverência profunda.

— Eu sempre me lembrarei de sua bondade, minha deusa!

CAPÍTULO 21

Hades ficou muito quieto após Alcestes desaparecer pela estrada que a devolveria à sua vida mortal, e, vez ou outra, Lina o observava com discrição. Ele segurava sua mão, contudo seu rosto era inescrutável.

Definitivamente, ele a estava deixando muito nervosa. Ela ainda iria para seus aposentos? Teria interpretado mal a reação do deus ante o fato de ser ela chamada de rainha do Submundo? A felicidade que ela pensara ter visto poderia ser outro tipo de emoção?

Mas, se fosse assim, por que ele teria lhe permitido dar uma sentença com a qual não concordava?

Lina suspirou. Os pirilampos pareciam ter invadido sua mente.

Entraram no palácio pelo pátio dos fundos, então Hades rumou da esquerda, o lado oposto ao quarto dela. Passaram pela entrada da sala de jantar e, por fim, ele parou em frente a uma enorme porta em que tinha sido esculpida a imagem de Órion em pé, sobre as patas traseiras, e a do elmo.

Nervosa, Lina apontou para o entalhe.

— É uma ótima reprodução de Órion. Ele parece muito feroz.

Hades bufou.

— Pois eu acho que agora será necessária uma nova versão...

A que o mostre curvando-se à sua senhora.

— Ora... — Aliviada com a brincadeira, ela o cutucou com o cotovelo no braço. — Ele ainda é considerado um dos seus temíveis cavalos. Eurídice vive para evitá-lo.

O deus balançou a cabeça.

— Tenho medo de que sua reputação de ser um animal solitária e feroz tenha sido arruinada para sempre. — Ele se virou para ela e segurou seu queixo, erguendo-lhe a face. — Mas ele não se importa... O ganho excede a perda. — Beijou-a delicadamente, murmurando contra seus lábios: — Vai comigo para o meu quarto?

— Sim — Lina respondeu com um frio na boca do estômago.

Hades abriu a gigantesca porta, e ela finalmente entrou no mundo particular do deus do Submundo. A primeira coisa que notou foi a enorme cama no centro do aposento, encimada por um dossel que pendia em luxuosas dobras de seda pura. A própria cama se encontrava coberta com pesados lençóis brancos, fazendo o conjunto parecer uma nuvem que havia perdido seu lugar no céu. Era suntuosa, *sexy*... e muito, muito convidativa.

Quando percebeu que estava olhando o móvel e deixando a imaginação vagar, Lina sentiu o rosto arder. Desviou o olhar, e teve a atenção atraída para o impressionante par de lustres que pendia do teto abobadado. Pareciam feitos de vidro preto, e centenas de velas bruxuleavam, cintilando em sua base incomum.

— Seus lustres são sempre tão lindos! Estes são feitos de vidro preto?

— De obsidiana — explicou Hades. Pressionando-lhe a base das costas intimamente, ele a conduziu pelo quarto. — Quando ela é cortada e polida, assemelha-se ao vidro.

Lina sorriu.

— E quais são suas características? Devem ser muito especiais se a escolheu para os seus aposentos.

— Os poderes da obsidiana são a proteção, a segurança, a divinação e a paz. — Ele olhou para a luz piscante. — E eu também a considero bastante tranquilizadora.

— Sem dizer que combina com tudo aqui. — Lina apontou para o restante do vasto cômodo. As cores predominantes eram o preto, o branco e o prata. Em vez de tornarem o quarto austero e frio, os contrastes dramáticos tinham um efeito intrigante... como se o deus tivesse encontrado o exato equilíbrio entre a luz e a escuridão.

— Gostaria de beber algo? — Hades indagou, um pouco tenso, perguntando-se se ela podia ouvir as batidas de seu coração.

Quando Perséfone assentiu, ele caminhou, apressado, até uma mesa baixa, em meio a duas poltronas de cetim branco, e serviu duas taças de uma garrafa que já havia sido aberta e colocada em um recipiente com gelo.

Lina sorriu em agradecimento e pegou a taça de cristal cheia de um líquido dourado. Seu aroma a fez sorrir.

— Ambrosia!

— Há rumores de que está apaixonada por essa bebida. — Os lábios de Hades também se curvaram num sorriso.

— Deveria haver rumores de que, às vezes, eu exagero na dose...

— Isso pode ser um segredo nosso. — Ele tornou a sorrir e ergueu a taça para ela. — Aos recomeços.

— Aos recomeços — Lina repetiu, tocando-a com a sua.

Enquanto bebiam, seus olhares se encontraram. Em seguida Hades colocou a taça de volta na mesa e, sem hesitar, ela fez o mesmo.

O deus sombrio respirou fundo, então percorreu o curto espaço entre eles e a tomou nos braços.

— Está me assustando, Perséfone. Não consigo respirar sem pensar em você...

Capturou-lhe os lábios em um beijo faminto, e eles se uniram, sedentos.

Tudo o que ela pôde pensar foi: *Ah, obrigada! Finalmente!*

O corpo rijo de Hades pulsou contra o dela, e o de Lina respondeu com um calor. Suas mãos percorreram o peito largo, encontrando, inquietas, a túnica de couro, e ela quis praguejar de tanta frustração. Não tinha ideia de como arrancar aquela coisa!

Enquanto os beijos profundos faziam fervilhar seu sangue, tateou a veste até encontrar amarras do couro nas laterais. Puxou-as, impaciente, soltando-as o bastante para poder deslizar as mãos para dentro da couraça e sentir os músculos rijos da cintura e do abdômen de seu amado.

Hades gemeu contra a boca carnuda, e suas mãos desceram para segurar a curva suave das nádegas de Perséfone, pressionando-a com mais firmeza contra ele. Uma onda de calor invadiu seu corpo quando ele a sentiu se movendo em resposta. Lina mordiscou seu lábio inferior, provocante, então se afastou apenas o suficiente para fitá-lo nos olhos.

— Leve-me para a cama — falou, meio sem fôlego.

Ele engoliu, tentando aliviar a secura na garganta, e acedeu. Conduziu-a até a enorme cama, repartiu a cortina de seda, mas não se juntou a ela de imediato. Recostada nos travesseiros, Perséfone era ainda mais estonteante. Diante de sua hesitação, a deusa sorriu para ele interrogativamente.

— Primeiro devo lhe dizer uma coisa. — Sua voz saiu carregada de emoção. — Eu nunca

fiz isso antes.

— Nunca trouxe uma mulher para o seu quarto?

— Eu nunca trouxe uma imortal aqui. Mas não apenas isso.

Os olhos de Lina se arregalaram.

— Nunca fez amor?!

O riso de Hades soou forçado e nervoso.

— Eu fiz amor. Mas nunca com uma deusa.

Lina sentou-se, querendo desesperadamente revelar a Hades a ironia da situação. Ele estava nervoso pela mesma razão na qual ela sentia um bando de borboletas voejando no estômago.

— Para ser sincera, eu também não me deito com ninguém há um bom tempo. — Aproximou-se e tocou-lhe a mão. No mesmo momento, os dedos dele se entrelaçaram aos seus. — E juro: nenhum deus me fez sentir o que sinto por você.

Hades sentou-se a seu lado na cama, olhando suas mãos unidas.

— Quando Alceste a chamou de rainha do Submundo, senti um orgulho indescritível só de pensar que outros acreditam que você me pertence, que poderia ser feliz reinando a meu lado. Não posso conceber algo que me traria mais alegria.

Lina deu um longo suspiro.

— Eu teria orgulho de ser chamada de rainha do Submundo, mas, não sei... — Vacilou, dividida entre a promessa que fizera a Deméter e a necessidade de dizer a verdade ao deus.

Ele a segurou pelo rosto.

— Já me basta saber que a ideia não lhe é repugnante. O tempo cuidará do resto.

Lina colocou as mãos sobre as dele.

— Como este seu reino maravilhoso poderia me causar repugnância? Eu o adoro! — disse com voz rouca.

O sorriso de Hades foi deslumbrante, e Lina se perguntou como era possível que os outros imortais não o vissem como ela.

De repente, ficou extremamente feliz por isso. Se soubessem, ele não seria seu. E seria como o restante deles.

Hades a beijou com suavidade, contudo Lina pôde sentir a tensão no corpo másculo através dos músculos rijos de seus braços. Quando falou, sua voz parecia ainda mais profunda:

— Mostre-me como lhe dar prazer. Só de pensar em você, um só vislumbre de sua pele, já faz meu sangue ferver... Mas sei que o desejo não é tão simples para as mulheres. — Embora tenso, ele conseguiu dar uma risada. — Mesmo com a minha limitada experiência, aprendi que as deusas são, de fato, muito mais complexas do que os deuses. Ensine-me como ativar o seu desejo, Perséfone.

Lina sentiu a boca seca e passou a língua pelos lábios, arrepiando-se ao perceber que ele não deixara o gesto passar despercebido.

— Pode começar tirando a roupa — falou, meio sem fôlego.

Sem hesitação, Hades arrancou o quitão já solto, livrou-se da túnica curta e também da tanga de linho, igual à que usava na ferraria e que ela achara tão atraente. Uma vez livre das roupas, parou diante dela, totalmente nu.

E era magnífico. A pele lisa dourava-lhe os músculos, fazendo-o parecer ainda mais sombrio e exótico.

Céus!, ela nunca vira um homem tão perfeito!

Seus olhos viajaram pelo corpo musculoso, e sua respiração ficou presa na garganta. Hades se encontrava plenamente excitado, e uma onda inebriante de prazer a invadiu quando ela pensou que tinha um deus sob seu comando. Ficou parada por um momento, em seguida descansou as palmas das mãos no peito nu. Lentamente, ela as fez correr ao longo da pele lisa, amando sentir os músculos rijos e bem definidos do peito e dos braços de seu amor.

Quando suas mãos desceram mais, um tremor o percorreu.

— Algo de que todas as mulheres gostam é acreditar que seu toque é especial — Lina disse, rouca. — É bom saber que, mesmo que nossos corpos não tenham tanta força, um pequeno toque nosso pode fazer um homem estremecer e gemer de prazer... — Pegou a carne rija na mão e a acariciou sensualmente.

Um gemido intenso escapou da garganta de Hades, e Lina sorriu, sedutora.

— Estou machucando você?

— Não! — ele negou com voz abafada. — Embora eu acredite que possa me matar de prazer apenas com um toque... Basta pensar em você, vê-la, sentir seu cheiro, e fico excitado, dolorido, louco para amá-la!

As palavras tiveram o efeito de uma descarga elétrica no corpo de Lina, e ela o empurrou de leve para dar um puxão no laço que prendia sua própria túnica no ombro esquerdo. Contorceu-se, impaciente, até deixar os seios nus, e levou apenas um momento para soltar as amarras em seus quadris. Com um movimento sensual, fez o tecido deslizar por seu corpo, em seguida se jogou nos braços de Hades.

— Sua pele é tão quente! — falou entre beijos. — Eu amo senti-la de encontro a minha.

— E você me faz pegar fogo! — Hades sussurrou contra seus lábios enquanto explorava a curva de seus quadris eroticamente. De súbito, virou-se e se deitou na cama, puxando-a com ele. — Mostre-me mais, Perséfone... Ensine-me como fazê-la arder também!

Lina saiu de cima do corpo másculo, de modo que ficaram deitados de lado, de frente um para o outro. Ela mal sabia por onde começar. Já se sentia tão pronta que, por um momento, quase o fez subir nela.

Então respirou fundo e deteve o impulso. Hades não era como seu ex-marido ou qualquer outro dos seus desinteressados amantes. Desta vez seria diferente, pois *Hades* era diferente. Nele ela encontrara tudo o que uma mulher podia desejar: um homem que queria agradar de verdade e estava disposto a ouvir e aprender para que ela pudesse sentir prazer. Tudo o que precisava fazer, naquele momento, era mostrar o que desejava.

Mas isso era muito mais difícil do que ela havia imaginado. O que queria, afinal?

Fechou os olhos e tentou ordenar os pensamentos. Em toda a sua vida de adulta, sempre sonhara com alguém que gostasse dela o suficiente para se preocupar com seu prazer tanto quanto o seu próprio. Precisava ser honesta com Hades, bem como consigo mesma. Tinha que romper com as barreiras que seus antigos amantes a tinham feito erigir.

Estremeceu. Estava pronta.

Abriu os olhos e, bem de leve, tocou o ponto onde o próprio pescoço encontrava o ombro.

— Para mim, são as pequenas coisas que importam — falou com uma voz subitamente tímida. — Assim como ser beijada aqui...

Hades se apoiou em um cotovelo, então se inclinou para a curva delgada. Beijou-a e mordeu-a de leve, passando a língua pela área sensível.

— Eu também queria que você me acariciasse enquanto me beija... Deixe meu corpo se

acostumar com o seu toque! — Lina pediu num sussurro.

Quando a respiração de Perséfone se aprofundou, Hades seguiu pela linha sedutora de seus ombros até os seios e os cobriu delicadamente com as mãos.

— Ah, sim... Aí também! — ela gemeu enquanto ele depositava minúsculos beijos nos montes arredondados.

— Sentirá prazer se eu a lambar e beijar aqui? — Tocou os mamilos túrgidos, a voz saindo rouca de desejo.

— Sim! — Lina mergulhou as mãos em seus cabelos.

Enquanto a provocava e sugava, Hades correu a mão mais para baixo. Primeiro afagou-lhe o comprimento da perna, moldando os músculos curvilíneos. Depois, lembrando-se de que Perséfone dissera dar valor às pequenas coisas, acariciou a área macia por trás de seu joelho. Ainda seguindo os sinais do corpo delicado, desenhou círculos ardentes no interior de suas coxas.

Lina se abriu para ele e, guiando-lhe a mão até o centro do próprio corpo, mostrou-lhe como acariciar seu ponto mais sensível, sussurrando incentivos meio sem fôlego ao perceber que o toque acompanhava seu ritmo.

A onda de orgasmo veio rápida e poderosa, e ela gritou o nome dele conforme uma estranha eletricidade brotou em seu âmago e irradiou por seus membros.

Hades a abraçou com força, os próprios desejos temporariamente esquecidos em meio ao espanto de ter sido capaz de evocar nela uma resposta tão apaixonada. Tinha vontade de gritar de felicidade. Perséfone o conhecia em sua essência, desejava-o e havia se entregado a ele.

Lina abriu os olhos e o fitou. Ele estava sorrindo para ela e afastando-lhe os cabelos do rosto.

Sua respiração ainda não tinha voltado ao normal quando o deus recomeçou a beijá-la.

— O melhor sexo é quando os amantes se satisfazem mutuamente — disse, ofegante, pressionando-o de volta para a cama. — É uma dança onde se dá e se recebe. Embora o prazer de seu parceiro possa se tornar o seu próprio, não devemos nos abster de nossas necessidades e desejos... — Acariciou o corpo musculoso, beijando e saboreando a salinidade de sua pele, até que a respiração dele se tornou irregular.

O suor brilhava no corpo de Hades, e todos os seus músculos se retesaram quando ele lutou para controlar o desejo.

Lina o envolveu nos braços com urgência.

— Não se contenha mais! Eu o quero dentro de mim agora... Quero sentir toda a sua paixão.

Com um grunhido, ele rolou de modo a ficar sobre ela. Apoiando-se sobre as mãos, fitou-a nos olhos enquanto mergulhava no corpo macio.

Seu calor úmido o cercou, e Hades precisou de toda a sua força de vontade para conter a explosão que ameaçava acontecer. Possuir Perséfone se revelara melhor do que qualquer fantasia; melhor do que qualquer coisa que ele pudesse ter imaginado.

Deteve-se por um momento, tentando recuperar o autocontrole.

Com um gemido, Lina arqueou o corpo, e Hades respondeu combinando sua paixão com a dela, até que teve a visão obliterada para tudo o mais, exceto para a deusa sob ele. Sentir que ela o comprimia por inteiro o levou às alturas e, conforme espasmos de prazer o percorriam, Hades afundou o rosto nos cabelos fartos de sua amada, repetindo seu nome seguidas vezes...

Um perfume doce e familiar despertou Lina. Hades encontrava-se de pé ao lado da cama, sorrindo. Estava nu, exceto pela tanga justa que o cobria bem abaixo da cintura. Em uma das mãos, segurava uma taça de ambrosia dourada e refrigerada, e, na outra, um manto leve, de seda.

— Bom dia — ela falou, sonolenta.

— Bom dia. Imaginei que estivesse com sede. — Ele ergueu o cálice de cristal. — Além disso, Eurídice trouxe algumas coisas para você. — Apontou por cima do ombro para uma mesa carregada com romãs e uma deliciosa variedade de queijos e pães.

Lina sorriu. Hades nunca estivera tão adorável, parado em pé ali, meio nervoso, tentando agir como se estivesse acostumado a ter uma deusa em sua cama.

— Obrigada. — Sentou-se e se espreguiçou.

O lençol caiu em torno de sua cintura, e os olhos dele devoraram seus seios nus.

Sem se conter, Hades colocou o que tinha nas mãos sobre a mesa de cabeceira e se ajoelhou diante dela, segurando-lhe os seios e beijando os mamilos róseos.

Embora o toque fosse suave, Lina não pôde deixar de se encolher. Seu corpo se encontrava maravilhosamente saciado, mas também muito, muito dolorido.

O deus recuou.

— Estou machucando você?

— Acho que estou um pouco sensível. Sete vezes em uma noite é, bem... um pouco incomum.

Hades sentiu que corava enquanto lhe cobria os ombros com o manto e lhe alisava os cabelos. Perséfone estava amarrotada e tinha uma marca vermelha na curva do pescoço.

E se ele tivesse sido muito bruto? Na noite anterior parecia ter dado prazer a ela, mas, naquela manhã, a deusa parecia quase descontente.

Perséfone se pôs de pé com certa cautela e tornou a encolher os ombros sob a capa.

Por todos os deuses! E se ele a tivesse ferido?

Lina abriu um sorriso e sentou-se com cuidado antes de atacar a mesa posta. Nem mesmo percebeu como o deus se retesou em resposta ao seu óbvio desconforto físico.

Hades condenou a si mesmo por ser um idiota, inexperiente.

Conforme Lina comia, sentiu sua energia retomar o nível normal e as dores em seu bem utilizado corpo se dissipar. Respondendo ao seu revigorado bom humor, o nervosismo de Hades evaporou, e eles fizeram o desjejum como dois amantes apaixonados, permitindo que seus joelhos se tocassem e alimentando um ao outro com os petiscos de seus próprios pratos.

Ele começava a explicar como tinha produzido os lustres que pendiam graciosamente do teto acima deles quando duas batidas firmes soaram na porta.

— Entre! — gritou Hades.

Iapis se fez presente, segurando uma pequena caixa quadrada nas mãos, e fez uma reverência, primeiro para o senhor do Submundo, depois para Lina.

— Bom dia, Hades, Perséfone... — Seus olhos brilhavam, e ele tentou, sem sucesso, esconder um sorriso. — Eu trouxe o que me pediu, senhor. — Entregou a caixinha a Hades.

— Excelente. Muito obrigado, Iapis.

Ao ver o daimon, Lina se lembrou de que negligenciara Eurídice por completo e sentiu uma ponta de culpa.

— Iapis, poderia levar uma mensagem a Eurídice para mim?

— Claro, senhora.

— Diga a ela que eu adoraria ver o que ela andou desenhando.

Iapis sorriu.

— Será um prazer para Eurídice, tenho certeza.

— Ótimo. Mande-a levar seus trabalhos para o meu quarto ainda hoje. E, por favor, diga-lhe que estou ansiosa por ver suas criações... e também por vê-la. Senti sua falta.

Lina pensou ter visto as faces do daimon enrubescer de leve antes que ele aquiescesse e, ainda sorrindo, se despedisse com uma mesura.

— Ele está de bom humor, sem dúvida — comentou Lina, pensativa, tamborilando os dedos na mesa.

— Ele gosta de me ver feliz — Hades falou brincando e beijando-lhe a mão.

Ela sentiu-se tão tola e sorridente como o daimon se mostrara, e tratou de se recompor.

— Não acho que ele esteja assim, feliz, apenas por causa de você.. Aliás, faz algum tempo que eu gostaria de conversar acerca do seu amigo daimon.

Hades ergueu uma sobrancelha, esperando.

— Creio que Iapis esteja interessado em Eurídice — revelou Lina.

O sorriso do deus foi como o de um menino apanhado com a mão na botija.

— Acho que tem razão.

— Então preciso saber de suas intenções! — ela falou com firmeza.

Hades concordou, a expressão se tornando séria no mesmo instante.

— Compreendo sua preocupação, claro... Mas acredito que eu possa falar por Iapis. Suas intenções são honradas. Ele realmente se preocupa com a pequena alma.

— Vai se certificar de que ele seja cuidadoso com Eurídice? Ela passou por muitas dificuldades. É difícil para uma mulher amar outra vez depois que foi ferida.

Hades tocou-lhe o rosto com delicadeza, pensando se a deusa estaria se referindo apenas a seu leal espírito.

— Pode confiar em mim. Sempre. Cuidarei de Eurídice como se ela fosse a própria deusa da Primavera.

— Obrigada. Não é que eu não goste de Iapis... eu gosto. Mas me preocupo muito com a minha amiga.

— É uma deusa generosa, Perséfone, já que se preocupa verdadeiramente com aqueles que a amam — ele afirmou. Então olhou para a caixa quadrada descansando ao lado, e a fez deslizar até ela.

— É algo que fiz na primeira noite em que estive aqui. Eu não conseguia dormir. Tudo o que podia fazer era pensar em você, em seu sorriso, em seus olhos... — Fez um gesto para que ela abrisse o presente.

O fecho destravou com facilidade, e Lina levantou a tampa. Aninhada junto a um estojo de veludo preto, havia uma delicada corrente de prata. Desta pendia uma única pedra ametista, a qual fora esculpida e polida de modo requintado, na forma de um narciso em flor.

Lina sentiu os olhos marejados.

— Oh, Hades! É a coisa mais bonita que eu já ganhei!

Ele se levantou e postou-se atrás dela, tirando o colar do estojo para colocá-lo em seu pescoço. Pendurou-o perfeitamente, bem acima da curva de seus seios.

— Obrigada... Eu adorei!

O deus a puxou para seus braços.

— Na noite em que fiz isso, eu estava cheio de desejo e morrendo de saudade. Mas agora está aqui comigo, e o vazio dentro de mim não mais existe. Os mortais foram sábios em afirmar: é a rainha do Submundo. Não posso imaginar minha vida sem você. Não trouxe a primavera apenas para o meu reino, Perséfone, mas também para o meu coração. Estou apaixonado.

As lágrimas que tinham se agrupado nos olhos de Lina transbordaram, e ela não conseguiu falar.

Hades enxugou-lhe o rosto com os polegares.

— Por que está chorando, minha querida?

— As coisas são tão complicadas...

Ele franziu a testa.

— Porque é a deusa da Primavera?

— ... Também.

— Diga-me a verdade. Chora porque não se imagina permanecendo no Submundo?

O deus tentou manter a voz neutra, no entanto Lina podia ver a dor refletida em seus olhos.

— Quero estar com você — disse apenas, tentando não soar muito evasiva.

— Então não posso conceber qualquer dificuldade que não possamos vencer juntos — Hades declarou, abraçando-a com força.

Descansando em seus braços, Lina fechou os olhos, disposta a parar com as lágrimas. Chorar não ajudaria em nada. Ela o amava, mas esta era apenas uma pequena parte da verdade que ele precisava saber.

Queria tanto contar tudo a Hades! Precisava fazer isso.

Mas havia dado sua palavra, e, antes de qualquer coisa, deveria conversar com Deméter.

CAPÍTULO 22

— Disse que ela não está em seu quarto? — Hades virou-se para o daimon.

— Não, senhor... A deusa se foi.

— E Eurídice não sabe onde ela está?

— Não. Eurídice estava ocupada com os desenhos que mostraria à sua senhora mais tarde.

Hades andou de um lado para o outro. Perséfone havia dito que precisava de um bom banho de imersão e que depois tiraria uma soneca. Sim, ela lhe parecera estranha, mas ele atribuíra seu comportamento ao cansaço.

Assim, resolvera lhe dar algum tempo enquanto atendia às petições dos mortos... ainda que mais distraído do que nunca. A maioria deles tinha vindo ver Perséfone, e havia ficado visivelmente desapontada por a deusa não ter aparecido.

Apertou a mandíbula. Podia compreendê-los muito bem. Ele mesmo não queria mais nada a não ser vê-la por perto. Ainda trazia seu perfume na pele, e, quando divagava, podia sentir o calor suave de Perséfone contra ele.

Para onde ela havia ido? Por que não lhe dissera nada? O que estaria pensando?

Passou a mão pelo cabelo. Depois de eras de uma existência solitária, seu desejo fora feroz, e, talvez, ele houvesse sido muito bruto. Talvez a houvesse ferido.

Ou talvez não a tivesse satisfeito. E se ela o comparara a seus outros amantes imortais?

Cerrou os punhos. Apenas pensar em outro deus encostando nela o deixava com náuseas.

— Encontre-a, Iapis — rosnou.

O daimon se curvou e desapareceu.

OK, Lina admitiu para si mesma, mordendo o lábio. Estava preocupada.

— Merda! Por que tem de ser tão complicado?

As orelhas de Órion se inclinaram para trás a fim de captar suas palavras, e ele relinchou uma resposta suave.

— Eu o amo de verdade — ela disse em voz alta. — E agora? O que vamos fazer?

Lina suspirou. Sabia o que *ela* precisava fazer, razão pela qual escapulira com o cavalo.

— Verdade que a história que inventei foi excelente... — falou a Órion. — Tenho certeza de que Iapis ficará apenas um pouco aborrecido quando descobrir que o enorme odre de ambrosia que Eurídice o fez encher até a borda é para o Cérbero.

Ao ouvir falar do cão de três cabeças, Órion bufou com desgosto.

— Ah, ele não é tão ruim assim. Só ficou um pouco alterado pelo álcool, mas, no fim foi um amor... Além do mais, sabe que eu gosto muito mais de você. — Ela deu um tapinha na pelagem reluzente do cavalo.

Órion arqueou o pescoço e mudou o trote para um forte galope, fazendo a estrada escura passar rapidamente por baixo deles. A fiel esfera de luz pairava sobre seu ombro direito, mantendo o ritmo com o garanhão, e, a distância, Lina já podia ver o contorno leitoso do bosque de árvores fantasmas.

Perguntou a si mesma se Hades já teria notado a sua ausência. Tomara que não, mas, se ele procurasse por ela, Eurídice lhe diria que ela fora levar ao Cérbero a guloseima que prometera. Os cavaliços, por sua vez, relatariam que ela havia levado Órion para um

passeio.

Hades não deveria se preocupar. Ela não queria que ele ficasse preocupado. Não desejava lhe causar nenhuma dor.

A noite que tinham passado juntos fora uma experiência nova para ela. Hades lhe despertara sentimentos que, até então, não passavam de resquícios de sonhos e fantasias. E não fora só sexo.

Suspirou outra vez. Isso teria sido fácil de lidar. Poderia ter com ele um caso tórrido e excitante, saciar a si própria e, no momento oportuno, ir embora.

Mas, decididamente, não tinha sido apenas sexo.

A lembrança das almas gêmeas ainda a assombrava, assim como o olhar de Hades quando ele declarara seu amor. Ela havia ansiado por responder com as mesmas palavras; no entanto, não era livre para se comprometer com ele. Não ainda. Não até que conversasse com Deméter.

E isso partira seu coração.

Não tivera a intenção de amá-lo. Havia ido para o Submundo com as melhores intenções e um trabalho a fazer. Ponto. Não estivera interessada em romance, amor ou sexo.

E o Mundo Inferior era o último lugar em que esperava encontrar alguma dessas coisas.

Merda! Deméter descrevera Hades como um assexuado, e ela estivera totalmente despreparada para a verdade.

Rodou um fio da crina sedosa de Órion em torno do dedo conforme o garanhão galopava pelo bosque de árvores fantasmas. Estava metida numa enorme encrenca. Amava Hades, estava certa disso, mas um pensamento incômodo não a abandonava: enquanto estivera com ele, enquanto pudera tocá-lo e fitá-lo nos olhos, fora fácil acreditar que ele a amava também. *Ela*, Carolina Francesca Santoro, e não uma deusa jovem e fútil.

E, não fora ele mesmo quem dissera que o verdadeiro amor tinha mais a ver com a alma do que com o corpo?

Então, por que faria diferença se seu corpo verdadeiro fosse o de uma mortal de quarenta e três anos de idade? Teoricamente, não deveria fazer.

Órion continuou disparado através do túnel escuro em direção à abertura ampla e iluminada do Mundo Superior.

Era inegável que tivesse mentido a Hades, Lina pensou. Mesmo que ela não houvesse tido a intenção de seduzi-lo, no que ele acreditaria quando soubesse a verdade? Será que compreenderia?

E, o mais importante, será que ele ainda a amaria?

O garanhão galopou até o fim da passagem, saindo para a luz suave de uma manhã fria. Ela puxou as rédeas do cavalo, obrigando-o a uma parada, apanhou as próprias coisas e, em seguida, conduziu-o até a bacia de mármore que sustentava o oráculo de Deméter.

Escorregou pelas costas de Órion.

— Fique por perto e seja bonzinho. Isso não vai demorar muito.

— Ela montou Órion para levar um agrado para o Cérbero?

O daimon concordou com um gesto de cabeça e uma expressão ligeiramente irritada no olhar.

— Eu mesmo enchi o odre. Ela levou ambrosia para aquele bruto!

Em qualquer outro momento, a notícia teria feito Hades rir. Agora, contudo, as dúvidas lhe esfáqueavam o coração.

— Mas Perséfone me disse que estava exausta. Que tomaria um banho e descansaria. Por que ela sairia para um passeio em vez disso?

— Apenas a deusa pode lhe responder isso, senhor.

O crescente sentimento de desconforto que o torturava desde aquela manhã desabrochou. Ele devia tê-la magoado, concluiu Hades. Teria assustado Perséfone? Ou teria declarado seu amor por ela cedo demais?

Sentiu o peito se apertar. Ela não havia proclamado seu amor em troca, pensou, lembrando-se de suas lágrimas.

Amaldiçoando-se em silêncio por sua inexperiência, virou-se para o daimon.

— Traga-me o elmo da invisibilidade.

Lina estudou o oráculo. Este descansava, quieto e benigno; uma simples esfera de vidro de cor leitosa.

Mas era o canal para uma deusa que detinha o poder de moldar seu futuro.

Fechou os olhos, admitindo que não estava apenas preocupada. Estava com medo. Como aquilo poderia funcionar? Ela era uma mortal de outro tempo e lugar. Ele, um deus antigo.

Sentiu lágrimas de frustração assomar aos olhos fechados.

Pare com isso! Controle-se!

Precisava contar tudo a Deméter. Não podia evitar isso por mais tempo.

Perséfone não estava com o Cérbero, embora o cão continuasse lambendo, feliz, o velho odre que ela lhe dera. Também não tinha passado por ele, voltando ao palácio, motivo pelo qual Hades seguiu adiante.

Quando encontrou o barqueiro, Caronte relatou que transportara a deusa e seu corcel para a outra margem do Estige.

Hades admitiu o pior para si mesmo: Perséfone havia definitivamente retornado à Terra dos Vivos.

Sentiu uma queimação familiar brotar no peito. Ela o deixara sem nem mesmo dizer adeus? Não queria acreditar nisso.

E não acreditaria até que a confrontasse e ela lhe dissesse isso cara a cara.

Com sua velocidade de deus, Hades seguiu pelo caminho escuro que o levaria ao Mundo Superior e à deusa da Primavera.

Lina respirou fundo e abriu os olhos. Concentrando-se em Deméter, passou as mãos três vezes pelo oráculo.

— Deméter? Precisamos conversar...

A orbe começou a rodopiar e, quase no mesmo instante, as feições benfeitas da Grande Deusa entraram em foco.

— Quando uma filha clama pela mãe, o tom de sua voz deve ser mais acolhedor do que tristonho — disse, suavizando a repreensão com um sorriso maternal.

— Eu não tinha intenção de desrespeitá-la, mas sinto-me, mesmo, um pouco deprimida — confessou Lina.

Deméter franziu o cenho.

— O que a incomoda, filha? Tenho ouvido apenas relatos positivos sobre o seu trabalho. Os espíritos se mostram satisfeitos por a deusa da Primavera estar peregrinando pelo Submundo.

Era a pura verdade. Desde a chegada da deusa, que todos acreditavam ser Perséfone, ao

Mundo Inferior, as súplicas incessantes e irritantes dos parentes dos mortos havia terminado, e os sacrifícios por agradecimento, aumentado. A mortal vinha marcando presença e fazendo um excelente trabalho ao representar sua filha, refletiu a deusa da Colheita. Não podia imaginar o que a estava incomodando.

— As coisas tomaram um rumo inesperado.

A careta de Deméter se acentuou.

— Não me diga que foi descoberta.

— Não! Todos ainda pensam que sou Perséfone. — Lina fez uma pausa, mordendo o lábio.

— O meu problema tem a ver com isso.

— Explique-se.

— Eu me apaixonei por Hades, e ele também me ama. Preciso contar a ele quem eu realmente sou e descobrir uma forma de consertar essa confusão — Lina falou de uma vez.

Os olhos de Deméter pareceram se transformar em pedra.

— Por acaso isso é algum tipo de brincadeira mortal?

— Não. — Lina suspirou. — Não há graça nenhuma nessa história.

— Está me dizendo que você e Hades se tornaram amantes?

— Sim.

— Então Hades brincou com seus sentimentos. — Deméter balançou a cabeça com tristeza.

— E eu sou a culpada por isso. Expus uma mortal aos caprichos de um deus. Perdoe-me, Carolina Francesca Santoro... Minha intenção não era lhe causar dor.

— Não! — protestou Lina. — Não é assim. Hades não se aproveitou de mim. Nós nos apaixonamos um pelo outro!

— Vocês se apaixonaram? Um pelo outro? — A voz de Deméter soou enérgica. — Como é possível? Hades pensa que é Perséfone, deusa da Primavera. Não tem ideia de que fez amor com uma mortal. Pense, Carolina! Como pode acreditar que é você quem ele ama? — Deméter riu sem vontade, as belas feições contorcidas. — Amor! É mesmo tão ingênuo? Os imortais *amam* de forma bem diferente dos mortais. Certamente até mesmo em seu mundo já ouviu falar dos abusos do amor imortal.

Lina ergueu o queixo e estreitou os olhos.

— Não sou nenhuma criança. Não fale comigo como se eu tivesse as emoções instáveis de uma adolescente. Conheço a diferença entre o amor e a luxúria. Sei quando um homem está me usando, assim como sei quando ele está me tratando com honestidade. As aulas foram difíceis... mas a experiência me ensinou a diferença.

— Então devia saber — concluiu Deméter.

As palavras suaves tiveram o efeito de um tapa.

— Não conhece Hades. Ele não é como o restante de vocês.

— Não é como o restante dos imortais? O que me diz é absurdo e ingênuo. Hades é um deus. A única diferença entre ele e os outros deuses é que Hades vive recluso e decidiu colocar os mortos acima dos vivos.

— Isso é apenas parte do que o torna tão diferente. — Lina respirou fundo. Não queria trair a confiança de Hades, mas precisava convencer Deméter. — Sou a única deusa a quem ele amou.

Os olhos de Deméter se estreitaram.

— Foi isso o que Hades disse? Então aqui vai sua primeira lição a respeito do amor

imortal: não acredite em nada do que um deus diz quando ele está tentando se deitar com uma deusa. O que ele falou foi apenas o que você precisava ouvir para se entregar a ele.

Recusando-se a acreditar nas palavras, Lina sacudiu a cabeça de um lado para o outro. Deméter, porém, ignorou o gesto e prosseguiu.

— No que acreditou? Que ficariam juntos por toda a eternidade? Esqueça que é mortal. Esqueça que é de outro mundo. Mesmo se fosse a deusa da Primavera, acredita honestamente que Hades e Perséfone poderiam se unir e ter seus nomes ligados para sempre? A simples ideia é absurda! Como poderia existir primavera na Terra dos Mortos?

— A primavera não tem de existir lá, mas eu posso ficar no Submundo. Eu, a mortal, Carolina Francesca Santoro. Ficarei no Submundo e amarei seu deus. Apenas me transforme novamente. Devolva o meu corpo, e eu devolverei este — ela apontou para si mesma — à sua filha.

— Não posso fazer isso. Não é deste mundo, Carolina! — A raiva transformou o rosto de Deméter. — Você sabia que essa era uma situação temporária. Eu nunca disse o contrário.

— Tem de haver uma saída!

— Não há. Ambas devemos respeitar os nossos juramentos.

— Então, não posso nem mesmo dizer a Hades quem eu sou? — Lina concluiu, desesperada.

— Use a razão, Carolina, e não o coração. O que o senhor dos Mortos faria se soubesse que cortejou não a deusa da Primavera, mas uma padeira mortal de meia-idade? Abriria os braços para a sua mentira? — Deméter levantou a mão para silenciar os protestos de Lina. — Pouco importa que não tenha tido a intenção de enganá-lo. Você diz que eu não conheço Hades, mas todos os imortais sabem algo a respeito dele: o senhor dos Mortos preza a verdade acima de tudo. Como ele reagiria a esta farsa?

— Ele me ama!

— Hades ama Perséfone, a deusa da Primavera — falou Deméter com firmeza. — E, pense: como os espíritos do Submundo se sentiriam se soubessem que a deusa que tem trazido tanta alegria é apenas uma mortal disfarçada?

Lina ficou tensa.

— Isso os prejudicaria, sem dúvida.

— Claro que sim.

— Então não posso contar a ninguém.

— Não, filha. Não pode.

Lina fechou os olhos, e Deméter viu a mulher no corpo de Perséfone lutar para aceitar a dor causada por suas palavras.

— E lembre-se disto: quando voltar para o seu legítimo lugar, Perséfone vai considerar Hades apenas como mais um dos deuses com quem se divertiu. Não importa o que você acredita que tenha se passado entre vocês dois... E Hades, por fim, sentirá o mesmo. Ouça sua voz interior e se lembrará de que essa é apenas a maneira imortal de agir.

Quando Lina abriu os olhos, estava decidida.

— Voltarei ao Submundo para finalizar o meu trabalho, então. Disse que meu tempo está quase no fim?

Deméter aquiesceu em silêncio.

— ...Certo. Estarei pronta para partir no momento em que quiser.

— Eu sabia que você tinha sido uma escolha sábia, Carolina Francesca. — A imagem da deusa começou a se desvanecer. — Retorne com a minha bênção, filha — completou e se foi.

Lina se afastou do oráculo, e seus olhos deslizaram pela beleza do lago Averno sem realmente vê-lo.

Não chorou. Continuou muito quieta, como se a falta de movimento pudesse impedir que sentisse ainda mais dor.

Envolto na invisibilidade, Hades permaneceu na boca do túnel. Sua reação inicial ao ver Perséfone fora de alívio. Ela não o estava deixando; estava apenas consultando o oráculo da mãe. Ele não conseguia ouvir o que ela dizia, porém seu alívio foi logo substituído por preocupação. Perséfone estava visivelmente abalada. Parecia quase desesperada.

Por isso ela não lhe dissera que pretendia conversar com Deméter? Estava com medo da reação da mãe ao amor deles? Estaria tentando protegê-lo?

Perséfone sabia que, a seu modo, ele era um deus poderoso.

Mas, talvez, *ela* não o fosse. Era muito jovem, ainda que se comportasse com tanta maturidade que era fácil para ele esquecer sua juventude.

Sem dizer que ele se mantivera separado do restante dos imortais por muito tempo. Perséfone acreditava que ele poderia exercer seu poder apenas em seu próprio reino?

Observou seu belo rosto empalidecer. Deméter a estava magoando.

Uma onda de raiva brotou dentro dele.

Ainda usando o elmo da invisibilidade, caminhou até sua amada a tempo de ouvir a voz enérgica de Deméter derivar do oráculo:

— *E lembre-se disto: quando voltar para o seu legítimo lugar, Perséfone vai considerar Hades apenas como mais um dos deuses com quem se divertiu. Não importa o que você acredita que tenha se passado entre vocês dois... E Hades, por fim, sentirá o mesmo. Ouça sua voz interior e se lembrará de que essa é apenas a maneira imortal de agir.*

Hades parou. Tinha ouvido bem? Ele era apenas mais um Deus com quem ela havia se divertido?

Incrédulo, escutou a resposta de Perséfone:

— *Voltarei ao Submundo para finalizar o meu trabalho, então. Disse que meu tempo está quase no fim?*

Ele havia sido apenas uma missão para ela?

— *...Certo. Estarei pronta para partir no momento em que quiser.*

Perséfone queria deixá-lo!

Ainda invisível, Hades assistiu à deusa que ele amava se afastar do oráculo da mãe e olhar para longe. Seus olhos estavam secos, e o rosto parecia esculpido em pedra. Uma verdadeira estranha.

Não. Não podia acreditar. Ouvira apenas uma parte da conversa e devia ter entendido mal. Conhecia Perséfone. A *sua* Perséfone não ousaria ludibriá-lo.

Estava prestes a tirar o elmo de invisibilidade quando um ruído chamou sua atenção. Ele e Perséfone se viraram ao mesmo tempo para o deus que caminhava ao longo da margem do lago Averno.

O belo rosto de Apolo se iluminou com prazer, e seus lábios se curvaram em um caloroso sorriso de boas-vindas.

— Ah, Perséfone! Agrada-me ver que aceitou meu convite. Todos sabíamos que tempo

demais no Submundo faria a flor da primavera ansiar por sol novamente.

Com uma crescente sensação de dormência, Hades assistiu quando Apolo tomou o corpo dócil de Perséfone nos braços.

Incapaz de continuar assistindo à cena, o senhor do Submundo deu as costas para os dois amantes e, silenciosamente, retornou ao reino dos mortos.

CAPÍTULO 23

Não demorou muito para Apolo perceber que abraçar Perséfone era como abraçar um cadáver. Recuou, assim, e estudou o rosto pálido.

— O que há de errado? Mais problemas com Deméter?

Ela abanou a cabeça e, quando piscou, duas lágrimas perfeitas caíram de seus olhos e traçaram um caminho brilhante por seu rosto.

Ele ainda se perguntava se deveria beijá-la ou materializar-lhe uma bebida, quando um monstro negro surgiu do nada e meteu o corpanzil entre eles.

— Vá embora, sua besta! — gritou, cambaleando para trás na tentativa de não ir ao chão.

O garanhão virou-se e arreganhou os dentes amarelos.

— Está tudo bem, Órion! Apolo não vai me fazer nenhum mal.

A tristeza na voz de Perséfone tocou o deus da Luz, e ele a fitou por trás do cavalo negro, que a acariciava com o focinho. A deusa devolvia o afago distraidamente, e lágrimas escorriam por seu rosto, porém ela nem sequer tomou conhecimento destas.

— Órion, eu preciso falar com a sua senhora.

Com os olhos em chamas, o garanhão virou a cabeça, pronto para enfrentá-lo, contudo ele estendeu as mãos em um declarado gesto de paz.

— Quero apenas lhe oferecer ajuda!

Órion estudou o deus, então soprou forte pelo nariz e lambeu a face de Lina. Em seguida se afastou uns poucos metros do local onde estivera pastando, embora mantendo um olho negro fixo nele.

Apolo pegou o braço de Perséfone, levou-a até um banco esculpido em rocha, e a deusa se sentou. Em seguida, ele fez um movimento com a mão, e uma taça contendo um líquido claro apareceu de repente, em meio a uma chuva de faíscas.

— É água mineral — disse, ao vê-la hesitar. — Imagino que esteja precisando de um refresco.

— Obrigada — Lina respondeu, tensa.

A água estava fresca, e ela a bebeu com vontade.

Entretanto, esta não ajudou a preencher seu vazio.

Apolo sentou-se a seu lado.

— O que lhe causou tanta dor? — indagou, preocupado.

Ela continuou emudecida, e o deus pensou que não fosse obter nenhuma resposta. Então falou com uma voz tão cheia de desesperança que ele sentiu uma constrição no próprio peito.

— A minha própria tolice foi o que me causou tanta dor.

Apolo segurou sua mão.

— O que posso fazer para ajudar?

Ela o fitou, e o jovem deus sentiu como se pudesse enxergar-lhe a alma.

— Responda-me uma coisa... O que ama, o corpo ou o espírito?

Apolo sorriu e ensaiou responder de forma inteligente, mas logo descobriu que não podia. Mais uma vez, Perséfone o surpreendia com sua franqueza.

A deusa da Primavera não se afastara de seus pensamentos desde seu último encontro.

Entreolharam-se, e Apolo não pôde menosprezar a dor no rosto delicado. Respondeu

honestamente.

— Está fazendo essa pergunta ao deus errado, Perséfone. Como você bem sabe, tive muitas experiências com as vontades do corpo. Sinto desejo e o sacio. Mas, amor? A mais ilusória das emoções? Já testemunhei um guerreiro invicto cair de joelhos e atribuir mais poder a uma virgem do que ao próprio Hércules, mas não posso afirmar que já tenha experimentado esse sentimento. — Tocou-lhe o rosto, tristonho. — Ainda que olhar para você me faça pensar o contrário.

A claridade aumentou, sinalizando a chegada da aurora. Sua carruagem devia estar chegando, e seu tempo era curto, refletiu o deus.

Percebeu, no entanto, que, embora estivesse próximo de Perséfone, dando-lhe seu conforto e demonstrando sua compaixão, ela nem sequer olhava para ele. Tinha os olhos fixos na entrada do túnel que levava ao domínio do deus do Submundo.

Deixou cair a mão, estarrecido.

— Você ama Hades! — exclamou, sem se preocupar em esconder a surpresa na voz.

Os olhos de Perséfone se voltaram para os dele.

— Por que está assim, tão chocado? Porque sou a primavera e ele é a morte? Ou porque imortais não sabem como amar?

— Não creio que isso seja possível.

— Provavelmente não é. — A raiva na voz dela se foi, e o desespero voltou. Lina se pôs de pé. — Órion!

Numa velocidade sobrenatural, o garanhão se deslocou para seu lado. Sem mais palavras, ela montou o cavalo e o cutucou com os calcanhares nas laterais.

Órion saltou para a frente, deixando o deus da Luz olhando, boquiaberto, para a nuvem de poeira que se levantava de seus cascos de ferro.

— Perséfone e Hades? Como pode ser isso? — murmurou, perplexo.

Hades encontrava-se na ferraria. Após alimentar o fogo a um nível quase insuportável, despiu-se, ficando apenas com a tanga de linho. Não trabalharia em uma ferradura. Isso não o satisfaria. Precisava de algo mais, precisava fazer algo maior.

Forjaria um escudo com os mais fortes metais, decidiu. Algo que pudesse proteger um corpo, se não uma alma.

Atiçou as brasas, até que estas chiaram num calor escaldante. Então enfiou nelas uma folha disforme de metal bruto e a puxou para fora quando esta zuniu quase de pronto.

Em seguida, passou a bater nela com vontade.

Trabalhou sem parar. Seus ombros doíam e seus golpes lhe percorriam dolorosamente o corpo, ainda que não pudessem livrar sua alma da dor.

Ele não podia culpá-la. Perséfone era apenas uma jovem deusa. Ele era quem devia ter pensado melhor.

Tinha sido uma atitude sábia de sua parte se separar dos demais imortais. Perséfone apenas o ajudara a provar isso.

Sua decisão se mostrara a mais acertada por eras... Ele agira como um tolo ao se desviar dela.

Sentiu a presença da deusa no momento em que ela entrou na ferraria e se perguntou se ele sempre saberia quando ela se aproximasse. Como sua alma podia continuar ligada à dela se Perséfone não o amava?

Tal detalhe merecia consideração.

Mais tarde, contudo. Quando estivesse sozinho novamente. No momento em que pudesse pensar nela sem sentir aquele desejo cruel.

Precisava acabar com aquilo naquele instante. Tinha que readotar seus antigos métodos antes que se humilhasse ainda mais.

E antes que ela lhe causasse uma dor irreparável.

— Não imagina o quanto é lindo quando trabalha na ferraria.

Quando Perséfone entrou, ele havia parado de bater metal contra metal, e sua voz delicada soou alta demais no silêncio. Hades não conseguiu se obrigar a falar.

— Hades? — Lina engoliu em seco e continuou, mesmo sem que ele respondesse. — Eu adoraria conhecer o restante de Elísia hoje. Quer me acompanhar?

Ah, a voz de Perséfone! Era tão jovem e doce.

Por um momento, ele sentiu sua determinação fraquejar.

Então se lembrou da facilidade com que ela se deixara ficar nos braços de Apolo.

Quando se virou lentamente para encará-la, Perséfone não o fitou nos olhos, e Hades sentiu um pouco mais da alma se dissolvendo.

— Temo que nossos passeios tenham chegado ao fim. Como pode ver, há trabalhos a ser concluídos.

Lina sentiu o estômago revirar. O homem que se afastara da forja para falar com ela não era seu amante. Era o deus frio e imperioso que ela havia conhecido assim que chegara ao Submundo.

Não, concluiu, ao estudá-lo com mais cuidado. Sua impressão inicial estava errada. Hades já nem lhe era familiar.

— Pensei que gostasse de me falar sobre o seu reino — murmurou num tom vazio.

Ele riu, contudo o riso não tinha nenhum calor, e seus olhos se mostraram frios e ilegíveis.

— Perséfone, é melhor pararmos com esse...

— Mas, na noite passada... — ela o interrompeu, sacudindo a cabeça. — Não compreendo.

O choque no rosto da deusa o dilacerou. Era tudo fingimento!

Hades quis gritar sua dor, mas preferiu arremessar o martelo pela ferraria com fúria. Quando este caiu, faíscas explodiram por todos os lados, e o chão abaixo deles tremeu.

— Silêncio! — ele trovejou, os olhos também faiscando. — Eu sou o senhor dos Mortos, e não um humilde professor!

Lina sentiu o sangue se esvaír da face.

— Então, todo esse tempo você apenas fingiu...

— NÃO ME VENHA FALAR DE FINGIMENTO! — As paredes da ferraria vibraram com a ira do deus.

Antes que ele destruísse a câmara em que estavam, contudo, Hades tratou de pôr a raiva sob controle.

— Não estive de férias por aqui, brincando de rainha dos Mortos, Perséfone? — indagou, cheio de sarcasmo. — Você pode ser jovem, mas nós dois sabemos que está longe de ser inexperiente. — Desta vez, seu riso foi frio e cruel. — Sim, nossas *aulas* foram divertidas, mas deve compreender que já é tempo de pormos fim a esta farsa. Como pressinto que a sua visita também está chegando ao fim, nosso *timing* foi perfeito. Infelizmente, permiti que nosso flerte tomasse muito do tempo reservado aos meus deveres. Se não pudermos nos falar de

novo antes que parta, deixe-me desejar uma agradável viagem de volta à Terra dos Vivos. Quem sabe ainda volte ao Submundo um dia? Ou talvez não. — Ele encolheu os ombros com indiferença e, em seguida, deu-lhe as costas, fazendo o pulso tremer com outra martelada, e retomou o ritmo da forja. Não tinha necessidade de vê-la sair.

Logo o suor lhe pingou do rosto, mesclando-se a lágrimas silenciosas, e, ainda assim, Hades continuou batendo contra o metal em silêncio, até que a dor em seus braços refletiu a dor em sua alma.

— Eu não pertença a este mundo. — Lina sentiu como se seus lábios não contivessem uma só gota de sangue, e expressou o pensamento em voz alta para se assegurar de que estes ainda poderiam emitir palavras. Não lhe fez nenhum bem dizer a si própria que Deméter estava certa, que o tratamento que Hades lhe dispensara era a norma entre os imortais. Ela não era uma deusa, portanto era sua alma mortal que sofria.

Sua alma mortal não conseguia entender.

Deixou a ferraria sem se importar para onde seus pés a levavam. Queria apenas ir para longe dali.

Contornou os estábulos e passou, apressada, entre as fileiras de arbustos ornamentais, mas, em vez de se manter nos caminhos dos jardins de Hades, mergulhou na floresta que o margeava. A despeito do turbilhão de pensamentos, percebeu que refazia o caminho para o prado dos pirilampos, e imediatamente mudou de direção, a mente repelindo as doces lembranças daquela noite. Não suportaria ir até lá.

Mal reparou nos espíritos dos mortos, pouco depois, vendo-os como imagens vagas e distantes que sussurraram seu nome. Seus olhos continuavam embaçados pelas lágrimas não derramadas.

Lina se percebeu grata por nenhuma das almas ter se aproximado. Não estava em condições de agir como sua senhora naquele momento.

Quando passou, os mortos silenciaram. Algo estava errado com Perséfone. Seu rosto tinha perdido a cor, seus olhos estavam vidrados, e ela não parecia capaz de ouvi-los.

E a deusa se movia com os passos entorpecidos daqueles que haviam acabado de morrer. A preocupação com sua senhora começou a se espalhar por toda Elísia.

Lina continuou andando.

Ficaria bem. Tudo daria certo. O tempo faria com que não doesse tanto.

As três frases eram uma antiga ladainha familiar. Tornaram-se o seu mantra quando o marido a deixara por uma mulher mais jovem, mais perfeita, que poderia lhe dar filhos. Apenas estas a tinham ajudado em meio aos sonhos destruídos e as noites insones. Também a mantiveram inteira após a série de relacionamentos decepcionantes por que passara mais tarde. E a haviam acalmado quando ela percebera que, provavelmente, nunca amaria outra vez.

Ficaria bem. Tudo daria certo. O tempo faria com que não doesse tanto.

Uma brisa travessa trouxe consigo o perfume inebriante dos narcisos, e Lina estremeceu, recuando ao avistar um leito dessas flores à sua frente. Mudou de rumo, contornando-o e escolhendo o caminho que menos narcisos apresentava.

Levou a mão ao peito, onde a flor de ametista pendia da corrente de prata. O que aquele presente havia significado? Não era um símbolo do amor de Hades. Seu discurso na ferraria tinha deixado isso dolorosamente claro.

Piscou, aflita. Em sua mente ainda ouvia o eco da indiferença em suas palavras. Acariciou o contorno bem trabalhado do narciso de pedra.

Um pagamento pelos serviços prestados. Era isso.

Hades, uma espécie diferente de deus?

Sua risada saiu como um soluço.

Fechou a mão sobre a joia e a puxou, arrebatando a corrente delicada.

— Deméter estava certa. Eu devia saber. — Arremessou o colar ao chão e continuou andando sem olhar para trás.

Ficaria bem. Tudo daria certo. O tempo faria com que não doesse tanto.

Lina só percebeu que a paisagem começou a mudar quando sentiu alívio por não ter de evitar mais os narcisos. Também havia menos espíritos flutuando em sua visão periférica, o que a fez relaxar. Notou vagamente que estava ficando mais escuro, porém as árvores eram muito altas e densas. Elas poderiam facilmente estar bloqueando a luz do céu aquarelado do Submundo.

E ela andara por um bom tempo. Ou assim imaginava.

Mas não se sentia cansada. Na verdade, não sentia coisa alguma.

O pensamento quase a fez sorrir. Deméter não precisava ter se preocupado. Os deuses subestimavam a resistência do espírito mortal.

Era melhor começar a voltar para o palácio. Eurídice devia estar esperando para lhe mostrar os desenhos. Ela desfrutaria da companhia da pequena alma e depois tomaria um longo banho.

Não um banho com a água dos cântaros, lembrou, tratando de afastar o pensamento. Apenas um longo e relaxante banho de imersão.

Pelo tempo que lhe restava no Submundo, podia muito bem evitar Hades. Isso não deveria ser muito difícil. Ele mesmo havia deixado bem claro que se encontrava muito ocupado para se preocupar com ela. Dessa forma, em vez de suspirar pelo deus, ela passaria algum tempo com Eurídice e seria franca com a moça sobre a natureza temporária de sua visita. Também avisaria a pequena alma para ter cuidado com aquela paixão por Iapis. Ele parecia confiável, mas, assim fora com...

Bloqueou o restante do pensamento. Montaria Órion e deixaria que os espíritos em Elísia vissem a deusa da Primavera uma última vez.

Precisava ter todo o cuidado com eles, também. Eles tinham o direito de saber que sua visita era apenas passageira. Poderia dizer que Perséfone continuaria a cuidar deles do Mundo Superior, e, depois, só poderia torcer para que a verdadeira deusa da Primavera cumprisse com sua palavra.

Estabelecer um curso de ação a fez sentir-se bem. Havia estado tão preocupada em fazer isso que nem percebeu ter alcançado a margem da floresta, até que tropeçou em uma das árvores.

Confusa, olhou ao redor, tentando entender onde estava. As árvores terminaram, assim como a grama e a vegetação. A terra ali era estéril e o solo cor de canela, trincado pela erosão. Bem à sua frente, contrastando com a treva ao fundo, avistou a silhueta flamejante de um rio de labaredas.

Lina interrompeu a respiração. O Tártaro! Ela havia tropeçado na borda do inferno!

Vire-se! Refaça seu caminho!

Sua mente sabia que aquela era a coisa mais lógica a fazer, porém seu corpo não a obedeceu.

Foi então que ouviu os sussurros vindos da escuridão além do rio de fogo. Como tentáculos nascidos do ódio, eles a chamaram, tecendo uma rede de lembranças sombrias: cada erro que cometera, cada mentira que tinha contado, todas as vezes em que suas palavras ou atitudes haviam ferido os outros.

Sua alma mortal se encolheu. Lina deixou escapar um choramingo e cambaleou sob o peso de seus próprios erros, caindo de joelhos.

Uma escuridão densa brotou da margem do rio em chamas e a lambeu como gavinhas de ódio. Ela não era uma deusa. Era uma mortal de meia-idade, comum na aparência e uma piada nos relacionamentos. Nenhum homem a amava. Por que amaria? Ela não podia nem mesmo ter filhos. Fora uma fracasso como mulher e como esposa. Ficar sozinha era o que ela merecia.

Lentamente, sua alma começou a se separar do corpo de Perséfone, e Lina sentiu-se desintegrar.

— Hades, você tem que vir! — Iapis precisou gritar em meio aos incessantes golpes para ganhar a atenção do deus.

Este se endireitou e limpou o suor do rosto.

— Seja lá o que for, terá que lidar sozinho. Não quero ser incomodado.

— São os mortos. Estão pedindo para falar com você.

A expressão de Hades se tornou sombria e perigosa.

— Eles poderão falar com seu deus no momento em que eu estiver deliberando.

— Não acredito que vá querer esperar pela hora das petições para ouvir o que eles têm a dizer — Iapis insistiu.

— Deixe-me em paz! O que eles têm a dizer não me interessa hoje — ele rosnou.

Sem se abalar com a explosão do deus, Iapis o fitou nos olhos.

— Eles estão dizendo que há algo errado com Perséfone.

Hades continuava vestindo a túnica quando irrompeu da ferraria, mas a cena diante dele o fez parar. Espalhada por todos os níveis de seu paradisíaco jardim estava uma infinidade de almas. Permaneciam em silêncio, lado a lado: moças, virgens, mães de família, mulheres de meia-idade e anciãs.

Uma senhora e uma virgem que Hades reconheceu como uma das que tinha dançado com Perséfone no prado se distanciaram do grupo e se aproximaram dele, fazendo uma profunda reverência.

A mulher mais velha falou primeiro:

— Grande Deus, viemos até o senhor por conta do nosso amor à deusa da Primavera. Algo está errado. A deusa não é mais ela mesma.

— Nós a vimos caminhando pela floresta — contou a mais moça. — Chamamos por ela, no entanto Perséfone não nos ouviu, nem viu.

— Era como se estivesse morta — emendou a velha.

O medo cravou um punhal no coração de Hades.

— Onde ela estava na última vez em que a viram?

— Ali... — As duas mulheres se viraram para apontar o Tártaro.

— Selem Órion! — Ele ordenou com uma voz que chegou aos estábulos.

Então fechou os olhos e respirou profundamente, tentando se acalmar. Bloqueou as vozes

dos mortos e concentrou todo o seu ser em Perséfone.

Não demorou a encontrar o elo que unia suas almas. O elo que o avisara de sua presença na ferraria e que, depois, sinalizara o momento em que ela havia partido.

Mas era como um fio cortado. Sua conexão fora prejudicada.

O medo cresceu dentro dele.

— Traga o Cérbero — ordenou a Iapís.

O daimon acenou com um gesto de cabeça e desapareceu.

Hades se voltou para os espíritos das mulheres.

— Fizeram bem em ter vindo até mim.

A velha e a virgem inclinaram as cabeças, assim como a horda de espíritos atrás delas.

Hades buscou um rosto em meio à multidão que o cercava.

— Eurídice! Traga-me uma peça do vestuário de Perséfone. Algo que ela tenha usado recentemente.

Em vez de obedecê-lo de imediato, a pequena alma se aproximou. Seus olhos se encontraram, e Hades sentiu o leve toque de sua mão no braço.

— Precisa trazê-la de volta para nós, Hades — falou, com voz entrecortada.

— Eu trarei — ele prometeu e, em seguida, marchou para o estábulo.

Órion mergulhou na floresta, galopando no encalço do Cérbero. O cão de três cabeças caçava em silêncio, seguindo o cheiro de sua senhora.

Hades sentiu as mãos úmidas de suor e tratou de segurar as rédeas do cavalo com mais força. O garanhão não precisou de estímulo para permanecer na trilha do cão, o qual os conduziu inexoravelmente na direção do reino sombrio do Tártaro.

Os pensamentos fervilharam na cabeça de Hades. Ele devia ter magoado Perséfone além da conta se a fizera rumar para as trevas... Mas não tivera a intenção de fazê-lo. Sua dor e ciúme haviam feito com que se esquecesse do quanto ela era jovem. Perséfone não fazia ideia do lugar para onde estava se dirigindo. E nem mesmo sendo uma deusa estaria protegida do desespero que reinava no Tártaro.

Apavorado, ele tentou se lembrar se ela usava o narciso de ametista quando ele a vira pela última vez.

Sim, tinha quase certeza.

Uma ponta de alívio abrandou seu pânico. A ametista ajudaria a protegê-la. Era uma joia poderosa que ele produzira especificamente para ela. Suas propriedades protetoras eram vastas.

Tentou não imaginar o que poderia estar acontecendo com Perséfone. Como deus do Submundo, conhecia muito bem os horrores do Tártaro, a morada eterna dos condenados. Apenas as almas dos mortais que haviam abraçado as trevas eram levadas para aquela região. Ele odiava aquilo, mas reconhecia a necessidade de haver um lugar que abrigasse o mal imutável.

E sua amada tinha ido justamente para lá.

Órion parou ao lado do Cérbero. O cão farejava em meio a folhas secas e arranhava algo que cintilava como prata na penumbra.

Hades desmontou e apanhou o objeto. Era o colar de ametista de Perséfone! Ela estava sem nenhum talismã para protegê-la.

— Mais rápido, Cérbero! — ordenou, nervoso.

O cão redobrou seus esforços, e Órion respondeu no mesmo ritmo, atravessando a floresta. De súbito, o Cérbero parou à margem do Flegetonte. Começou a uivar desesperadamente, e todas as três cabeças passaram a cutucar algo que Hades imaginou ser um animal morto.

O relinchar estridente de Órion cortou o ar, e ele partiu num galope até a ribanceira do rio de sangue fervente.

Quando o cavalo estacou, Hades reconheceu o corpo.

— Não! — Saltou do lombo de Órion e empurrou de lado o corpo maciço do Cérbero. Era Perséfone caída sobre a terra rachada. Tinha os braços em torno das pernas e os joelhos pressionados contra o peito numa posição curvada e rígida. Seus olhos estavam abertos, entretanto suas pupilas encontravam-se totalmente dilatadas, e ela olhava, sem ver, a escuridão além do rio flamejante.

Hades seguiu seu olhar. A negritude do Tártaro refluía das margens do rio. Olhou para baixo e viu que as garras das trevas haviam serpenteado do Flegetonte até encharcar o solo ao redor da deusa.

A fúria pulsou por todo seu corpo. Rapidamente, ele se abaixou e amarrou a corrente quebrada em volta do pescoço frágil de Perséfone. No mesmo momento, o narciso de ametista começou a brilhar.

Então o deus levantou os braços, e o ar ao seu redor começou a girar.

Em uma voz amplificada pela raiva e pelo amor, Hades ordenou às garras das trevas:

— Fora! Não têm o direito de prejudicar esta deusa!

As gavinhas escuras estremeceram, contudo não soltaram Perséfone.

— Sou eu, Hades, o senhor dos Mortos, quem está ordenando! Não toquem nela! —rugiu, lançando todo o seu extraordinário poder contra as garras malignas.

As trevas recuaram e, com um som sibilante, se dissiparam como um ladrão se escondendo na noite.

Hades caiu de joelhos ao lado de Perséfone. Agarrou o corpo rígido da deusa pelos ombros e o virou para si.

— Perséfone!

Ela não respondeu. Continuou com o olhar vidrado para a escuridão além do Flegetonte. Tinha o rosto pálido, a pele fria ao toque, e estava ofegante como se com dificuldades para respirar.

— Acabou. Nada pode ameaçá-la agora. Olhe para mim, Perséfone!

Ainda assim, ela não reconheceu sua presença.

— Perséfone! Tem que me escutar. — Hades a sacudiu até que sua cabeça chacoalhasse e o Cérbero uivasse, exprimindo sua angústia.

Os lábios da deusa finalmente se moveram.

— Isso mesmo! Fale comigo! — Hades gritou.

— Muitos... erros. Não posso... — A voz dela falhou, e suas palavras se tornaram inaudíveis.

— Não pode o quê? — ele implorou, sacudindo-a outra vez.

— Não consigo encontrar meu caminho... Meu corpo não está aqui. Eu desapareci.

O vazio em sua voz o aterrorizou. O rosto de Perséfone estava branco, e seus olhos continuavam vidrados. A Perséfone que ele conhecia não estava lá. Era como se um eco de seu espírito estivesse falando através de uma concha.

De repente, nada mais importava para Hades exceto trazê-la de volta. Não se importava se a deusa pensava nele apenas como uma missão que a mãe a encarregara de cumprir. Não se importava que Apolo fosse seu amante. Não se importava que ela fosse deixá-lo.

Preocupava-se apenas que ela voltasse a ser a mesma de antes.

Cobriu o rosto frio com ambas as mãos.

— Seu caminho é este... Deve voltar para aqueles que a amam.

Perséfone piscou.

— Volte para nós, minha amada! Volte para mim...

Ela respirou profundamente, e Hades a viu levantar a mão para agarrar o narciso de ametista.

Então piscou outra vez e se esforçou para focar seu rosto.

— Hades — balbuciou com voz fraca.

Com uma exclamação de alívio, ele a puxou para os braços.

— Sim, querida! Sou eu, Hades, o deus arrogante e tolo que a ama!

— ...Leve-me daqui — ela falou chorando, e mergulhou o rosto em seu peito.

CAPÍTULO 24

As mulheres assistiram em silêncio enquanto o senhor dos Mortos carregava sua deusa para o palácio. Embora sua expressão fosse sombria, Perséfone passara os braços pelos ombros largos e tinha o rosto pressionado em seu pescoço.

Uma onda de alívio varreu os espíritos. Ela voltaria a ser a mesma. O amor do deus lhes asseguraria isso.

Tal como o sussurro do vento nos galhos de salgueiro, o burburinho das almas foi cessando conforme estas deixavam as cercanias do palácio.

— Eurídice! — Hades chamou assim que entrou na gigantesca construção.

O espírito se materializou no mesmo instante, tendo Iapis a seu lado.

— Prepare um banho bem quente para a deusa.

— Sim, senhor — ela assentiu e desapareceu.

Iapis acompanhou Hades.

— O que posso fazer?

— Vá até Baco. Diga-lhe que necessito do seu vinho mais potente. Algo que acalme a alma de uma deusa — ele instruiu, tenso.

— Agora mesmo, senhor. — Antes de desaparecer, porém, o daimon tocou a cabeça de Perséfone. — Fique bem, minha senhora — sussurrou e foi embora.

Hades carregou Perséfone direto para o quarto. Um vapor perfumado já escapava da sala de banho e, ao adentrar a névoa úmida, ele encontrou Eurídice correndo em volta, puxando grossas toalhas das prateleiras e escolhendo esponjas macias.

Havia uma poltrona acolchoada perto da parede espelhada e, relutante, Hades colocou nela sua deusa. Os braços de Perséfone deslizaram, inertes, de seus ombros e ela permaneceu sentada e muito quieta, os olhos fechados.

Ele se ajoelhou a seu lado.

— Perséfone? Está em casa agora — falou baixinho.

Um tremor passou pelo corpo de Lina.

— Pode me ouvir, minha amada?

Ela abriu os olhos e o fitou.

— Posso — respondeu com voz inexpressiva.

— Sabe onde está?

— ... Em seu palácio?

— Sim — Hades sorriu, encorajador, ignorando o tom abatido em sua voz.

Iapis se materializou na sala de banho, segurando uma garrafa de cristal cheia de um vinho tinto e uma taça. Serviu a bebida, e um aroma inebriante derivou do vidro: cheirava a uvas e prados, a trigo maduro e noites de verão sob a lua cheia.

Iapis ofereceu a taça a Perséfone.

— Beba, senhora. Isto a reanimará.

Lina tentou segurar a taça, porém sua mão tremia tanto que ela quase a deixou cair. Hades cobriu-lhe a mão com a sua, levando o vinho a seus lábios.

Ela bebeu com vontade, e a magia da bebida dos imortais começou a aquecê-la quase no mesmo instante. Logo, o tremor em suas mãos se acalmou, e ela pôde beber sem a ajuda do

deus.

— Pode ir, senhor — orientou Eurídice, assumindo o comando. — A deusa necessita de privacidade para se banhar.

Hades se pôs de pé, contudo hesitou em sair da sala.

— Meu senhor, eu o chamarei quando ela estiver pronta... — garantiu o espírito.

Ele ainda titubeava.

— Ficarei por perto, Perséfone.

A deusa ergueu o olhar.

— Não precisa se preocupar. Estou de volta — disse num murmúrio.

A despeito de seu tom inexpressivo, Hades acenou com um gesto de cabeça e, relutante, saiu da sala com Iapis.

Hades andava de um lado para o outro no corredor, do lado de fora dos aposentos de Perséfone. Quanto tempo ela levaria para se banhar? Eurídice nunca a chamaria? Teve vontade de invadir o quarto e ordenar que a pequena alma saísse. Dessa forma, poderia fazer a deusa ouvi-lo. Perséfone tinha de escutar suas desculpas... Ele era um idiota, um imaturo, um tolo ciumento.

Suspirou. Ela o conhecia. Não deveria ser tão difícil fazê-la acreditar que ele cometera um terrível erro.

A porta se abriu, e Eurídice saiu para o corredor, fechando-a delicadamente.

— Como ela está? — Hades indagou, ansioso.

O espírito fitou o deus nos olhos antes de responder. Quando o fez, parecia muito mais velha do que seus poucos anos.

— Muito combalida, senhor.

Hades passou a mão pelo cabelo.

— Sou eu o responsável.

— Creio que sim — confirmou a moça simplesmente.

Ele assentiu com vigor e virou-se para a porta. A mão pálida de Eurídice o impediu, contudo.

— Seja paciente. Trate-a com cuidado. É difícil para uma mulher amar de novo após ter sido ferida.

Iapis se materializou ao lado da pequena alma. Envolveu-a nos braços, e Eurídice recostou-se nele.

— É difícil para uma mulher amar outra vez depois de ter sido ferida, mas não impossível, senhor — corrigiu o daimon.

Hades os viu se afastar lentamente. Formavam um bonito casal.

Voltou-se para a porta, respirou fundo e entrou nos aposentos de Perséfone.

A deusa vestia uma camisola de seda pura, da cor da luz das velas, e encontrava-se encolhida na espreguiçadeira em frente às janelas altas. Parte das cortinas de veludo tinha sido puxada, e Perséfone parecia estudar os jardins mergulhados na noite enquanto saboreava o vinho de Baco.

— Seus jardins são realmente muito bonitos — falou sem olhar para ele.

Hades atravessou o cômodo e parou ao lado da *chaise longue*.

— Obrigado. Fico contente por gostar deles.

As palavras soaram inadequadas. Ele não queria uma conversa inconsequente, mas Eurídice

o advertira para ser paciente e cuidadoso, e assim ele seria.

Por outro lado, também necessitava abrir seu coração.

Sentou-se a seu lado no divã.

— Perdoe-me, por favor. Sou mesmo um tolo.

Ela se virou para encará-lo em silêncio.

— Eu sabia que ia me deixar, então quis romper tudo primeiro — confessou o deus. — Imaginei que isso pudesse amainar minha dor. Pensei que eu pudesse voltar a ser como era antes de amar você... mas estava errado. Fui egoísta. Não pensei nos seus sentimentos. Como um monstro velho e solitário, pensei apenas em mim mesmo.

Lina ergueu a mão para impedi-lo de continuar.

— Não diga mais nada. Você é um deus e agiu como tal.

— Não! — Hades agarrou sua mão. — Não sou como os outros. Tudo o que eu disse na ferraria era mentira. Eu estava com raiva, ferido... É difícil para mim entender que pode ficar comigo e ao mesmo tempo com Apolo. Eu... — Ele vacilou. — Eu é que não estou acostumado a escolher e descartar amantes como fazem os imortais.

— Hades, Apolo não é meu amante.

O deus estudou seu rosto.

— Mas eu o vi tomá-la nos braços.

Lina piscou, surpresa.

— Estava lá?

— Eu a segui. Ouvi Deméter lembrá-la da maneira como os imortais amam, em seguida vi Apolo abraçá-la.

— Se tivesse permanecido lá um pouco mais, então, teria visto que isso foi tudo o que aconteceu. Eu não quero Apolo, Hades. Se o que Deméter me disse não houvesse me aborrecido tanto, eu nunca teria me deixado abraçar.

Hades passou a mão pela testa.

— Não deseja Apolo?

— Não.

Ele abaixou a cabeça.

— Então a dor que lhe causei foi realmente sem razão. Não sei se pode me perdoar, mas, por favor, acredite em mim quando digo que eu a amo, Perséfone.

Lina desviou o olhar para longe dele.

— Você não me ama, Hades... Ama o que *pensa* que eu sou. Na verdade, não me conhece.

— Como pode dizer uma coisa dessas? — Ele a segurou pelo queixo e a obrigou a fitá-lo.

— Você ama a deusa. Não a mulher dentro dela.

— Está errada, Perséfone. Mas deixe-me dizer o que eu amo em você, então poderá decidir por si mesma... Eu amo a sua curiosidade sobre tudo. Amo o modo como vê com novos olhos o meu reino. Amo o seu senso de humor, sua bondade e honestidade. Amo sua paixão desenfreada, a maneira como encanta os animais. Amo a sua lealdade. Gosto mais ainda da sua teimosia, pois foi graças a ela que um velho deus não ficou trancado na armadilha da solidão.

Lágrimas caíram dos olhos de Perséfone, e Hades as enxugou com delicadeza.

— Agora me diga... o que eu amo? A deusa ou sua alma?

— Mas não me conhece... não pode conhecer realmente — ela falou com voz entrecortada.

— Sei apenas que sinto a sua presença antes mesmo de vê-la. Alguma coisa aconteceu comigo, e isso pouco tem a ver com o lado físico. Pela primeira vez em uma eternidade, compreendo por que almas gêmeas não podem ser separadas nem mesmo após a morte. É porque seus corações batem em conjunto. Enquanto eu esperava aí, do lado de fora, podia sentir seu coração partindo. Deixe-me curá-lo, Perséfone. Quando eu o fizer, estarei curando o meu próprio.

— É possível que ame a minha alma? — Lina perguntou num sussurro.

Hades sorriu para ela ao sentir o medo dentro dele começar a se dissipar.

— A morte está completamente enamorada da primavera. Se isso é possível, então tudo o mais o é, minha amada.

Ela se deixou abraçar e suas bocas se encontraram. Hades pretendia que o beijo fosse suave e tranquilizador, mas Perséfone abriu os lábios e se espremeu contra ele, pedindo mais.

Seu desejo por ela aflorou, e ele gemeu seu nome conforme esmagava o corpo seminu contra o peito.

— Faça amor comigo! — ela falou, ofegante. — Preciso sentir você dentro de mim.

Hades a ergueu nos braços e a levou para a cama, mas, quando começou a se despir, Perséfone o deteve.

— Deixe-me fazer isso — pediu, rouca.

Sentou-se na beirada da cama, e Hades ficou diante dela, forçando as mãos a permanecer dos lados enquanto ela o desnudava. Estava usando uma versão mais curta de suas volumosas vestes, e ela despiu lentamente a roupa de seu corpo musculoso. Deslizou as mãos por seu peito, sentindo a pele quente e lisa, então se curvou, substituindo as mãos pela boca ao beijá-lo no abdômen.

Hades prendeu a respiração com a sensação da língua úmida sobre a pele, porém Lina não se fartou dele. Sentia-se como se tivesse sido despertada da morte e precisava de sua paixão, de seu amor, de seu toque para mantê-la ancorada ali, a seu lado.

Soltou a tanga e a fez deslizar pelos quadris estreitos. Então acariciou o membro rijo nas mãos frias, o tempo todo movendo a boca lentamente mais para baixo.

Quando o engoliu, o corpo de Hades sacudiu num espasmo e oscilou.

— Sua boca é como uma armadilha de seda! — gemeu, crente que seus joelhos cederiam a qualquer momento.

Após um tempo, Lina recuou, por fim, e mirou os olhos escuros.

— Quer ser livre?

Ele a ergueu nos braços e a segurou firmemente contra o corpo.

— Nunca! — sussurrou em meio aos cabelos longos. — Nunca, minha amada.

Lina o puxou para a cama. Enquanto o acariciava, Hades explorou todos os seus recantos. A camisola era tão fina que ela se sentia como se envolvida em uma névoa. Ele encontrou seu mamilo e o provocou, sugando-o através do tecido transparente. Lembrou-se dos toques que ela afirmara lhe dar prazer e, desta vez, não precisou que Perséfone guiasse sua mão.

E ela reagiu como se eles tivessem sido amantes durante séculos.

De repente, sentou-se e se livrou da camisola. Quando Hades fez menção de tomá-la de volta nos braços, ela o impediu.

— O que foi, querida?

— Quero que faça algo para mim.

— Qualquer coisa.

— Quero que faça amor comigo com os olhos fechados. Finja que não pode ver o meu corpo. — Ela o fitou, procurando por uma resposta. — Consegue fazer amor comigo sem olhar para mim?

Ele sorriu e fechou os olhos. Sem nada enxergar, abriu os braços para ela, e Lina se deixou perder neles.

Cercado por seu aroma e toque, Hades vagou por um mundo de sensações. Sem ver Perséfone, teve que prestar mais atenção a seus pequenos sons e seguir o movimento de seus quadris e corpo. Quando sua respiração se acelerou, e o nome dele escapou de seus lábios num suspiro, não precisou enxergar seu rosto corado para saber que estava lhe proporcionando prazer. Sentia o desejo dela na alma e respondia com carícia após carícia.

Quando finalmente preencheu seu corpo, eles se moveram juntos, em um ritmo antigo que não precisava de visão ou de sons... apenas de sentimentos.

Pouco mais tarde, Lina se aninhou junto a Hades, a cabeça encostada em seu ombro. Ele não sabia ainda, mas a ajudara a tomar sua decisão, e, agora que ela havia feito isso, sentia-se em paz. Sobreviveria a qualquer coisa que acontecesse em seguida. Nada poderia ser tão terrível quanto o vazio negro do Tártaro.

Com a ajuda de Hades, tinha se livrado daquele último pesadelo e agora precisava se livrar das mentiras que restavam em sua vida. Não estava mais disposta a esconder a verdade dele. Não importava mais a raiva de Deméter... ela contaria tudo. Hades merecia saber, pois a amava com a alma.

— Hades, preciso lhe dizer algo.

O deus sorriu.

— Posso ficar de olhos abertos agora?

Lina riu baixinho.

— Sim.

Sentou-se de frente para ele, o lençol de seda enrolado no corpo nu. Hades apanhou alguns travesseiros da cama em desalinho e se apoiou confortavelmente contra a cabeceira estofada. Ergueu as sobrancelhas escuras, curioso.

— Eu não queria ir para o Tártaro. Foi um acidente. Fiquei apavorada ao perceber onde estava, mas era tarde demais.

Ele franziu o cenho. E só de pensar o quanto Perséfone estivera perto de perder a alma, sentiu o estômago se apertar.

— Eu sei, meu anjo. Nem precisava me explicar isso. A culpa foi minha. Se eu não a tivesse magoado...

— Sshh... — Ela se inclinou para a frente e pressionou um dedo contra seus lábios. — Deixe-me terminar.

O deus pareceu pouco à vontade, mas ficou em silêncio.

— Foi terrível lá. — Ela estremeceu. — Foi como se o Tártaro me chamasse... Sabia coisas sobre mim: cada coisa ruim que já fiz na vida, e até mesmo as que pensei em fazer. Isso me levou a sucumbir. Podia sentir a captura da minha alma, e não havia nada que eu pudesse fazer. — Pegou a mão de Hades e entrelaçou os dedos nos dele. — Foi então que o ouvi... Você me chamou de volta. *A mim*, Hades. A alma que existe dentro do meu corpo.

— Eu tinha que tê-la de volta. Eu a amo.

— Eu também o amo. Mas precisa saber mais do que isso. Não sou quem você pensa... Não sou...

— *Basta, Perséfone!* — A voz de Deméter a interrompeu. — Seu tempo aqui acabou. Precisa voltar.

Consternado, Hades deixou a cama de um salto. Sem pensar na própria nudez, encarou a deusa que se materializou bem no meio do quarto de sua amada.

— O que pretende com essa intrusão, Deméter? — desafiou-a, irritado. — Este não é o seu reino. Não tem o direito de interferir aqui.

— Está brincando com minha filha, senhor do Submundo, e vim para buscá-la. Sou sua mãe. Esse é todo o direito de que preciso.

— Você não é minha mãe! — Lina pronunciou as palavras pausadamente, de maneira que não restasse dúvida sobre o que estava dizendo. Pôs-se ao lado de Hades, segurando o lençol sobre os seios.

Deméter suspirou.

— Não me venha com esses joguetes infantis, filha. Sua aventura terminou. Já é tempo de voltar à realidade.

— Sei que não posso ficar, mas não irei embora sem dizer a verdade a Hades. Ele merece saber. Ele me ama.

— Está sendo tola como uma criança! — replicou Deméter.

— Sabe muito bem que estou longe de ser uma criança. Deixe-me dizer, de uma vez por todas: não sou nenhuma idiota. — Lina encarou Hades e mirou seus olhos. — Não sou a verdadeira Perséfone, Hades. Meu nome é Carolina Francesca Santoro, mas a maioria das pessoas me chama de Lina. Sou uma mortal de quarenta e três anos de idade, que possui uma padaria em um lugar chamado Tulsa, Oklahoma. Deméter trocou minha alma pela alma de sua filha. — Olhou para a deusa, e seus lábios se torceram num sorriso irônico antes que ela voltasse a encará-lo. — Ela prometeu me ajudar com um problema que eu tinha, e, em troca, eu precisaria cumprir para ela uma pequena missão no Submundo.

Hades ouvia tudo de olhos arregalados.

— Lembra-se de quando a ouviu me lembrar de como os imortais amavam? Na verdade, Deméter não estava me *lembrando* disso; ela estava me explicando esse fato porque sou uma mortal. A coisa toda era nova para mim.

— Então não é a deusa da Primavera?

— Não. Não sou a deusa da Primavera — confirmou Lina, tão aliviada por finalmente dizer a verdade que não percebeu o rosto de Hades se tornando inexpressivo. — Eu queria lhe contar tudo, mas dei minha palavra a Deméter de que manteria a minha verdadeira identidade em segredo. — Ela tentou tocá-lo no braço, porém Hades se esquivou do toque.

— As coisas que me disse, que fizemos juntos... Foi tudo fingimento?

— Não! — Lina sentiu um nó no estômago ao ver que ele tornava a se fechar. Estendeu a mão, porém, mais uma vez, ele se afastou dela. — Tudo o que eu disse, tudo o que eu fiz foi sincero! Apenas este corpo é uma mentira. Todo o resto é real. Amar você é a minha mais pura verdade!

— Como o amor pode ser baseado em uma mentira? — ele retrucou, frio.

— Por favor, não faça isso! — Lina insistiu, tentando alcançar o homem dentro do deus. — Não permita que nos separem assim... Não podemos ficar juntos, tenho que voltar para o meu

mundo, mas não quero me lembrar desse tipo de palavras quando estivermos separados!

— Não implore pelo amor dele como uma mortal, Carolina. — A voz de Deméter a interrompeu. — Ainda tem dentro de você o suficiente de uma deusa para ter mais orgulho.

Lina se virou para encará-la.

— Você causou isso! Hades me ama. Está se sentindo traído apenas por causa da sua insistência em manter uma mentira! E eu não posso culpá-lo... De que outra forma ele poderia se sentir?

Deméter arqueou uma sobrancelha.

— Acredita que ele a ama, Carolina Francesca Santoro? Então vamos testar a sua crença nesse amor imortal...

Com um movimento do pulso, Deméter regou Lina com faíscas douradas.

Ela sentiu o corpo tremer e, de repente, viu-se terrivelmente tonta. Fechou os olhos, lutando contra a náusea. Logo depois, uma estranha sensação a preencheu: como se tivesse acabado de voltar para um confortável par de *jeans*.

Antes de abrir os olhos, já sabia o que veria. Do outro lado da sala, o espelho que cobria toda a parede, o mesmo em que ela havia se olhado naquela manhã, refletiu uma nova imagem.

Era seu velho corpo outra vez. Fora-se o corpo esbelto da jovem deusa. Suas curvas ficaram mais acentuadas, ela era mais velha e, decididamente, não era perfeita.

— Você é uma mortal! — A voz de Hades soou estrangulada.

Lina desviou o olhar do espelho para pousá-lo no deus. Ele a fitava, e seu rosto era uma máscara de choque e descrença.

— Sim, eu sou uma mortal — confirmou. Endireitando os ombros, deixou cair o lençol, expondo-se por inteiro. — E também sou a mulher que o ama.

Ele virou o rosto, recusando-se a olhar para ela.

— Como pôde mentir esse tempo todo?

— Que bem teria feito a verdade? — Deméter interveio, indignada. — Você a teria evitado como está fazendo agora. — Seu tom tornou-se sarcástico. — Ao menos possuiu o corpo de uma deusa finalmente, senhor dos Mortos. A ironia é que terá de agradecer a uma mortal por isso. Nenhuma deusa de verdade haveria de querê-lo.

O rosto de Hades ficou branco como cera, e ele travou o maxilar. Quando seus olhos encontraram os de Lina, ela só viu raiva e repugnância refletidas neles.

— Saia do meu reino — ele ordenou com uma voz que fez arrepiar seus braços.

— Vamos, Carolina... Seu tempo aqui acabou. — Deméter se pôs ao lado dela e a cobriu com seu manto.

E, sem mais nenhuma palavra, fez o Palácio de Hades desaparecer de seu entorno.

CAPÍTULO 25

A campainha sobre a porta da frente da *Pani Del Dea* tilintou alegremente, permitindo a entrada de outro fluxo de clientes, bem como uma rajada de ar frio.

— *Brr* — Anton estremeceu. — Que droga! O inverno chegou, mesmo. Minha pele está um horror!

— Os meteorologistas estão prevendo mais neve do que o normal nesta temporada. É melhor fazer um bom estoque de hidratantes e comprar sapatos mais apropriados — Dolores observou, apontando os pés do colega.

— O que há de errado com os meus? — Anton respondeu, amuado, virando o pé de um lado para o outro, de modo que a padaria inteira pudesse admirar suas botas de *cowboy* de pele de enguia pretas, brilhantes, de ponta fina e salto sete.

— Lina! — ele chamou do outro lado do salão. — Acha mesmo que eu preciso de sapatos novos?

Ela olhou por cima da máquina de *cappuccino*. Queria dizer que não se importava com sapatos, nem com clima, nem com nada... mas a expressão ansiosa de Anton a lembrou de que precisava disfarçar. Precisava continuar fingindo, não importando como realmente se sentia.

— Suas botas estão perfeitas, meu querido. Mas lembre-se de que o meu seguro não cobre tombos fora da padaria.

Risos ecoaram na *Pani Del Dea*. Os clientes sorriram e passaram a fazer seus pedidos. Todos pareciam felizes. O negócio vinha crescendo a olhos vistos e, nas duas últimas semanas após ela ter voltado, Lina se surpreendera com as mudanças que Perséfone implementara durante os últimos seis meses.

A deusa da Primavera tinha mesmo operado milagres por ali. Sua campanha publicitária fora um prodígio. Novos clientes lotavam a loja dia e noite, a maioria deles clamando por algo em que pudesse espalhar o incrível *cream cheese* de ambrosia que era oferecido exclusivamente na *Pani Del Dea*. A criação de Perséfone era um sucesso.

E não fora apenas essa a mudança feita pela deusa. Em vez de começar a trabalhar com menus para eventos, como ela, Lina, imaginara que deveria, Perséfone introduzira a padaria no comércio virtual. Oferecia pela internet uma cesta com uma enorme variedade de seus melhores pães, como o gubana, acrescentava uma lata pequena de *cream cheese* de ambrosia e a despachava para todos os Estados Unidos... por um preço escandalosamente alto.

Mesmo assim, o novo serviço vinha crescendo cada vez mais. Perséfone tinha até mesmo contratado um novo funcionário em tempo integral, apenas para que este cuidasse desses pedidos pela rede.

Lina não se conformava. Fora necessária a vinda de uma deusa antiga para que ela enxergasse o potencial da internet. Agora sua dívida com a Receita poderia ser paga três vezes... assim como Deméter havia prometido. Tudo estava bem.

E ela se sentia tão infeliz que tinha vontade de morrer.

Não. Não queria pensar em morte, nem em espíritos... muito menos no senhor do Submundo.

O sino sobre a porta tiniu outra vez.

— Olá, bonitão — Anton saudou, brincando.

— Tudo bem, Anton? Bonitas botas... — falou uma voz máscula e profunda.

Anton riu, todo alegre.

Lina apertou os lábios e se preparou, feliz por ter a máquina de *cappuccino* entre ela e o visitante. Ao menos ele não tentaria beijá-la.

— Boa noite, Lina.

— Olá, Scott. — Ela suspirou e olhou para o rapaz alto e musculoso, notando os cabelos loiros, de corte impecável, e os olhos azuis que a fitavam com adoração. Ele vestia um terno bem cortado, gravata vermelha, e o traje nada fazia para camuflar seu físico impressionante, pelo contrário: o corte italiano o acentuava. Não pela primeira vez, Lina pensou que Scott poderia ter sido um jovem Apolo se o deus da Luz viesse à Terra como um bem-sucedido advogado de Tulsa.

Não era difícil entender por que Perséfone tinha se sentido atraída por ele. O fato não a surpreendera em nada.

O que não entendia era por que ele se mostrava tão encantado com o *seu* retorno.

— Ainda tenho ingressos para a primeira fila de Aida... Pensei em ver se mudou de ideia. Não quero ir à ópera sem você — insistiu Scott.

— Obrigada, mas não. Eu realmente não posso.

— Por que, Lina? Não compreendo. Duas semanas atrás...

— Aqui não, Scott — ela o interrompeu, mortificada por a padaria inteira estar em silêncio, acompanhando a cena, embora fingissem que nada acontecia.

— Então quando e onde? Está me evitando há duas semanas. Mereço uma explicação.

Saber que ele estava certo não fez Lina sentir-se menos miserável, nem tornou sua decisão menos certa. Scott era lindo e incrivelmente *sexy*. Somado a isso, parecia um sujeito agradável e honesto.

Mas ela não sentia nada por ele.

Seria tão mais fácil se estivesse apaixonada! Perder-se numa paixão juvenil até soava como uma boa ideia.

Ela até tentara sair com Scott, mas, quando ele a tocara, não havia sentido nada, exceto aquele vazio dolorido dentro dela. Scott não conseguiria fazê-la esquecer.

— Venha — chamou. Saindo de trás do balcão, segurou-o pelo braço e o levou até a porta.

Enquanto deixavam a padaria, Lina ainda pôde ouvir Anton suspirando tristemente.

— Que desperdício!

A noite estava fria, e ela já devia ter colocado as pequenas mesas e cadeiras da calçada para dentro, mas, como precisava de uma barreira entre ela e o rapaz, ficou feliz por não ter feito isso. Sentou-se a uma das mesas, e Scott se acomodou numa cadeira à sua frente.

Antes que dissesse qualquer coisa, ele mudou de posição, sentando-se junto dela. Ao vê-la estremecer, tirou o paletó e o ajeitou em seus ombros. O casaco estava quente e cheirava a uma daquelas colônias pós-barba caras e másculas. Scott teria segurado sua mão, porém Lina a manteve fora de seu alcance, no colo.

— Scott — começou, desejando sinceramente que o modo sensual como a camisa branca assentava no peito musculoso a fizesse sentir mais do que admiração por aquela bem tonificada compleição física. — Eu já lhe disse antes... Não há mais nada entre nós. Eu gostaria que compreendesse isso e esquecesse tudo.

Ele balançou a cabeça.

— Não posso. Não há nenhuma razão para isso. Apenas duas semanas atrás estava tudo bem... *Melhor* do que bem. Então um dia eu acordo e, *zás!*, está tudo acabado? Não há explicação. Depois de quase seis meses, você me dispensa sem nem mesmo dizer que asneira eu fiz?

— Não fez asneira nenhuma. *Merda!* Eu já lhe disse isso antes: o problema é comigo.

Você é perfeito, acrescentou em silêncio. *Jovem, bonito, bem-sucedido e atencioso*. Scott precisava encontrar uma moça linda como ele e estabelecer-se nas redondezas após conseguir um belo financiamento. Em seguida, devia ter dois ou três filhos e um cachorro.

— Então me diga outra vez. Não compreendo como pode, de repente, estar tão diferente! O que aconteceu?

— Você é moço demais para mim — Lina falou, sincera.

— Pare com isso! Tenho vinte e cinco anos, não quinze! Não sou tão jovem assim.

— O problema é que *eu* estou velha demais para você.

— Claro que não... — Scott se inclinou para a frente e puxou sua mão do colo, mantendo-a entre as suas. — Não me importo que esteja com quarenta e três anos. Ainda é bonita e *sexy*, mas também muito mais do que isso. Seu coração é jovem, você ilumina tudo por onde passa, Lina. Quando estávamos juntos, você me fazia sentir como um deus.

Ela sorriu tristemente.

— Não sou mais assim. Não me sinto mais assim. — Levantou-se e tirou a mão da dele. Em seguida deixou cair o paletó dos ombros e o entregou de volta. — Não posso lhe dar o que você precisa. Não tenho mais isso dentro de mim. Por favor, Scott, não me procure mais.

— Não... — Ele balançou a cabeça. — Estou apaixonado!

— Está bem, então aqui vai a verdade: estou apaixonada por outra pessoa.

O rapaz se endireitou na cadeira e franziu o cenho.

— Outra pessoa?

— Sim. Eu não queria que acontecesse, mas aconteceu. Sinto muito. Eu não queria magoar você.

O rosto bonito de Scott corou, e Lina o viu erguer uma barreira de orgulho entre eles. Ele se levantou, o maxilar cerrado, porém seus olhos continuaram tristes.

— Eu não tinha percebido que havia mais alguém, mas devia ter desconfiado. Você é boa demais para estar sozinha. Peço desculpas por tê-la incomodado. Adeus, Lina.

— Adeus, Scott — ela respondeu enquanto ele se afastava a passos rápidos da padaria.

Sentindo-se com setenta e três anos, em vez de quarenta e três, Lina readentrou a loja.

Anton, Dolores e os demais a fitaram cheios de expectativa, mas, quando viram que ela se encontrava sozinha, desviaram o olhar rapidamente.

— Acho que vou para casa mais cedo hoje — Lina anunciou com um suspiro.

— Sem problemas, patroinha. — Anton sorriu e afagou-lhe o braço, maternal.

— Nós fechamos a casa, pode deixar — emendou Dolores. — Precisa se dar algum tempo... Tem trabalhado muito pesado.

Anton anuiu com um gesto de cabeça.

— Por que não dorme até mais tarde amanhã, depois faz uma boa massagem e um tratamento facial? Sabe... naquele lugar que descobriu alguns meses atrás? Você mesma disse que eles sabiam tratá-la como uma deusa.

— Quer que eu ligue e marque uma hora? — Dolores se ofereceu.

— Não, eu vou ficar bem — murmurou Lina, apanhando a bolsa e o casaco. — Mas está certo, Anton. Acho que vou dormir até mais tarde amanhã. — Tentou sorrir para os dois, contudo seus lábios não formaram mais do que uma careta.

— Ah... Estamos quase sem *cream cheese* de ambrosia. É melhor preparar mais um pouco. Aliás, você bem que poderia nos dar a sua receita secreta — observou Dolores, balançando as sobancelhas para a chefe.

— Sim, até já prometemos não vendê-la para terroristas ou para essas padarias industrializadas! Mesmo que esse *cream cheese* maravilhoso fosse dar vida nova àqueles bolinhos horríveis que eles fazem — Anton estremeceu dramaticamente.

Lina tentou recobrar seu senso de humor.

— Uma mulher tem que ter seus segredos. — Piscou para o empregado e pendurou a bolsa no ombro. — Eu os vejo amanhã à tarde com um barril inteirinho de *cream cheese* de ambrosia — prometeu, atravessando a porta.

Seus funcionários a observaram. Assim que ela estava fora de vista, encontraram-se atrás do balcão e uniram as cabeças.

— Há algo errado com ela — afirmou Dolores.

— Claro que há! — emendou Anton. — Pois então ela não rompeu com aquele “pedaço de mau caminho”?

— É pior do que isso. — A moça suspirou. — Lina gostava de Scott, mas tenho a sensação de que ele nunca significou mais para ela do que um passatempo agradável. Terminar com ele não a deixaria tão triste.

Anton pensou por um momento, depois acedeu.

— Tem razão. Deve ser outra coisa. É como se ela não fosse a mesma pessoa novamente. Lembra-se de como agiu estranho há alguns meses?

— Claro que me lembro. Mas Lina estava preocupada em perder a padaria.

— Bem, ela salvou a *Pani Del Dea*, e isso lhe fez muito bem. Lina mudou por completo. Comprou roupas diferentes, começou a andar de patins ao longo do rio... Juro que ela perdeu uns dez quilos!

Dolores assentiu.

— Até mudou o cabelo.

— E começou a namorar homens mais novos! Aliás, *que homens!* — Anton comentou.

— Então, qual é o problema? Até aí não há nenhuma novidade. O que isso tem a ver com o que está acontecendo com ela agora? — questionou a funcionária.

Anton encolheu os ombros.

— Será que é uma crise retardada de estresse? Ou talvez seja uma síndrome de dupla personalidade se manifestando na meia-idade.

Dolores revirou os olhos.

— Tem que parar de assistir tanto ao *Discovery Health*! O que eu imagino é que ela tenha, mesmo, trabalhado demais e agora precise de férias.

— Que droga! Você sempre estraga o efeito dramático da coisa! — protestou Anton.

— Vamos simplesmente manter um olho nela e poupá-la do trabalho tanto quanto nos for possível, OK?

— OK.

CAPÍTULO 26

— Sim, sim, eu sei, eu também *te* amo! — Lina lutou para passar pela porta, lidando com sua entusiasmada buldogue que babava. — Edith Anne, quer se comportar? Deixe-me tirar o casaco e pendurar a bolsa. — A buldogue recuou meio passo, ainda ganindo e se contorcendo.

Indignado, Patchy Poo the Pud saltou de seu lugar cativo na espreguiçadeira e começou a se esfregar nas pernas dela, queixando-se, com miados estridentes, de que ela não estava lhe dando atenção.

— Seus malucos — Lina murmurou, pendurando o casaco. — OK, venham aqui. — Sentou-se no meio do vestíbulo e permitiu que Edith subisse em seu colo enquanto coçava Patchy debaixo do queixo.

A buldogue a lambeu feliz. O gato ronronou.

Lina suspirou.

— Bem, pelo menos vocês dois sentiram falta do meu verdadeiro eu...

Seus bichos de estimação pareciam tão bem alimentados e saudáveis quanto na noite em que Deméter a transportara para longe. Desde o momento em que ela reaparecera no meio da sala, contudo, os dois não queriam deixá-la mais fora de vista e a seguiam de cômodo em cômodo. Patchy Poo the Pud chegava ao cúmulo de ficar do lado de fora do banheiro, miando enlouquecedoramente se ela não o deixasse entrar.

— Vocês precisam relaxar! — Lina repreendeu as criaturas adoráveis. Mas, no fundo, estava gostando que eles estivessem tão contentes por ela ter voltado.

Pelo menos não era uma decepção para eles. Todos os outros a olhavam como se, de repente, ela tivesse um terceiro olho...

Não, não era isso. As pessoas não a vinham tratando como se ela estivesse fazendo algo estranho: tratavam-na como se ela não estivesse fazendo coisa alguma; como se esperassem mais dela.

Como Perséfone tinha sido mais “Lina” do que ela própria?

Suspirou e empurrou Edith Anne para fora do colo. Perséfone era uma deusa. Era claro que as pessoas desejavam que ela fosse como Perséfone. Quem não gostaria de viver às voltas com uma divindade?

Hades...

Seus pensamentos sopraram o nome antes que pudesse evitar. Hades tinha gostado de estar com ela mais do que com qualquer deusa.

Lina balançou a cabeça.

— Não — lembrou a si mesma. — Isso não é verdade. Ele só quis ficar comigo enquanto pensava que eu era Perséfone.

Recordou-se da expressão dele no momento em que vira quem ela realmente era.

— Não! — gritou para si mesma. Não pensaria mais naquilo.

Tinha de se recompor. Vinha agindo como uma adolescente rejeitada por duas semanas. Já fora magoada antes, por que agora seria diferente? Não estava passando por outro divórcio.

Lina olhou o corredor vazio sem ver. Não era como um divórcio. Era pior.

Por que sentia como se parte dela, sua melhor parte, estivesse faltando?

Lembrou-se da noite em que ela e Hades tinham visto o casal bebendo do rio Lete. Ele

havia dito que almas gêmeas sempre se reencontravam.

Mas o que acontecia quando estas estavam separadas pelo tempo e habitando dois mundos diferentes? Será que seus corações se tornavam estéreis? Será que sua capacidade para a felicidade minava até que eles se transformassem em conchas vazias e ambulantes, passando pela vida sem qualquer emoção, sem se sentir vivos?

De qualquer modo, não era o que estava acontecendo com ela. Hades não poderia ser sua alma gêmea, pois a tinha rejeitado.

E ela já estava velha demais para continuar apaixonada por alguém que não poderia ter. Cometera um grave erro. Agora teria simplesmente que superar aquilo e tocar a vida.

Mas ficaria bem. Tudo daria certo. O tempo faria com que não doesse tanto.

Edith Anne gania enquanto Patchy Poo the Pud se esfregava em suas pernas, preocupado.

Lina empurrou para longe a tristeza de seu coração e endireitou os ombros.

— OK, vocês dois. Vamos fazer um pouco de *cream cheese* de ambrosia.

Não importava quantas vezes ela o lesse, o papel ainda lhe causava um estranho pressentimento. A folha em que a receita fora escrita era de seu bloco pessoal, com as iniciais “CFS” impressas na parte superior, e na fonte *Copperplate Gothic Bold*, de que ela tanto gostava. As palavras tinham sido traçadas com sua caneta azul favorita, e a caligrafia era idêntica à dela própria.

Mas não havia escrito aquilo. Encontrara a receita colada com fita adesiva à tigela de Edith Anne no dia em que Deméter a trouxera de volta e quase a ignorara. Afinal, parecia feita em sua própria caligrafia. Tinha imaginado que fosse apenas uma nota qualquer, lembrando-a de comprar mais ração, guloseimas ou outro item da parafernália própria de um cão.

Então, finalmente registrara a saudação *Querida Lina*, e seus olhos haviam voado para o final do bilhete: *Com meus votos de muita alegria e magia, Perséfone*.

Levara a mensagem para a sala a fim de lê-la. Em seguida, assim como fazia naquele momento, pensara como era bizarro que ela e Perséfone possuissem letras idênticas.

Querida Lina,

Os seis meses estão chegando ao fim, mas parece que estou aqui há muito mais tempo. Este se passa, mesmo, de forma diferente no seu mundo. Minha mãe me chamará em breve, e quero ter certeza de que você terá a receita para a ambrosia. Nossos clientes a adoram, e não quero vê-los desapontados.

Que estranho! Só agora percebi que os chamei de “nossos clientes”...

Mas eu os considero como tais. Seus amigos mortais são boas pessoas. Vou sentir falta deles.

Mas não do seu gato ou dessa cadela babona, embora o seu bichano preto e branco finalmente tinha se dignado a dormir comigo, e ontem a cadela tenha latido de modo protetor para um estranho que tentou me abordar enquanto eu brincava na beira do rio.

É... Talvez eu sinta falta deles.

Lembre-se de se divertir na vida, Lina. Você foi muito abençoada.

Com meus votos de muita alegria e magia,

Perséfone

A receita de *cream cheese* fora cuidadosamente escrita no verso da nota.

Lina a estudou mais uma vez. Não queria segui-la, porém Perséfone estava certa: seus clientes a amavam, e ela também não queria decepcioná-los.

Encheu outra vez o copo de *Pinot Grigio*, deixando a garrafa no balcão, ao lado do pote que ela já preencheria com creme de queijo batido. Não precisou checar o calendário para saber se era lua cheia. Tudo o que teve de fazer foi olhar pela janela da cozinha.

Não havia dúvida: uma lua redonda e branca cintilava no céu claro.

— Vamos acabar logo com isso. Como se você não estivesse acostumada à magia! — Apanhou um copo medidor do armário. — E pare de falar sozinha!

Colocou a receita no balcão e começou a seguir os passos que a fariam produzir o *cream cheese* de ambrosia.

A receita de Perséfone era prolixa, e Lina tomou um gole do vinho enquanto a lia.

Encha aquele bonito pote amarelo – aquele da cor das madressilvas selvagens – com cream cheese. Deixe o queijo amolecer. (E, Lina, não utilize aquelas misturas de baixa caloria horrorosas... Seu sabor chega a ser uma blasfêmia!)

Lina não pôde evitar sorrir. Ela e Perséfone tinham a mesma opinião quanto a cozinhar com ingredientes de baixa caloria.

Em seguida, adicione um copo do seu vinho branco favorito ao creme de queijo e misture bem. O tipo do vinho não é importante, contanto que não seja muito doce. (Aliás, Lina, eu adorei aquele Santa Margherita Pinot Grigio que encontrei em seu refrigerador. Espero que mamãe me dê tempo suficiente para repô-lo antes de ela nos destruir! Caso contrário, peço desculpas por acabar com o seu estoque.)

Lina riu.

— Desculpas aceitas.

Realmente, quando ela voltara não tinha uma só garrafa de vinho branco.

Após adicionar a bebida ao creme, beba o que restou na garrafa. (E, Lina, não subestime a importância desta etapa!)

Lina serviu-se de mais uma dose de vinho após acrescentar a primeira ao *cream cheese*. Tentou não engolir tudo de uma vez, mas queria acabar logo com aquilo.

Quanto mais bebia, mais fácil era para ela admitir: Perséfone devia ser divertida.

Leu o restante da receita, já com um sorriso induzido pelo álcool nos lábios.

Em uma noite de lua cheia, pegue a mistura e coloque-a sob o velho carvalho. Você já o conhece. Fica no pátio, próximo à fonte. Espalhei um pouco da magia da primavera por lá. (Não se surpreenda se vir uma ninfa ou duas, embora elas morram de vergonha de se mostrar no seu mundo). Antes de deixar a mistura na árvore, deve dar três voltas completas no tronco dançando, e, ao mesmo tempo, concentrar os pensamentos na doce beleza da noite. (Lina, não precisa fazer nenhum passo específico de dança. Basta ouvir a sua alma e se divertir! Aposto que seu corpo vai surpreendê-la, assim como me surpreendeu...)

— Ahn? — ela gemeu e releu a linha. — “Assim como me surpreendeu”?

Não tinha ideia do que Perséfone queria dizer com aquilo.

Mas os olhares penetrantes que Scott lhe lançara e a dificuldade que ele havia tido para manter as mãos longe dela eram uma pista.

Não que ela houvesse se mantido muito casta no corpo de Perséfone.

Mas não queria pensar naquilo.

Voltou a atenção para o final da receita:

Vá buscar a mistura pronta na manhã seguinte. Para consumo mortal, deve diluí-la dez vezes. (Tenha cuidado, Lina. Não imagino o que aconteceria se Anton a experimentasse em sua forma original!)

— Novidade... Ele decerto criaria asas e voaria como uma ninfa! — Lina murmurou, rindo.

Recompôs-se novamente. Perséfone tinha acabado de fazê-la rir duas vezes! E nem estava ali. Não era à toa que todos a amavam tanto.

— Bem, crianças — disse a Patchy Poo the Pud e Edith Anne. — Vou terminar esta última taça de vinho, depois levar este pote “cor de madressilva”, colocá-lo sob aquela árvore velha, fazer algumas piruetas, e, em seguida, me jogar na cama. — Deixou escapar um soluço, e seus animais de estimação a fitaram com olhos acusadores. Eles sempre sabiam quando ela havia bebido demais.

Lina passou um braço em volta do pote e rumou para a saída com a visão turva. Edith Anne, claro, ficou bem no meio do caminho.

— Não se preocupe, garota. Não vou a lugar nenhum sem você. — O lado bom de a cadela ser tão ligada a ela era que nem precisava se preocupar mais com uma guia. — Vamos voltar logo, prometo! — disse a Patchy Poo the Pud, que as observava com um misto de desdém e preocupação.

A noite tinha ficado mais fria, e Lina desejou ter apanhado um casaco. Mas a blusa de *cashmere* de gola alta que Perséfone adicionara ao seu guarda-roupa era confortável e quente, mesmo sendo de um rosa delicado, mais apropriado a uma adolescente do que a uma mulher de meia-idade.

Sem dizer que ela sempre ganhava elogios quando a usava.

Esqueça, disse a si mesma. Não sentia nem vontade de se preocupar com roupas. E, se não estava disposta a ir às compras, não havia muito que pudesse fazer a respeito.

Sem dizer que, em seis meses, Perséfone tinha substituído cada item em seu armário. Tudo. De sapatos e jaquetas a sensuais calcinhas e sutiãs de seda.

— Onde aquela criatura encontrou tempo para isso? — perguntou a Edith Anne.

A cadela bufou em resposta, mantendo o ritmo a seu lado.

Lina abanou a cabeça.

— Eu não sei. Perséfone deveria ser renomeada a *deusa do Shopping* em vez de a deusa da Primavera.

Deu uma risadinha. Para falar a verdade, estava mesmo um pouco bêbada. Só podia estar se continuava rumando para aquele lugar outra vez...

Seguiu o caminho de paralelepípedos que ligava o condomínio ao pátio central e ouviu a fonte antes mesmo de avistá-la. Seis meses e duas semanas antes, esta tivera um efeito calmante sobre ela. Naquele momento, porém, conforme se aproximava, sentia o estômago cada vez mais apertado.

Por sorte, a área se encontrava deserta. Lina olhou para o relógio, torcendo o pulso para que a marca fosse iluminada pela luz da lua cheia: 22h45. Como havia ficado tão tarde?

Respirando fundo, aproximou-se do velho carvalho. O mesmo em que descobrira o bonito narciso.

E este se encontrava exatamente como seis meses antes. Naquela ocasião, os galhos haviam estado nus, exceto por botões à espera de desabrochar. Agora, os ramos se apresentavam quase desnudos outra vez, e havia apenas umas poucas folhas da cor de sacolas de papel

presas a estes.

Olhou mais embaixo. Raízes grossas e retorcidas cruzavam o chão a seus pés.

Devagar, ela circundou o tronco, estudando as sombras. Exceto pela poeira e pelas raízes, a área em torno da base da árvore estava vazia. Não havia nenhuma flor que cheirasse à primavera e a primeiros beijos ao luar...

Mas o que ela esperava?

Franzindo as sobrancelhas, Lina assentou o pote de creme de queijo e o vinho em um nicho meio achatado entre as duas raízes junto ao tronco da árvore. Então recuou.

Em sua mente, pôde ler as instruções de Perséfone:

Antes de deixar a mistura na árvore, deve dar três voltas completas no tronco dançando, e, ao mesmo tempo, concentrar os pensamentos na doce beleza da noite. Está bem, pensou, esfregando as mãos. *Vou pensar em como a noite está bonita, dançar em volta do carvalho, e pronto.*

Olhou ao redor. Exceto por Edith Anne, que continuava sentada a poucos metros dali, observando-a atentamente, o pátio continuava deserto.

— Ainda bem... Ou pensariam que eu sou louca.

Edith bufou mais uma vez.

— Não se preocupe, isto não vai demorar muito.

Pense sobre a beleza da noite, Lina disse a si mesma.

Olhou para cima. A lua estava realmente bonita, parada lá como um disco de prata iluminado por dentro.

Deu um passo hesitante, levantando as mãos acima da cabeça, e se virou. A luz do luar perpassou os galhos da árvore e acariciou o *cashmere* que lhe cobria os braços, tingindo-o de um rosa prateado que lembrava o peito de uma pomba. Lina pulou uma raiz, surpresa com a graça com que seu corpo efetuou o movimento, e circundou o carvalho uma vez.

Uma brisa suave soprou através dos ramos da velha árvore, e as folhas secas entoaram uma suave melodia de outono. Ela levantou os braços e rodopiou enquanto erguia o rosto para o céu e deixava a lua lhe acariciar a pele. A noite se espalhava, linda e mágica, quando circundou a árvore pela segunda vez.

Ficou na ponta de um pé, lançou a perna para a frente, e logo pensou ouvir um zumbido de vozes femininas em harmonia com o ruído das folhas. Pelo canto do olho, percebeu silhuetas familiares se juntando a ela no círculo de dança. Elas cintilavam, e suas asas zuniam melodicamente.

Com os braços estendidos, Lina pulou, girou e se deleitou com a beleza da noite.

E circundou o carvalho pela terceira vez.

Parou. Estava ofegante, e sua respiração se revelava no ar frio como pequenas e mágicas nuvens. Olhou ao redor, porém as ninfas que tinham dançado com ela haviam desaparecido.

Edith Anne se aproximou com seu andar gingado, farejando a base da árvore, curiosa. Pondo as orelhas para a frente, olhou os ramos do carvalho logo acima.

— Elas se foram — explicou Lina. — Vamos, garota... É hora de irmos também.

A dança havia deixado seu corpo mais vivo do que estivera nas últimas duas semanas. Talvez ela devesse dançar mais vezes.

Anton e Dolores também haviam lhe questionado várias vezes sobre o porquê de ela, de repente, ter parado de andar de patins ao longo do rio...

Lina pensou a respeito. Ela *nunca* havia andado de patins.

Mas Perséfone, obviamente, o fizera muitas vezes. Seus funcionários nem precisariam ter lhe contado isso... Seu corpo diminuía pelo menos um tamanho, e suas pernas e nádegas se apresentavam bem mais firmes do que quando tinha vinte anos.

Caminhou de volta para o condomínio e, antes que mudasse de ideia, foi direto para casa, arrancou os sapatos e a roupa, e ficou nua diante do espelho que cobria a parede. Parecia bem mais nova do que uma mulher de quarenta anos agora. Exceto pelas manchas escuras sob os olhos, estava com a pele até mais viçosa e saudável. E usava o cabelo como Perséfone usara: nos ombros e com os cachos soltos, meio rebeldes. Seus seios já não eram tão perfeitos e empinados, porém cheios e sensuais. Sua cintura continuava delgada, e os quadris se curvavam graciosamente até as coxas firmes, as quais desciam para pernas bem torneadas.

Sorriu com o pensamento. Ela era bonita, inteligente, *sexy* e bem-sucedida: tudo o que um homem deveria querer.

— Já é hora de superar sua dor, Lina — disse a si mesma.

Conformada, apagou a luz do banheiro e se enfiou na cama. Sentiu o colchão afundar quando Patchy Poo the Pud se aninhou junto a seu quadril. Como de costume, Edith Anne deu duas voltinhas e, com um suspiro, se acomodou em sua própria cama.

Lina fechou os olhos. Antes de adormecer, fez uma promessa a si mesma. Na manhã seguinte começaria de novo.

Perséfone tinha razão: ela fora ricamente abençoada.

A deusa da Primavera estava distraída quando sentiu sua magia ser utilizada. Tão discretamente quanto lhe foi possível, Perséfone se desculpou e interrompeu a conversa cansativa com Hermes e Afrodite. Os imortais se despediram dela com um aceno e continuaram a debater se as Limoníades, as ninfas dos prados e das flores, eram mais belas do que as Napaeae, ninfas dos vales. Nem se importaram que a jovem deusa estivesse deixando a discussão. Ela era especialista em ninfas da floresta, mas vinha agindo de modo reticente e não tivera nada de divertido a acrescentar sobre o assunto. Na verdade, eles quase não notaram sua partida.

Mas Deméter notou.

— Filha, aonde está indo?

Perséfone fez uma pausa e esboçou uma expressão inocente de tédio antes de se virar para a mãe.

— Ora, mamãe, sabe que eu não suporto ficar trancada aqui enquanto as flores estão desabrochando. Os prados me chamam.

— Está bem, criança. Espero vê-la esta noite no Festival de Chloaia.

— Claro. — Perséfone se curvou e deixou a mãe na sala do trono.

Deméter observou a filha partir com os olhos estreitados, pronta a admitir para si mesma que trocar a mortal por Perséfone fora um erro.

Verdade que seu plano tivera o efeito desejado. A jovem deusa havia amadurecido. Para sua surpresa, continuava a ser chamada de rainha do Submundo, e os familiares dos mortos cessaram com as súplicas.

Mas a que preço? Desde seu retorno, Perséfone vinha se comportando de uma forma mais sóbria. Raramente dava festas e havia parado de se relacionar com semideuses. Mas também andava com o humor instável e distraída. Grande parte de seu brilho tinha esmaecido.

Deméter se preocupou com a filha, assim como com Carolina Francesca Santoro. A mortal parecia ter firmado lugar na consciência da jovem deusa, e aquele não era um arranjo muito confortável.

Suspirou. Não conseguia esquecer a tristeza no rosto de Lina quando Hades a rejeitara. No final, ela havia lhe causado uma grande dor, e não fora essa a sua intenção.

Depois começaram aqueles rumores preocupantes. Os imortais diziam a boca pequena que Hades enlouquecera, que não recebia absolutamente ninguém. Fora dito ainda que ele se recusara até mesmo a conceder uma audiência a Zeus, quando este adentrara seu obscuro reino.

— Irene — Deméter chamou sua velha amiga. — Preciso fazer algo a respeito de Hades.

— Outra vez? — perguntou a mulher.

— Outra vez — confirmou a grande deusa.

Por meio do oráculo da mãe, Perséfone assistiu à dança em torno do carvalho e sorriu quando pequenas ninfas se juntaram a Lina. O corpo da moça girava e saltava com uma graça que não era exatamente mortal.

— Seu corpo se lembra — a deusa da Primavera sussurrou para o oráculo. — Ele foi abençoado pela presença de uma deusa e nunca mais será o mesmo.

Assim como ela nunca mais seria a mesma, concluiu em silêncio. Carolina tinha saído de seu corpo, mas havia deixado para trás uma parte de sua essência.

Distraidamente, acariciou o narciso de ametista que lhe pendia entre os seios. A corrente se quebrara, porém ela o mantivera amarrado ao pescoço. Poderia removê-lo e mandar que o consertassem, mas relutava em se separar dele. De alguma forma, o contato com o pingente a acalmava.

Lina concluiu a dança e voltou para casa. Perséfone a viu nua diante do espelho, e seu sorriso espelhou o da mortal. Estava orgulhosa das mudanças que havia operado nela. Ainda se lembrava do ardor nos músculos cansados e da satisfação em ver o corpo da mortal ficar cada dia mais esbelto e flexível, bem aos moldes de uma deusa.

Quando Lina deslizou para a cama, Perséfone quase pôde sentir o corpo quente e macio do gato pressionado de modo familiar contra seu próprio quadril.

A imagem no oráculo rodopiou e desapareceu.

— O que foi, minha filha? Por que você e a mortal estão tão infelizes?

A voz de Deméter a fez pular, cheia de culpa.

— Não — Deméter continuou antes que ela saísse com uma desculpa. — Não quero palavras vazias, destinadas a aliviar os meus sentimentos. Quero a verdade.

Perséfone encontrou os olhos da mãe. Se ela queria a verdade, então que fosse.

— Sinto falta dele, mamãe. Eu não pretendia, mas caí de amores pelo mundo de Lina. É tão desorganizado, mas tão mais vibrante e vivo! E eles não sabiam que eu era uma deusa. Não sabiam que eu era sua filha e, mesmo assim, me receberam de braços abertos.

— Não foi Carolina que eles abraçaram? — Deméter perguntou gentilmente.

— Não. Eu usava seu corpo, mas a alma era minha.

Deméter abanou a cabeça, tristonha.

— Carolina me disse a mesma coisa, mas eu não a ouvi. Creio que foi um erro.

— E se houver uma maneira de corrigir seu erro?

— Desta vez eu gostaria de escutar.

— Ótimo. — Perséfone sorriu com carinho para a mãe. — Eu tenho uma ideia.

CAPÍTULO 27

— Tem certeza de que quer que eu saia mais cedo? Não me importo de ficar — indagou Dolores.

— Não, querida. — Lina acenou com um guardanapo de linho para ela. — Eu insisto. A padaria não está muito cheia, e vamos fechar em trinta minutos. Anton e eu podemos dar conta.

— Bem, se está certa disso... — Dolores comentou, em dúvida.

— Ora, vá embora de uma vez! Lina e eu vamos nos virar bem sozinhos. Acha que eu sou algum incompetente, por acaso? — Anton exigiu, irritado.

— Eu nunca o chamei de incompetente... ao menos não na sua frente! — Dolores riu da própria piada.

Anton respondeu no seu melhor sotaque sulista:

— Eu nuuuunca vou ser bonzinho *contigo* outra vez! — entoou, erguendo o punho no ar.

Lina riu.

— Não acho que Scarlet O'Hara teria usado essas botas.

— Teria se ela fosse *gay* — ele rebateu, presunçoso.

— Está bem, crianças, já estou saindo. — Dolores abriu a porta, depois hesitou, sorrindo para Lina. — É bom ver você rindo de novo, chefe... — disse, então saiu, apressada, para a noite de Oklahoma.

Surpresa com as palavras da funcionária, Lina olhou para a porta fechada.

— Ela tem razão — reforçou Anton, tocando-a no braço.

— Obrigada — Ela lhe afagou a mão. — É bom rir de novo. — Eles sorriram um para o outro. — Vou começar a fechar aqui. Por que não termina a massa lá nos fundos? Já deve estar boa para ser cortada e colocada nas assadeiras.

Anton concordou e saiu em disparada pelas portas francesas que separavam a cozinha do café.

Lina tirava a placa da *pizza del giorno* da parede, a fim de alterá-la para a especialidade do dia seguinte, quando a porta da frente foi aberta.

— Só um momento, por favor! — falou, sem nem mesmo se voltar. — Está com sorte... ainda tenho uma pizza do dia sobrando. Três queijos com manjericão, alho e tomates secos.

— É uma das minhas favoritas, mas venho sonhando com uma fatia grossa de gubana quente com manteiga.

Lina congelou. Aquela voz... Ela a conhecia como a sua própria.

Virou-se e se viu mais uma vez atingida pela beleza da deusa da Primavera. Desta vez, contudo, Perséfone vestia calças *jeans* e uma confortável malha de lã; e tinha os cabelos longos puxados para trás em um grosso rabo de cavalo. Os trajes simples, entretanto, em nada dissipavam sua beleza única.

— Olá, Lina.

— Perséfone...

A deusa sorriu.

— Está aí algo com que podemos contar: reconheceremos uma à outra até no meio de uma multidão.

— Eu... — Lina passou a mão pela testa como se tentando eliminar sua confusão. — Eu não

esperava vê-la. É uma surpresa e tanto.

Antes que Perséfone pudesse responder, o sino da porta soou outra vez, e uma mulher bonita e alta adentrou regamente a padaria.

Perséfone suspirou e olhou por cima do ombro. Deméter escolheu uma mesa perto da vitrine e sentou-se como se estivesse se preparando para deliberar numa corte.

— Imaginei que mamãe me seguiria — a jovem deusa falou com um suspiro.

Anton saiu apressado da cozinha.

— Deus do Céu, quem poderia imaginar que fôssemos ter esse movimento antes de fecharmos?

Como uma pluma, flutuou até a deusa da Colheita.

— Posso lhe servir alguma coisa?

— Vinho. — Deméter levantou uma sobrancelha. — Tinto.

Anton inclinou a cabeça, considerando.

— Que tal um *Chianti*?

— Se é uma sugestão de Carolina, eu a acatarei.

— Está certíssima, minha querida... Nossa Lina conhece vinhos como ninguém — ele elogiou. — Mais alguma coisa?

— Anton? — Lina reencontrou a própria voz. — Pode voltar para a massa. Eu mesma atendo as senhoras.

Deméter levantou a mão para silenciá-la.

— Não, não. Estou adorando este... — devolveu o olhar atento do rapaz — ... jovem. Vocês duas precisam conversar. Ele pode perfeitamente me atender.

Anton lançou um olhar satisfeito na direção de Lina.

— Não posso tentá-la com algo mais do que apenas vinho? Temos uma pizza fabulosa! Prometo prepará-la com as minhas próprias mãos.

— *Pizza*? — A deusa pronunciou a palavra como se fosse uma língua estrangeira.

— Com queijo, tomate, alho, manjerição... *É de morrer!*

— Então faça-a para mim — Deméter ordenou com um gesto imperioso.

Anton sorriu.

— Qual é o seu nome, querida? — perguntou antes de se afastar. — Não me lembro de ter visto você aqui antes.

Lina abriu a boca, porém Perséfone sacudiu a cabeça de leve, pedindo em silêncio para que ela se mantivesse calma.

— Pode me chamar de *Regina Safra* — respondeu Deméter.

— Pois, sra. Safra, uma coisa eu lhe digo: em qualquer outra pessoa esse seu traje pareceria um *muumuu* de seda. Sabe aqueles vestidinhos havaianos? Mas em você parece algo que uma deusa usaria! Está ma-jes-to-sa!

— Claro que estou — Deméter replicou.

— Vou trazer o seu vinho agora mesmo. — Anton rumou para a cozinha, apressado.

Quando passou por Lina e Perséfone, falou em voz baixa:

— Adoro essas *coroas* ricas!

Perséfone disfarçou o riso com uma tossidela, enquanto Lina fazia uma careta para o funcionário.

— Regina Safra? — ela sussurrou após Anton desaparecer cozinha adentro.

— Mamãe tem um senso de humor excêntrico, principalmente em se tratando de nomes. Sabia que, em algumas línguas, o meu nome soa apenas como “milho”?

— Estou do outro lado do salão, mas não sou surda.

— Eu sei, mamãe... — resmungou Perséfone.

— Perdão, Deméter — Lina se desculpou.

As duas moças compartilharam olhares que se transformaram em sorrisos.

Em seguida, Perséfone olhou pela padaria com estranheza.

— Dolores não está?

— Eu a deixei sair mais cedo.

A deusa da Primavera assentiu.

— Ela trabalha pesado. Merece uma folga.

— É difícil convencê-la a reservar algum tempo para si mesma. — Lina e Perséfone falaram em uníssono.

Entreolharam-se, surpresas.

— Verdade... — as duas disseram em conjunto mais uma vez.

— Aqui está o seu *Chianti* e um pouco de pão com azeite picante. — Anton colocou a taça de vinho tinto e uma cesta de pães diante de Deméter. — A sua pizza sairá em um instante. — Passou por Lina, cantarolando *Shall We Dance* de *O Rei e Eu*, e deu um *tchauzinho* para Perséfone.

A deusa riu.

— Senti tanta falta de Anton!

— Nossa, ele a impressionou mesmo.

— Parem de perder tempo — Deméter as repreendeu.

— Mamãe! Por favor, beba o seu vinho... Sua pizza ainda tem que assar. Tente ser um pouco mais paciente. — Perséfone suspirou e se virou para Lina. — Ser filha de uma deusa não é fácil.

— E eu não sei? — ela replicou.

— É mesmo... — Perséfone olhou para o balcão e respirou profundamente. — Eu precisava voltar.

A face de Lina era um ponto de interrogação.

— Por quê?

A jovem deusa encontrou seus olhos.

— Não estou feliz. Sinto saudades da minha... da *nossa* padaria — ela se corrigiu — e também do seu mundo.

Lina olhou para Deméter, esperando que esta fosse reagir às palavras da filha, entretanto a deusa continuou a sorver seu vinho em silêncio.

— Eu não entendo.

— Não há nada de que sinta falta no Submundo? — Perséfone perguntou numa súplica.

— O que está querendo dizer? — Lina endireitou a espinha.

A jovem deusa procurou os olhos da mortal.

— Não podemos mentir uma para a outra.

— Eu não estou tentando mentir para você — murmurou Lina. — É que...

— ... Dói — Perséfone concluiu por ela. — Eu sei. Eu também tentei não pensar sobre tudo o que havia perdido. Achei que seria fácil deixar tudo para trás.

Lina concordou com um gesto de cabeça, lutando para manter as emoções sob controle.

— Eu vou começar. — O sorriso de Perséfone foi melancólico. — Sinto falta da padaria. De sua agitação, eficiência, de seu cheiro e seus ruídos, e de como é um ponto de encontro para tantos tipos diferentes de mortais. Sinto falta de pequenas coisas, por exemplo, de como Tess Miller tem que tomar seu copo de vinho branco precisamente no mesmo horário todos os dias. Sinto falta do cachorrinho dela, apesar de ele ter chocado tanto Tess ao me desprezar que ela ameaçou levá-lo a um psiquiatra de animais! Os bichos não reagem a mim como reagem a você, sabia? — Perséfone franziu a testa enquanto a fitava. — Essa conexão que tem com os animais é muito estranha.

— Sim, eu sei.

— Mas acho que o que mais sinto falta é da maneira como todos me procuravam para resolver seus problemas. Eles nunca me viram como uma versão mais jovem e incompetente da minha mãe. Ninguém corria para ela, depois de eu tomar uma decisão, para verificar se eu estava sendo sensata. Eles me respeitavam e confiavam em meu ponto de vista.

— Demonstrou ter um excelente julgamento, Perséfone — Lina assegurou. — A padaria está prosperando, todos estão felizes... *Merda!* Consegui até devolver meu antigo corpo!

A deusa lançou-lhe um olhar de franca avaliação.

— Seu corpo era um lugar bem confortável para viver, Lina. Não subestime a sua própria beleza. — Sorriu, travessa. — E há outra coisa de que sinto falta: os homens mortais são *tão* sensíveis!

— Scott — Lina concluiu, seca.

— Scott — ronronou Perséfone. — Foi um namorico e tanto o nosso.

— Ele se apaixonou por você.

— Claro que sim. — A moça encolheu os ombros. — Mas vai superar e se tornar um homem ainda melhor com a experiência. Saber como agradar a uma deusa é algo que todos eles deveriam aprender.

A ideia fez Lina sorrir.

— Sinto falta até mesmo daquelas duas criaturas que moram com você, principalmente do gato — admitiu Perséfone.

Desta vez, Lina riu com vontade.

— Patchy Poo the Pud é terrível, mas uma gracinha.

— É uma praga, isso sim! — a deusa falou, brincando.

Lina concordou.

— Agora é a sua vez... — incitou Perséfone. — Do que sente falta do Submundo?

— Tenho saudades de Eurídice — Lina confessou com apenas uma ligeira hesitação. — A pequena alma era como uma filha para mim. Eu me preocupo com ela.

— E do que mais?

— De Órion. Eu sei que ele devia ser um dos temíveis cavalos de Hades, mas Órion me lembrava mais um filhote de cachorro preto tamanho família.

— E?

— Sinto falta daquele céu incrível. A luz do dia era como uma pintura de aquarela em que alguém tinha soprado vida. Sei que soa irônico, pois estou falando sobre a Terra dos Mortos, mas não era escuro e sombrio lá. Ao menos não depois que você chegou a Elísia. Na verdade, foi o lugar mais incrível em que eu já estive ou imaginei. — Lina deixou a mente vagar. Agora

que começara a falar, não queria mais parar. — Sabia que o céu lá é iluminado pelas almas das Híades, de maneira que, quando a noite chega, tudo em Elísia parece um sonho antigo?

— Não — Perséfone respondeu, intrigada.

— E as almas dos mortos não são assustadoras ou repugnantes. São apenas pessoas cujos corpos se tornaram menos importantes. Elas ainda têm a capacidade de amar, rir e chorar.

Perséfone pegou a mão de Lina.

— E do que sente mais falta?

Os olhos de Lina se encheram de lágrimas.

— Hades — ela sussurrou. — Você se apaixonou pela minha vida, e eu, pelo senhor do Submundo.

— Que bom! — Perséfone disse alegremente, apertando sua mão.

— Como isso pode ser bom? Eu amo Hades, mas ele ama a deusa da Primavera, não a mim.

O riso alegre da jovem deusa fez as luzes da padaria parecerem mais intensas.

— Se ele me ama, por que se recusa a me receber?

— Tentou ver Hades?

— Claro que sim. Eu estava infeliz, sentindo muita falta deste mundo. Então comecei a ouvir rumores de que Hades tinha enlouquecido, de que os espíritos do Submundo estavam perdidos, *etcetera, etcetera*, pois sua rainha havia deixado seus domínios.

— Espere... Hades ficou louco?! — Lina sentiu o sangue abandonar o rosto.

— Ah, não é nada disso. Ele só está de mau humor. — Perséfone fez um gesto de indiferença com a mão. — Mas os rumores me fizeram pensar que talvez eu não estivesse sozinha na minha infelicidade. Então visitei o Submundo.

— E? — Lina teve vontade de sacudi-la, de tão ansiosa.

— E a primeira coisa que aconteceu foi que aquele cão de três cabeças horrível não me deixou passar. — A moça estremeceu. — Edith Anne tem um temperamento muito mais dócil.

— O Cérbero lhe causou problemas?

— Problemas? Ele bloqueou a estrada, roncando e babando. Fiquei apavorada de chegar perto dele. Tanto que tive de pedir ajuda. — Perséfone balançou a cabeça, desgostosa.

— E Hades não veio recebê-la?

A deusa franziu o cenho.

— Um daimon apareceu em seu lugar, montado naquele cavalo preto odioso.

— Órion a tratou mal?

— Ele grudou aquelas orelhas pontudas na cabeça e arreganhou os dentes para mim.

— Eu sinto muito. Eu já repreendi Órion por esse tipo de atitude. Ele deve ter pensado que você era eu, e, quando percebeu que não... Bem, Órion devia ter se comportado melhor de qualquer maneira — Lina ponderou.

— Ah, devia. Enfim, eu disse ao daimon que queria falar com Hades, e ele me perguntou se eu era a deusa da Primavera, ou a mortal, Carolina. Como se já não soubesse! — Perséfone pareceu irritada. — Até mesmo os espíritos dos mortos sabiam. O tempo todo em que estive viajando por aquele caminho sombrio, eles me observavam. A princípio pareciam felizes, então, quando eu falava com eles, apenas tentavam ser educados e se afastavam de mim. Eu até os ouvi sussurrar coisas como: “Alguém está disfarçada de rainha do Submundo!” — Perséfone afastou uma mecha de cabelo que havia escapado do rabo de cavalo. — Foi uma experiência perturbadora, eu garanto. — Fez nova pausa para estudar as unhas bem cuidadas,

e Lina teve ímpetos de sacudi-la outra vez. — Eu assegurei ao daimon que o meu corpo e a minha alma eram os mesmos. Em seguida ele desapareceu e, quando voltou, disse que seu senhor se recusava a ver Perséfone. Não bastasse isso, Hades ordenara que eu deixasse seu reino e parasse de incomodá-lo.

— E como isso prova que ele não a ama? Hades é muito teimoso. — Lina olhou de soslaio para Deméter, que agora fingia analisar o vinho. Inclinou-se para frente e baixou a voz: — Às vezes dá trabalho fazê-lo relaxar e conversar. Na realidade, Hades é romântico e apaixonado. Precisa tentar de novo. Ele provavelmente vai vê-la na próxima vez.

Lina odiou a si mesma tão logo terminou de proferir as palavras. Sentiu o estômago se apertar. Não queria que Perséfone visse Hades. Não queria que ele visse ninguém, exceto ela própria.

— Pois eu acho que *você* deveria tentar — disse Perséfone com firmeza.

— Eu? — Ela piscou, surpresa. — Como eu poderia?

— Poderíamos trocar de corpo outra vez. — Perséfone apontou para Deméter. — Minha mãe vai nos ajudar. Ela reconhece que seu plano não funcionou exatamente como esperava.

Lina olhou para a deusa, e esta inclinou a cabeça em uma pequena mesura real.

— Minha filha diz a verdade. Eu estava enganada quanto à forma como lidei com a situação.

A cena terrível passada no quarto do palácio invadiu a memória de Lina.

— Fico contente por admitir, mas isso não muda nada.

— Lembra-se, Carolina, quando foi até o meu oráculo, perturbada, porque tinha feito um erro de julgamento? — indagou Deméter.

— Sim, eu tomei uma decisão sem pensar e quase causei muita dor a Eurídice.

— Lembra-se do que eu lhe disse na ocasião?

— Disse que eu devia aprender com o meu erro — murmurou Lina.

— Pois eu bebi do meu próprio veneno. Também não considerei plenamente a minha decisão. E o que aprendi com meu desliz é que mesmo uma deusa pode ser surpreendida por suas filhas. — Deméter contemplou as duas moças com um de seus raros sorrisos, então voltou a atenção para Lina. — Hades estava sendo sincero. Ele sempre foi diferente do restante dos imortais. Creio que o senhor do Submundo realmente se apaixonou por você, Carolina.

— E eu tenho uma proposta — interveio Perséfone. — Você ama Hades. Eu amo a sua padaria e o seu mundo. Por que devemos viver para sempre sem os nossos amores?

— Mas Hades... — Lina começou.

— Ouça-me — Perséfone a interrompeu. — Como deusa da Primavera, devo estar no meu mundo por seis meses. Dessa forma, como você diria, o meu “trabalho” é concluído até a primavera seguinte. Eu poderia vir aqui durante esse intervalo. E, enquanto eu estivesse aqui, você poderia voltar ao Submundo como rainha.

A cabeça de Lina girava.

— Eu fingiria ser a deusa da Primavera como antes?

— Não. — O sorriso de Perséfone foi enigmático. — Não teria de fingir. Todos, desde os animais até os espíritos, sabiam que eu não era você. Não fingirá, Carolina. Você é a rainha deles. Estará apenas alojada temporariamente no meu corpo, pois preciso do seu aqui. Eu, sim, terei de me fazer passar por outra pessoa.

— Não — falou Lina.

— Por que não? — Perséfone deu um longo suspiro. — Eu lhe dou minha palavra de que dispensarei *qualquer Scott* antes de voltar.

— Não é isso.

— Então, o que é?

— Hades não me quer, Perséfone. Ele disse que amava a minha alma, e, depois, quando viu o meu verdadeiro eu, me rejeitou.

— Lina, Hades estava apenas surpreso — garantiu Perséfone.

— Você não viu a expressão dele.

— Eu vi — Deméter interrompeu. — E o que li nela foi surpresa e dor, não desprezo ou rejeição.

— Então leu algo que eu não li — Lina concluiu com pesar.

— Creio que esteja cometendo um erro, Carolina — disse Deméter.

— Talvez. Mas e se não estiver? — Ela sentiu a onda de dor que lembrar a rejeição de Hades ainda evocava e piscou, aflita. — Não vou suportar se ele olhar para mim daquele modo outra vez. E, se não olhar, pode até ser pior. Como poderei saber que não é apenas o seu corpo que ele deseja?

— Pode viver o resto da vida sem ele? — Perséfone perguntou com suavidade.

As lágrimas escorreram dos olhos de Lina e deixaram um rastro brilhante em suas faces. — Tenho medo do que acontecerá à minha alma se ele me rejeitar de novo, ou de que ele me aceite apenas porque quer que eu seja algo que não sou.

— Não tome nenhuma decisão antes de ponderar bem sobre ela — sugeriu Deméter.

— E prometa que vai considerar a minha proposta. O outono acabou de começar aqui. Terá até o primeiro dia da primavera para fazer isso, quando eu voltarei em busca da sua decisão. — Perséfone enxugou uma lágrima do rosto de Lina, então seu sorriso se tornou amargo. Enfiando os dedos sob o decote do suéter, ela tirou a corrente de prata que este ocultava. Sem falar nada, puxou-a por sobre a cabeça. O narciso de ametista capturou as luzes da padaria e cintilou. — Isto lhe pertence — disse, colocando-o com cuidado por sobre a cabeça de Lina. — A corrente se quebrou e foi amarrada, mas eu não a substituí. Está como você a deixou.

— Ah, meu Deus! — Lina deixou escapar um soluço e apertou a flor que tinha sido tão maravilhosamente esculpida para ela. — Pensei que nunca mais fosse ver isto outra vez! Obrigada por tê-la devolvido.

Anton irrompeu pelas portas francesas, assobiando uma canção de *Gypsy* e trazendo uma bandeja redonda com uma pizza cheirosa e recém-assada. Olhou para Lina e parou.

— Por que está chorando?! — Seus olhos faiscaram ao pousar em Perséfone. — Escute aqui, mocinha, se você a fez chorar, eu...

— Não, Anton, não é nada de ruim! — Lina sorriu entre lágrimas, enxugando o rosto com as costas da mão. — Perséfone me deu este colar, e ele é tão bonito que me fez chorar.

O rapaz relaxou.

— *Perséfone*? Como a deusa?

— Exatamente — replicou a moça.

— Também não me lembro de tê-la visto aqui antes. Como conheceu a nossa Lina? — ele indagou, intrigado.

Perséfone sorriu.

— Lina me ajudou a crescer.
Anton pareceu confuso.

— Perséfone — Deméter chamou do outro lado do salão. — Precisamos ir.

— Anton, precisamos levar a pizza para viagem. Ah! Poderia, por favor, adicionar na caixa uma fatia grande de gubana? — pediu a deusa da Primavera.

— É claro! — ele respondeu, solícito. — Sua Majestade deseja mais alguma coisa? — Acenou com um gesto de cabeça na direção da mãe dela.

A moça riu com vontade.

— Apenas a conta, por favor.

— Eu pago — declarou Deméter e, com a dignidade típica de uma deusa, pôs-se de pé e caminhou até onde Anton esperava, na caixa registradora.

— Com o quê? — Lina sussurrou.

Perséfone encolheu os ombros.

— Anton! — interveio Lina, e ele se virou para ela.

— Com estas senhoras aceitaremos permuta. Apenas certifique-se de negociar bem...

Os olhos de Anton se arregalaram.

— Como quiser, patroa. Então, muito bem, minha rainha, o que tem a ofertar pela gubana, a pizza e o vinho?

Deméter ergueu o queixo.

— Eu prefiro o título de deusa. Rainhas têm reinos limitados demais.

— Como quiser, ó, deusa Regina Safra... O que estás a ofertar?

O sorriso de Deméter foi ardiso.

— Gostaria de um pássaro falante?

— Não, querida. — Anton revirou os olhos. — Já temos animais em demasia circulando por aqui. Tente outra vez.

Perséfone puxou a manga de Lina.

— Deixe-os resolver isso sozinhos... Tenho mais uma pergunta.

— Qual?

— O que fez a Apolo?

— ... Nada — Lina respondeu.

— Nada? — Perséfone repetiu, confusa.

— Coisa nenhuma.

— Você rejeitou o deus da Luz? — A jovem deusa não teve a certeza de ter ouvido bem.

— Claro que sim. Costumo me interessar apenas por um deus de cada vez — ironizou Lina.

— Está falando a sério? — Perséfone segurou o queixo perfeito, pensativa. — Que conceito interessante!

— Vendido por uma coroa de ouro que provavelmente é falsa, mas que eu *a-do-rei!* — Anton gritou do outro lado, feliz da vida.

CAPÍTULO 28

Hades não conseguia parar de olhar para o desenho que a pequena alma havia lhe dado.

— Gostou? — perguntou Eurídice.

— Como sabia? — A voz dele soou áspera e estranha até para seus próprios ouvidos. Quanto tempo se passara desde que tinha conversado com alguém? Não conseguia se lembrar. — Tenho pensado muito em Perséfone — prosseguiu a moça. — Comecei até a sonhar com ela... Mas, quando a vejo em meus sonhos, ela não é mais como era quando estava aqui. É difícil explicar, mas é como se a aparência dela nos meus sonhos fosse a mais correta. Então eu a desenhei dessa forma. Quando mostrei o esboço a Iapis, ele me disse que eu devia trazê-lo a você.

— Espero não ter me excedido, senhor — murmurou Iapis.

Hades continuou sem tirar os olhos do desenho.

— Não, meu velho amigo, não se excedeu. Tinha razão em querer me mostrar. — Ele se obrigou a desviar o olhar do esboço para fitar Eurídice. — Obrigado. Posso ficar com ele?

— É claro, senhor. Tudo o que eu criar será seu.

— Não, pequena alma — Hades respondeu, tristemente. — Qualquer coisa que criar ainda pertence a ela.

— Será que ela vai voltar para nós? — Eurídice perguntou.

O deus olhou para o desenho de Carolina. Suas feições mortais eram doces e gentis, seu corpo, cheio e feminino.

Sentiu uma estranha agitação só de olhar para a imagem e fechou os olhos, bloqueando-a em sua mente. Ele não tivera forças para confiar nela, e, por conta disso, ela quase havia perdido a alma para o Tártaro. Em seguida retornara do abismo apenas para ser traída e ferida por suas palavras duras e impensadas. Ele não merecia seu amor.

— Não — murmurou. — Não acredito que ela voltará para nós.

Eurídice deixou escapar um lamento, e, quando Hades abriu os olhos, viu Iapis tomando-a nos braços.

— Acalme-se — o daimon falou baixinho. — Onde quer que ela esteja, não deve ter se esquecido de você. Ela a amava.

— Deixem-me, por favor — Hades interveio asperamente.

Iapis fez um sinal para Eurídice ir, porém permaneceu nos aposentos de seu senhor. Sua preocupação com o deus era grande. Hades já não andava de um lado para o outro, frustrado. Não descontava sua revolta na forja. Recusava-se a comer e quase nunca dormia. Atendia seus súditos, julgando os mortos como se ele próprio estivesse entre eles, condenado a vagar eternamente pelas margens do Cócito, o rio da Lamentação.

Quando Perséfone tentara visitá-lo, Iapis havia sentido uma ponta de esperança diante da raiva demonstrada por Hades. Mas isso tinha durado pouco. Tão logo a deusa da Primavera deixara o Submundo, Hades se fechara outra vez. O deus não podia continuar como estava, entretanto Iapis não via nenhuma luz no fim do túnel. O tempo parecia inflamar ainda mais a ferida do deus sombrio em vez de curá-la.

— Iapis, você sabe o que acontece quando almas gêmeas são separadas? — Hades perguntou de repente. Estava parado em frente à janela que dava para os jardins adjacentes à

floresta de Elísia que acabavam levando ao rio Lete.

— Almas gêmeas sempre se reencontram, o senhor sabe — respondeu o daimon.

— Mas o que acontece se elas não puderem encontrar uma a outra, ou se uma delas fez algo imperdoável? — Ele se virou para olhar o amigo.

— Não consegue perdoá-la, Hades?

O deus piscou e focalizou melhor o rosto de Iapis.

— Eu já a perdoei. Ela estava apenas cumprindo seu juramento a Deméter. O senso de honra de Carolina não lhe permitiria trair sua palavra, nem mesmo por amor. É a mim mesmo que eu não consigo perdoar.

— Como assim, senhor?

— Carolina Francesca Santoro é uma mortal com a coragem de uma deusa, e eu a feri pela mais cretina das razões, apenas para salvaguardar meu orgulho. Por isso não posso perdoar a mim mesmo. Assim sendo, como posso esperar isso dela?

— Talvez a situação seja parecida com a noite em que a insultou — lembrou Iapis com calma. — Basta perguntar e se mostrar disposto a ouvir a resposta.

Hades sacudiu a cabeça e se virou para a janela.

— Ela desnudou sua alma para mim, e eu a traí. Agora Carolina está além do meu alcance.

— Mas, se concordasse em ver Perséfone...

— Não! — Hades rosnou. — Não vou receber uma deusa frívola que zomba da alma que residiu em seu corpo.

— Hades, não pode afirmar que a deusa zomba de Carolina!

— O Cérbero a repeliu, Órion a detestou, os mortos a consideraram uma impostora... Isso basta para mim — insistiu o deus.

— Perséfone é uma deusa muito jovem.

— Ela não é Carolina.

— Não, não é — o daimon concordou com tristeza.

— Deixe-me agora — pediu Hades.

— Sim. Mas, antes, permita-me providenciar um banho e roupas limpas para o meu senhor.

Quando Hades começou a protestar, Iapis desabafou:

— Não consigo me lembrar da última vez em que tomou banho ou mudou de roupa. Está pior do que os recém-falecidos!

Os ombros poderosos de Hades caíram.

— Se eu tomar banho e mudar de roupa, vai me deixar em paz? — ele indagou, sem olhar para o daimon.

— Por algum tempo.

Hades quase sorriu.

— Então que assim seja, meu amigo.

Hades se acomodou na água quente da banheira de mármore negro, construída no chão do quarto de banho, e descansou de encontro à borda larga. Uma taça de vinho tinto e uma bandeja de prata cheia de romãs e queijo fora deixada ao seu alcance. As poucas velas acesas brilhavam suavemente em meio ao vapor que subia, tal como o luar em meio à neblina.

Bebeu o vinho com gosto. Não tinha apetite e ignorou a comida, mas o vinho o deixava mais leve. Talvez, apenas naquela noite, ele pudesse beber até esquecer. Quem sabe, assim, poderia dormir sem sonhar com ela.

Em um gole, esvaziou a taça e olhou na lateral, querendo mais. Iapis deixara o jarro perto o suficiente para que ele não tivesse de abandonar o calor reconfortante da banheira.

— Aquele daimon pensa em tudo... — resmungou consigo mesmo.

— Nem tudo.

Hades pulou ao som da voz e deixou cair a taça, que tilintou ao tombar no mármore.

Perséfone soprou o vapor e este se dissipou, tornando-a visível para Hades. Ela também descansava na borda da enorme banheira, à sua frente, e, embora estivesse submersa na água até os ombros, seu corpo nu se encontrava tão à vista como o dele.

Os olhos da deusa se arredondaram com surpresa. Carolina não era nenhuma tola... Ela mesma não fazia ideia de que o sisudo senhor do Submundo fosse tão delicioso.

— Olá, Hades... Não creio que tenhamos sido formalmente apresentados. Sou a deusa Perséfone, da Primavera.

Ele desviou o olhar do dela e saiu da banheira de um salto, vestindo um manto. Perséfone o viu cerrar a mandíbula e, quando o deus falou, foi forçando as palavras por entre os dentes.

— Afaste-se de mim! Eu me recusei a vê-la.

— Eu sei, mas estou com um problema e você é o único deus que pode me ajudar a resolvê-lo, embora Apolo seja definitivamente mais hospitaleiro. E, sem dúvida, ele se mostraria bem mais disposto a me ajudar nesta empreitada em particular... — Ela correu os dedos pela água quente. — Depois de eu ter falado com Lina, entretanto, parece que você é o meu único recurso.

— Apolo! — Hades exclamou com desdém. — O que ele tem a ver com Carolina?

— Nada. Mesmo que ele deseje o contrário.

O restante do que Perséfone dissera finalmente rompeu o choque de Hades.

— Falou com Carolina?

— Sim, falei. Na verdade, acabei de deixar sua padaria — contou a deusa, presunçosa.

Hades prendeu a respiração.

— Ela está bem?

— Em excelente forma, e seu negócio vem prosperando a cada dia.

Ele observou sem ver o vinho que tinha espirrado no chão.

— Que bom. Fico feliz por ela estar...

— Ainda não terminei — Perséfone o interrompeu e, sacudindo os dedos acima da superfície da água, fez chover as gotas sobre ele.

— Então termine de uma vez. — Hades a fulminou com o olhar.

— O que eu ia dizer era que o corpo dela está lindo, seu negócio vai bem, porém Lina continua arrasada.

— Eu... Ela... — O deus começou e depois parou, passando a mão pelo cabelo úmido.

— “Eu... Ela”, o quê? — provocou Perséfone. — Lina me disse que às vezes era difícil fazê-lo relaxar, mas que, se eu fosse obstinada o suficiente, poderia levá-lo a falar.

Hades sentiu que enrubescia, mas estreitou os olhos.

— Ela queria que você falasse comigo? Por quê?

— Ah... Duvido que ela estivesse querendo que nós nos encontrássemos. Só disse isso porque acha que está apaixonado por mim.

Hades bufou.

— Isso é ridículo!

— Obrigada pela gentileza.

— ...Eu não quis ofendê-la — ele se desculpou depressa.

— Eu sei, eu sei. — Perséfone suspirou. Afastou os cabelos do rosto, e um de seus seios despontou por cima da água, o mamilo cor de malva apontando diretamente para ele.

O deus engoliu em seco e desviou o olhar, concentrando-se no prato de frutas e queijo.

— Acho melhor conversarmos no quarto. — Apontou para um armário próximo. — Há roupas ali com as quais poderá se cobrir.

— Espere! — Perséfone chamou antes que ele saísse do banheiro. — Há algo que Lina e eu precisamos saber.

Hades a fitou, tomando o cuidado de manter os olhos focados em seu rosto.

— Fique onde está — prosseguiu a deusa. — Acredito que isso seja muito importante para nós três.

— O que precisa saber? — ele indagou, exasperado.

— Isto... — Perséfone se levantou.

A água quente escorreu por sua pele lisa. As pontas de seus seios estavam rijas como se tivessem acabado de ser acariciadas, e seu corpo continuava tão esguio e extraordinário quanto ele se lembrava.

Hades olhou para a deusa enquanto ela saía lenta e graciosamente da banheira, para depois caminhar, sedutora, em sua direção. Quando se aproximou dele, Perséfone parou, ergueu os braços e o enlaçou pelo pescoço. Então apertou o corpo nu contra o dele e o fez colar a boca na sua.

Os lábios do deus tomaram os dela, e ele a abraçou instintivamente.

Mas não sentiu nada. Exceto pela familiaridade com o corpo curvilíneo e a boca quente e macia, Perséfone não o comoveu. Era como se ele segurasse uma estátua maleável. Delicadamente, porém com firmeza, Hades se afastou dela.

Perséfone deixou seus braços de bom grado.

— Então não é este o corpo que você deseja.

— O que eu desejo não mudou, nem vai mudar. Desejo apenas uma mulher na vida, e pouco importa o corpo que ela habita.

Por um instante, Hades pensou ver tristeza nos olhos da jovem deusa, porém esta logo se foi e, quando Perséfone sorriu, seu ar juvenil tinha voltado.

— Bem... Obrigada por nos esclarecer essa dúvida.

— De nada.

Ele buscou um manto no armário, e a deusa o vestiu. Em seguida, apanhou a taça do chão e a jarra de vinho.

— Agora, tudo o que temos de fazer é encontrar uma forma de fazer Lina acreditar nisso — decidiu a moça.

Caminharam para os aposentos de Hades, e Perséfone olhou ao redor.

— Lindo quarto!

— Obrigado. Fique à vontade enquanto vou apanhar outra taça.

Perséfone foi até a janela envolta em veludo. Puxou de lado a cortina e olhou a vista fantástica, proporcionada pelos jardins escalonados, as estátuas em meio à bem cuidada vegetação, e as milhares e milhares de flores brancas, as quais eram banhadas por uma luz suave e incomum.

— O vinho — anunciou Hades.

Ela se afastou da janela.

— Lina tinha razão quando disse que isto tudo parece um sonho.

As palavras fizeram doer o coração do deus.

— Por que está aqui, Perséfone?

A moça ajeitou o cabelo para trás e sorriu.

— Tenho uma proposta para lhe fazer...

— Eu ainda não entendo como ajudá-la. Carolina recusou a sua proposta! Não pode obrigá-la a essa troca — Hades concluiu enquanto andava de um lado para outro à frente de Perséfone.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Não posso?

— Não vai forçá-la. — As palavras de Hades soaram firmes, porém ele sentiu sua resolução enfraquecer. Carolina poderia voltar! Ele poderia tocá-la e conversar com ela novamente... E, sem dúvida, poderia convencê-la de seu amor.

Não, pensou, sacudindo a cabeça. Ela já havia sofrido bastante. Não permitiria que Lina fosse obrigada a fazer algo que ela mesma não acreditava poder suportar.

— Vocês dois são os reis da teimosia! Você se recusa a obrigá-la a vir; ela se recusa a vir de livre e espontânea vontade... — Perséfone suspirou. — Precisa encontrar uma maneira de convencê-la a retornar sem ser forçada, então.

— *Como?* — Hades quase cuspiu a palavra.

Perséfone caminhou até ele e colocou a mão em seu braço.

— Se precisar de mim, pode me chamar por meio do oráculo de mamãe. — Num impulso, beijou-o no rosto.

Hades acariciou a mão delicada e deu-lhe um sorriso cativante e paternal.

— Perdoe a minha grosseria. Deuses antigos às vezes podem ser caprichosos.

Perséfone sorriu de volta para o deus que era tão obviamente apaixonado por Carolina. — Está perdoado — falou e desapareceu.

A forja ardia com um calor de outro mundo. O suor escorria do corpo de Hades em uníssono com a batida de metal contra metal, porém o deus nem sequer tinha consciência do seu entorno.

Carolina ainda o amava!

Precisava encontrar uma forma de reparar o dano que havia causado, de maneira que ela confiasse nele novamente. Mas como?

— Está parecendo uma velha solteirona, senhor dos Mortos.

Hades virou para identificar a voz sarcástica e precisou apertar os olhos contra a luz ofuscante.

— Apolo! Você e sua luz exagerada não são necessários aqui — ele rugiu.

— Ah, sim, eu sempre me esqueço... — Apolo passou a mão no rosto, e o fulgor que o envolvia desapareceu. — Está melhor assim?

— Não me lembro de tê-lo convidado a vir ao meu reino.

— Eu tinha de vir. Precisava ver como estava a outra metade desse amor desperdiçado.

Hades se encheu de raiva.

— Não está querendo dizer que...

— E o que vejo aqui é bem menos atraente do que a versão mortal — o deus do Sol interrompeu seu discurso.

— De que mortal está falando? — exigiu Hades.

— De Carolina, claro. Sabia que ela me rejeitou? Estava mais interessada nas minhas éguas do que em mim. — Apolo riu. — Enquanto eu achava que ela era Perséfone, suas atitudes me confundiam. Quando descobri que ela era uma mortal no corpo de uma deusa, fiquei estupefato. E, depois, ainda soube que ela havia preferido você a mim... Inacreditável.

Hades estreitou os olhos para o jovem deus.

— Não acho que seja assim, tão surpreendente.

— Pois devia. — Apolo sorriu. — As mortais me acham irresistível.

— Carolina é bem mais exigente do que a maioria das mortais.

— E mais fiel também. Ela já recusou ao menos um homem desde que voltou ao próprio mundo. — Apolo lançou um olhar avaliador na direção de Hades. — E, como ele é apenas um mortal, é definitivamente mais jovem do que você...

— Andou espionando a moça? — Hades rosnou.

— Não foi o que eu disse?

— Não!

— Acho que essa sua choradeira pelo seu amor perdido afetou a sua audição. Lembro-me muito bem de ter dito que...

Em dois passos, Hades alcançou Apolo e agarrou o deus pelo pescoço, erguendo-o do solo.

— Diga-me como pôde vê-la! — trovejou, irado.

— Por meio do oráculo de Deméter, ora! — o jovem deus respondeu, esganado.

Hades deixou cair o deus da Luz e saiu correndo da ferraria.

— Selem Órion! — gritou, ofegante.

Dentro da ferraria, Apolo esfregou o pescoço e alisou as vestes amarrotadas.

— Missão cumprida... Agora está em débito comigo, Deméter — murmurou antes de desaparecer.

CAPÍTULO 29

— É fevereiro, mas parece abril. — Lina suspirou, feliz. — Adoro quando o clima em Oklahoma está assim — disse a Edith Anne, que trotava alegremente a seu lado.

Tinha levado algum tempo para se acostumar com os patins. Não que seu corpo não soubesse o que fazer. Sua mente era que insistia em pensamentos como “Esse chão é muito duro!” ou “Devagar, assim vai cair e quebrar alguma coisa!”

Dessa forma, mesmo após vários meses de prática, Lina ainda patinava devagar, acariciando a calçada de cimento que corria ao longo do rio Arkansas com passadas controladas e cuidadosas.

— À sua esquerda! — Alguém gritou atrás dela, e Lina passou para o lado direito da calçada.

— Obrigada! — gritou quando uma bicicleta de corrida passou voando.

— De nada! — o piloto berrou de volta.

— Eu gosto quando eles fazem isso — Lina falou à buldogue, que mantinha o ritmo a seu lado, na grama que começava a verdejar.

Edith resmungou.

— Fico assustada quando alguém simplesmente passa por nós sem qualquer aviso. Aquele sujeito da bicicleta amarela e enorme quase me derrubou na semana passada! — Ela se abaixou e brincou com a orelha de Edith. A buldogue bufou outra vez e lambeu sua mão. — Acho que eu deveria prestar mais atenção ao redor, ainda mais quando tudo está calmo como nesta noite. Mas ela é sempre tão bonita!

Sorriu. O início da noite era o seu momento favorito para andar de patins. O pôr do sol em Oklahoma costumava ser glorioso e, às vezes, conforme o astro descia sobre o rio Arkansas, sua luz se refletia fora da água numa mistura de rosa e laranja com azul e cinza, lembrando a magia de Elísia.

Mas não a deixava tristonha. O tempo a ajudara nesse ponto. Gostava da lembrança em pequenas doses, pois esta a ajudava a manter o vazio sob controle.

Edith Anne parou para cheirar uma moita particularmente interessante, lotada de ervas daninhas.

— Ei, fique comigo! Se começar a se sujar com lama ou cardos, terá de tomar um banho quando chegarmos em casa.

A cadela ainda resmungou um par de vezes para as ervas daninhas antes de correr atrás dela outra vez.

Lina desacelerou para que Edith a alcançasse, e pensou ouvir cascos de cavalo ao longe.

Interessante, pensou. O tempo devia estar bom o suficiente para que o estábulo à beira do Arkansas tivesse aberto mais cedo. Passeios a cavalo ao longo do rio eram um excelente negócio enquanto o clima ajudava, mas não costumava funcionar antes de abril. Como havia perdido o anúncio no jornal? Normalmente, gostava de postar coisas assim na padaria.

Fez uma anotação mental para verificar aquilo no dia seguinte.

Com a buldogue a seu lado outra vez, Lina retomou o ritmo. Já percorrera quase sete quilômetros, sua respiração se mantinha normal e suas pernas continuavam firmes. Estava feliz por ter acrescentado os patins em sua rotina semanal. Não apenas para manter o corpo em

forma, mas também para que ele a ajudasse a pensar.

E tinha tanto o que pensar desde a visita de Perséfone!

Merda! Ficara tentada pela proposta da deusa. Como não poderia? Retornar ao Submundo como sua rainha... Não havia nada no mundo de que gostaria mais.

Não, corrigiu-se. O que ela mais gostaria era do que a estava impedindo de aceitar a proposta de Perséfone...

Pensara no assunto incessantemente durante os longos meses de inverno. Pensara até mesmo em telefonar para a avó e lhe pedir conselhos. Sem que esta pensasse que ela fosse se comprometer.

Às vezes achava que Deméter tinha razão, que ela havia cometido um erro.

Mas, então, se lembrava de como Hades se afastara dela no momento em que ela se revelara.

“Saia do meu reino” fora sua sentença ao ver a verdadeira Carolina.

Suspirou. O tempo ajudara a curá-la, mas lembrar as palavras ainda fazia doer sua alma.

E era quase primavera. Perséfone voltaria em breve em busca de uma resposta.

Respirou profundamente e manteve o ritmo enquanto ponderava pela milésima vez qual deveria ser sua decisão. Inconscientemente, tocou o narciso de ametista que trazia sempre pendurado ao pescoço.

Não poderia retornar, mas queria tanto fazer isso! Até sonhava com a volta ao Submundo.

Não poderia, no entanto. Talvez fosse uma covarde, mas não desejava se arriscar. Tinha levado tanto tempo para cicatrizar... Não queria que a ferida se abrisse novamente.

Diria “não” a Perséfone. Talvez a deusa pudesse encontrar outra mortal com que trocar de lugar. A própria Dolores era ativa na Sociedade do Anacronismo Criativo... Provavelmente teria muito interesse em perambular pelo Monte Olimpo e brincar com as ninfas enquanto a jovem deusa assava pães.

O pensamento fez Lina rir. Ela poderia até tirar longas férias e deixar a padaria nas mãos da Dolores / Perséfone. E a Itália era tão linda na primavera!

Enquanto planejava suas férias no velho continente, notou que o ruído de cascos de cavalo vinha se aproximando cada vez mais rápido. Já estava indo para a borda do passeio quando um alegre relinchar cortou o ar.

Seu coração deu um salto ao reconhecê-lo, e ela se virou no exato momento em que uma enorme silhueta negra se avultava sobre ela e um focinho escuro quase colidia com seu rosto. Órion alternou relinchos com bufos, acariciando seus cabelos e ombros.

Em estado de choque, Lina só pôde se agarrar aos arreios do cavalo e esperar que, em seu entusiasmo, ele não a derrubasse.

— Quem se atreve a tocar o temível cavalo de Hades?

As palavras foram as mesmas que ele proferira havia muito tempo, porém seu tom era muito diferente: repleto de amor e saudade.

Lina ergueu o olhar. Hades encontrava-se sentado na sela lustrosa e tinha substituído as roupas arcaicas por uma camisa preta de corte moderno, cujas mangas deixavam à mostra os braços musculosos. Também vestia *jeans* e as botas típicas dos *cowboys* de Oklahoma. Os cabelos estavam puxados para trás, e os olhos cintilavam.

Ela o fitou sem nada dizer, sentindo a simples visão do deus reabrir a ferida recém-curada em seu coração. Durante todos aqueles meses obscuros do inverno, ele a deixara sozinha.

E fora tanto tempo... tanta dor.

A súbita onda de raiva a surpreendeu.

Hades tentou sorrir, porém seus lábios tremeram de leve.

— Perguntou quem se atrevia a tocar seu temível cavalo, Hades... — As palavras de Lina soaram entrecortadas pela emoção. — Então permita que eu me reapresente. Sou Carolina Francesca Santoro, uma mortal de meia-idade nascida em Tulsa, Oklahoma, e dona de uma padaria. E eu não me atrevi a tocar o seu temível cavalo. Foi ele quem enfiou o focinho em minhas mãos outra vez.

Hades sentiu as palavras entrando como facas no peito, mas não podia culpá-la por sua revolta. Ele a compreendia.

No entanto, não permitiria que Carolina o fizesse desistir.

Passou a perna por sobre a sela e desmontou. Queria se aproximar dela, erguê-la nos braços... Porém Lina o fitava com um olhar frio, fixo e nada acolhedor.

— Esqueceu-se de um título na sua apresentação, Carolina — pronunciou o nome dela como numa prece.

— Não creio. Sei exatamente quem sou — ela rebateu. Hades não tinha se aproximado dela; mesmo assim, Lina deu um passo para trás.

— Eu também. É Carolina Francesca Santoro, mortal de meia-idade nascida em Tulsa, Oklahoma, dona de uma padaria... e rainha do Submundo — ele completou num murmúrio.

Lina sentiu um tremor cortá-la dos pés à cabeça e se agarrou à sua raiva, temendo que, se esta se fosse, seu coração partisse em mil pedaços.

— Sinto muito, senhor. Deve estar confuso. A deusa Perséfone é a rainha do Submundo. Eu era apenas uma substituta temporária, e nem estava à altura do trabalho.

— Seus súditos não pensam assim, Carolina. Ele apontou para Órion, que esticou o pescoço de modo a morder seu ombro enquanto ela lhe acariciava o focinho.

— Os animais sempre gostaram de mim.

Como se para comprovar suas palavras, Edith Anne pulou em suas pernas, contorcendo-se para chamar a atenção. Órion bufou e se curvou para soprar a buldogue.

— Ele me lembra um pouco o Cérbero... — Hades apontou o cachorro atarracado com um gesto de cabeça, tentando sorrir de novo, sem muito sucesso.

— Ele é *ela*. E ouvi dizer que Edith Anne é mais educada do que o seu Cérbero tem sido ultimamente — observou Lina, mordendo o lábio em seguida. Não deveria conversar com Hades.

— O Cérbero tem faltado com as boas maneiras sem dúvida porque sente a ausência de sua rainha, assim como o resto do Submundo.

— Um cachorro e um cavalo não são vassalos de ninguém. E eu não sou nenhuma rainha. Sou uma mortal. Não tenho nenhum súdito.

Hades voltou à sela de Órion e tirou uma tela enrolada que tinha alojado no pomo.

— Eu trouxe uma coisa para você. Eurídice queria que eu ficasse com isto, mas eu a convenci de que este trabalho lhe pertencia. Ela ainda se vê como a artista particular da deusa da Primavera, embora sinta muito a falta de sua senhora.

— Eu não sou... Não quero... — Lina balbuciou, sentindo uma onda de saudade ao pensar na moça.

Hades se aproximou dela. Nos meses em que haviam ficado separados, Lina se esquecer

de seu tamanho. Ele parecia cercá-la por todos os lados.

E, mesmo vestindo roupas modernas, parecia sombrio e devastadoramente bonito.

Seu Batman.

— A pequena alma falou que isto foi um sonho que ela teve com você. E disse que se sentiu bem.

Hades estava tão perto que ela podia sentir o calor de seu corpo.

Sem palavras, Lina tomou a tela de suas mãos. Desenrolou-a e soltou uma exclamação.

— Mas sou eu!

Era ela mesma, a mortal Carolina Francesca Santoro. Seu corpo, seu rosto, seu sorriso... E não Perséfone.

Quando olhou com mais atenção para a imagem que Eurídice havia tirado de um sonho, seus dedos começaram a formigar e, de repente, uma torrente de emoção passou da tela para sua alma. Em meio a esta, ela pôde ouvir as vozes de milhares de mortos. Eles clamavam por ela, pedindo que sua rainha retornasse.

Lina sentiu as mãos tremerem, e a mágoa dentro dela começou a se dissipar.

— Seus súditos a reconhecem e clamam por você, Carolina — Hades falou suavemente.

— Pena que o próprio deus deles não tenha me reconhecido — ela retrucou, sem encará-lo.

— Não há nenhum deus ou senhor aqui... — A voz de Hades falhou, e ele precisou fazer uma pausa antes de continuar. Segurou o queixo de Lina e ergueu seu rosto de forma que ela o fitasse nos olhos. — Esta noite sou apenas um homem que procura desesperadamente por sua alma gêmea. Ela se separou de mim por conta da minha loucura, e eu tinha que perdoar a mim mesmo antes de encontrá-la e pedir que ela... Não chore, minha amada! — pediu, quando lágrimas começaram a escorrer dos olhos de Lina.

— Você se afastou de mim! — ela acusou em meio a dolorosos soluços. — Quando viu quem eu realmente era, não me quis!

— Não! — Ele a puxou para os braços e a apertou contra o peito. — Eu não lhe dei as costas... Foi o orgulho que incitou as minhas palavras e ações.

— Porque não quis o amor de uma mortal de meia-idade — Lina replicou, a voz abafada de encontro a ele.

A risada de Hades soou como um soluço.

— Não. Foi porque eu estava apavorado em ter perdido a alma para uma mulher que poderia não querer nada mais do que um flerte com um deus inexperiente, sobre o qual ela poderia se gabar.

Lina ergueu os olhos para os dele.

— Eu disse a Deméter que você não havia ficado com qualquer outra deusa porque estava tentando convencê-la de que era diferente.

— Eu sei, minha querida. Perdoe o orgulho de um deus velho e solitário. — Os lábios de Hades finalmente esboçaram um sorriso. — E, por favor, volte para casa.

Em resposta, ela o puxou para um beijo.

— Carolina! — Hades soprou seu nome contra os lábios macios. — Minha alma ardeu tanto por você, minha eterna amada!

Antes que a beijasse novamente, contudo, Órion o cutucou por trás, e a cadela robusta farejou seus pés.

Ele olhou para baixo, fazendo uma careta para os rastros de saliva em suas botas.

— Órion, pare com isso! — ralhou Lina, empurrando a cabeça enorme e negra de lado. — E, Edith Anne, fique quieta! Está estragando as botas novas dele!

Hades jogou a cabeça para trás e riu. Em seguida, ergueu sua rainha nos braços e, pondo-a na sela do garanhão, montou atrás dela com uma vitalidade pouco comum para um mortal.

— Hades! O que está fazendo?

— Tirando-a do alcance desses animais. — Passou um braço em torno de sua cintura e a puxou contra ele.

— Mas, Edith Anne...

— Não se preocupe. Órion irá devagar. Não vamos perder sua cadela.

Segurando-a com firmeza, ele estalou a língua em sinal para o cavalo. Órion virou a cabeça e bufou, mas começou a andar lentamente, de modo que a buldogue não teve problemas para trotar a seu lado.

O deus voltou sua atenção para Carolina.

— Não temos muito tempo antes que a primavera venha para o seu mundo. Talvez queira me mostrar um pouco desse reino que você chama de Tulsa... — murmurou, acariciando os suaves cachos castanhos que haviam se formado na nuca de Lina.

Na verdade, não estava sendo fácil para ele se conter. Sua vontade era amá-la ali mesmo.

Pensou em como o novo corpo de Carolina era sedutor e feminino. Ela era suave, perfumada e deliciosamente convidativa.

Lina virou-se e sorriu para ele de cenho franzido.

— Conhece o plano de Perséfone?

— Quem não conhece? — ele respondeu, bem-humorado.

— Estou começando a achar que ele pode dar certo... — Ela sorriu.

— Eu também.

Hades se inclinou para reivindicar seus lábios, porém Lina o empurrou de leve.

— Espere um minuto... Não devia estar aqui! Certamente não pode ficar por muito tempo, pois não há ninguém ocupando o seu lugar no Submundo.

— Não. — Ele sorriu para sua rainha, a alma leve. — Mas, às vezes, até mesmo a morte precisa de um descanso.

Quando seus lábios se encontraram, o sol tocava a margem do rio. Fez uma pausa ali e emitiu mais um feixe breve e intenso sobre os amantes antes de desaparecer no horizonte.

Nesta data, Tulsa lamenta o falecimento de uma matriarca local, Carolina Francesca Santoro. Filantropa e restaurateur, a sra. Santoro era também uma conhecida amiga dos animais. Dona Carolina não deixa herdeiros biológicos, contudo sua falta será sentida por muitos que a consideravam como parte da família. Por décadas sua cadeia de padarias Pani Del Dea foi parte vital de muitas comunidades de Oklahoma. Suas unidades são muito conhecidas por sua especialidade, o cream cheese de ambrosia. A receita para este delicioso queijo é um segredo bem guardado há mais de meio século.

Mas não se preocupem, fregueses assíduos da Pani Del Dea. Antes de sua morte, a sra. Santoro compartilhou a receita com uma parente italiana, sua sobrinha-neta Perséfone Libera Santoro, que assumirá a posição de acionista majoritária da Pani Del Dea S.A. A jovem srta. Santoro anunciou que dividirá seu tempo entre Oklahoma e a Itália e, fazendo jus a seu nome, Perséfone passará cada primavera e verão conosco em Tulsa.

Assim, para honrar a memória de sua tia-avó, vamos dar a ela o nosso caloroso “Olá” de

Oklahoma!

Tulsa World,

21 de março de 2055

Lina sentia-se um pouco sem fôlego e deslocada, o que era no mínimo irônico. Estava, afinal, vestindo sua própria pele.

— Provavelmente é porque agora sou uma dos recém-falecidos — murmurou consigo mesma, estendendo os braços e olhando com espanto para a luminosidade do próprio corpo, o qual parecia mais substancial do que o dos mortos que costumava ver.

Também ficou contente por este ter assumido uma forma bem mais jovem do que antes de sua morte. Surpresa, percebeu que tinha se materializado no seu corpo de 43 anos e riu.

— A idade em que eu o conheci! — falou, contente.

O túnel se estendia diante dela, negro e sem fim, porém a escuridão não a intimidou, e ela avançou, confiante, sem nem mesmo olhar uma última vez para a luz do mundo mortal que nunca mais vislumbraria.

De repente, uma pequena bola incandescente surgiu acima de seu ombro, e Lina soltou uma exclamação, surpresa.

— O que está fazendo aqui?!

A esfera dançou a seu redor, ondulando tal qual um cachorrinho.

Ela nem precisava ter perguntado. Sabia quem tinha enviado a luz.

— Obrigada, Perséfone! — falou para o vazio.

Caminhou rapidamente através do grupo de lindas árvores-fantasmas, agora conhecidas como o Bosque de Perséfone e, como sempre, admirou a superfície cintilante de suas folhas.

Deixou o arvoredo e piscou, surpresa. Diante dela, a estrada de ônix que levava ao palácio de seu amado se estendia, como de costume, até os portões cor de pérola, mas, desta vez, os portões se encontravam abertos, e, atrás deles, havia uma multidão de silhuetas insubstanciais e incandescentes.

À frente da massa fervilhante estava Hades, tendo Órion a um lado e, do outro, Eurídice e Iapis.

Ao vê-la, o garanhão soltou um relincho estridente de alegria, dando-lhe as boas-vindas. Eurídice cobriu a boca pálida com a mão e, com a outra, acenou alegremente para sua senhora, enquanto lágrimas de felicidade escorriam por seu rosto.

Quando Hades começou a se mover em sua direção, porém, o mundo inteiro de Lina se estreitou, convergindo apenas para ele. O deus caminhou até ela, os olhos sorrindo, cheios de emoção.

Quando parou à sua frente, por fim, estendeu a mão e, num gesto já familiar, acariciou-lhe o rosto.

— Seja bem-vinda, minha amada.

Lina sorriu para sua alma gêmea.

Hades virou-se para encarar a turba. Com a capa revoando às suas costas, ergueu os braços vitoriosamente sobre a cabeça.

— Ela voltou! — gritou, a voz soando como um trovão.

Gritos de louvor erigiram dos mortos, ecoando no Submundo e se espalhando por todo o Olimpo.

— Alegrem-se! Nossa rainha chegou para nunca mais partir!

Em seu trono no Olimpo, Deméter ergueu a própria taça e tocou a de Perséfone em comemoração do final feliz de Carolina Francesca Santoro.

— Muito bem, minhas filhas — murmurou a deusa. — Muito bem.

Descubra o que irá acontecer em

DEUSA DA ROSA

o próximo livro da série

Goddess

PRÓLOGO

Era uma vez, quando os homens ainda acreditavam que havia deuses e deusas na Terra, foi concedido a Hécate, grande Deusa da Noite, domínio sobre os caminhos trilhados pelo homem. A deusa da escuridão levou a sério sua missão, e passou a vigiar não somente as estradas e caminhos dos mortais, como também a proteger o percurso entre os sonhos e a realidade, entre o corpóreo e o etéreo.

Seu domínio era o lugar onde todos os sonhos, e também a magia por eles criada, se originava. Assim, a Deusa da Noite foi denominada Deusa da Magia, e também Deusa das Feras e da Lua Negra.

Sempre vigilante, Hécate convocou uma antiga e monstruosa fera para servi-la. De bom grado, esta jurou ser a guardiã da Deusa e obedecer-lhe às ordens. A criatura era a fusão perfeita entre homem e fera; filho do Titã Cronos, era um ser como nenhum outro. E, como recompensa por sua lealdade, Hécate o presenteou com o coração e a alma de um homem. Embora sua aparência fosse monstruosa, a deusa sentiu-se segura ao lhe confiar a proteção da fronteira dos caminhos que conduzem ao mundo mágico.

Este lugar foi batizado de Reino das Rosas, e aquelas que ali serviam a deusa foram chamadas de Sacerdotisas do Sangue. Durante séculos, o Guardiã permaneceu fiel, seguindo os ditames de sua missão sagrada, pois era tão honrado quanto influente, e tão sábio quanto poderoso. Até um dia de Beltane¹...

O Guardiã conhecia o seu dever. Mas, *Céus!*, até mesmo um protetor podia se cansar... E não cometera nenhum deslize por crueldade ou ganância. Seu único erro fora amar sem reservas. Mas ele quebrara a confiança de sua deusa e, em um rompante de raiva, Hécate lançara um feitiço sobre ele e sobre o Reino das Rosas: o reino não teria mais nenhuma Alta Sacerdotisa, e o Guardiã dormiria eternamente, a menos que fosse despertado por uma mulher que carregasse o sangue mágico das Sacerdotisas de Hécate e fosse sábia o suficiente para enxergar a verdade, e compassível o bastante para passar por cima dela...

E, assim, o Reino das Rosas se desesperou, e o Guardiã adormeceu enquanto sua deusa esperava.

PARTE 1

CAPÍTULO 1

— Andei tendo aqueles sonhos de novo.

Nelly se ajeitou na cadeira e deu a Mikki um de seus olhares mais clínicos.

— Gostaria de me contar sobre eles? — Nelly perguntou.

Mikki desviou o olhar da amiga. Será que ela gostaria de compartilhá-lo? Descruzou e tornou a cruzar as pernas longas, passou a mão nervosamente pelos cabelos e tentou se acomodar na poltrona.

— Antes de eu responder a essa pergunta, quero que responda a uma minha.

— É justo — concordou Nelly.

— Se eu lhe contar os meus sonhos, como vai ouvi-los? Como minha amiga ou como minha psiquiatra?

A médica riu.

— Por favor, Mikki! Estamos em uma lanchonete, não em meu consultório! Você não está pagando cento e vinte dólares por hora para eu ficar sentada aqui com você. E não vamos nos esquecer: — Ela se inclinou para a frente e exagerou no sussurro. — É minha amiga há anos, mas nunca foi minha paciente!

— É verdade. Mas não por falta de assunto.

— Ah, sem dúvida — Nelly concordou com sarcasmo. — E então? Vai me contar sobre os sonhos, ou terei de usar meus truques de psiquiatra para dissuadi-la?

— Tudo menos isso! — Mikki levantou as mãos como para se defender de um ataque. Encolheu os ombros. — Eles são iguais aos outros.

Nelly ergueu as sobrancelhas significativamente.

— Está bem! — Mikki suspirou e revirou os olhos. — Talvez tenham mudado um pouco.

— Consegue ver o rosto dele agora? — a outra moça perguntou, gentil.

— Quase. — Mikki fixou o olhar em um ponto qualquer da aconchegante lareira de tijolos.

— Na verdade, acho até que vi seu rosto desta vez, mas...

— Mas?

— Eu estava tão preocupada que não consegui me concentrar nele — ela elaborou, apressada.

— Preocupada?

Mikki parou de olhar para a lareira e encontrou os olhos da amiga.

— Preocupada em ter o sonho mais erótico da minha vida! Não dei a mínima para o rosto dele.

— Ora, ora, ora — Nelly comentou surpresa. — Não me lembro de ter falado em sexo nos outros sonhos. Agora estou realmente interessada nessa história.

— Isso porque eles não... ou talvez eu... Ah, não sei. Por alguma razão, os sonhos estão mudando. — Ela se esforçou para descrever o que estava acontecendo. — Estou dizendo, Nelly, os sonhos estão ficando cada vez mais reais.

O brilho de diversão deixou os olhos escuros da outra moça, substituído pela preocupação.

— Diga-me, querida. O que está acontecendo?

— Quanto mais realistas ficam esses sonhos, menos a minha vida parece real.

— Conte-me sobre esse último, então.

Em vez de responder de imediato, Mikki rodou uma mecha do cabelo cor de cobre no dedo e sorveu um gole do *cappuccino*. Ela e Nelly eram amigas fazia anos. Tinham se conhecido no hospital onde ambas trabalhavam, e haviam se tornado confidentes no mesmo instante.

Na aparência, possuíam pouca coisa em comum. Nelly era morena e esguia, de uma beleza exótica, herança do sangue haitiano da mãe. E devia ser ao menos uns vinte centímetros mais alta do que ela, calculou Mikki. Ao contrário dela que, além de clara, era cheia de curvas e um tanto comum.

A despeito de suas diferenças, contudo, não existia nenhum tipo de ciúme entre elas. E, desde que tinham se conhecido, apreciavam uma a outra por suas singularidades. Era uma amizade sólida, baseada na confiança e no respeito mútuo. E Mikki não fazia ideia do motivo pelo qual se encontrava tão hesitante em contar seus sonhos a Nelly. Principalmente o último.

— Mikki?

— Não sei por onde começar — mentiu.

Nelly esboçou um sorriso e tomou um gole do *cappuccino*, e mordiscou um biscoito de chocolate.

— Leve o tempo que quiser. Todos os bons psiquiatras têm uma coisa em comum...

— Eu sei, eu sei. Vocês são pacientes até demais!

— Isso mesmo.

Mikki brincou com a caneca de café. Precisava exorcizar aquele sonho de uma vez. Aquilo estava ficando estranho demais. Era como se houvesse sido hipnotizada... ou seduzida.

Continuou, entretanto, sem falar nada. Não apenas porque tinha dúvidas quanto a revelar os detalhes do sonho em voz alta, como também porque parte dela temia que a amiga, uma excelente psiquiatra, fosse proferir alguma palavra mágica que a *curasse*. Não tinha certeza se queria aquilo.

— Ei, sou eu! — Nelly incitou suavemente. Ela deu-lhe um sorriso apertado e respirou fundo.

— Está bem. Esse começou igual aos outros. — Cutucou o esmalte da unha, nervosa.

— Quer dizer na cama de dossel?

— Na mesma cama de dossel enorme, no quarto enorme — ela reforçou. — O lugar era o mesmo, só que não estava tão escuro como antes. Desta vez a luz entrava por uma parede inteira de janelas. — Mikki buscou a palavra. — Eram painéis de vidro verticais... Sabe o que eu quero dizer?

Nelly assentiu.

— Janelas quadriculadas?

— Quase isso. Bem, independente de como elas são chamadas, eu as notei, desta vez, porque deixavam entrar alguma luz. — Seu olhar continuou preso às chamas que queimavam, alegres, enquanto revivia o sonho. — Era uma luz suave, rosada, como a do amanhecer... Enfim, eu despertei — continuou, deixando escapar uma risadinha nervosa. — Foi estranho ter sido acordada de um sonho em outro sonho, mas eu acordei. Estava de braços e sentia alguém escovando os meus cabelos. Uma delícia. E, fosse quem fosse, usava uma daquelas escovas

grandes, de cerdas macias. — Sorriu para a amiga. — Você sabe... Não há coisa mais gostosa do que alguém lhe escovando os cabelos.

— Concorde, mas ter o cabelo escovado não é assim tão *sexy*.

— Ei, já faz algum tempo, mas sei muito bem que escovar os cabelos não tem a ver com sexo! Não cheguei nessa parte ainda... Só estou contando como fiquei relaxada e feliz por conta disso — explicou Mikki, lançando a Nelly um olhar impaciente.

— Desculpe interromper. Basta fingir que não estou aqui.

— Isso é coisa de psiquiatra?

— Não. Só estou querendo ouvir a parte do sexo, *caramba!*

Mikki riu.

— Nesse caso, terei prazer em continuar. Vamos ver... Eu estava tão relaxada que me sentia flutuando. Foi bizarro. Senti a alma leve, como se esta estivesse deixando meu corpo... Então tudo começou a ficar muito louco.

— Como assim, “muito louco”?

— Bem, senti uma lufada de vento. Foi como se ela houvesse me pegado e me levado para algum lugar, mas não o meu corpo; apenas o meu espírito. A sensação foi de... purificação. Isso me assustou, e eu abri os olhos. Estava de volta no meu corpo, só que no meio do roseiral mais incrível que já tinha visto ou imaginado na vida. — Sua voz perdeu qualquer indício de dúvida quando passou a descrever a cena. — Foi de tirar o fôlego. Estava cercada por rosas! E das minhas favoritas: Prazer em Dobro, Chrysler Imperial, Cary Grant, Prata Esterlina... — Ela suspirou, feliz.

— Nenhuma rosa Mikado?

A pergunta de Nelly a trouxe de volta à realidade.

— Não, não vi nenhuma rosa homônima minha. — Aprumou-se, lançando à amiga um olhar irritado. — E não acho que isso esteja acontecendo porque minha mãe decidiu me dar o nome de sua rosa favorita.

Nelly fez um gesto conciliatório com a mão.

— *Mikki* — falou, pronunciando o apelido de forma clara, como se quisesse apagar o nome “Mikado” do ar —, precisa admitir que o fato de essas rosas aparecerem em todos os seus sonhos é muito estranho.

— Por quê? Sou voluntária no Roseiral Municipal e cultivo minhas próprias rosas. Por que uma parte integrante da minha vida não deveria figurar nos meus sonhos?

— Está certa. As rosas são uma parte importante da sua vida, assim como eram na de sua mãe e...

— ... na da minha avó. E na da minha bisavó.

Nelly sorriu, aquiescendo.

— Sabe que eu acho esse seu *hobby* encantador e morro de ciúme da sua capacidade de cultivar aquelas rosas maravilhosas.

— Sinto muito. Eu não devia ter sido tão indelicada. Acho que é a falta de sono.

— Não tem dormido direito? — A preocupação sombreou a expressão de Nelly.

— Não, não... — Mikki negou rapidamente. — Apenas ando levando muito trabalho para casa e ficando acordada até tarde. *Por favor, não me pergunte mais nada sobre isso!*, pensou, lançando um olhar tenso na direção da amiga enquanto mexia o *capuccino* e tomava um gole. Nelly não precisava saber que sua exaustão nada tinha a ver com falta de sono ou muito

trabalho.

Tudo o que desejava era escapar daquele mundo de sonhos e dormir. O pior era que, apesar de nunca mais ter se sentido completamente descansada depois de ter ingressado naquele mundo de fantasias, ainda se via compelida a retornar para ele todas as noites.

— Mikki?

— Onde eu estava mesmo? — Ela se atrapalhou.

— No belo jardim de rosas.

— Ah, sim...

— E as coisas estavam ficando muito loucas.

— Isso mesmo. — Mikki voltou a olhar para a lareira. — Por algum tempo, eu apenas caminhei entre as rosas, tocando cada uma delas e apreciando sua beleza. Havia acertado no palpite: era de manhã cedo, o ar estava fresco e as flores ainda se encontravam respingadas com orvalho; como se tudo tivesse acabado de ser lavado. O jardim era circular, e as rosas e seus canteiros formavam uma espécie de labirinto. Fiquei andando por ali, apenas me divertindo.

Seu sorriso oscilou, e ela fez uma pausa antes de iniciar a parte seguinte do sonho. Pôde sentir as faces ganhando cor e desviou o olhar para encontrar o olhar curioso da amiga.

— Não me diga que está envergonhada! — provocou Nelly.

— Mais ou menos. — Mikki esboçou um breve sorriso.

— Mikki, você e eu fizemos depilação *à brasileira* juntas, esqueceu? E na mesma sala! Supere logo essa coisa e me dê mais detalhes. Se mesmo assim falhar, lembre-se... — Nelly deu mais uma mordida no biscoito e continuou com a boca cheia: —... Sou uma profissional.

— Prefiro não me lembrar — murmurou Mikki antes de respirar fundo. — Pois, então. Estou no roseiral e, de repente, sinto a presença *dele*. Eu não conseguia vê-lo, mas sabia que ele estava atrás de mim. — Umedeceu os lábios e, inconscientemente, levou a mão à garganta, os dedos acariciando a pele sensível na base do pescoço enquanto falava. — Comecei a andar mais rápido porque, a princípio, senti que deveria me manter distante... Mas logo tudo mudou. Eu podia ouvi-lo atrás de mim conforme ele ia se aproximando. E ele não estava tentando se esconder. Seus ruídos eram assustadores, quase selvagens. Era como se eu estivesse sendo caçada por uma fera.

Tentou fazer a respiração voltar ao normal, embora sentisse o corpo formigar com uma onda de calor. Surpresa, percebeu uma gota de suor escorrendo entre os seios.

— Estava com medo? — Nelly perguntou.

— Não. Nem um pouco. Na verdade, estava excitada — ela respondeu tão baixo que a amiga se inclinou a fim de escutá-la melhor. — Eu queria que ele me pegasse. Quando eu corria, era só para provocá-lo; e eu queria muito fazer isso.

— Nossa! — a outra moça exclamou com um suspiro.

— Eu avisei... E o sonho fica ainda melhor.

— Oba. — Nelly mastigou outro biscoito.

— Eu corria nua e ria. O vento parecia meu amante conforme soprava no meu corpo. Eu me deliciava com cada gemido, cada rosnado, cada grunhido feito pela *coisa* que me perseguia. E queria ser apanhada, mas não até que ele estivesse muito, muito ansioso por me agarrar.

— Pelo amor de Deus, não pare por aí! Ele pegou você ou não?

Mikki tornou-se introspectiva, e seus olhos se voltaram para o fogo mais uma vez.

— Sim e não. Como eu disse, eu estava correndo, e ele me perseguia. Cheguei a um canto do labirinto e me virei... — Seus lábios se apertaram e em seguida se curvaram em um sorriso travesso. — Então tropecei e caí em um buraco. Quando bati no fundo, devia ter me machucado, mas minha queda foi amortecida por pétalas. Eu tinha caído em um poço cheio de pétalas de rosa! E devia haver milhares delas lá. Seu perfume preenchia o ar, e elas acariciaram o meu corpo. Cada centímetro da minha pele ganhou vida em meio a tanta suavidade... E depois as mãos *dele* substituíram as rosas. — Respirou fundo. — Não eram macias. Eram ásperas, fortes e exigentes. O contraste entre as duas sensações foi incrível. Ele acariciou o meu corpo nu, desde os meus seios, passando pela minha barriga e coxas... Exatamente como eu gostaria que me tocasse. Foi como se ele tivesse entrado nas minhas fantasias e conhecesse todos os meus desejos secretos.

Mikki fez uma pausa para afastar um de fio de cabelo do rosto. Sentiu a mão tremer, mas, não querendo que Nelly notasse, apressou-se em continuar com a narrativa.

— Estava mais escuro no poço do que no jardim, e minha visão parecia meio turva, quase como se o perfume das pétalas esmagadas houvesse criado uma névoa. Eu não podia vê-lo, mas, onde quer que ele me tocasse eu pegava fogo. Antes disso, em todos os meus sonhos, podia sentir sua presença como se ele fosse um ser irreal, um fantasma ou uma sombra. Eu pressentia sua presença, mas até então ele nunca havia me perseguido ou posto a mão em mim. E eu jamais o tinha tocado também. Mas, naquele poço de rosas, tudo mudou. Podia sentir suas mãos na minha pele e também podia acariciá-lo... A certa altura, eu o puxei para mim, e ele... — Mikki engoliu em seco e fechou os olhos com a lembrança. — Ele era forte e incrivelmente grande. Corri as mãos por seus ombros e braços e percebi que seus músculos eram como pedra. Foi quando senti algo diferente.

Engoliu, tentando aplacar a súbita secura na garganta. Deveria contar a Nelly? Deveria revelar aquilo a alguém?

Enquanto se lembrava, foi quase como se estivesse lá outra vez; naquele poço de sensações e fragrâncias. Suas mãos tinham se deslocado até uma massa espessa de cabelo. Tivera a intenção de segurá-lo pelo rosto, de abrir os olhos e vê-lo enfim.

Mas encontrara os chifres. A criatura que acariciava seu corpo, levando-o a uma excitação que nunca experimentara na vida possuía chifres! Não. Não podia contar aquilo a Nelly. Era absurdo demais. Sua amiga iria achar que estava ficando maluca.

— Ele usava um traje esquisito — murmurou em vez disso, nervosa. — Uma espécie de armadura cobrindo o peito, não sei. E foi incrivelmente erótico: aqueles músculos rijos cobertos pelo couro... Eu o senti e acariciei, então ele mergulhou o rosto nos meus cabelos, aqui. — Fechando os olhos, puxou uma massa de cachos avermelhados para a frente e afundou a mão neles, perto da orelha direita. — A partir desse ponto foi fácil eu escutar cada som que ele fazia. Quando eu o afagava, ele gemia ao meu ouvido; só que não era bem um gemido. Ao menos não o gemido de um ser humano... Era um rosnado baixo e profundo, que não parava nunca. — Ela franziu o cenho. — Isso devia ter me assustado. Eu devia ter gritado e lutado ou, no mínimo, ficado petrificada, paralisada de medo. Mas não queria ficar longe dele. E aquele som terrível, animalesco e maravilhoso me excitou ainda mais. Senti que iria morrer se não pudesse tê-lo por inteiro. Quando arqueei o corpo, consegui sentir sua ereção, e ele começou a se esfregar em mim... — Engoliu de novo. — Foi então que falou, e sua voz soou diferente de tudo o que já ouvi: uma voz meio de homem, meio de bicho. E era tão profunda que foi quase

como se eu pudesse escutá-la também com a mente.

— E o que ele disse? — Nelly incitou, meio sem fôlego, quando ela parou de falar.

— Murmurou em meu ouvido algo como: “Nós não podemos. Eu não posso. Isto não pode acontecer!”. Mas eu não parei. Sentia o desejo dele nas palavras tanto quanto no que tinha no meio das pernas... Implorei a ele que não parasse enquanto me agarrava àquela armadura. Queria arrancá-la; eu o queria nu contra mim... Mas era tarde demais. Eu já estava gozando, e tudo o que podia fazer era colocar as pernas em volta dele conforme o meu corpo explodia. — Mikki respirou fundo. — Foi o orgasmo que me acordou.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.



1 Medicamento prescrito para tratamento da síndrome do pânico e transtornos de ansiedade (N.R.).

1 Festival Celta, ainda comemorada nos dias atuais, simboliza a união entre as energias masculina e feminina, a fertilidade da Terra e a energia do Deus Bellenos (N.E.).